

ALCY CHEUICHE

O VELHO MARINHEIRO

A HISTÓRIA DA VIDA DO
ALMIRANTE TAMANDARÉ

LPA
Livraria da Paz



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



ALCY CHEUICHE

O VELHO MARINHEIRO

A HISTÓRIA DA VIDA DO
ALMIRANTE TAMANDARÉ



Agradecimento

Agradeço à Marinha do Brasil pela oportunidade ímpar que me deu de escrever este livro, coroamento de uma longa carreira literária. Graças ao apoio recebido para a realização da pesquisa histórica, em diferentes locais do Brasil, sempre em clima de confiança mútua, a tarefa de contar a vida do Almirante Tamandaré provou-me que seus colegas de farda, homens e mulheres, continuam fiéis aos princípios de patriotismo, de dignidade e de honra, por ele nunca maculados.

O Autor

APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO

Sapura 



CAPTAÇÃO DE RECURSOS

 IdCultural

Todos os personagens e fatos deste livro são reais. Até os pensamentos do Almirante Tamandaré refletem sua filosofia de vida, relatada por ele mesmo em muitas cartas que escreveu e nas cuidadosas pesquisas de seus biógrafos. O gosto de romance vem apenas do meu jeito de escrever.

Dedico este livro, como já o fiz no frontispício da obra Nos céus de Paris – Romance da vida de Santos Dumont, aos homens, mulheres e crianças que ainda acreditam na grandeza do ser humano.

Rio de Janeiro, madrugada de domingo, dia 14 de março de 1897

Será hoje ou amanhã? Ela me espreita há muitos anos; já me acostumei. Em verdade, me espreita desde o momento em que nasci. Sim, mesmo naquela cidadezinha perdida no extremo sul do Brasil, entre cômoros de areia, ela veio ao meu encontro.

E até parecia fácil recolher em suas asas aquele menino doente, desde o primeiro suspiro. O único médico que por ali havia (ou dormia) era um alemão encharcado de cachaça. Meu pai o acordou, dizem que apelando para uma garrucha engatilhada, e o trouxe até a nossa casa.

Sorte que a parteira era experiente e não deixou me darem de beber nenhuma gota do remédio que o tal doutor receitou. Ela soubera me tirar com cuidado de dentro da minha mãe e me mostrara ao meu pai à luz turva de uma lamparina. Um menino com todos os seus dedinhos das mãos e dos pés. Nenhum defeito aparente, a não ser o choro, muito pouco e fraco, depois de três ou quatro palmadas.

Até hoje sou duro de chorar. Foram raras as ocasiões em que me engasguei com lágrimas. A última delas quando recebi a carta da Princesa Isabel, contando como meu

Imperador morrera, lá longe, na capital da França. Até que resisti à primeira página, porque já sabia da sua partida. Porém, quando ela me contou que Dom Pedro II deixara a ordem de ser enterrado tendo sob sua cabeça uma almofada com terra do Brasil, meu velho coração começou a bater como um martelo na bigorna. Fiquei cego e surdo por alguns minutos e chorei diante da minha filha Maria Eufrásia, por sorte a única testemunha daquele momento.

Mas voltemos à minha querência, como dizemos no Sul, lá longe, onde a Lagoa dos Patos se infiltra no mar. Lá onde Pero de Souza, irmão do primeiro governador da Terra de Santa Cruz, descobriu em 1532 a imensa caudal de água doce, confundindo-a com um rio. Por isso denominou-o Rio Grande de São Pedro do Sul, por ser 29 de junho, o dia consagrado ao apóstolo.

No entanto, por exigência do Tratado de Tordesilhas, que determinava ser espanhol o imenso litoral sul, a partir de Laguna, em Santa Catarina, somente dois séculos depois, em 1737, os portugueses comandados pelo Brigadeiro Silva Paes desembarcaram naquela costa abandonada. E construíram, no meio das areias movidas pelo vento, o Forte Jesus, Maria, José, em cujas ruínas eu brinquei de flibusteiro nos meus primeiros anos de vida.

Pois foi nas mãos da Virgem Maria que fui entregue depois que meu pai botou porta afora o médico embriagado. Talvez a origem da repugnância que tenho por todas as categorias de bêbados (principalmente a bordo dos

meus navios), embora me apeteçam até hoje os bons vinhos, de preferência o do Porto, do qual sempre tomo um cálice ou dois quando a ocasião se oferece.

A casa onde nasci, na Rua da Praia, esquina com o Beco do Chico Marques (nome dado em homenagem ao meu pai), ficava a uns cinco minutos a pé ou de caleça da chamada Catedral de São Pedro, a primeira igreja construída pelos portugueses no Rio Grande do Sul. Era só seguir pelo beco, dobrar a esquina e continuar pela Rua Direita, a única digna desse nome na Vila do Rio Grande. O dia estava clareando quando a decisão foi tomada. Um menino negro foi mandado correndo avisar o padre que o filho recém-nascido de Francisco Marques Lisboa precisava ser batizado in extremis. Feito isso, devia ir até a casa do Tenente-General Manuel Marques de Souza, a poucos passos da Catedral, portando um bilhete escrito às pressas para ele e sua esposa explicando a situação e convidando-os para serem meus padrinhos.

O prestígio de meu pai, Patrão-Mor vitalício da Praticagem do Porto do Rio Grande, já justificaria o convite ao homem mais importante de toda aquela região sul do Brasil para ser seu compadre. Isso porque, antes que o Príncipe Regente lhe outorgasse essa honra, não existia um serviço capaz de fazer entrar e sair navios naquela barra maldita. Além disso, soubera amealhar uma pequena fortuna com a renda que obtinha desse trabalho, somada ao comércio de compra e venda que fazia ali e nas

charqueadas de Pelotas, então conhecida como o povoado de São Francisco de Paula. Acontece que a esposa do Tenente-General, Tia Joaquina, era irmã da minha mãe. E só não acompanhou o parto ao lado dela porque não houve tempo de chamá-la.

Seja como for, quando o sol estava apenas um palmo acima das águas do mar, fui levado (enrolado às pressas em alguns panos) até a igreja por meu pai, acompanhado de meus irmãos mais velhos, Maria Eufrásia e Francisco. Fomos numa carroça toldada puxada por dois cavalos meio dormidos, e meu pai só descobriu que meu irmão Manuel nos seguira já dentro da catedral.

Minha mãe, impedida pela parteira, não assistiu ao batizado. E a imagino deitada na enorme cama, com seus lindos olhos velados de lágrimas, as mãos segurando contra o peito a antiga imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, na qual também acreditava Sia Eleodora, a velha parteira, mudando-lhe apenas o nome para Iemanjá.

II

Porto do Rio Grande de São Pedro, dia 13 de dezembro de 1807

O vento leste é vencido com dificuldade pelo sacerdote já paramentado e dois sacristãos, que abrem apenas meia folha da enorme porta. Abrem-na e deixam passar um homem com um bebê nos braços, seguido por uma mocinha, dois meninos e um cachorro de rua, fechando-a a seguir com estrondo. O que não impede que mais uma camada de areia fina se acumule no interior da nave e no rosto suado do sacerdote.

- Muitos bons dias, senhor Francisco - diz ele, com voz rouca, enquanto limpa os olhos com as pontas dos dedos.

- Muitos bons dias, Padre José, e obrigado pela presteza em atender ao meu pedido.

- Como está o pequenino, meu senhor?

- Acredito que ainda respira. Mas não dá nenhum outro sinal de vida.

Padre José pega uma vela do oratório e a aproxima do rostinho avermelhado do bebê.

- Pelas cores, o sangue está circulando. Com todo este calor, acho até que deve ser aliviado dos panos.

Atrapalhado, o homem olha de esguelha para a jovem a seu lado, aparentando uns dezesseis anos ou pouco mais, e

ela entende seu apelo.

- Pode deixar que eu faço isso, papai.

Pega o irmãozinho nos braços, senta-se no banco mais próximo e o desenrola, cuidando, ao mesmo tempo, que o véu branco rendado não caia de sua própria cabeça. Deixa-o apenas com um cueiro de algodão leve e, atendendo aos gestos do padre, o leva até o batistério.

É nesse momento que o senhor Marques, sempre ladeado pelo filho Francisco, dá-se conta da presença do outro menino, seguido do cachorro sarnento, e lhe torce uma orelha, exigindo que não chore.

- Em casa acertaremos as contas, Manuel.

O menino apequena-se ao lado da pia de pedra lavrada, parecendo ainda menor do que seus dez anos de idade. Seus olhos castanhos mantêm-se fixos no minúsculo rosto do irmãozinho. E reza fervorosamente pela vida dele, quase sem mover os lábios.

- Quem serão os padrinhos?

Pancadas fortes na porta respondem à pergunta do padre. Desta vez, quem a abre é o jovem Francisco, com auxílio dos sacristãos. Escancara as duas folhas, ignorando o vento **Carpinteiro**, para dar passagem a um homem alto, imponente em seu uniforme azul-marinho com dragonas douradas.

- Muitos bons dias, Tio Manuel. Muitos bons dias, Tia Joaquina.

O militar apenas inclina levemente a cabeça enquanto a

altiva mulher que o segue, vestida à espanhola, com uma mantilha sevilhana cobrindo a cabeça e os ombros, deixa-se beijar no rosto pelo sobrinho. Recende a lavanda e naftalina a cada movimento de suas amplas saias.

Com o avançar da manhã, a luz filtrada pelos vitrais já permite que todos vejam a quantidade de areia espalhada pelo piso da Catedral de São Pedro. Nome pomposo para a igreja barroca, relativamente pequena, como o título de Tenente-General para aquele militar que agora comanda muito poucos soldados. Mas que é um homem importante na sociedade local, isso logo demonstra o Padre José, que vem a seu encontro cheio de mesuras.

- General Marques de Souza, por favor, desculpe recebê-lo sem nenhuma pompa na Casa de Deus.

Ignorando o sacerdote, a quem apenas dedica seu habitual inclinar de cabeça, o militar dirige-se aos familiares junto da pia batismal.

- Bons dias, Francisco, que susto nos deste, a Joaquina até precisou dos saís.

- Sim, embora a preocupação não seja comigo - emendou com firmeza a senhora de mantilha. - Diga-me: como está a minha irmã?

- Muito bem. Só não veio conosco porque seria um risco levantar-se logo depois do parto... Obrigado por terem atendido ao meu apelo. Pode fazer o batizado, Padre José? Estamos muito preocupados. Imaginem, ele está assim, inerte, há duas horas, desde que nasceu.

- Sim, não podemos esperar mais. Que nome escolheram para o menino?

- Joaquim, em homenagem à sua tia e, dentro em pouco, madrinha.

- E, com todo o respeito, a São Joaquim, o avô de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ditas essas palavras, que lhe devolvem a autoridade, o padre pede que a madrinha segure o pequenino nos braços e começa a rezar em latim, que todos, circunspectos, fingem entender: ***Christus imperat, Christus vincit, Christus regnat.***

Logo a seguir, olha para o General Marques de Souza, entrega-lhe uma vela acesa e lhe diz, agora sem nenhuma humildade:

- A Paz do Senhor esteja convosco. Como é o nome da criança?

- Joaquim.

- Joaquim, que vens pedir à Igreja de Deus?

Ante o olhar estupefato do militar, o sacerdote lhe sussurra: ***a fé.***

- A fé! - diz Marques de Souza, com sua voz de comando.

- E para que te serve a fé? (Responda: ***Para alcançar a vida eterna.***)

- Para alcançar a vida eterna!

- Então, se queres possuir a vida eterna, deves cumprir os mandamentos: ***Amarás o teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu***

entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Nesse momento, antes que o sacerdote se incline para soprar sobre ele, o menino Joaquim começa a chorar. E nunca um choro foi recebido com tanta alegria por uma família. Principalmente pelo pequeno Manuel, que é o primeiro a sorrir, ali meio escondido, com o cachorro a seus pés.

III

Rio de Janeiro, nascer do sol do dia 14 de março de 1897

Eufrásia era o nome da minha querida mãe; Maria Eufrásia o de minha irmã mais velha (que me cuidou como mãe dos meus sete aos treze anos) e Eufrásia se chamava a escuna que nos trouxe para o Rio de Janeiro. E foi nesse barco de propriedade do meu pai que entendi como funciona o velame, a roda do leme, a barquinha, com sua linha de graduar, a ampulheta de areia para calcular a velocidade nas águas mansas e, principalmente, a bússola, maior invenção dos antigos navegadores.

Completei cinco anos de idade poucos dias antes de subir a bordo do Eufrásia e, quando aqui chegamos, nos primeiros dias de janeiro de 1813, com meu pai, minha mãe e alguns dos meus onze irmãos, embora tão pequeno, eu estava convicto do meu futuro: seria um marinheiro.

Antes disso, porém, ganhei gosto pelo mar lá na minha terra natal, dos dois lados da barra do Porto do Rio Grande; do lado de São José do Norte, principalmente, onde foi erguida a Atalaia, a torre de madeira do alto da qual se espreitava o mar. Meu coração batia mais forte quando meu pai identificava o navio que surgia ao longe e tinha a paciência de erguer-me em seus braços e, através do óculo

de alcance, deixar-me ver a embarcação de velas enfunadas.

Dali em diante começava a azáfama da praticagem, do ofício de fazer entrar (e depois ajudar a sair) as embarcações através daquela embocadura de águas rasas e areias moventes. Para dar uma ideia de quão rasa era, basta lembrar que tropas de gado por ali passavam, na maré baixa, sem necessidade de nadar. E isso tinha sido comum antes da guerra com os espanhóis, quando, depois do esgotamento das minas de prata de Potosí, Cristóvão Pereira e seus tropeiros levavam milhares de cabeças de bois e mulas dos campos de Córdoba, na Argentina, até os mercados consumidores de São Paulo e Minas.

Identificado o navio, começava a faina de preparar a catraia, o barco à vela e a remos, com dez marinheiros a bordo, liderados por um prático experiente. Meu pai não exercia essa função, mas comandava, como Patrão-Mor da Praticagem, todas as difíceis manobras de entrada e saída. Foi graças a meu irmão Manuel, prático aprendiz, que embarquei com eles desde os quatro anos de idade e (sempre perguntando muito) fui descobrindo todos os segredos.

Para isso, era essencial uma taquara, uma vara de bambu manipulada com rapidez pelo Prático, a pessoa de maior confiança do meu pai, para calcular a profundidade a cada braça de distância. Isso acontecia na manobra de ida da catraia em direção ao navio ancorado longe da

rebentação. Virávamos, então, de bordo, e começava a linguagem de sinais, comandada pelo segundo marinheiro mais experiente. De pé, na popa, ele erguia a bandeirinha vermelha e a apontava na direção que o navio devia seguir, obedecendo à maior profundidade assinalada pela vara do Prático. Se a bandeira era abaixada duas vezes, significava que o navio devia lançar âncora imediatamente, à espera que outras sondagens mostrassem a melhor rota.

A comunicação através de sinais com bandeiras, que conheci desde a infância, até hoje me fascina. Com os diferentes apitos e o soar dos sinos, instrumentos imprescindíveis nas igrejas e a bordo dos navios, principalmente na proa, para assinalar a posição em dias de nevoeiro. Esse diálogo sem palavras representa o caráter universal da Marinha, que fala todos os idiomas através de sinais.

Muitos anos mais tarde fiquei sabendo que, antes de 1800, ano da chegada do meu pai a Rio Grande, centenas de navios encalharam e naufragaram naquela barra, o que lhe deu a alcunha de diabólica ou maldita. E havia até gente pobre, habitantes de choças miseráveis da chamada Praia do Mar Grosso, que esperavam por esses naufrágios, única ocasião que tinham para recolher os mais diferentes utensílios que lhes entregava o mar.

Por ter evitado tantos naufrágios nos mais de trinta anos em que comandou a Praticagem no Porto do Rio Grande (muito mais do que pela fortuna que fez no comércio de

mercadorias entre esse porto e os de Montevidéu e Rio de Janeiro) é que tanto me orgulho de Francisco Marques Lisboa, meu saudoso pai. Nascido em Vila Nova de Famalicão, povoação ao Norte de Portugal, já assinalada nos mapas desde 1205, emigrou para o Brasil depois do terrível terremoto de Lisboa e nos criou, seus doze filhos, com orgulho de ser brasileiros. Esse amor febril pelo Brasil também herdamos de nossa querida mãe, Eufrásia Joaquina de Azevedo Lima, nascida em Viamão, no Rio Grande do Sul, e que nos contava ser descendente do famoso bandeirante Fernão Dias Paes Leme, o caçador de esmeraldas.

Infelizmente, desse fervor brasileiro a primeira vítima foi meu querido irmão Manuel, expulso da Real Academia de Marinha em 1817 (depois de cursá-la brilhantemente por três anos) pela razão de ter revidado à zombaria ao Brasil feita por um seu colega, filho de importante oficial português. Deu-lhe o mano Manuel, com sobejas razões, uma boa surra. Que eu daria também, sem a menor dúvida, se estivesse no seu lugar.

Esse fato aconteceu três anos depois que nossa família desembarcou no Rio de Janeiro, contando eu com recém-completados cinco anos de idade. Aqui ficamos para estudar, residindo com minha irmã mais velha, Maria Eufrásia, e seu marido e nosso primo, José Antônio Lisboa, de 1813 a 1820, meus irmãos Manuel, José e eu, numa casa próxima ao outeiro da Glória.

Um tempo de lindas recordações de infância. Até porque, embora longe da minha querência, eu continuava vivendo bem junto do mar.

IV

Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1818

Joaquim desperta sorrindo. Corre até a janela e abre-a ansioso para ver o tempo. Um lindo céu limpo de nuvens depois da chuva enjoada do dia anterior. Tomara que continue assim até amanhã, pensa ele. Fizemos tantos planos na escola. Muitos ensaios de marcha, centenas de bandeirinhas recortadas.

Vira-se para acordar os irmãos, mas Manuel já saiu do quarto e José, com a habitual cara emburrada do amanhecer, está vestindo lentamente seu uniforme. Sapatos de lona marrom, meias brancas até os joelhos, calças curtas verde-oliva e camisa com mangas compridas, da mesma cor, com os punhos brancos... Bem, ainda quase brancos. Na lateral da manga do braço direito, cinco divisas marcam o ano que está cursando na escola. Roupa surrada em comparação com o mesmo uniforme, novinho, que já está pendurado no guarda-roupa, lado a lado com um quase idêntico de Joaquim. Este, com dez anos de idade, só tem três divisas bordadas na manga.

- Bom dia, mano José. Precisas ver como está lindo o Pão de Açúcar.

- Só tu mesmo para falares nessas coisas antes do café.

- Só disse isso porque amanhã é a festa da Coroação. Seria uma lástima se chovesse.

E declama como o Professor Carvalho ensinara a todos os seus alunos:

- Rei Dom João VI, Senhor do Reino Unido de Portugal, Brasil e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.

José sacode a cabeça, desconsolado.

- Eu também sei de cor, mas, depois do que fizeram com o mano Manuel o ano passado, não vou dizer alto essa bobagem nem com as mãos inchadas de palmatória.

- O Manuel sofreu muito com a expulsão da Academia de Marinha, mano, mas foi aceito no Exército e está feliz cursando a Arma de Infantaria.

- Ele é como tu, como nossos pais: vocês perdoam as pessoas com muita facilidade. Pois eu vou estudar Direito, vou ser advogado para me defender e defender o Brasil dessa portuguesada prepotente... E sabes de algo?

- ...

- Ainda pode chover até amanhã. Eu gostaria muito. Por mim podem cair raios que os partam nas cabeças coroadas de toda essa gente que detesta o Brasil. E, além do mais, nossa família não devia fazer festa, ainda estamos de luto, faz só um ano que morreu nosso querido irmão Francisco.

Ouvidas essas palavras, Joaquim perde toda a alegria. Em janeiro de 1817, logo depois da expulsão de Manuel da Real Academia por ter surrado um guarda-marinha filho de uma autoridade da Corte Portuguesa, um arrogante que

costumava desprezar os colegas brasileiros, a família sofrera um abalo muito maior. Francisco, o mais velho dos irmãos varões, engajado numa fragata inglesa como segundo-tenente comissionado, morrera de peste na Palestina, do outro lado do mundo. Tinha 22 anos de idade quando seu corpo foi jogado e queimado numa vala comum, das muitas abertas junto ao Porto de Jaffa.

Meia hora depois, com José sempre emburrado e Joaquim evitando amuá-lo ainda mais, os dois irmãos chegam à frente da escola, na Rua do Lavradio. Ocupam os lugares nas filas de suas respectivas séries, sendo acompanhados por dois bedéis até o dito **salão nobre**, um auditório improvisado na sala de jantar do velho palacete, alugado a suas expensas pelo Professor Carvalho. Alguns espirram de propósito, para reclamar da umidade e do cheiro de mofo, enquanto sentam-se nas cadeiras desparelhadas. Logo se levantam com a chegada do mestre e declamam em coro:

- Muitos bons dias, senhor professor!

E o Professor Carvalho, retirando o chapéu, responde-lhes como de hábito:

- Muito bons dias, meus senhores.

Os **senhores**, cujos mais velhos, como José, têm no máximo doze anos de idade, e os mais moços escassos sete, aguardam a ordem do mestre para sentarem-se, e o fazem quase sem ruído. Ele, então, mantendo-se de pé, tira do bolso lateral do redingote um exemplar da **Gazeta do Rio de Janeiro** e ergue-o como um estandarte:

- Os senhores sabem o que acontecerá no dia de amanhã?

- A Coroação de Sua Majestade o Rei Dom João VI! - respondem os meninos em coro.

- Perfeitamente. E por que a cerimônia será realizada amanhã, dia 6 de fevereiro?

-

-

-

Dado o silêncio, o Professor Carvalho responde, sem esconder um sorriso de satisfação:

- Porque é o dia consagrado às Chagas de Cristo, quando dor e morte podem ser sinais de redenção, e a redenção do Brasil, como Reino Unido a Portugal e Algarves, consolida-se com a coroação de Sua Majestade o Rei Dom João VI em solo brasileiro.

José olha de soslaio para o irmão, sem esconder uma expressão de deboche. Joaquim finge não ver, mantendo-se com os olhos fixos no rosto do professor, que ajusta o monóculo na órbita do olho direito e começa a comentar as notícias da primeira página do jornal.

- Viveremos amanhã, meus senhores, um dia marcado por acontecimentos memoráveis. E isso graças a três grandes artistas franceses que exercem seus inigualáveis talentos nesta Corte do Rio de Janeiro: o arquiteto Grandjean de Montigny, o pintor Jean-Baptiste Debret e o escultor Auguste-Marie Taunay, chefes da equipe de

preparação da festa.

Desta vez, quem sorri satisfeito é Joaquim. Tendo recebido de aniversário de sua irmã, em 13 de dezembro do ano anterior, um álbum com reproduções de pinturas de Debret, apaixonara-se por sua obra, principalmente as cenas de rua, em que dá colorido e destaque ao trabalho dos escravos. Em uma delas, ***Negra vendendo caju***, reconheceu traços do rosto querido da parteira que salvara sua vida, fato contado muitas vezes na família.

- ...do primeiro Rei aclamado na América. O Paço transformou-se em uma Praça Imperial, na qual Montigny ergueu um templo em louvor a Minerva que, além da estátua da deusa, abriga outra de Dom João VI e um Arco do Triunfo... Alguém aqui é capaz de dizer por que, entre tantos deuses da mitologia greco-romana, foi escolhida Minerva?

Joaquim sabe e responde em uníssono com alguns colegas:

- Porque é a deusa da Sabedoria!

- Exatamente. E sábio é Sua Majestade o Rei Dom João VI ao negar-se a voltar a Portugal para ser coroado, embora toda a pressão feita pela Inglaterra.

Desta vez, José fala em voz baixa, mas suficiente para ser ouvida por Joaquim e pelos colegas mais próximos:

- ***Sábio aquele gorducho comedor de frango assado? Filho da Maria Louca? Pobre Brasil...***

Brotam alguns risos, que o professor extingue de imediato com um olhar feroz. Encaminha-se para o lado

esquerdo da sala, de onde surgiram as risadas, batendo com o jornal na perna e pronunciando cada palavra como se a soletrasse:

- A...ma...nhã, às quatro ho...ras da tar...de, todos os senhores estarão aqui, de banho tomado e com uniformes limpos e bem passados para juntos desfilarmos até o Campo de Santana, onde nos juntaremos ao povo para saudar a passagem de Sua Majestade o Rei Dom João VI após a sua coroação. Lá foram erguidas mais de cem pirâmides luminosas e subirão aos céus os mais fantásticos fogos de artifício. Aquele que faltar será sumariamente expulso desta escola e até seus pais sofrerão as consequências dessa in...su...bor...di...na...ção!

V

Rio de Janeiro, uma linda manhã do dia 14 de março de 1897

Maria Eufrásia deve estar ainda dormindo, a coitadinha. Desde a minha viuvez, ela se esmera em me dar consolo, à custa de sua própria liberdade. Sabe que eu sempre desperto antes do sol e vem-me abrir as cortinas, a querida filha, e atender-me com seus cuidados. Bem fizemos nós em dar-lhe esse nome de família, que também o era da escuna que me ensinou a navegar.

A bordo da Eufrásia, no início do ano de 1820, um mês após completar meus doze anos de idade, retornei ao Rio Grande do Sul. Concluído com louvor o Curso Primário, cursado sob a orientação do Professor Carvalho, um mestre admirador de Aristóteles, isto é, que valorizava igualmente as ciências e as humanidades, devia agora eu receber de meu pai o rumo a seguir para o resto da vida...

Sim... Até hoje ainda suspiro e me dói no peito ter sido obrigado a contrariar-lhe a vontade. Depois da expulsão de Manuel da Academia da Marinha e da morte de Francisco com escassos 22 anos lá naquele porto de Jaffa, que para mim só existia na Bíblia, local mítico de onde partira o profeta Jonas para a incrível aventura em que foi engolido por uma baleia, meu pai não queria que eu seguisse minha

vocação de marinheiro. E para isso contava com o apoio de minha mãe, que temia, como ele, perder outro filho em algum naufrágio. De pouco adiantava minha madrinha Joaquina (que era bem mais velha e mais pragmática que sua irmã) argumentar que Manuel estava feliz como tenente do Exército e que Francisco morrera de cólera, uma peste que matava muito mais gente em terra do que no mar... No entanto, seus argumentos foram preciosos para me livrar de um futuro medíocre como comerciante.

O mar... Como estará ele nesta manhã? Melhor é sair da cama, vestir a robe de chambre e abrir as cortinas de uma vez. Afinal, sem contar a dor que sempre tenho nos joanetes, caminhando de pés descalços sinto-me em grande leveza. Vamos lá, marujo! Perto de Matusalém, teus quase noventa anos são uma ninharia, ou não são?

Não te inclines, caminha ereto para que tua espinha não se curve, como nunca se curvou. Vamos, primeiro as cortinas e depois as abluções... Meu Deus... Que dia abençoado. Aqui da minha janela parece mesmo que estou na gávea, numa plataforma assente no alto de um mastro da Eufrásia, o primeiro navio que conquistou o meu coração. E foi por aqui mesmo que passamos navegando em direção ao sul. Singrando com muitos panos este mar azul que se quebra verde e branco de espuma sobre as areias douradas. Coisa de velho teimoso. Mesmo numa república imposta ao nosso povo, vou morrer amando as cores da bandeira do Brasil.

Aquela viagem de duas semanas até o Porto do Rio Grande consolidou ainda mais a certeza de que nasci como as algas, que só sobrevivem em águas salgadas. Nelas aprendi a mergulhar desde os três anos de idade, a nadar perfeitamente com cinco, a vencer, desde os dez anos, todos os meus colegas de escola nas provas de natação na Praia do Flamengo (uma maneira de triunfar sobre os muitos que debochavam de mim por ficarem na minha frente nas filas organizadas por altura).

Sim, herdei do meu pai esta pequena estatura e também os ombros largos, o peito amplo, os braços e pernas musculosos, mas de musculatura harmoniosa, inimiga das câibras que já fizeram tanta gente se afogar... Salvei muitas vidas com estes braços e estas pernas, sendo uma delas tão preciosa que não é pecado pensar que servi aos desígnios da Providência Divina.

Foi em 1835, no Pará, durante a sedição dos Cabanos. Eu comandava o brigue Cacique e Francisco Manuel Barroso, o brigue Brasileiro. Nós nos conhecíamos desde meninos, quando fomos colegas nas aulas de inglês do padre Thomas Trilby, capelão da Força Pública da Corte aqui no Rio de Janeiro. De tipo físico completamente diferente do meu, ele era alto e esguio, e dava braçadas longas naquela competição idiota que fizemos, jovens oficiais da Marinha, num domingo de descanso de guerra. Resolvemos atravessar a nado um braço barrento e correntoso do rio, entre uma ilhota deserta e a Vila de Cametá, como se nos

faltassem oportunidades de arriscar a vida. Eu liderava a competição de resistência e Barroso vinha logo atrás quando ouvi uma espécie de gemido e voltei-me para ver o que acontecia. Meu amigo perdera as forças e estava sendo engolido pelas águas, sumindo e voltando à tona com extrema dificuldade. Mergulhei até onde ele estava e segurei-o pela cintura, dizendo-lhe para não lutar mais, apenas para apoiar-se nos meus ombros. Barroso ainda me disse, o valente, para deixá-lo e salvar-me. Finalmente, convencido de que eu não o abandonaria, deixou-se levar comigo no turbilhão da correnteza, que venci, não sei como, em braçadas cada vez menos vigorosas até chegar ao portaló do Brasileiro.

Que nome profético para o brigue que nos recolheu... Por um destes insondáveis mistérios da vontade de Deus, eu salvara da morte, exatamente trinta anos antes, aquele que viria a comandar a esquadra brasileira na Batalha do Riachuelo, em 11 de junho de 1865, a maior vitória naval da História do Brasil. Um herói que portava os nomes de meus dois saudosos irmãos, Francisco e Manuel, irmão também ele de sangue e água do mar.

VI

Porto do Rio Grande de São Pedro, dia 6 de agosto de 1820

Um verdadeiro tumulto na cidadezinha entregue à fúria do vento Minuano. Desde o amanhecer, mesmo enfrentando as *rafales* de areia fina e gelada, que a tudo e a todos chicoteiam, os rio-grandinos preparam-se para receber dignamente o Conde de Figueira, que substituíra o Marquês de Alegrete como Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

- Posso ir remando na galera, papai? A roupa branca a mamãe diz que é fácil de conseguir.

- De jeito nenhum. Sei que tu, aos doze anos, remas melhor que muitos desses latagões encharcados de cachaça, mas se trata duma tarefa de subordinados.

Assunto encerrado. Joaquim nunca discute com seu pai. Espera sempre a melhor oportunidade, em geral de manhã cedo, na hora do mate, hábito que Francisco herdou dos sulistas, para expor-lhe seus argumentos. Assim é por temperamento, embora raramente desista de seus propósitos.

- Além disso, tenho uma tarefa muito mais importante para ti. Como estás com a língua francesa?

- Eu... tirei notas altas na escola. Mas... ainda não tenho

desenvoltura para falar.

- Não é a opinião da tua madrinha Joaquina. E daquela sua protegida, a menina Maria Clemência, que tu sabes muito bem quem é.

Joaquim fica ruborizado e quase se engasga com o café com leite. De fato, desde que voltou do Rio de Janeiro, por não existir escola para seu nível em Rio Grande, recebe aulas de francês da madrinha Joaquina, das quais também participa Maria Clemência, sobrinha do vigário da paróquia, uma jovem esguia, de longos cabelos e olhos fugitivos.

- Meu cunhado recebeu uma carta pessoal do ajudante de ordens do Conde de Figueira, informando-o que virá na comitiva um botânico francês, muito bem recomendado pela Corte do Rio de Janeiro, que deverá gozar da nossa hospitalidade por algumas semanas. Até providenciamos o aluguel de uma pequena casa para hospedá-lo. Seguramente, tu já deves saber disso pela tua madrinha. Com a surdez do General Marques, que, guardado o respeito, estropia até a língua portuguesa, encarregou-se de conversar com o tal *monsieur* durante a festa. E ela te quer a seu lado, bem como a tal menina... Como se chama mesmo?

A chegada da mucama com uma cesta de pães recém-assados salva Joaquim da arapuca armada pelo pai, que no íntimo até gosta que seu filho predileto se porte como um homem. E logo também a conversa muda de rumo quando entra na sala de jantar a senhora Eufrásia, preocupada com

as roupas que todos irão vestir naquela noite.

Pelas dez horas da manhã, Joaquim, abrigado por um poncho de lã de Mostardas, com uma boina basca cobrindo-lhe os cabelos castanhos e calçando botas de montaria, sai pela Rua da Praia a ver como avançam os preparativos da recepção. Desde que voltou do Rio de Janeiro, constrange-se ao verificar o quanto a gente da sua terra natal é provinciana, palavra que não pronuncia jamais. Perdeu também o hábito de suportar o frio que começa em maio e só termina, de verdade, em meados de setembro, quando os ipês começam a florir, e bem longe daqueles areais... Teve até vontade de rir quando soube que seriam visitados por um botânico. Além de uns poucos arbustos ressecados e corajosas figueiras bravas, as únicas árvores que existem em Rio Grande foram plantadas nos pátios: laranjeiras da Bahia e pessegueiros esqueléticos.

Neste dia do início de agosto, ***o mês do desgosto***, como todos dizem, porque é o mês que mais mata gente e cavalos velhos, o vento oeste sopra seu hálito gelado e cega com areia os olhos das poucas pessoas que se atrevem a sair para a rua. Na maioria escravos munidos de pás, que impedem que as casas sejam soterradas pelos cômodos moventes. O jovem sempre os cumprimenta com um gesto de cabeça, ao qual eles não respondem, olhando desconfiados.

No meio da ponte de desembarque, onde irá acostar o barco com trinta remadores vestidos de branco, fora erguido

um pequeno Arco do Triunfo, feito de madeira e com enfeites de panos pintados. Talvez, à noite, quando o Conde e sua comitiva passarem debaixo dele, a iluminação com tochas quebre um pouco daquela feiura. O mesmo com as estátuas de Minerva e de outra deusa irreconhecível, erguidas sobre pedestais de poucos palmos de altura. Malgrado seu, Joaquim não consegue evitar a comparação com a outra Deusa da Sabedoria, aquela nascida não da cabeça de Zeus, e sim do talento de Jean-Baptiste Debret para os festejos da coroação de Dom João VI.

Para a população envolvida nos preparativos o tempo passa rapidamente, e a noite cai sem nevoeiro às cinco da tarde. Duas horas depois, debaixo de um bimbalar de sinos, do soar meio desafinado de uma fanfarra e dos vivas gritados pela população, toda ela tremendo de frio na beira do cais, o Conde de Figueira, com seu uniforme de General, vencedor que é da famosa Batalha de Taquarembó, ergue o chapéu emplumado em agradecimento. Joaquim, agora vestido a rigor, exatamente igual ao pai, com camisa branca amidonada, gravata borboleta, sobrecasaca de grandes ombreiras, longa até abaixo dos joelhos, calças de boca larga caindo sobre botinas de verniz, descobre-se, coloca a cartola na extremidade da bengala e ergue-a, a exemplo dos demais civis graduados.

Os retardatários bem-vestidos, mesmo ajudados pela Guarda Municipal, só conseguem entrar na Catedral de São Pedro à base de gritaria e empurrões. Uma praia de quase

um palmo de areia cobre todo o interior da nave, magnificamente iluminada com centenas de círios brancos em todos os seus altares e por tochas acesas no altar-mor, ornamentado com faixas de damasco vermelho. Diante dele está sentado o infeliz Conde, numa enorme poltrona estilo Luís XV. O cheiro de cera derretida e os perfumes fortes usados pelas mulheres, que ocupam uma ala separada dos homens, dominam o ar carregado de gás carbônico.

Sim, infeliz, pensa Joaquim, logo depois de ser cantado o *Te-Deum*, quando um pregador sobe ao púlpito e faz o elogio do Conde, falando muito tempo sobre seus nobres antepassados. Repete uma centena de vezes que o vencedor do General Artigas, na batalha de 22 de janeiro deste mesmo ano, é senhor de todas as virtudes. Diz mesmo ser ele *um original sem cópia*, que o povo está contente e satisfeito e mil outras adulações igualmente grosseiras e mal expressadas. Durante todo esse tempo continua exposto o Santíssimo Sacramento, sem que com isso os assistentes se mantenham em atitude respeitosa, havendo conversas quase como se fosse numa feira.

Finalmente, o padre dá a bênção, pronuncia o *Ite, missa est*, e o Conde é levado até a casa do General Marques de Souza, felizmente bem próxima. A comitiva e alguns paroquianos ilustres são recebidos em um belo salão e, por proposta da Senhora Dona Joaquina, *maîtresse de la maison*, levados imediatamente para a sala de jantar.

A mesa está coberta por uma grande quantidade de

pratos de carnes assadas e guisados de todas as espécies. Um segundo serviço, composto de assados, pastelarias e saladas segue-se ao primeiro. A longa viagem abriu o apetite do Conde e de sua comitiva, que honram todos os pratos com muita mastigação e poucas palavras. Para Joaquim impressiona a ausência de peixes no cardápio, principalmente tainhas assadas e camarões com arroz, inigualáveis iguarias rio-grandinas. Sabe depois que o senhor Conde é alérgico a frutos do mar, o que justifica essa ausência. Quanto aos doces e confeitados, misto da culinária portuguesa e africana, sabe honrá-los até com certo exagero. Vêm depois os licores, com os quais são erguidos muitos brindes. Tantos que os convidados se retiram bastante tocados pelas bebidas.

Pouco antes de se retirarem, Joaquim foi apresentado ao visitante francês. Até ali, esquecido num canto da sala junto com Maria Clemência, aproveitara para conversar baixinho com a moça, que lhe pareceu mais linda com aquele vestido de seda branca, os cabelos presos em duas tranças enfeitadas de flores artificiais. Quase se assusta quando a madrinha Joaquina, que já respondeu a diversos brindes e tem o rosto avermelhado, chega diante dele com aquele homem de longos cabelos grisalhos malcuidados caindo sobre os ombros do casaco de veludo já muito gasto.

- *Monsieur Auguste de Saint-Hilaire, je vous présente mon neveu Joaquim Marques Lisboa.*

Os *enchantés* simultâneos são trocados já sem a

presença da dona da casa, atraída por outras obrigações. E, daquela conversa rápida, Joaquim só guarda a pergunta que lhe faz o botânico, muito cansado, que mal consegue disfarçar os bocejos:

- *Quel âge a votre tante, jeune homme?*

A idade dela? Para que ele quer saber?, pensa o rapazinho. É falta de educação; ela tem 74 anos e detesta que se fale nisso. E responde de cara feia:

- *Elle a soixante quatorze ans, monsieur.*

- *Tant que ça? Elle est d'une rare vivacité.*

O francês afasta-se e Joaquim fica pensativo. Sim. Ela é muito vivaz, muito inteligente, e graças a ela minha mãe já se convenceu de que não nasci para ser comerciante. Mais um pouco de paciência e ela vai convencer o meu pai.

Como o marido a convencera que fora certo liberar para a guerra seu neto homônimo, Manuel Marques de Souza, com apenas treze anos de idade. O terceiro com esse nome na família, pois seu pai, que luta na Cisplatina, também o porta com orgulho.

O menino Manuel deu provas de tamanha bravura nas batalhas de Pando e de Manga, em 1818, que foi promovido a alferes com catorze anos de idade. E, naquele inverno de 1820, está servindo em Montevideú sob as ordens do Barão de Laguna.

Joaquim deu esse exemplo do primo a seu pai, ao que ele respondeu, sacudindo a cabeça: a família Marques de Souza é riquíssima; os jovens não precisam trabalhar.

Foi quando o rapaz releu escondido a carta que recebera do primo, havia dois anos, e que lhe dera até a ideia maluca de fugir de casa:

No dia de minha promoção a alferes, andei pelas ruas de Montevideú olhando para mim mesmo e pensando que todos me olhavam com admiração e invejavam minha sorte. Mulheres adultas me dirigiam olhares, e as mais jovens, enamoradas, disputavam pela minha mão.

VII

Rio de Janeiro, dez horas da manhã do dia 14 de março de 1897

- *Depois que voltamos da missa, o senhor mal tocou no desjejum, e agora despreza estes lindos cajus que eu mesma fui buscar no mercado.*

- *Não, minha querida, não se trata de desprezo. Estou me guardando para o almoço. Por que tu foste me dizer que vamos comer arroz com camarões, ao estilo da minha querência rio-grandina?*

- *Foi o senhor mesmo quem pediu para este domingo... E ainda bem que a Amélia conseguiu camarões frescos na peixaria, ontem bem cedinho.*

- *Maria Eufrásia?*

- *Sim, papai.*

- *Tu te lembras onde está aquele livro da viagem ao Rio Grande do Sul, do sábio francês Saint-Hilaire? Aquele volume que me foi presenteado pelo próprio Imperador?*

- *Não sei, mas o encontrarei.*

- *Por favor. Quero reler o trecho em que ele conta da sua visita ao Porto do Rio Grande, em agosto de 1820. Não lhe dei a menor importância, quando o conheci... Bem, meus olhos tinham mais em que se ocupar.*

Nunca mais fiquei sabendo da menina Maria Clemência.

Sabe Deus o que aconteceu com ela depois que voltei para cá, em 1821. Certamente casou-se com algum comerciante endinheirado, teve uma dúzia de filhos, algumas dúzias de netos, e deve estar debaixo de uma lápide daquele cemitério onde as tumbas também se transformam em dunas de areia.

Acordei esta madrugada pensando na morte e sei que isso não é cristão, preciso desviar meus pensamentos... De todos os modos, desde o malfadado dia 15 de novembro de 1889, estou preparado para recebê-la. Eu tinha quase 82 anos quando meu Imperador partiu; era seu Ajudante de Campo e só não fui com ele para a Europa porque não me deixou. Essa é a verdade. Os demais comentários maldosos são calúnias que espalharam de que eu teria dito o que está feito, está feito: agora vamos tratar de consolidar a República. Isso é de uma falsidade revoltante; eu seria incapaz de semelhante coisa! Não trairia Sua Majestade o Imperador nem a Monarquia, aos quais servi durante toda a minha vida útil, com toda a convicção. Dom Pedro II, dezoito anos mais moço do que eu, morreu no dia 5 de dezembro de 1891, dois anos depois de partir para o exílio, e eu ainda cá estou, fadado a recordar todos os momentos desta minha vida que parece não ter fim.

O melhor é voltar àquela última viagem no Eufrásia, ou quem sabe à primeira de verdade que fiz com um navio inteiro dependendo de mim. Será que aquele comandante adoeceu mesmo ou acertou-se com seu patrão para

testarem os meus conhecimentos, a minha força de vontade?

A verdade é que meu pai, que foi o melhor instrutor que tive nas artes náuticas, orientou o capitão da escuna para que eu executasse naquela viagem obrigações de piloto. Ou seja, que participasse dos quartos de vigilância, fiscalizasse o rumo na bússola, controlasse o uso da barquinha e da ampulheta para calcular a velocidade e, principalmente, participasse da mais importante tarefa: colocar a posição do barco na carta náutica.

A escuna, goèle ou scooner, como costumávamos chamá-la em francês ou inglês, semelhante a quase todas daquela época, era uma embarcação com as velas principais latinas, tendo somente vergas no mastro de proa. Eu a conhecia em toda a sua intimidade, pois dentro dela fizera minha primeira viagem ao Rio de Janeiro; nela retornara a Rio Grande em 1820; e, naquele momento, com treze anos de idade, achava-me capaz de assumir todas as tarefas do capitão.

E foi o que realmente aconteceu no oitavo dia de viagem, quando ultrapassamos o famoso Cabo de Santa Marta. Acometido de uma forte gripe, com a bronquite obrigando-o a tossir e escarrar o tempo todo, o capitão recolheu-se à sua cabine depois de confiar a mim a direção da navegação e ao mestre a das manobras. Recomendou-me mostrar-lhe, sempre ao meio-dia, os cálculos e a posição do barco que devia marcar na carta.

Como já disse, eu conhecia cada estalido daquela escuna, cada cheiro, cada reação às manobras do leme, mesmo não o tendo nas mãos. Subia com facilidade ao alto da gávea para sondar e reconhecer os acidentes da costa, demorando-me às vezes com o óculo de alcance, principalmente quando a bruma ocultava até as montanhas da Serra do Mar.

Os lances mais impressionantes da minha vida não me impressionaram mais do que aquele praticado na minha infância; sim, infância, porque eu tinha escassos treze anos de idade, naquele momento. Principalmente o que aconteceu seis dias depois, já nas proximidades do Rio de Janeiro. Foi quando o capitão surgiu na tolda e me disse, sem preâmbulos: Estando certos os seus cálculos, dentro de duas horas vamos ver a Redonda pela proa. Disse isso, tossiu até quase engasgar-se e cuspiu um catarro amarelo nas águas azuis.

A Redonda, como todos sabem, é uma ilha que indica, para quem vem do Sul, a entrada do seio do mar, ou seja, da Baía da Guanabara, em seu significado indígena. E juro que nunca desejei nada na minha vida como enxergar seu perfil dentro do prazo indicado pelo capitão.

Quisesse ou não, eu era um piloto improvisado, em idade para ser grumete. Assim, foi tomado de angústia que passei as duas horas seguintes alternando os olhos na luneta até que, logo que caiu a bruma, consegui identificar a ilha bendita como uma sentinela perfilada à frente da escuna. E

com a perigosa ilha Filhote da Redonda, bem mais baixa e menos visível, na proximidade da outra.

Depois do desembarque, quando o capitão e o encarregado dos negócios do meu pai me encheram de elogios, dizendo a todos os comerciantes da praça que eu era o mais jovem capitão da marinha mercante brasileira, acreditei que havia vencido o desafio. No entanto, o perigo de ser encaminhado para as atividades comerciais só se dissipou mais de um ano depois, ou seja, após o dia 7 de setembro de 1822.

Nesse meio tempo, o que de mais importante me aconteceu, além dos estudos de inglês nos quais conheci meu querido amigo Barroso, foi ter me dado conta de que a sobrinha Maria Eufrásia, que era, para mim, uma menininha quando parti para o Rio Grande, transformara-se, apenas um ano depois, numa jovem encantadora. Éramos quase da mesma idade, os obstáculos do parentesco seriam difíceis de vencer, porém, como tudo na minha vida, dependeria da força do sentimento e da perseverança tê-la um dia como a mãe dos nossos filhos.

VIII

Rio de Janeiro, dia 6 de março de 1823

Francisco Marques Lisboa, com o cenho franzido, entrega o documento ao filho. Mesmo sendo ele menor de idade, não abrija o envelope, mandando chamá-lo ao seu escritório, uma peça com grandes janelas abertas para o pátio molhado da chuva. Embora seu coração bata forte, resta-lhe ainda um fio de esperança. Só fizera o pedido ao Ministro da Marinha por respeito ao Imperador Dom Pedro I, que lhe outorgara a *Comenda da Ordem do Cristo* por ter ele, mesmo sendo português de nascimento, aderido imediatamente à Independência do Brasil. Acontece que mandar um filho de quinze anos para a guerra, e exatamente aquele que sonhara substituí-lo um dia na administração dos negócios da família, será doloroso demais.

- Podes ler em voz alta, Joaquim. O documento está endereçado para ti.

Com mãos trêmulas, o rapazinho pega o estilete de cima do *bureau* de acaju, introduz a ponta num canto do envelope timbrado, abre-o e extrai dele uma folha de papel. Desdobra-a e lê com voz pausada e rouca:

Sr. Joaquim Marques Lisboa

Em consequência das ordens do Ilmo. Sr. Luís da Cunha Moreira, Ministro e Secretário dos Negócios da Marinha, é V.

Mercê nomeado para embarcar, na qualidade de Voluntário da Armada, recebendo somente a ração, a bordo da Fragata Niterói, comandada pelo Capitão de Fragata John Taylor, a quem V. Mercê se apresentará, ficando na inteligência que deverá exercitar a bordo todas as práticas e serviços pertinentes a piloto e marinheiro, e que para entrar em oficial de patente da Marinha Imperial deve seu comandante informar bem de seu comportamento, inteligência e conduta.

Deus guarde a V. Mercê.

Quartel General da Marinha, em 4 de março de 1823.

João Justiniano Gomes da Silva

Ajudante de Ordens.

Depois de alguns momentos de silêncio, em que os olhares de pai e filho se evitam, é Francisco quem pronuncia as primeiras palavras:

- Vamos ter muito cuidado em contar este desfecho para tua mãe. Ela anda com a saúde frágil e não herdou o temperamento dos bandeirantes, como sua irmã Joaquina. No entanto, confio no seu patriotismo para que entenda que vivemos um momento de muitos sacrifícios pela independência do nosso Brasil.

Diz isso de uma maneira singela, espontânea, que cala fundo na sensibilidade do filho. E, depois de ler a carta com seus próprios olhos, retira o **pince-nez** e encara Joaquim com determinação:

- O que está feito, está feito. Sempre pensei que trabalhar **pela ração** não seria o melhor caminho para um moço inteligente como tu. Mas estás realizando o teu desejo, e agora cabe a ti honrar esta missão. Sabemos que a nossa Marinha Imperial, como tu mesmo, ainda está em formação. Ainda bem que Dom Pedro I soube entregá-la para o Almirante Thomas Cochrane, um verdadeiro **lobo dos mares**, como o chamou Napoleão Bonaparte, cuja Marinha nunca conseguiu derrotá-lo.

- Sim, **un vrai loup des mers**, disse Joaquim com os olhos brilhando. Sobre ele já li muito; sem o Almirante Cochrane dificilmente o Chile teria conquistado sua independência... Quanto ao Comandante John Taylor, a quem deverei me apresentar, não sei absolutamente nada.

- Seguramente é um oficial da confiança do Almirante Cochrane. E, ao tratar com ele, terás uma grande vantagem: sei que estás falando inglês com bastante fluência.

Joaquim fica ruborizado e imediatamente pensa em seu irmão Manuel, o primeiro a quem irá dar a boa notícia. Desde pequeno ele fica encabulado com facilidade, e seu rosto vermelho fez com que ganhasse na escola o apelido de **Pitanga**.

Porém, naquele mesmo momento, o Tenente Manuel Marques Lisboa, cujo Regimento de Infantaria está de prontidão à espera da ordem de mobilização para a Bahia, rabisca algumas linhas para serem entregues a seus pais.

Aquartelado há mais de uma semana, seu batalhão será embarcado naquele mesmo dia, devendo descer em terra em um local histórico: Porto Seguro. Ali, junto ao lendário Monte Pascoal, as forças brasileiras formarão um escudo, evitando que os soldados portugueses, alguns milhares, segundo se diz, **desçam** em direção ao Rio de Janeiro.

No dia 3 de abril de 1823, a pequena esquadra comandada por Lorde Cochrane parte da Baía de Guanabara, e Joaquim, que subiu no alto do mastro principal da Fragata **Niterói**, consegue fixar seu óculo de alcance no rosto do próprio Almirante.

O que vê, sob o chapéu tricórnio, é um perfil longilíneo, bronzeado de sol e cortado por um longo nariz reto. Suíças louras com fios brancos entremeados descendo até os maxilares e nenhuma barba deixam ver a boca de lábios finos e o queixo forte, voluntarioso. É alto em comparação com o timoneiro, ao lado do qual ordena as manobras da nau capitânia **Pedro I**. A túnica azul com dragonas douradas está bem ajustada a seu tórax esguio. Bem apertadas também as calças brancas, e lustradas as botas pretas que sobem até seus joelhos. Na cintura, o famoso sabre bem recurvo que Cochrane empunha com força e habilidade desde os tempos de jovem, quando enfrentou até abordagens de navios piratas.

Joaquim desvia o óculo para a ponte da **Niterói**, fundeada ali junto à Ilha das Cobras. Com todas as velas recolhidas, a corveta também parece decepcionada e triste naquela

manhã. Os reparos a que está sendo submetida ainda não estão concluídos, e sua guarnição precisa ser completada. O que só acontece a 13 de abril, quando o elegante barco de três mastros deixa a bombordo a Fortaleza de Santa Cruz e começa a singrar as águas do oceano.

Preso ao mastro da mezena ondula ao vento a jovem bandeira auriverde do Brasil.

IX

Rio de Janeiro, primeiras horas da tarde de 14 de março de 1897

Até pijama tive de botar para fazer a sesta. Como se eu fosse capaz de dormir com o tumulto desta cabeça cheia de recordações...

A Fragata Niterói, em que embarquei em 4 de março de 1823, saiu para o bloqueio da Bahia no dia 13 de abril e, dez dias depois, reuniu-se à esquadra sob o comando de Lorde Cochrane, assistindo ao combate com a esquadra portuguesa em 4 de maio.

Sim, assistindo, porque aquele foi o primeiro e mais estranho combate de que participei na minha vida. Do nosso lado, pela Providência Divina, não morreu ninguém, e a armada lusitana só registrou dois mortos. Isso porque muitos marinheiros e oficiais portugueses, a bordo de três navios da nossa frota improvisada, recusaram-se a combater. E isso inclusive aconteceu a bordo da Pedro I, a nau capitânia, onde houve sabotagem no fornecimento de munição para os canhões.

A esquadra inimiga, pouco disposta a nos enfrentar, afastou-se lentamente, e o Almirante Cochrane não encontrou meios para persegui-la. O que não o impediu de mandar pôr a ferros todos os insubordinados e remetê-los

para o Rio de Janeiro a bordo de uma das nossas fragatas.

Esse fato teve grande influência no início da minha carreira na Marinha Imperial. Com a guarnição da Pedro I desfalcada, o próprio Comandante Taylor foi chamado para completá-la, deixando a Niterói sob a responsabilidade do imediato. E levou-me a mim e mais alguns tripulantes junto com ele. Essa prova de confiança aumentou ainda mais meu zelo no cumprimento de todas as tarefas, durante cerca de um mês e meio em que ficamos sob as ordens diretas do Almirante Cochrane.

Por que fui pensar em Lorde Cochrane depois de mais de setenta anos? Porque esta manhã, remexendo em meus guardados, reli duas mensagens em que Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II me demonstra seu apreço. Naquela escrita a menos de quatro meses de sua morte, ele revelou, em termos de marinha, como estava preparado para esse desfecho:

Tamandaré

Sua carta de 13 de julho dá-me a grata certeza de que o navio, embora velho, venceu a borrasca. Eu ainda sou vítima da tempestade; todavia, o porto já está à vista e, como de costume, não perdi meu tempo.

Escreva-me sobre tudo que o interesse, pois sabe quanto é sempre seu

Dom Pedro D'Alcântara.

Vichy, 19 de agosto de 1891.

Na outra mensagem, a predileta das minhas duas filhas, ele escreveu em francês: moi aussi je possède mon Bayard, un chevalier sans peur et sans reproche, c'est Tamandaré.

Sem medo, não sei, porque acredito que não sentimos medo apenas de perder a vida, mas principalmente de perder a honra. E a honra é o sentimento avançado do nosso patrimônio moral. Ela exige a posse da perfeita compreensão do que é justo, nobre e respeitável, para elevação da nossa dignidade; a bravura para desafrontar perigos de toda ordem na defesa da verdade, do direito e da justiça.

Desde que vi pela primeira vez Lorde Cochrane tive certeza de que era um homem sem medo, sans peur; quanto a ser sans reproche, sem mácula, sua expulsão da Marinha Real Inglesa por razões de peculato (mesmo sabendo da reabertura do processo e de sua absolvição, muitos anos depois) serviu-me para reforçar meu sentimento íntimo de jamais deixar rastros de lama no meu caminho. De nunca transigir com a corrupção e aceitar as dificuldades materiais com estoicismo. Nenhum mérito nisso; apenas acreditar que a honra está acima da vida e de tudo o que existe no mundo. Porque a vida se acaba na sepultura, os bens são transitórios, enquanto que a honra a tudo sobrevive.

Assim, fiquei feliz em não estar mais a bordo da Pedro I quando Lorde Cochrane rumou para a Província do Maranhão e Piauí (como então se chamava), ainda rebelde à

Independência do Brasil. Antes de chegar próximo ao porto de São Luís, mandou arriar a bandeira do Brasil e hastear a de Portugal. Tal recurso, comum entre os flibusteiros, fez com que neutralizasse o brigue de guerra São Miguel que veio a seu encontro para saudá-lo. Preso o comandante do navio português, com toda a sua tripulação, voltou a arvorar a bandeira verde-amarela. E enviou mensagem ao governador, comunicando que aquela era apenas a vanguarda da Esquadra Imperial enviada por Dom Pedro I para submeter os rebeldes a qualquer custo. Diante dessa ameaça, o governador tratou de submeter-se, sem resistência, ao Primeiro-Almirante do Brasil. E, como a História é escrita pelos vencedores, esse feito valeu-lhe a outorga do título de Marquês do Maranhão, que juntou ao outro hereditário de 10o Conde de Dundonald...

X

De Salvador a Lisboa e de Lisboa a Salvador: julho a novembro de 1823

Depois de 45 dias de bloqueio, por terra e por mar, convencido de que não receberá ajuda de Portugal, o General Madeira de Melo decide abandonar a Bahia. Começa por dispensar os quatro mil milicianos brasileiros e trata de organizar o embarque dos seis mil soldados e de outros milhares de cidadãos portugueses, homens, mulheres e crianças, todos carregados com seus pertences.

Joaquim está de volta à Fragata *Niterói*, novamente sob o comando de John Taylor. O Almirante Cochrane conseguiu substituir os insubordinados por marinheiros recrutados na Europa, outros de navios mercantes e até pescadores daquelas imediações, estando todas as tripulações completas. No entanto, se não é pelo apoio das tropas de terra, onde está seu irmão Manuel, tenente de infantaria, aqueles doze navios brasileiros, com cerca de 250 bocas de fogo, não fariam frente à esquadra portuguesa, com quase o triplo de navios de guerra e cerca de setecentos canhões.

O destino coloca os dois irmãos Lisboa quase juntos naquele momento crucial da luta pela Independência: um em terra, o outro no mar. Manuel conquista o posto de capitão após os combates de Itaparica e Pirajá, já às portas

da capital da Bahia. O mesmo acontecendo com seu apelido, pois Maria Quitéria, a famosa **Mulher-Soldado**, passa a chamá-lo dali em diante de **Capitão Pitanga**.

Depois dessas derrotas que isolam Salvador, os portugueses precipitam-se para o porto e 41 barcos são carregados até afundar a linha d'água. Finalmente, protegidos pelo poderio da esquadra lusitana, desfilam diante dos olhos estarecidos de Joaquim e dos demais brasileiros impressionados com aquele desfecho.

A seguir, outra missão histórica está reservada ao irmão mais moço do **Capitão Pitanga**. Sim, porque alguns dias antes o Comandante John Taylor, o **João Alfaiate**, como o chamam pelas costas alguns oficiais mais nacionalistas, mandou ler pelo imediato as ordens recebidas, diante de toda a tripulação:

Tendo recebido notícias de que o inimigo da Independência do Brasil está tratando de evacuar a cidade e deixar o porto da Bahia, tomando debaixo da escolta de seus navios de guerra numerosos transportes em que a Força Militar, seu material e abastecimento são embarcados, juntamente com toda a fazenda móvel pública e particular, sem excetuar até os vasos sagrados das igrejas, destinados ao culto religioso, e sendo altamente importante impedir e interromper o progresso do inimigo, tanto quanto se possa, deve V. S. ter a maior vigilância para que não nos escapem, tratando de interceptar dos navios aqueles que possamos acometer a salvo, continuando na execução desta ordem enquanto pudermos conservar à vista as embarcações inimigas.

Bordo da Pedro I, 19 de julho de 1823.

Cochrane

Foi assim que começou uma das mais incríveis **caçadas** já acontecidas **nos sete mares**. Se pudesse ser vista do alto, mostraria 71 navios de velas desfraldadas parecendo fugir de um só. E, nos dias seguintes, deixando ficar para trás, sem voltar para prestar-lhes auxílio, todos os barcos de transporte desgarrados.

Certamente nunca passou pela cabeça do Almirante Félix de Campos, comandante da frota portuguesa, que somente a Fragata **Niterói** os persegue, ou **faz sombra**, como se diz em linguagem naval. O que permite a Taylor apresar dezesseis desses barcos e suas cargas durante a longa travessia.

Tão longa que o comandante escocês tem tempo para avaliar o imenso potencial daquele jovem de pequena estatura, rosto franco e músculos poderosos, sempre pronto a cumprir suas ordens ditas em inglês ou espanhol. Taylor, que acompanhara Cochrane nas esquadras da **Royal Navy** e do Chile, contribuindo também para a independência daquela nação e do Peru, sabe o quanto são raras as verdadeiras vocações marinheiras. Infatigável, o **Lisboinha**, como alguns o chamam, cumpre todas as tarefas com tranquilidade e eficiência. Executa com perfeição as funções de piloto ou de simples marinheiro. Sempre com os olhos brilhando, os cabelos castanhos ondulados fugindo pelas laterais do gorro, ocupa o timão, dirige as manobras das velas ou marinha por um dos três mastros, levando a

tiracolo o óculo de alcance. Nas abordagens dos navios apresados está sempre entre os voluntários solicitados pelo comandante. Armado, então, de espada e garrucha, seu rosto imberbe mantém-se com a serenidade habitual.

Uma única vez, já nas proximidades da costa portuguesa, parlamenta com Taylor quando é apresado o ***Paquete de Setúbal***. Sugere-lhe que aproveite para colocar naquele barco todos os prisioneiros que levam nos porões da ***Niterói***, deixando-os voltar em liberdade para a terra à vista. O que é feito, já quase na embocadura do Tejo, local onde Joaquim fixa o óculo durante longos minutos, guardando na retina a paisagem muitas vezes descrita por seu pai. Estar diante de Lisboa, a cidade que deu nome à sua família, faz seus olhos se encherem de lágrimas, principalmente porque pela primeira vez ali chega um barco com a bandeira do Brasil.

Cumprida sua missão, a Fragata ***Niterói*** retorna à Bahia, chegando ao porto de Salvador no dia 9 de novembro de 1823.

É quando o voluntário Joaquim Marques Lisboa recebe a primeira distinção da sua vida. Juntamente com seus companheiros de aventura, lhe é atribuída uma medalha pela Câmara Legislativa da Bahia. Porém, o maior galardão é o de ter merecido, depois de desembarcar da ***Niterói*** no Rio de Janeiro, através de ofício enviado pelo Comandante John Taylor ao Ministro da Marinha, no dia 26 de janeiro de 1824, um texto bordado de elogios. Um atestado de que é capaz de desempenhar todos os deveres de voluntário,

demonstrando a maior aptidão e zelo, e recomendando-o como um oficial que promete, no futuro, fazer honra à Marinha do Brasil.

XI

Rio de Janeiro, entardecer do dia 14 de março de 1897

Pedi à minha filha para só tomar um caldo verde e bem mais tarde, não antes da noite fechada. Hoje, a única companhia que suporto, ou desejo, é a minha própria. Tenho que ordenar meus pensamentos, já que nunca desejei escrever um livro de memórias. Como trataria nelas os meus desafetos? Como explicaria a eles que não desprezo o ensino formal, seja civil ou militar, mas que só cursei escassos 146 dias na Imperial Academia de Marinha? Alguns detratores, principalmente depois que não aderi à república, disseram que não frequentei a Academia, ou que a abandonei, em 1824, porque era um plebeu, esquecendo que meu irmão Vicente ali foi aceito, dois anos depois, cursando-a normalmente até guarda-marinha e transferindo-se depois, por vontade própria, para a Engenharia do Exército.

A verdade é que eu estava cursando seriamente o primeiro ano da Academia quando fiquei sabendo que haviam estourado focos revolucionários em algumas províncias do Nordeste do país. E que o Almirante Cochrane estava remontando uma Divisão Naval para combatê-las. Em caráter sigiloso, meu primo, cunhado e futuro sogro,

José Antônio Lisboa, professor de Navegação, informou-me que a maioria do pessoal que expulsara os portugueses no ano anterior se dispersara por falta de pagamento. Nenhuma desonra para Dom Pedro I, quando se sabe que seu pai Dom João VI, em 1821, levara para Portugal todo o ouro estocado no Banco do Brasil. E que os últimos fujões embarcados na Bahia carregaram até os vasos de ouro das centenas de igrejas de Salvador...

Foi assim que redigi do próprio punho um requerimento ao Primeiro Almirante Thomas Cochrane solicitando meu embarque num dos navios da Armada Imperial. Dizem que fui ousado em muitos momentos da minha vida; no entanto, esta foi a maior de todas as minhas ousadias. Eu tinha apenas dezesseis anos e era disciplinado por natureza. Saltar sobre todas as demais instâncias, começando por ignorar o Comandante da Companhia dos Guardas-Marinha, foi algo muito parecido com insubordinação, embora fosse apenas patriotismo.

A carência de oficiais subalternos nos navios da nossa Armada foi decisiva para que Lorde Cochrane (após aconselhar-se com o Comandante John Taylor) enviasse ofício ao Ministro da Marinha solicitando meu embarque, nada menos do que em sua nau capitânia... Acontece que o Ministro Francisco Vilela, em disputa política com o estrangeiro escocês, estribou-se para negar o pedido em um decreto que proibia o embarque de voluntários que não tivessem cursado a Academia.

A resposta de Lorde Cochrane é o mais importante documento daquela fase inicial da minha vida na Marinha. Por isso ainda guardo sua cópia na gaveta do meu criado-mudo. Melhor é colocar meus óculos para lê-la mais uma vez. Depois que um dos meus netos deu sumiço naquele pince-nez de estimação, levei meses para me acostumar com esta novidade.

Meu Deus, como a gaveta está abarrotada... Por isso não deixo nem a Maria Eufrásia tocar nestas preciosidades. Olha só aqui o último poema escrito pelo meu Imperador Dom Pedro II. Nunca a Providência Divina reuniu tanto talento e sabedoria em um único ser humano. E este soneto, cuja cópia tenho com a própria letra da Princesa Isabel, é digno dos grandes mestres da nossa literatura:

Terra do Brasil
Espavorida agita-se a criança
De *nocturnos phantasmas* com receio,
Mas se abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doridos olhos e descansa.
Perdida é para mim toda a esperança
De volver ao Brasil; de lá me veio
Um *pugillo* de terra: e nesta creio,
Brando será meu *somno* sem tardança.
Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo da memória,
Oh doce *Patria*, sonharei contigo!
E entre visões de paz, de luz, de glória,
Serenos aguardarei no meu jazigo

A justiça de Deus na voz da *Historia!*

Imaginem que, ao enviar minha ousada carta a Lorde Cochrane, naquele dia 20 de julho de 1824, ainda faltava um ano e meio para o nascimento de Dom Pedro II, do qual tomei conhecimento no dia em que fui promovido a Tenente por ato do seu próprio pai. E quando o conheci ainda menino, recebendo aulas de esgrima do Major Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, jurei que defenderia sua vida e seu Império até a morte. Essa morte que o levou há mais de cinco anos e que está custando tanto a nos reunir de novo...

A maior emoção é reler esta parte de Lorde Cochrane ao Ministro da Marinha, em resposta à negativa do meu embarque:

Fui honrado com o ofício de V. Exa., participando-me a vontade de Sua Majestade Imperial que não admita o embarque de pessoa alguma que não tenha o estudo da Academia e que guardas-marinha que não possuam os referidos estudos não se podem promover à graduação de oficiais, cujas ordens hei de obedecer como é do meu dever; porém seja-me permitido propor à consideração de V. Exa., como Ministro da Marinha, para, como Conselheiro de Sua Majestade Imperial, sugerir à apreciação Imperial a impossibilidade de achar oficiais subalternos assim qualificados, tanto como a dificuldade de se formarem bons marinheiros.

Deveras, se não houvesse oficiais senão os que estudaram em qualquer academia, eu também ficaria excluído, e não creio que haja um só oficial inglês no serviço de Sua Majestade Imperial que assim fosse educado. Permita-me dar a minha opinião de que a melhor academia de Marinha é um navio de guerra, um respeitável e hábil lente, em que se combinam a teoria com a prática que aí se devem

explicar.

Nova recusa do Ministro Francisco Vilela, um falso brasileiro que esperava apenas a ascensão de Dom Pedro I ao trono português (o que alguns corifeus acreditavam que ocorreria com a morte de Dom João VI) para destruir o nosso sonho de uma pátria independente.

Foi então que Lorde Cochrane resolveu dirigir-se diretamente a Sua Majestade o Imperador, advogando a minha causa nos seguintes termos:

Majestade, conheço bem esse moço, foi um dos primeiros voluntários alistados. Tomou parte no bloqueio da Bahia, praticou atos de valor no encontro de 4 de maio com a esquadra portuguesa e, embarcado na **Niterói**, fez o cruzeiro dessa fragata em perseguição aos navios do Almirante Campos.

Taylor fez-me sempre as melhores referências dele. Bravo, competente, de uma dedicação a toda prova. Posso confirmar tudo isso porque também o tive sob minhas ordens diretas, na **Pedro I**. E afirmo a Vossa Majestade Imperial que este voluntário, quase menino, é uma das mais promissoras esperanças da Marinha Brasileira.

Até hoje me impressionam essas palavras, espécie de farol que sempre orientou meu rumo. Assim, apenas dez dias após o envio do meu pedido, chegou à Academia o original deste ofício, cuja cópia é o meu verdadeiro diploma acadêmico:

Manda Sua Majestade o Imperador, pela Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, participar ao chefe de Divisão, comandante da Companhia dos Guardas-Marinha, para sua inteligência, que o voluntário Joaquim Marques Lisboa foi nomeado para embarcar na presente expedição, a bordo da nau **Pedro I**.

Paço, 30 de julho de 1824.

Francisco Vilela Barbosa.

Como a minha vida estava ligada com a de meu irmão Manuel (que rezava por mim desde o meu nascimento), nos mesmos dias em que embarquei na Pedro I para combater os insurgentes da Confederação do Equador ele próprio aderiu a ela com toda a generosidade de seu jovem coração.

XII

Costa sul de Pernambuco, 2 de setembro de 1824

Manuel sente-se sufocado dentro das quatro paredes do seu cubículo. Mas precisa tentar dormir para recuperar as forças. Tomara todas as providências cabíveis para defender o Forte de Tamandaré, como já o fizera com êxito no mês de junho. Os poderosos canhões, apontados para a abertura entre as barreiras de recifes, única entrada possível para navios de guerra, causaram grandes estragos aos invasores, naquela ocasião. A vitória lhe valera a promoção a major, o *Major Pitanga*, no dizer dos soldados que o viam como uma verdadeira lenda, desde que Maria Quitéria o exaltara nas lutas contra os portugueses, na Bahia.

E o pior, pensa ele, enquanto sente o suor deslizar pelo rosto até o peito nu, é saber que nossa Independência vai completar dois anos daqui a cinco dias e nós, que lutamos por ela, já estamos nos matando uns aos outros. Em um dos navios do Almirante Cochrane que trazem as tropas do Brigadeiro Lima e Silva pode estar Joaquim, o meu querido irmão. E o dever dele será de atirar em mim e nos meus soldados. Como o meu dever será o de afundar os navios que irão nos atacar, mesmo sabendo que ele pode ser morto pelas minhas mãos...

Sei que tudo começou quando me expulsaram da Academia de Marinha, mas não estou aqui por vingança. Estou aqui por ter conhecido um padre diferente de todos os outros, e que também se chama Joaquim como meu irmão. Um frei carmelita descalço, maçom e revolucionário, herói da revolta de 1817, que esteve preso durante quatro anos e, mesmo depois do 7 de setembro de 1822, continua a pregar as ideias republicanas.

Foi ele quem me convenceu a iniciar-me na Maçonaria, na **Loja Areópago de Itambé**, dizendo-me que, para isso, a única exigência para um **homem livre e de bons costumes** é que acredite em Deus. Por sua orientação, **trabalhei a pedra bruta e a pedra polida**, abrindo os olhos, **entre duas colunas**, para um mundo cheio de luz. Descobri o quanto os irmãos maçons contribuíram, desde o Dia do Fico, para a nossa Independência. Fiquei sabendo que o príncipe Dom Pedro foi iniciado na **Loja Comércio e Artes** (onde Gonçalves Ledo era o maior líder), seguindo orientação de seu ministro José Bonifácio, então Grão-Mestre do Grande Oriente. Que o príncipe recebeu o nome simbólico de **Guatimozim**, o último rei dos astecas, aquele valente que morreu torturado pelos espanhóis, sendo ele mesmo, Dom Pedro, filho de Carlota Joaquina, uma princesa espanhola. Que substituiu José Bonifácio como Grão-Mestre e, depois de coroado Imperador, tornou proscrita a Maçonaria no Brasil, mandando prender aqueles que o ajudaram a subir ao trono. Além disso, dissolveu a Constituinte e destituiu

irmãos que ocupavam cargos importantes, como Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente da Província de Pernambuco, hoje o nosso líder maior.

Foram essas atitudes que levaram Frei Joaquim do Amor Divino Caneca a retomar o movimento revolucionário de 1817, dando forma ao ideário da Confederação do Equador, iniciada em Pernambuco e que logo se espalhou pela Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, ou seja, as províncias mais próximas à Linha do Equador:

Transformar todas as províncias brasileiras em repúblicas independentes, porém subordinadas a uma união federativa, a exemplo dos Estados Unidos da América; proibir imediatamente o tráfico de escravos e iniciar o processo da abolição completa da escravatura; e, principalmente, impedir a ação dos retrógrados que desejam a volta do Brasil ao domínio de Portugal.

Desde o momento em que aceitei participar desta revolta, sei que militarmente nos será impossível vencer. E agora que Recife está sendo bombardeada a apenas algumas léguas daqui, o certo talvez seria abandonar este forte e buscar refúgio no interior com os meus duzentos companheiros. Mas não foram essas as ordens que recebi.

- Major Pitanga! MAJOR Pitanga!

O dia está clareando. Manuel salta do catre e sai para o pátio interior, quando flechas incendiárias começam a cair sobre o forte. Ao mesmo tempo, inicia-se o canhoneio e a fuzilaria do lado sul. Alguns soldados já estão feridos e as

chamas começam a elevar-se nas carroças toldadas.

- SÓ TENTEM APAGAR O FOGO SE ELE SE APROXIMAR DO PAIOL DE PÓLVORA! E SÓ TIREM ÁGUA DO FOSSO DA MURALHA NORTE!

Que miséria! Eles devem ter desembarcado bem mais ao sul e avançado durante toda a noite. Só não entendo por que os índios estão lutando contra nós...

- Tenente Albuquerque! Venha comigo e traga alguns homens! Precisamos saber se eles irão também atacar pelo lado do mar!

O dia já está completamente claro. Do alto da muralha, uma dezena de canhões capazes de atingir qualquer navio que entre na baía estão prontos para entrar em ação. Manuel manda os artilheiros se abrigarem e olha o mar verde-esmeralda que desliza em ondas preguiçosas até a praia deserta, além dos coqueirais. Nenhum navio à vista. Mas estes canhões centenários estão fixos com chumbo no piso de pedras. Inúteis para combater o ataque que se faz por terra.

Um arrepio percorre a espinha de Manuel, mas não impede que sua voz soe enérgica como de costume:

- VAMOS NOS CONCENTRAR TODOS NA MURALHA SUL! NENHUMA ECONOMIA DE MUNIÇÃO! HOJE É O DIA VERDADEIRO DA INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

É quando um tiro o atinge na cabeça e ele tomba de costas sobre um dos canhões.

XIII

Rio de Janeiro, madrugada de segunda-feira, dia 15 de março de 1897

Somente alguns meses depois do combate de 2 de setembro de 1824 tomei conhecimento da morte de Manuel. Na época, sofri muito porque achei seu sacrifício inútil, consolando-me apenas ao saber que morreu como um valente. Porém, até a expulsão de Dom Pedro I, a 7 de abril de 1831, tratar desse assunto foi um tabu em nossa família. Com a qual naquele período eu pouco convivi, afastado do Brasil para participar da luta inglória de defender a anexação da Província Cisplatina, hoje, merecidamente, a República Oriental do Uruguai.

Em verdade, Dom Pedro II foi o meu Imperador, figura ímpar pela qual mantenho o mesmo respeito e admiração, e também por uma série de fatos que uniram nossas vidas. O primeiro deles, a minha incorporação definitiva à Marinha no posto de segundo-tenente, que aconteceu na data de seu nascimento, 2 de dezembro de 1825, onze dias antes de eu completar dezoito anos. E foi seu pai, Dom Pedro I, quem a determinou, atendendo à petição feita por meu irmão José Marques Lisboa (aquele mesmo patriota emburradinho do nosso tempo de alunos do Professor Carvalho). Uma bela vitória do jovem advogado, antes de

iniciar a carreira diplomática em que foi representante do Brasil na Inglaterra, França e Suíça.

Como segundo-tenente embarquei para Buenos Aires, onde recebi meu batismo de fogo na batalha naval de Corrales, travada no dia 8 de fevereiro de 1826. Desde dezembro, Dom Pedro I havia declarado guerra às Províncias do Rio da Prata que não desistiam de incorporar a Cisplatina ao seu território.

A bordo da canhoneira Leal Paulistana recebi realmente um batismo de sangue quando alguns navios das Províncias Unidas, sob o comando do Almirante William Brown, forçaram o bloqueio que a esquadra brasileira fazia ao porto de Buenos Aires. Nossa canhoneira, ou gun boat, pelo pequeno calado era a embarcação ideal para combater naquelas águas rasas. Dispunha de seis bocas de fogo que se mantiveram ativas mesmo depois de ficarem rubras como fornalhas. Mortos e feridos se amontoavam no convés e eram literalmente pisoteados pelos sobreviventes, sem que pudéssemos removê-los. O que só aconteceu à noite, com a fuga dos inimigos.

Meu Deus, sem um grande esforço mental tenho dificuldade em recordar o que fiz no dia de ontem. Porém aquela batalha, travada há mais de sessenta anos, ressurgiu nos meus olhos, nos meus ouvidos, no cheiro da pólvora, no gosto de sangue na minha boca, como se ainda estivesse vivendo aquele dia interminável.

O pior seria recordar, o que não vou fazer, a derrota que

sofremos na Batalha do Juncal, tão fragorosa que até nosso Almirante Rodrigo Lobo foi substituído.

Já sob o comando do Almirante Pinto Guedes, fui transferido para servir numa velha conhecida, a Fragata Niterói, com a qual havíamos feito sombra aos portugueses até a embocadura do Tejo. Ali embarcado, sob o comando de James Norton, voltei a receber ordens em inglês. Eu sabia tudo daquela fragata milagrosa e foi dentro dela que participei de diversos combates nos meses de maio e junho, quando obrigamos a esquadra platense a novamente recuar para o interior do porto de Buenos Aires.

Foi então, no dia 31 de julho, marcado a fogo na memória, que recebi a incumbência mais honrosa da minha juventude: fui nomeado comandante da Constança, com dezoito anos e meio de idade.

Entendi, então, ainda melhor, o significado daquelas palavras do meu primo Manuel Marques de Souza quando foi promovido a alferes com apenas catorze anos. Que importa se a minha Constança era uma pequena escuna, das menores da nossa esquadra. Ali eu era o verdadeiro comandante, sem necessitar que alguém ficasse doente para me ceder o posto de capitão.

Porém, foi no segundo navio de guerra que comandeí, a escuna Bela Maria, que se passou comigo um fato, hoje lendário, que justifica a famosa frase de Napoleão: quem não consegue entrar na lenda, não tem direito de entrar na História.

Depois dos acontecimentos fatídicos que se passaram na Patagônia, recebi, no dia 29 de abril de 1828, o comando da escuna Bela Maria, incluída na Divisão do famoso Comandante João de Oliveira Bottas. Um mês e pouco depois, no amanhecer do dia 9 de maio, quando nos encontrávamos fundeados no estuário do Rio da Prata, ao levantar-se o nevoeiro vimos diante de nós um navio inimigo.

*Queiramos ou não, nessas horas sentimos o famoso frio na barriga e até um tremor nas pernas, o que deve servir apenas para nos mostrar que amamos a vida, que vale a pena lutar para manter a alma dentro do corpo, porém nunca para nos afastar do caminho do dever... Retornando do Paraguai, Caxias contou-me que foi essa a sensação que sentiu em Itororó, quando arrancou da sua espada invencível e gritou para os soldados: Sigam-me os que forem brasileiros! *Insensibilidade não é coragem. Coragem é dominar a carcaça, como dizia o General Junot, e levá-la além dos nossos limites.**

Onde estava mesmo a minha velha cabeça? Sim, diante do navio inimigo que se revelava no levantar da cerração. Inimigo agora, porque aquele brigue nascera brasileiro com o nome de Januária e nos fora tomado na Batalha do Juncal, daí seu nome platense de Ocho de Febrero, o dia daquela derrota.

Depois ficamos sabendo que o brigue era comandado pelo Capitão Tomaz Domingos Espora, um argentino que

servira sob as ordens diretas do Almirante Cochrane na luta pela independência do Chile. Tínhamos tido, assim, o mesmo lente no que se refere a questões de capacidade naval e coragem no cumprimento do dever. O que logo vim a descobrir à minha própria custa.

Em fuga de nossa esquadra, o Ocho de Febrero enfiou-se nuns baixios, tática perfeita para as circunstâncias, dado o maior calado dos navios brasileiros. De todos, menos da Bela Maria, a escuna sob o meu comando. Como se a Providência Divina, mais uma vez, apontasse o dedo para mim.

XIV

Estuário do Rio da Prata, 9 de maio de 1828

Na proa da nau capitânia, o Comandante Oliveira Bottas acompanha pelo óculo de alcance a fuga do *Ocho de Febrero*, perseguido de perto pela *Bela Maria*. A captura daquele brigue, que já fora brasileiro, é para ele uma questão de honra. E sacode a cabeça leonina, em aprovação. Sim, pensa ele, esse menino, o Tenente Lisboa, conhece o seu ofício. Bendita a hora em que o coloquei no comando daquela escuna de pequeno calado. Bloqueados pelos baixios, só nos resta assistir o combate de longe.

E que combate! Encalhados lado a lado na embocadura do arroio Arregui, os dois navios, com as bandeiras verde-amarela e azul e branca desfraldadas contra o céu sem nuvens, trocam tiros de canhão quase à queima-roupa. E o Comandante Bottas, impossibilitado de oferecer qualquer auxílio ao Tenente Lisboa, sorri ao ver como ele parece cumprir as ordens que lhe transmite mentalmente. Isso mesmo! Nada de desperdiçar munição... Fogo de canhão concentrado na base dos dois mastros, e tiros de mosquete visando os artilheiros, através das aberturas, com possibilidade também de atingirem os depósitos de pólvora. Meu Deus, o combate começou pelas oito horas da manhã e

o sol já está a pino. Com todo este calor, a vontade que tenho é de arrancar este uniforme suado e jogar-me à água barrenta para unir-me àqueles valentes...

Pouco a pouco, as bocas de fogo do **Ocho de Febrero** vão-se calando, enquanto as da **Bela Maria** deixam de economizar munição. É o que eu faria, pensa o Comandante Bottas, depois de tomar um café bem adoçado, ali mesmo em seu posto de observação. Ele precisa convencer o inimigo a arriar a bandeira, redobrando o fogo quando sente uma demonstração de fraqueza. E suspender qualquer hostilidade, no momento certo, para que isso se faça com dignidade.

Pronto! A bandeira azul e branca está sendo arriada. Agora, Tenente Lisboa, mantenha sua tripulação em alerta máximo para qualquer traição e dirija-se você mesmo ao **Januária**, somente com os remadores do escaler número um, para receber a rendição. Perfeito esse menino... Faz tudo o que eu faria no seu lugar. Vou recomendar o quanto antes a sua promoção.

No tombadilho do **Ocho de Febrero**, o Capitão Tomaz Espora e seu imediato, Tenente Antonio Tholl, com os uniformes recompostos e as fisionomias severas, destacam dos cinturões suas espadas e as entregam ao Tenente Joaquim Marques Lisboa, juntamente com a bandeira dobrada cuidadosamente. A comunicação é fácil pois o brasileiro, nascido na fronteira sul, fala fluentemente o espanhol. Assim, antes de embarcarem no escaler para

serem levados à presença do Comandante Bottas, Lisboa os tranquiliza quanto ao atendimento dos feridos.

O sol vermelho está a um palmo do horizonte quando os três oficiais chegam ao portaló da nau capitânia. Com toda a marujada em posição de sentido no tombadilho, exceção feita aos artilheiros que continuam atentos em seus postos, o Comandante aperta a mão de seu subordinado e dos dois inimigos com o mesmo cavalheirismo. E diz ao Capitão Espora e ao Tenente Tholl algumas palavras que lhes calam fundo:

- Em homenagem a vossa conduta intrépida e leal neste combate, que acompanhei atentamente durante dez horas, vou solicitar ao Almirante Pinto Guedes que lhes restitua as espadas e a liberdade, desde que, sob palavra de honra, Vossas Senhorias concordem em não mais as usarem contra o Brasil.

Os oficiais platenses inclinam levemente as cabeças enquanto o Comandante Bottas, sorrindo amplamente, dirige-se ao Tenente Lisboa, que o escuta em posição de sentido. E sorri porque **este menino vencedor do combate** lhe parece mais jovem depois de ter lavado rapidamente, ainda no escaler, o rosto manchado de poeira e salpicado de sangue:

- Quanto ao Tenente Joaquim Marques Lisboa, além das homenagens que lhe cabem e à tripulação da **Bela Maria**, fico-lhe devedor por me ter trazido um presente inusitado: até que enfim tenho uma **espora** digna para as minhas

bottas.

XV

Rio de Janeiro, nascer do sol do dia 15 de março de 1897

Essa boutade spirituelle como dizem os franceses, ou trocadilho, para nós, somente cabível entre cavalheiros, fez com que o Comandante Bottas sepultasse a vergonha que eu ainda sentia pelos acontecimentos nefastos ocorridos na Patagônia alguns meses antes. Derrotados em terra, perdemos todas as nossas naus para um inimigo mais sensato do que o Comandante Shepperd, e conhecedor de todas as trilhas daquele inferno. E, morto o nosso comandante, ficamos prisioneiros, mais de quinhentos homens, sofrendo as piores humilhações, sendo a menor delas a fome, durante cerca de cinco meses.

Por sorte, decidiram os inimigos nos transferir para o Rio Salado, um lugar muito distante, para trabalharmos como escravos. E nos embarcaram no brigue Anna, alguns poucos oficiais no castelo de proa e 93 marinheiros no porão. Estava comigo o Tenente Joaquim José Ignácio, destinado a grandes feitos na Guerra da Tríplice Aliança, meio século depois. Assim, foi ao futuro Visconde de Inhaúma que eu segredei meu plano para tomar o brigue, tão logo estivesse longe da costa.

E foi o que fizemos, durante a noite, depois de

instruirmos os marujos através de uma escotilha, graças à preguiça e embriaguez das poucas sentinelas. Tomamos o navio no escuro, batendo a torto e a direito com os punhos em quem encontrávamos pela frente, em tal confusão que acertamos até alguns companheiros.

Tomada a Anna, eu me ocupei do leme e preparei-a para escapar da escolta inimiga, que era formada pelos mesmos navios que tinham sido nossos, uns seis deles, com outros nomes agora, como Ituzaingó e Patagones. Chegado o momento propício, coloquei meu barco na orça para ganhar barlavento e, forçando todos os panos, começamos a tomar distância da flotilha. Graças à escuridão, quando eles se deram conta de que estávamos fugindo era tarde demais para nos alcançarem.

Navegamos durante 22 dias até chegarmos a Montevidéu. Ao nos apresentarmos ao Almirante Pinto Guedes, todos os oficiais, com exceção de mim e do Tenente Joaquim José Ignácio, que defendi com veemência, foram submetidos a Conselho de Guerra.

Dirigir a fuga de quase cem brasileiros e trazê-los a salvo a Montevidéu, velejando em território cheio de corsários a soldo do inimigo platense, foi maior feito histórico do que derrotar o Capitão Espora. Acontece que a frase do Comandante Bottas, entrando para a lenda na nossa Marinha, valorizou para sempre aquela vitória.

O mesmo pensou certamente o Capitão Espora, que me presenteou com uma bela lembrança: o óculo que recebera

do Almirante Brown, por atos de bravura na Batalha de Quilmes.

Logo a seguir foram travados os últimos combates navais do ciclo da Cisplatina porque, poucos meses depois, ainda em 1828, foi assinada no Rio de Janeiro, sob os auspícios do Império do Brasil e das Províncias Unidas do Rio da Prata, a convenção de paz entre ambos os países, que resultou na entrega definitiva da Cisplatina aos patriotas uruguaios.

Na escuna Rio da Prata, o terceiro navio de guerra sob meu comando, fiquei mais dois anos em Montevideú, exatamente aqueles em que se consolidava a nascente República Oriental do Uruguai. Estava ainda naquela cidade, a terceira que mais amo, depois de Rio Grande e do Rio de Janeiro, quando foi jurada a Constituição, no dia 18 de julho de 1830. E juro que este meu coração, tão brasileiro, bateu no mesmo ritmo da emoção de todo aquele povo.

Como dizia o patriota italiano Giuseppe Mazzini: Deus é o povo! Nossa pátria é o mundo sedento de justiça. Nenhuma blasfêmia nisso. Se fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, se realmente somos o Povo de Deus, temos que valorizar na prática uma das mais lindas pregações de Jesus: o que fizestes a um desses pequeninos, é a mim que fizestes. Quanto à pátria, acredito que um dia ela será universal, como o próprio Deus. E isso só se transformará em realidade quando cumprida a mensagem da fraternidade entre os homens, num mundo de liberdade e igualdade de direitos.

Vi nascer duas pátrias, a brasileira e a uruguaia, e dei minha colaboração, arriscando a vida pelas duas. Sim, porque a independência da Banda Oriental muito deve à Marinha do Brasil, que impediu sua anexação às Províncias Unidas do Rio da Prata, hoje República Argentina. E depois, naqueles primeiros anos, até el 18 de Julio de 1830, a presença de nossa esquadra deu segurança aos uruguaios para moldarem sua Constituição, inspirada na dos Estados Unidos da América do Norte.

Durante os mais de dois anos em que vivi na cidade de Montevideú, meu pai veio ver-me três vezes, aproveitando as navegações comerciais da escuna Eufrásia. Na última delas comunicou-me seu projeto de entregar a praticagem, vender todos os seus bens no Rio Grande e mudar-se para o Rio de Janeiro.

Também naquela época tive o prazer de conhecer melhor o meu primo, Tenente Manuel Marques de Souza, com o qual realizei algumas cavalgadas, e conversei durante muitas horas sobre o futuro do Império do Brasil. Sabíamos que a situação do Imperador Dom Pedro I estava-se tornando insustentável, uma vez que perdera muito prestígio por seu temperamento absolutista e pelos escândalos com sua concubina, a Marquesa de Santos. Depois da morte da Imperatriz Leopoldina, ainda tentou redimir-se com um novo casamento e a expulsão definitiva de Domitila da corte. O que foi feito tarde demais. A 7 de abril de 1831, Dom Pedro I foi obrigado a abdicar em nome

do filho, com apenas cinco anos de idade, e partir para a Europa na tentativa de retomar o trono português.

Assim, quando voltei ao Rio de Janeiro, em maio de 1831, encontrei uma cidade muito diferente daquela que deixara em 1826. A insegurança era visível, inclusive com bandos de salteadores impedindo que pessoas honestas saíssem às ruas durante a noite. Nessa ocasião conheci melhor o Major Luiz, filho do Regente, General Francisco de Lima e Silva, com quem participara da tomada de Recife, em 1824. Formamos, sob sua liderança, um grupo de oficiais do Exército e da Marinha para sair todas as noites e pôr em debandada os salteadores. Foi tão eficaz o nosso trabalho policial (na ausência de quem devia fazê-lo realmente) que devolvemos a tranquilidade ao Rio de Janeiro e o povo nos apelidou de Batalhão Sagrado.

Daí em diante, até sua morte, minha amizade com o futuro Duque de Caxias teve um objetivo, este sim, sagrado: custasse o que custasse iríamos colocar no trono aquele menino louro que vivia confinado no palácio e nos jardins da Quinta da Boa Vista. E garantiríamos, com nossas espadas, a integridade do Império do Brasil.

Embora fosse bom espadachim, não tive o privilégio, como Caxias, de dar aulas de esgrima ao futuro Dom Pedro II. Anos depois, durante a campanha contra os balaíos, no Maranhão, quando ficamos amigos, pedi-lhe para contar-me, mais de uma vez, um momento especial dessas aulas. E ele o fez somente para mim, porque não queria ser mal

interpretado por pessoas que não amavam, como nós, o príncipe menino.

XVI

Rio de Janeiro, 18 de maio de 1833

- *En garde!*

Atendendo à ordem do mestre de armas, o menino posiciona-se corretamente e responde no mesmo tom de voz:

- *En garde!*

Os floretes se chocam em movimentos de estudo. O som metálico ricocheteia contra as paredes e foge pelas janelas abertas para o parque. Uma leve brisa sacode as folhas das árvores, trazendo o perfume do campo. Chovera durante a noite. Todas as essências tropicais rebrotam nos jardins da Quinta da Boa Vista. A luz já é intensa às sete horas da manhã.

- *Dégagez!*

Obedecendo ao professor, o menino recua dois passos e baixa o florete. Aparenta sete ou oito anos de idade. No rosto alongado, os olhos azuis fixam o mestre com atenção. As primeiras gotas de suor porejam-lhe a testa ampla. Tudo nele é longilíneo. Suas pernas magras parecem ainda mais compridas dentro do calção de malha.

O mestre de armas aproxima-se e corrige-lhe a flexão dos joelhos. É um homem de uns trinta anos, espadaúdo, de estatura média. Usa bigode e pera. Tem cabelos castanhos e olhos da mesma cor. Veste culotes de montaria, botas de

cano alto e uma camisa de mangas largas e punhos rendados. Sua túnica, pendurada num cabide, o identifica como oficial do Exército.

- Agora eu ficarei na defesa. Pode atacar-me como quiser. Mantenha-se atento para aproveitar a menor falha na minha guarda.

- O senhor não comete falhas, Major Lima e Silva.

- Obrigado, Alteza. O mestre de armas do futuro Imperador não tem o direito de errar. No entanto todos erramos, de um ou de outro modo. A arte da esgrima, o seu segredo talvez, é manter-se atento aos erros do contendor.

- Assim como na política.

Luiz percebe um brilho divertido nos olhos do menino. Sorri-lhe ao responder:

- Sou apenas um soldado, Alteza. E nós, soldados, somos péssimos políticos.

- O General Francisco de Lima e Silva também é soldado e comanda a política no Brasil.

- Meu pai detesta tanto a política quanto eu. Só aceitou a Regência do Império por fidelidade a Vossa Alteza.

Os olhos do menino ficam enevoados de emoção. Luiz admira sua precocidade; a agudeza de suas observações. É quando o encanto é quebrado por um grupo de jovens cortesãos que entram na sala d'armas em alarido. O major olha-os com severidade e dirige-se ao aluno:

- Vamos prosseguir a aula, Alteza?

- Apenas uma pergunta ainda. Responda-me com toda a

franqueza. O senhor acredita... acredita que meu pai retornará... retornará um dia do exílio?

Uma súplica intensa contrai o rosto do príncipe. Luiz tem vontade de abraçá-lo. De acariciar a mecha de cabelo rebelde que lhe cai sobre a testa. Não. O pai deste menino, o ex-Imperador Dom Pedro I, não voltará jamais. Acaba de vencer a guerra para recuperar o trono de Portugal, usurpado por seu irmão, o Príncipe Miguel. Melhor dizer-lhe a verdade para enrijecê-lo.

- Embora muitos desejem a sua volta, ele não voltará. Vosso pai proclamou a Independência do Brasil, mas seu coração continua português. Por isso, ele teve a sabedoria de partir no momento certo e de abdicar em favor de Vossa Alteza.

- Eu estou demorando muito a ficar homem... Acredita que o povo vai esperar por mim?

Luiz recua dois passos e baixa o florete como quem apresenta armas.

- Se depender da minha espada, ninguém impedirá o encontro do povo com o seu Imperador. ***En garde!***

O entrechoque dos floretes volta a tirar sons cavos na grande ***sale d'armes***. Os jovens cortesãos, filhos de nobres que frequentam o palácio, acomodam-se num balcão que liga a sala ao andar superior. Ali continuam a tagarelar como pessoas desatentas num teatro.

Embaixo, o menino lança-se com disposição ao ataque. Luiz apenas apara os golpes. Seu pensamento foge para a

esposa, Ana Luiza, que deixou no calor da cama. A lembrança do seu perfume, de seu corpo de mulher bonita, assalta-o de imediato. Casado recentemente, poucas noites inteiras passou com sua mulher. Até alta madrugada é forçado a percorrer as ruas e vielas do Rio de Janeiro, no comando do **Batalhão Sagrado**. Assim o povo chama o grupo de oficiais voluntários, do Exército e da Marinha, que mantém a ordem na cidade desde a abdicação de Dom Pedro I. A capital reflete o clima de insegurança e agitação de todo o país. Ainda no ano anterior, Luiz ajudara a sufocar um levante do Major Miguel de Frias que libertara os prisioneiros dos fortes de Villegaignon e Santa Cruz. Eram tão maltrapilhos os revoltosos que o povo os apelidou de **farroupilhas**, ou seja, esfarrapados. Dominada a rebelião, o termo passou a designar a todos os liberais exaltados, que até fundaram um jornal no Rio de Janeiro: **A Trombeta dos Farroupilhas**. A eles se contrapõem os chamados restauradores, ou **caramurus**, que pedem a volta de Dom Pedro I. Seria o retorno ao período colonial, uma vez que o monarca reconquistou o trono de Portugal com o nome de Dom Pedro IV. No meio de duas correntes, uma republicana e outra colonialista, a Regência mantém-se precariamente no poder. E dela depende a unidade do imenso território brasileiro. Até que este menino, louro e frágil, alcance a maioria para ser Imperador.

- **Touché!**

O grito estridente do príncipe tira Luiz do seu devaneio.

Do alto do balcão, ouve-se uma salva de palmas. Surpreendido, o major baixa o florete e leva a mão esquerda ao ombro ferido. As pontas das armas de instrução são sempre protegidas por uma esfera de aço. Essa proteção caiu durante a sucessão de golpes, e a ponta do florete do menino penetrou levemente no ombro do mestre de armas. Uma pequena mancha de sangue assinala o local, bem visível na camisa branca.

- O senhor está... está ferido, Major Lima e Silva?

Nos pequenos olhos azuis há um misto de inquietação e orgulho.

- Creio que sim, Alteza. Meus cumprimentos!

- Eu não queria feri-lo. Perdi a proteção do meu florete. Eu deveria ter notado... parado a tempo.

Os assistentes descem em rebuliço do balcão, elogiando o feito do príncipe. Um pajem corre a chamar o médico do palácio. Luiz retira a camisa de punhos rendados. O ferimento é insignificante; apenas um arranhão no ombro musculoso. O médico não demora a chegar. O menino livra-se dos cortesãos e o pega pelo braço.

- É grave, doutor?

- Não, Alteza. Uma gota de iodo e logo estará curado.

- Iodo arde muito. Ponha outra coisa.

O cirurgião olha para o major em busca de auxílio.

- Obrigado pelo interesse, Alteza, mas vamos deixar o doutor proceder como lhe dita a ciência.

O médico envolve um chumaço de algodão na

extremidade de uma pinça, molha-o no iodo e o passa no ferimento. O príncipe o vigia atentamente.

- Vai ficar uma cicatriz?

- Muito leve, talvez.

- Se ficar uma cicatriz, eu a levarei com orgulho. Serei o primeiro homem a ter esse privilégio. Junto ao coração, levarei a marca da espada do meu futuro Imperador.

XVII

Rio de Janeiro, manhã do dia 15 de março de 1897

- *Bom dia, pai querido.*

- *Bom dia, minha filha, embora o dia esteja tão carrancudo, não é?*

- *Sim, mas o jardineiro novo acha que não vai chover.*

- *Mentir é falar do tempo, dizia o teu avô Francisco, embora quem trabalhe ao ar livre costume entender dessas coisas... Maria Eufrásia?*

- *Sim, papai.*

- *Como o Henrique está indo nos estudos? Depois das férias de verão, não olhei mais os cadernos dele.*

- *Está indo muito bem, como sempre. Vou dizer a ele que venha lhe mostrar, depois da aula desta manhã.*

- *Obrigado.*

- *De nada, papai. O senhor precisa de mais alguma coisa? Quer tomar o desjejum no quarto?*

- *Sim. E preciso que me tragas aquela pasta de couro que está debaixo do meu bureau. Sei que guardei ali o convite do enterro do Duque de Caxias. Lembro que ele faleceu em 1880, só não recordo mais o dia e o mês.*

- *Trarei em seguida, papai.*

- *Obrigado, filha.*

Quando sorri, ela lembra muito a mãe. E também nos cuidados comigo e na bondade e delicadeza de sua alma... Meu Deus Todo Poderoso, há quase trinta anos levaste minha esposa e continuas esquecido de mim. Devo ter mesmo um coração insensível, como dizem os meus detratores. Se não, como posso sobreviver depois de ter enterrado meus pais, meus irmãos, dois filhos, dois netos e todos os meus velhos amigos, como Barroso e Caxias, incluindo outros mais novos, como Saldanha da Gama?

Caxias regulava comigo de idade, apenas quatro anos mais velho, e compartilhamos todos os acontecimentos importantes deste século no Brasil, menos a queda e morte de Dom Pedro II, no que ele foi mais feliz do que eu. O jovem Almirante Saldanha disse na cara do Floriano Peixoto que, se não estivesse ausente do Brasil no dia 15 de novembro de 1889, não teria deixado que eles proclamassem a república. Bazófia daquele menino valente, sem nenhuma dúvida. A verdade é que, se Caxias ainda fosse vivo e forte, aí sim, nós dois juntos teríamos sufocado aquela quartelada infeliz.

Calma, meu coração. Vamos pensar em coisas melhores; naqueles tempos de juventude em que Caxias e eu lutamos pela integridade territorial do Brasil. Nós nos encontramos em 1823, nas lutas pela Independência, e tomamos o mesmo navio, em 1824, na esquadra que partiu para dominar os revoltosos da Confederação do Equador. Quando lhe disse, anos mais tarde, que meu irmão Manuel estava

entre os revolucionários, ele me confessou que ficara ao lado de Dom Pedro I, mesmo quando seu pai e outros militares graduados de sua família decidiram forçá-lo à abdicação; e que seu tio João Manuel de Lima e Silva foi o primeiro general da República Rio-Grandense.

A partir de 1831, para garantir que o príncipe menino chegasse a Imperador, lutamos, juntos ou separados, para sufocar muitas revoltas. Ainda bem que tenho alguns desses fatos anotados neste caderno que guardo sempre à mão. Depois do café, vou reavivar a memória.

Que infelicidade... Estou aqui, já vestido, sentado nesta poltrona de leitura e nem sei quantas horas são... Deixa ver, são quase nove e meia; com certeza já tomei café, pois não sinto fome. A pasta que pedi à Maria Eufrásia está aqui do meu lado e o caderno de anotações no meu colo. Imagina se eu conto a ela que tenho esses lapsos de memória... Sairia correndo para chamar o Doutor Hilário, que me receitaria outros remédios amargos e incapazes de curar a velhice.

Vamos lá, quero recordar minha participação nas lutas que arriscaram destruir a unidade do Brasil. Pouco a pouco, vou-me acostumando com estes óculos de aros de tartaruga, graças a meu bom Deus. E sempre tive a caligrafia bem legível, ao contrário desses médicos que parecem escrever torto de propósito, para que os pacientes não entendam nada da receita.

Em 7 de setembro de 1831, rebelou-se a guarnição militar de

Pernambuco, a mesma que aqui na Corte fizera a revolução de 7 de abril, e entregou-se por dois dias ao deboche e saque às casas comerciais e residências. Renderam-se no terceiro dia, batidos pela nossa Força Naval, da qual fazia parte a escuna do meu comando, depois de porfiado combate. Coube-me comboiar transportes que conduziram parte de tais rebeldes para aqui e daqui para Fernando de Noronha. A esse distúrbio deram o nome de **Setembrizada**.

Sim, sim, a minha escuna era a Rio da Prata, veterana das batalhas naquele rio. E ainda a comandava quando estourou outra sedição em Pernambuco.

Em abril de 1832, sublevaram-se os milicianos e parte do povo pernambucano, induzidos pelo Coronel Martins, que proclamava o regresso de Dom Pedro I. Batidos em apenas dois dias por nossa força naval, tendo a principal parte a escuna sob o meu comando, e também por gente das povoações vizinhas e a força militar existente, tiveram de submeter-se às autoridades, tendo grande número deles se evadido logo que os abandonara o Coronel Martins, que fugiu da cidade. Os revoltosos escaparam de preferência para as províncias limítrofes, procurando abrigar-se próximo do litoral. À minha escuna coube vigiá-los em contínuos cruzeiros e em visitas aos portos da costa. A essa revolução, deram o nome de **Abrilada**.

Sim, lembro muito bem, principalmente do sangue que correu em nosso convés, com dois tripulantes mortos e doze feridos. E também porque logo a Rio da Prata zarpuu para o Ceará, onde outro coronel encabeçava um bando de saudosistas de Dom Pedro I.

Tendo o Presidente Albuquerque, do Ceará, partido para o interior em perseguição ao Coronel Pinto Madeira, fui destacado para o porto de Fortaleza, onde mantive a ordem, havendo permanecido quatro meses e regressado para Pernambuco a fim de estacionar na Barra Grande, para proteger as povoações próximas das depredações do

caudilho Vicente de Paula.

Foi então que fiquei doente pela primeira vez, eu que me considerava, aos 25 anos, um touro de forte.

Adoentado pelo contínuo serviço ativo em lugares insalubres, obtive exoneração do comando da escuna ***Rio da Prata*** e regresssei ao Rio de Janeiro, com escala na Bahia, onde, de cama no Arsenal de Marinha, estive exposto ao bombardeio que fazia o Forte de São Marcelo, guarnecido por sicários do famoso Barata. Uma vez os revoltosos aprisionados, continuei viagem para a Corte, onde cuidei de restabelecer minha saúde.

E voltei a namorar minha sobrinha Maria Eufrásia, que me esperava com a mesma paciência e ternura. Como me esperou ainda mais seis anos, até 1839, ano do nosso casamento. Como casar-me antes disso, se o Brasil continuava a ser sacudido por revoltas do Norte ao Sul?

O País continuou a sofrer motins mais ou menos graves em todo seu litoral, e nossa Força Naval teve de prestar efetivo serviço em cruzeiros e visitas em diferentes pontos, até que, em 1835, rebentaram quase ao mesmo tempo as revoluções do Pará e do Rio Grande do Sul; sendo que, no Pará, com assassinatos: do Presidente Lobo, do Comandante das Armas, Santiago, e da Marinha, James Inglis. Nessa Força Naval, que seguiu para o Norte sob o comando do Chefe de Divisão John Taylor, conduzindo o novo presidente, General Manuel Jorge Rodrigues, fui eu para assumir o comando do brigue ***Cacique***.

Foram quase dois anos de luta para submeter a revolução do Pará. Ali, sim, arrisquei minha vida e de meus subordinados do Cacique em missões quase suicidas. Foi ali que recebi minha promoção a Capitão-Tenente e que adoeci pela segunda vez. Eu, cuja força e resistência física eram

reais, não apenas lendárias. Eu, que nas horas vagas vencida no braço de ferro a todos os homens fortes da Armada e que era capaz, como o provei muitas vezes, de desentortar uma ferradura de cavalo com as próprias mãos, fui derrotado pelo beribéri, essa doença com nome ridículo. E, remetido de volta ao Rio de Janeiro, novamente enfrentei uma movimentada escala revolucionária na Bahia.

XVIII

Salvador, Bahia, novembro de 1837

- Como está a febre, Capitão?

- Acho que cedeu depois de todo esse suadouro, obrigado, Tenente.

- E ainda está disposto a fazer o que me propôs?

- Se vossa mercê me acompanhar, sem nenhuma dúvida.

À primeira vista, o plano é absolutamente maluco. Tendo chegado três dias antes ao porto de Salvador, no paquete *Brasília*, sem saber ter ali ocorrido a revolta dos seguidores do Doutor Sabino, que proclamaram uma república, Joaquim é preso junto com toda a tripulação e passageiros. Como está visivelmente doente, o libertam para buscar tratamento, o mesmo fazendo com os demais, depois de doutriná-los sobre a legitimidade do movimento revolucionário. Agora, num hotel modesto do porto, decidido a não ficar inerte, seu plano é o seguinte:

- Vamos nos fardar e apoderar-nos de um dos navios que eles roubaram da nossa esquadra.

E segue explicando os detalhes ao Tenente José Moreira Guerra, que o escuta como fascinado.

Ao anoitecer, os dois oficiais, corretamente fardados, com espadas à cinta e porte marcial, apresentam-se a bordo da Canhoneira No1, e Marques Lisboa diz ao piloto, com autoridade:

- Vim assumir o comando, por ordem do Governo. E aqui o Tenente Moreira será o meu imediato.

Fala com tal convicção, que o comandante da canhoneira lhe transfere o posto sem desconfiança. Imediatamente, manda erguer âncoras e abrir todas as velas, dirigindo, com ordens curtas e adequadas a manobra para desatracar do cais.

O vento é fraco, mas suficiente para que o barco se movimente em direção à saída da barra. Porém, para que o faça, é necessário vencer a vigilância do Forte de São Marcelo e da Fortaleza do Mar.

Como a noite é clara, neste momento o plano torna-se realmente absurdo, dada a facilidade com que podem ser alvejados pelos canhões. Tensos em seus postos de comando, os dois oficiais legalistas ouvem uma voz autoritária:

Por ordem superior, queira identificar-se e dizer a missão que vai cumprir!

Marques Lisboa empunha o megafone e responde com voz clara e forte:

Canhoneira Número Um em serviço de polícia!

Nenhuma palavra mais é trocada. Pelo vento fraco, aqueles momentos terríveis se prolongam. Sabendo que, a qualquer instante, podem ser postos a pique, prosseguem lentamente em direção ao largo, com as gargantas secas e os olhos fixos nos enormes canhões.

Duas horas depois, apresenta-se com a canhoneira à

Divisão Naval legalista e coloca-se à disposição para participar dos combates. Porém, dado o agravamento do seu estado de saúde, com a febre intermitente subindo a mais de quarenta graus, é mandado para o Rio de Janeiro.

Ali fica em tratamento por três meses. Completamente curado, Joaquim embarca de volta para a Bahia no dia 21 de fevereiro de 1838, na corveta ***Regeneração***, para participar de novas peripécias que põem fim à ***Sabinada***.

XIX

Rio de Janeiro, final da manhã do dia 15 de março de 1897

Por que o dia 15 de março é tão importante para mim? Porque dois fatos me aconteceram exatamente há seis anos e nunca os esqueço. O primeiro foi muito curioso. Desde que vim morar nesta chácara na Gávea, depois de sobreviver à pneumonia que me acometeu aos oitenta anos, comecei a cultivar rosas. Fiz isso a conselho da Princesa Isabel, que me enviou mudas diretamente de Petrópolis. Muitos não se dão conta, mas as flores se assemelham às pessoas que as cuidam. Essas roseiras que vejo daqui da minha janela, brancas, rosas e vermelhas, são bisnetas daquelas que a Imperatriz Teresa Cristina de Bourbon trouxe de Nápoles, onde se casou por procuração com o jovem Dom Pedro II, em 1843.

Como Imediato da Fragata Constituição, a Nau Capitânia da flotilha, estava certo de que participaria da missão de trazer a Imperatriz ao Brasil. Na última hora, fui substituído por razões políticas. Isso porque, em toda a minha vida, embora outros militares do porte de Caxias e Osório tenham exercido cargos políticos, eu me mantive sempre fora desse ambiente que considero irrespirável...

Bem, pois estava eu, no dia 15 de março de 1891, a

regar essas roseiras (aproveitando a ausência da filha e mais outra falta ao trabalho do jardineiro) quando bateram o sino do portão e, como estava mais próximo, fui abrir. Vendo-me em roupas simples de jardinagem, inclusive com um velho chapéu de palha, o cidadão desejou-me os bons dias e perguntou-me, visivelmente nervoso:

- Está em casa o senhor Marquês de Tamandaré?

- Sim - respondi-lhe.

- Preciso falar com ele. Acha que me receberá? Não trouxe carta de apresentação.

- Acredito que sim. Ele não costuma fazer essas exigências.

Deixei o homem entrar no jardim e o acompanhei até a sala de visitas, dizendo que ficasse à vontade. Fui até o meu quarto, refresquei-me, coloquei uma roupa adequada e voltei para conversar com o visitante. Quando ele me viu e me reconheceu, ficou muito atrapalhado, pedindo-me desculpas em voz gaguejada. O que ele queria de mim não me recordo mais, porém o caso (como se diz no Rio Grande do Sul), por indiscrição do próprio postulante, entrou na lenda da minha vida. De forma positiva, acredito, embora não esteja seguro.

O outro fato que aconteceu naquele mesmo dia foi a chegada da resposta ao meu pedido de exoneração, enviado ao Ministro da Marinha em 4 de março de 1891, do qual Maria Eufrásia guardou esta cópia:

Exmo. amigo e camarada Sr. Fortunato Foster Vidal.

Hoje completo o meu 68o ano de praça, por ter sido presente, em 1823, à mostra de armamento da pequena Fragata **Niterói**, comandada pelo benemérito John Taylor, então capitão de fragata.

No período decorrido dessa época para cá, em que por vezes servi em diversas províncias do nosso litoral marítimo e no exterior do País, até obter minha reforma tive a fortuna de desempenhar a contento do Governo todas as comissões de que fui incumbido, sem que tivesse recusado alguma.

Resta-me presentemente o cargo de Conselheiro de Guerra, que exerço há trinta anos, período este em que sou o único membro que tem atingido servir desde a criação do Tribunal, e raros foram os que chegaram a servir metade desse tempo.

Tenho há meses sofrido um forte ataque palustre que me reteve em grande perigo de vida, e me mantém em severo tratamento e cuidados; pelos graves danos que causou em minha organização física, tenho sido privado de poder continuar a exercer tão elevado cargo, no qual procurei sempre desempenhar o espinhoso dever de observar isenção de afeições pessoais e atender só a justiça.

Quando obtive minha reforma, instei com nosso Ministro Wandenkolk para que me concedesse a exoneração de Conselheiro de Guerra, pois que eu conhecia precisar de repouso para minha velhice após longo tempo de serviço, e minha avançada idade de, então, 82 anos. Ele, porém, não atendeu a esse pedido sob o pretexto, benevolência para comigo, de ser o lugar vitalício; e eu tive de me conformar, por poder ainda comparecer ao Tribunal.

Agora que conto mais um ano de idade e que, martirizado pela moléstia, tenho certeza de estar impossibilitado de servir, julgo dever ser excluído do Tribunal.

Por tão poderoso motivo, peço a V. Exa. haja de conceder a exoneração que peço e agradeço como camarada e amigo. Obrigado.

Velho Marinheiro (M. de T.).

A exoneração me foi dada dez dias depois, quando a crise de febre já passara e me encontrava restabelecido. Assim tem sido desde a minha juventude, quando sofri com o beribéri (por deficiência alimentar nas revoluções do Norte) e depois contraí a malária, ou febre palustre. Caxias também sofreu a vida toda desse mal, ocorrendo-lhe a febre, às vezes, em plena batalha.

Uma afirmação que faço nesta carta foi algumas vezes negada por desafetos meus. A de que, em 68 anos de serviço na Marinha, jamais recusei uma comissão que me foi atribuída. Dizem que me neguei a lutar contra os revolucionários farroupilhas, o que nunca aconteceu. Quis a Providência Divina que, nos dois meses e pouco em que estive patrulhando a Lagoa dos Patos, de maio a julho de 1838, nunca a canhoneira sob meu comando, a No13, encontrasse pela frente os marinheiros italianos de Giuseppe Garibaldi. O mesmo condotieri que, exatamente um ano depois, em julho de 1839, enganaria a nossa flotilha, conseguindo entrar com dois lanchões na embocadura do Rio Capivari. Graças ao mínimo calado de suas embarcações, o herói da unificação italiana conseguiu aproximar-se o mais possível do mar, atingindo-o depois de atravessar umas cem milhas de areais, com os lanchões transportados sobre duas enormes carretas, puxadas por uma centena de bois, cada uma. Embora tenha sido nosso inimigo, reconheço essa façanha como prova de muita inteligência e bravura. Mas não hesitaria em abrir fogo

sobre Garibaldi ou qualquer outro farroupilha, se fosse esse o meu dever.

Tanto isso é verdade, que meu irmão Henrique, então tenente-coronel do Exército, estava nas tropas que expulsaram de Laguna o General Canabarro e Garibaldi, destruindo de uma vez a efêmera República Catarinense. Nunca vi o italiano pessoalmente, mas Davi Canabarro sim, quando participou com tropas sob o seu comando do cerco dos paraguaios, no ano de 1865, em Uruguaiana. Ali também estavam os meus primos e conterrâneos de Rio Grande, Generais Manuel Marques de Souza e Antônio de Souza Neto, inimigos ferrenhos de 1835 a 1845. Souza Neto foi quem proclamou a República Rio-Grandense, e Marques de Souza recebeu o título de Barão de Porto Alegre por ter libertado aquela capital do domínio farroupilha.

Meu Deus misericordioso impediu-me de lutar contra meus conterrâneos rio-grandenses, o que eu faria, embora entre eles estivessem parentes e amigos, sem nenhum drama de consciência. Foi aquela uma luta entre irmãos, que poderia ter durado alguns anos menos, caso a proposta de paz feita pelo Almirante Grenfell ao General Bento Gonçalves não tivesse sido boicotada por políticos alcoviteiros da Regência. Acompanhei de perto as tratativas e fui testemunha da lisura da proposta de armistício. E como Grenfell foi demitido por tê-la encaminhado, resolvi também, por lealdade, pedir exoneração do comando que exercia.

Retornando ao Rio de Janeiro, fiquei muitos meses esquecido em funções burocráticas, como evidente castigo por apoiar meu comandante e sua proposta de paz. Foi então que consegui conviver de verdade com minha noiva Maria Eufrásia e de estar ao seu lado quando faleceu sua mãe e minha querida irmã, no dia 3 de outubro de 1838. Passado um período mínimo de luto, estávamos tão apaixonados que decidimos marcar para uma data próxima o nosso casamento.

XX

Igreja Nossa Senhora da Glória, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1839

A noiva está demorando a entrar na igreja. Junto ao altar, em uniforme de gala de capitão-tenente da Marinha, Joaquim olha inquieto para a mãe a seu lado. Como está de luto, totalmente vestida de negro, após pouco mais de quatro meses da morte da filha, temeu que não viesse à cerimônia. Está aqui, certamente, por ser uma mulher de coragem e por se tratar de um momento inusitado na vida de qualquer família: dentro de alguns minutos, seu filho irá casar-se com sua neta. E ambos com trinta e um anos de idade.

Joaquim conhece muito bem a Igreja Nossa Senhora da Glória, a mais próxima da casa onde passou grande parte de sua infância e adolescência. Ao completar um século de sua construção, mantém ao alto da parede em arco as armas do Brasil Imperial: ramos de café e fumo, ladeados pela esfera armilar. Detalhe para recordar aos fiéis que a igreja tem o título de Imperial.

Neste templo casou-se o Príncipe Dom Pedro, em 1817, com a Princesa Leopoldina, da Áustria. Na ocasião, com nove anos de idade, Joaquim acompanhara toda a movimentação de longe, mas lembra-se claramente das

palavras do Professor Carvalho, na aula do dia seguinte, elogiando a noiva:

Sua Alteza Leopoldina de Habsburgo, filha do Imperador Francisco José, Senhor do Império Áustro-Húngaro, agora princesa herdeira do Reino do Brasil, Portugal e Algarves, trouxe para nossa Família Real uma aliança poderosa e para a Corte do Rio de Janeiro sua presença sensível, inteligente e culta. Falando fluentemente, além do alemão, sua língua materna, o húngaro, o francês e o inglês, aprendeu o português nos dois meses que passou a bordo do navio em que veio da Europa. E surpreende a todos pelos conhecimentos que tem da nossa história e geografia, da nossa flora e fauna, tendo-se apaixonado imediatamente pelo príncipe Dom Pedro e pelo Brasil.

Joaquim suspira e espicha o olhar até as duas pias de água benta, em forma de grandes conchas, ao lado da porta de entrada. Aguarda com ansiedade o som do órgão que irá saudar a chegada da noiva. Mesmo assim, admira-se, mais uma vez, com a beleza dos azulejos portugueses, de cor azul-cobalto, representando cenas bíblicas, que ocupam ambas as laterais da nave.

E promete em seu coração fazer a **Pequena Maria** (como ele a chama, na intimidade) feliz no casamento, o que não aconteceu com a princesa austríaca. Numa reação instintiva, o oficial ergue o busto e tem vontade de apertar os copos da espada. Sim, como sofrera a mãe do menino louro e esguio, agora com treze anos, que vive praticamente

confinado no palácio e nos jardins da Quinta da Boa Vista... Depois de influenciar o príncipe a proclamar a Independência, e tornar-se nossa amada Imperatriz, foi ela traída e agredida física e moralmente pelo marido durante os quatro anos seguintes, até morrer em dezembro de 1826, quando o pequeno Pedro tinha somente um ano de idade. Vilipendiada pelo homem que jurara, neste mesmo altar, honrá-la e dignificá-la pelo resto da vida.

Junto aos padrinhos do noivo, diante das imagens de Nossa Senhora e do Menino Jesus coroados de ouro, Francisco Marques Lisboa olha emocionado para o filho. Aquele uniforme de gala foi seu presente de casamento. E também ofereceu ao casal um ano de aluguel da pequena casa que escolheram na Praia do Flamengo. Dinheiro, Joaquim jamais aceitaria, mas ele dará um jeito de colocar uma soma razoável na **corbeille** da neta. Afinal, afastado dos negócios desde que voltara definitivamente do Sul, a indenização que recebera ao transferir a praticagem do porto do Rio Grande, depois de 35 longos anos de serviço, já seria suficiente para uma folgada situação financeira. Mas também vendera os navios mercantes e seus interesses comerciais em Montevideu e no Rio de Janeiro, o que lhe permitia ser considerado um homem rico. Se Joaquim quisesse, teria assumido seus negócios, o que lhe oferecera e fora recusado, ainda uma vez, quando o filho se recuperava daquela doença horrível que trouxera do Norte. Agora ele dependeria somente de seus vencimentos na

Marinha para viver pelo resto da vida. Mas, pelo menos, não estava trabalhando **apenas pela ração**, como naquele primeiro contrato de 1823...

O som do órgão agita os convidados e curiosos que lotam a igreja. Mas é um rebate falso. O fiacre que traz a noiva está subindo lentamente a rampa íngreme do lado norte do antigo Morro do Leripe, junto à Baía da Guanabara, sobre o qual foi construído aquele **chef-d'oeuvre** da arquitetura barroca. Nervoso, José Marques Lisboa, seu pai, tem vontade de surrar o cocheiro com o mesmo chicote que ele usa para bater nos cavalos magros. Alugara aquele landau porque o outro, de propriedade do seu sogro, puxado por dois tordilhos lusitanos, já está no alto do outeiro, depois de ter levado os outros familiares, meia hora antes. Para que toda esta trabalheira?, pensa ele. Este fiasco de chegarmos atrasados, só porque o noivo e a noiva, por uma tradição sem base religiosa, não podem chegar juntos na igreja? Minha roupa interior já está molhada de suor; até o **plastron** vai ficar manchado. Imagino o sofrimento da minha filha com o espartilho apertado e todas essas saias por baixo do vestido de noiva. E ainda vamos subir uns trinta degraus de pedra.

No sopé do morro, o mar esverdeado quebra-se sonolento sobre as pedras. Seu ruído arquejante, estranhamente, parece aumentar quanto mais o fiacre sobe a ladeira, aproximando-se da entrada da igreja. Maria Eufrásia inspira profundamente o ar salgado, os olhos fixos

na ventoinha que se destaca no alto da única torre, contra o azul do céu. Por que um galo e não uma cruz, minha Nossa Senhora? Sim... melhor pensar nessas bobagens e ignorar o nervosismo do meu pai, que já está me contaminando. Tomei um chá de laranjeira e rezei muito para não chorar no meu casamento. Foram tantas lágrimas nos últimos meses... Agora quero devolver a alegria ao rosto de Joaquim, rever aquele sorriso que lhe brilha mais nos olhos do que na boca. Mas acho que sua boca é linda, tão linda que o fiz prometer-me, para o resto da vida, nunca usar bigode nem pera, somente a barba em forma de colar... Meu Deus, estamos chegando. Ajude-me, Nossa Senhora da Glória, ajude-me a não chorar.

Lado a lado, ao som da **Ave Maria** de Schubert, a noiva e seu pai caminham lentamente em direção ao altar. Todos se levantam, os homens olhando o rosto sorridente da noiva e as mulheres concentradas nos detalhes do vestido de seda branca, com bordados sugerindo uma revoada de borboletas. Duas meninas negras, com toucas e vestidos de algodão, seguram as extremidades da longa cauda, evitando que se prenda em alguma aspereza do tapete vermelho.

Os olhos de Joaquim se encontram com os da **Pequena Maria** e seu coração dispara. Como está linda a menininha que brincava comigo de esconde-esconde e subia nas árvores, para me colher a fruta mais alta, sem medo de cair. Juro pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo que serei seu marido

fiel, o pai amoroso de nossos filhos, que nunca abusarei de minha autoridade e de minha força com eles. Juro para mim mesmo, antes das promessas formais, porque só de mim depende a nossa felicidade. Como marinheiro, sei que passarei a maior parte da vida longe dela. Principalmente agora, com essas revoluções provinciais que nunca têm fim... Cabe a mim resistir às tentações que destroem tantos casamentos. Chegou a hora de receber a sua mão, que me foi tão difícil pedir ao pai, meu primo, cunhado, e agora sogro. Sobrinha amada, somente a Marinha, meu primeiro grande amor, poderá me separar de ti. Mas eu sempre voltarei, na saúde e na doença, na guerra e na paz, até que a morte nos separe. Amém.

XXI

Rio de Janeiro, hora do almoço do dia 15 de março de 1897

- *Bom dia, vovô. Que bom que o senhor está bem-disposto. Como dizem os médicos, o apetite é o primeiro sintoma positivo da cura de uma doença.*

- *Bom dia, Henrique. É certo que estou me sentindo muito bem esta manhã, mas o que me aflige, mesmo, é o excesso de velhice, apenas.*

- *Vovô, deixe que eu lhe apresente meu colega Carlos, da Escola de Medicina.*

- *Muito prazer, Carlos Chagas, senhor Marquês, para servi-lo. Henrique insistiu em trazer-me para almoçar, desculpe ter vindo assim sem avisá-lo.*

- *Muito prazer, meu jovem. Mas vamos começar corrigindo o título. Desde 1889, voltei oficialmente a chamar-me Marques, ou Marques Lisboa, Marquês soa mal nos ouvidos dos republicanos... Quanto ao aviso, não se preocupe. Como na canção portuguesa, quem bate a nossa porta vem para a mesa com a gente.*

- *Vovô, a tia Maria Eufrásia me disse que o senhor queria olhar os meus cadernos... Como não sou mais criança, entendi que se tratava de um jogo de palavras, para que eu lhe contasse sobre estes primeiros dias na Escola de*

Medicina... Tenho razão?

- Sem dúvida, Henrique. Mas para quem cria um filho ou neto, ele será sempre uma criança... Depois quero mostrar ao seu colega a fotografia que tiramos juntos quando tu tinhas um ano de idade. Esses vinte anos que vives comigo passaram tão rápido que tenho saudade, mesmo, dos teus cadernos do bê-á-bá.

- Já contei a Carlos como o senhor nos recebeu depois da morte do meu pai, que mal cheguei a conhecer.

- Está bem, está bem... Vamos tomar um cálice de vinho do Porto e falar do presente... e do futuro.

- Vinho do Porto, vovô? Será que o Doutor Hilário aprovaria?

- Veja, jovem Carlos, como o seu colega já sabe fazer cara de médico, pronto a tirar da gente todos os prazeres da vida... Um cálice de vinho por dia abre as coronárias, segundo li num almanaque da farmácia.

- Está bem. Vou pedir para a tia botar no cálice uma gema de ovo.

- Cruzes, Henrique, nada disso! Vamos beber à minha saúde recuperada, e não para me fortificar.

- Desculpe, vovô.

- Nada a desculpar. E não precisa bolir com tua tia, que deve estar na cozinha mandando botar água no feijão. Eu mesmo vou pegar o vinho e tu trazes os três cálices, está bem?

- Sente-se, vovô, e converse com o Carlos. Eu cuidarei de

tudo.

- Muito bem, vamos nos sentar aqui perto da janela... Fique do meu lado direito, por favor. O meu ouvido de bombordo às vezes fica preguiçoso. Mas melhora com o vinho do Porto...

- ...

- Bombordo, o lado esquerdo dos navios, o lado do nosso coração. A luz de bombordo é vermelha, assim como o vinho do Porto. Por isso, em inglês, a palavra *port* significa bombordo.

- Os professores também usam esses jargões lá na Escola de Medicina. Aí a gente finge que entende e pergunta para um colega veterano.

- Por falar nisso, foi duro o trote com vocês, calouros? Henrique não me contou nada.

- Se o sujeito leva a sério, pode ser ruim. Sempre tem algum energúmeno nas turmas de veteranos, que se aproveite para usar de violência.

- Violência?! Alguém teve a audácia de bater em vocês?

- Não, senhor Marquês, de maneira nenhuma. E o Henrique é muito forte e sabe brigar. Desculpe, mas diz que saiu ao senhor.

- Olhe estas minhas mãos. Ainda são enormes, mas perderam a força.

- Talvez, mas o Henrique diz que, aos setenta anos, o senhor se divertia torcendo barras de ferro.

- Exagero do Henrique... E olhe como ele nasceu para

médico! Já trouxe os cálices servidos. Uma indelicadeza com você, que é nosso visitante.

- ...

- Nada disso, vovô. É que a garrafa estava no fim e eu não quis abrir outra.

- Está bem, doutor, vamos acreditar, não é, jovem Carlos Chagas?

- Sim, senhor.

- Então vamos beber ao futuro de vocês dois.

- Nada disso, vovô. Vamos beber ao futuro de nós três.

- Está bem, não vamos discutir de novo, meu neto. Ao longo futuro de vocês e à felicidade do meu futuro, em todos os dias que me restam...

- Saúde!

- Saúde!

- Saúde!

- Diga-me uma coisa, jovem Carlos Chagas, são tantas as ramificações da medicina. Sei que o Henrique tem vocação para professor e apoio seus planos. E você, qual especialidade o atrai mais?

- Ainda é cedo para tomar decisões. Mas sou fascinado por Louis Pasteur e suas descobertas. Meu sonho, logo depois de formado, é fazer um estágio na França.

- Mas Pasteur já morreu, não é?

- Sim, há dois anos, infelizmente. Mas fundou, em 1888, em Paris, o Instituto que leva seu nome e aceita estagiários de qualquer parte do mundo.

- Paris... Eu também estive lá, há muitos anos, à procura de recursos médicos para minha saudosa esposa...

- Beba seu Porto, vovô. Hoje não vamos falar de nada triste.

- Sim, concordamos de só brindar ao futuro... Mas vejam, meus jovens, como estamos atrasados: foi também em 1888 que a Princesa Isabel, depois de meio século da nossa luta abolicionista, assinou a Lei Áurea... Um país socialmente atrasado só pode também o ser no combate às doenças que nos assolam.

- Concordo com o senhor. Por isso, o que mais me atrai na medicina é o microscópio, o desejo de conhecer os agentes das doenças tropicais para melhor combatê-las.

- Pois está na frente de uma das vítimas da malária... Os caboclos do Norte a chamam de Marlene, uma mulher que, depois que gruda em você, não o deixa nunca mais... Podem rir... Eu também acho graça, mas não quando ela, com todo o respeito, vai para a cama comigo.

XXII

São Luís do Maranhão, 4 de fevereiro de 1840

Como ambos esperavam, o encontro é de velhos amigos. Sim, o Coronel Luiz Alves de Lima e Silva e o Capitão-Tenente Joaquim Marques Lisboa se conhecem e se querem bem desde as lutas pela Independência. A partir de então, em terra, no mar e no Rio da Prata encontraram-se muitas vezes, sempre lutando pela mesma causa: a manutenção da integridade da Nação Brasileira. Um nascido na Vila da Estrela, no Rio de Janeiro, a 25 de agosto de 1803; o outro no porto do Rio Grande de São Pedro, a 13 de dezembro de 1807, estão, neste momento, na casa dos trinta anos de idade. E têm que cumprir juntos uma missão muito difícil: sufocar a **Balaçada** que, há quase dois anos, ensanguenta a Província do Maranhão.

A revolta começara em 1838, quando o algodão, principal produto de exportação maranhense, perdeu o mercado externo pela concorrência com o produto mais barato dos Estados Unidos; o que arruinou plantadores e trouxe miséria e fome para a população mais pobre. E foi exatamente da gente miserável que surgiu seu maior líder, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, um fazedor de balaios. A ele se uniram alguns outros, principalmente o vaqueiro Raimundo

Gomes e o quilombola Cosme Bento das Chagas, que conseguiu reunir cerca de três mil escravos fugitivos.

Embora desorganizados e sem objetivos políticos definidos, os **balaios** tinham uma causa comum: a vingança contra os poderosos, que nada faziam para minorar a miséria em que viviam. No entanto, eram tão desorganizados e sem comando único que só deixaram em alerta o Governo da Regência quando tomaram a cidade de Caxias, uma das mais importantes do Maranhão. Desviando então um pouco seus olhos do conflito rio-grandense, principalmente depois de bater os farroupilhas em Santa Catarina, as autoridades do Rio de Janeiro decidiram nomear o Coronel Lima e Silva como novo Presidente da Província e Comandante da Divisão Pacificadora do Norte.

O Capitão-Tenente Marques Lisboa foi mantido no comando da Força Naval, cargo que exercia desde alguns meses com grande precariedade de recursos. Assim, foi ele o primeiro a quem Lima e Silva chamou para um encontro reservado no Palácio do Governo. E agora ali estavam os dois militares conversando à luz de velas sobre a difícil situação.

- Diga-me, Comandante Lisboa, com que unidades navais contamos? Segundo o Ministro da Marinha, você tem cerca de trinta navios em condições de combate. Mas não os vejo aqui no seu relatório.

Joaquim sacode a cabeça, desconsolado.

- Talvez mais que trinta, se for englobada toda a flotilha

em serviço da Bahia até o Pará. Em realidade, aqui no Maranhão, contamos apenas com quinze unidades, como está relatado no meu informe.

Lima e Silva corre os olhos sobre a lista de navios, ali relacionada: Barca a vapor *Fluminense*, a nau capitânia, Brigue *Imperial Pedro*, Brigue Escuna *Guararapes*, Escuna *Netuno*, Cúter *Esperança de Beberibe*, late *28 de Julho*, Lanchas *Vitória, Atrevida e Paraíba*, Canhoneiras Nos 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

- Felizmente o inimigo não dispõe de força naval. Se fosse no Rio da Prata...

A observação é tão pertinente que Joaquim tem que rir. No que é imitado por Luiz, que lhe pergunta imediatamente:

- Do que precisa, com extrema urgência?

- De, no mínimo, mais seis canhoneiras para mantermos um cinto de segurança em torno de São Luís e, com os atuais navios, fazermos uma melhor varredura dos pontos mais importantes da costa, bloqueando estuários e cursos de rios.

- Vou lhe liberar recursos para isso.

- Imediatamente?

- Imediatamente. Como as principais cidades e vilas estão na costa, sua flotilha deve se manter em constante movimento, atacando os revoltosos de maneira concentrada nas posições em que estiverem mais fracos. E logo desembarcando tropas para ocupar esses locais e propor anistia a quem desejar. Nunca entrei num barco a vapor e

pretendo embarcar junto com as próximas tropas que irão entrar em contato com o inimigo. Como funciona essa sua ***Fluminense?***

- Trata-se de um navio mercante adaptado, com baixo poder de fogo, mas com extrema mobilidade. É o que dispõe de mais espaço para transporte de tropas e que pode desembarcá-las, exatamente onde quisermos, sem depender do bom humor dos ventos. Do mau humor dos maquinistas ingleses, cuido eu. Desde 1807, o ano do meu nascimento, que existem navios a vapor. Consolidado o Império do Brasil, sonho com o dia em que nossa Marinha possa equipar-se com eles, até fabricá-los.

Luiz abre outro sorriso.

- Para isso precisamos de nosso Imperador. Alguém que possa, finalmente, pacificar o Brasil. Toda a renda captada pela Regência e empréstimos a juros absurdos com a Inglaterra estão sendo gastos para combater essas intermináveis sedições.

- Mas ele está com apenas catorze anos...

- Fala-se muito no Rio de Janeiro em antecipar a maioridade do Príncipe Dom Pedro. Correm até pelas ruas umas quadras populares que dizem mais ou menos assim: ***Queremos Dom Pedro II, embora não tenha idade, o povo dispensa a lei e viva a maioridade!***

Joaquim fica pensativo.

- Não será perigoso fazer isso? Principalmente para ele, ainda tão inexperiente?

- Sim, será muito perigoso. Mas, que eu saiba, você e eu também sofremos nossos batismos de fogo nessa idade... Na minha opinião, Sua Alteza já tem estatura para ser Imperador. Aqui entre nós, que o amamos, além da aparência física dos Habsburgos, herdou da Imperatriz Leopoldina o temperamento tranquilo e amigável. Tem muita personalidade: como seu falecido pai, sabe se impor nos momentos certos, mas sua inclinação para o diálogo é inata. Sua capacidade de leitura é muito acima da normal e dispõe de uma memória extraordinária. Acredito que esteja dominando perfeitamente uns cinco ou seis idiomas, e seus conhecimentos científicos e humanísticos deixam estupefatos os mais qualificados mestres.

Emocionado, Joaquim apenas sacode a cabeça, concordando. Luiz muda de assunto:

- Diga-me, Comandante, por que, tendo tanta necessidade de novas canhoneiras, você convenceu meu antecessor a construir um hospital?

- Sabe, Coronel, quantos subordinados meus deram baixa nesse novo hospital, apenas na última semana, e todos com febre palustre? Um segundo-tenente, dois sargentos e oito marinheiros. Cada vez que nos aproximamos da foz de um rio ou subimos por ele para combater os **balaios**, a malária faz mais vítimas do que os tiros que levamos. Salvo quando desembarcamos para lutas corpo a corpo, naturalmente.

XXIII

Rio de Janeiro, início da tarde do dia 15 de março de 1897

- Não vai fazer a sesta hoje, papai?

- Não, não. Esta conversa com os meninos me tirou o sono... Mas de maneira positiva.

- O senhor comeu muito pouco. E olhe que o prato principal foi arroz de carreteiro, um dos seus prediletos lá do Rio Grande do Sul.

- Sossegue, minha filha. Comi o suficiente para manter de pé esta carcaça.

- Que horror, papai! Não fale deste jeito. Fiquei feliz ouvindo o senhor contar histórias para Henrique e o colega Carlos. Seu neto me disse, na saída para as aulas da tarde, que ficou orgulhoso do senhor.

- Boa memória eu tenho, graças a Deus, pelo menos para as velharias... Por falar nisso, que papel é esse que tu estás está me trazendo?

- O que o senhor me pediu ontem e custei a encontrar: o convite para as exéquias do Duque de Caxias.

- Sim, sim, ainda hoje cedo pensei muito nele. Deixa ver... Onde estão meus óculos?

- No bolso superior esquerdo do seu fumoir, como sempre... Precisa de mais alguma coisa? Tenho que ir até o

sótão para ver como está a limpeza. Quando descí na cave para pegar outra garrafa de vinho, fiquei apavorada.

- Vá, vá em paz.

Rica filha, como dizia a Pequena Maria. Sem ela, eu já teria ido ao encontro da sua mãe há muito tempo. Minha mulher morreu no dia 1o de agosto de 1869. Sempre agosto, o mês do desgosto. Mais quatro meses e se completarão 28 anos... Quase o mesmo tempo que tivemos de casamento. Isso se eu contar os anos de casados por inteiro, porque, na verdade, o meu mais longo casamento, de 68 anos, foi com a Marinha...

Duas semanas depois do casamento, após quase nove meses sem comissão, fui nomeado para comandar o brigue-barca 29 de Agosto (o mês do cachorro louco, outra vez), deixando minha mulher em lágrimas e já esperando o nosso primeiro filho, como vim a saber três meses depois. Fiquei esse período incorporado à Força Naval estacionada em Montevideu, que tinha por finalidade impedir que os farroupilhas recebessem armamentos do exterior. Ao retornar, mal tive tempo de passar alguns dias com minha mulher, sendo imediatamente enviado para o Maranhão. Foi por carta recebida em São Luís, em fins de novembro de 1839, que fiquei sabendo do nascimento de Joaquim, nome que havíamos escolhido de comum acordo, ou Francisca, se fosse uma menina. Como é de antiga tradição na Marinha, com grande emoção bati o sino na praça d'armas e ofereci de beber aos oficiais da tripulação da Fluminense. Um mês

depois, por ironia, na véspera de Natal, recebi outra carta, esta com a tinta borrada de lágrimas, em que fiquei sabendo da morte prematura do nosso menino. Naquela hora, somente a fé cristã e o patriotismo me impediram de deixar os balaios destruírem o Maranhão, até desertando, se necessário fosse, e voltar para junto da minha mulher.

Mesmo não duvidando do meu patriotismo, juro que foi a vontade divina que me deu forças para manter-me em meu posto, enviando-nos dois meses depois o Coronel Lima e Silva para assumir a Presidência da Província. Junto dele, sob o seu comando, lutei ainda contra os balaios de fevereiro de 1840 a janeiro de 1841, quando o Brigadeiro Lima e Silva declarou pacificado o Maranhão. Sim, ele recebera durante a árdua campanha a merecida promoção. Também eu naquele momento já fora promovido a capitão de fragata. Mas a grande homenagem estava reservada a Luiz Alves de Lima e Silva no seu retorno ao Rio de Janeiro. Como ele previra e desejara, Dom Pedro II subira ao trono, alguns meses antes, em julho de 1840. E foi o Imperador, de apenas quinze anos de idade, quem outorgou a seu antigo mestre de esgrima e equitação o mais que merecido título nobiliárquico de Barão de Caxias, em recordação à cidade maranhense que se tornara um símbolo de nossa vitória contra a Balaiada.

Nesta minha velha pasta, ainda guardo a cópia do ofício que Caxias me remeteu, em resposta a expediente que lhe enviara logo após declarada a pacificação. Deixa primeiro

colocar meus óculos. Cruzes! Melhor limpá-los bem com o lenço... Agora, sim, posso mergulhar nos tesouros desta pasta, que só o são para mim. Vejamos, não é esta carta, nem esta... Aqui está! Uma folha só, como era o estilo dele, sempre prático e objetivo:

Aprovo quanto V.S. expõe em seu ofício de 22 do corrente, sob o no 10, acerca da redução na Força Naval desta Província, por já estar ela pacificada, e passo a dar nesse sentido as necessárias ordens ao inspetor do Arsenal da Marinha; e como por essa redução na Força Naval de que V.S. é digno comandante, desnecessário se torna nesta Província um oficial de sua patente, vou rogar ao Exmo. Sr. Ministro da Marinha que o remova, levando igualmente ao conhecimento de Sua Majestade o Imperador o seu zelo, atividade, honra e todos os importantes serviços prestados nesta parte do Império por V.S. durante a crise revolucionária, a fim de que Sua Majestade o Imperador lhe dê o merecido prêmio. Cumpre-me desde já agradecer a V.S. a sua valiosa coadjuvação na pacificação desta Província, e louvar-lhe sua inteireza de caráter, prontidão em cumprir todas as ordens, e disciplina que sempre manteve nas Forças do seu comando.

Deus guarde a V.S.

Palácio do Governo da Província do Maranhão,

28 de janeiro de 1841.

Luiz Alves de Lima e Silva.

Quase dois anos depois do meu casamento, graças à fidalguia daquele que viria a ser o único Duque do Império do Brasil, abria-se a perspectiva de meu retorno ao seio da família. Mas como ainda me restava a missão de revisar todas as cartas náuticas que mandara atualizar sobre a

topografia da costa do Maranhão, onde desembocam muitos rios em delta com inúmeras ilhas, formando um dédalo difícil de penetrar sem acidentes (como aconteceu com a escuna Rose, que rasgou todo seu fundo numas pedras e foi a pique, mas cuja tripulação teve a ventura de salvar), ainda fiquei alguns meses longe de casa. Também me coube, enquanto esperava as ordens da Corte, pacificar a vila de Icatu, onde cerca de mil rebeldes, acabando de receber o indulto, queriam tomar o poder naquela comunidade. Tratei pessoalmente com eles e com mais uns oitocentos que chegaram, ainda armados, convencendo a todos de que nada sofreriam com a pacificação.

Finalmente, voltei para o Rio de Janeiro, apresentando-me ao Quartel-General da Marinha, no dia 11 de junho de 1841, como está neste documento que guardei. E foi também na noite daquele dia inesquecível que voltei para os braços da minha Pequena Maria.

Meu Deus, aqui está o convite para o enterro do Duque de Caxias, falecido a 7 de maio de 1880... Já se passaram quase dezessete anos, e eu ainda estou aqui. Pelo menos para atestar que, depois do Imperador Dom Pedro II, foi ele o ser humano que mais admirei na minha vida.

XXIV

Porto Alegre, 9 de novembro de 1842

Luiz acorda com a boca seca. Por alguns momentos, não se dá conta de onde está. Seu primeiro sono é sempre profundo. Move-se sobre o colchão duro e a cama estala. Ainda há um fiapo de esperança de que esteja em sua casa, no Rio de Janeiro. Goza esses segundos de dúvida. Também lá os grilos cantam forte. Mas não sente este cheiro de mofo. Nem ouve a correria dos ratos no forro...

Ratos. Teias de aranha. Indisciplina. Tudo reunido no Palácio do Governo. Nome pomposo demais para este casarão que domina o ponto mais alto da Rua da Igreja, na mui leal e valorosa cidade de Porto Alegre.

Completamente acordado, Luiz tateia a mesa de cabeceira em busca da moringa. Cuidara bem que o criado a colocasse ali. Desde a campanha do Maranhão, seu fígado o faz sofrer. Conseguira curar-se da malária graças a sua constituição robusta e à disciplina do tratamento. Mas ainda teme a volta dos acessos febris. Pega a garrafa de cerâmica e tira-lhe a tampa. Procura o copo inutilmente. O criado certamente esqueceu-se de trazê-lo. Dominando a irritação, respira fundo e apoia as costas na cabeceira da cama. Ergue a moringa e bebe diretamente no gargalo.

Água leve e fria. Nenhum gosto de barro. Volta-lhe um pouco do bom humor. Haverá de vencer também nesta

província. Fará expulsar os ratos do telhado. Mandará varrer as teias de aranha. Dará disciplina e brio àquele exército desmoralizado... Não fosse a partida de Giuseppe Garibaldi para o Uruguai, que deixara os farroupilhas sem nenhuma força naval, teria solicitado que o Comandante Marques Lisboa o acompanhasse em mais esta árdua missão. Mas sabe que aqui tudo terá que ser decidido em terra, como o fora em São Paulo e nas Minas Gerais. E que seu amigo fora nomeado para uma tarefa de grande importância: será o imediato da Fragata **Constituição**, que irá buscar em Nápoles a Imperatriz Teresa Cristina depois de seu casamento por procuração com Dom Pedro II.

Luiz estende-se novamente, tentando relaxar o corpo. Doze homens tinham dormido naquela cama desde o início da Revolução Farroupilha. Esse o número de presidentes que passaram pela Província do Rio Grande de São Pedro em sete anos de rebelião. Onze civis e militares afundaram este colchão desde a fuga de Fernandes Braga, em 20 de setembro de 1835. Que erros teriam cometido todos esses homens? Não se afundar nos mesmos atoleiros deverá ser sua preocupação fundamental. Como discutiu muitas vezes com Lisboa, e fora a estratégia essencial no Maranhão, uma guerra não se vence somente com bravura. É preciso planejar todos os detalhes. Não deixar nada ao sabor do acaso.

Luiz pensa em Napoleão e sorri. Até o acaso o corso tentou dominar. Por isso só promovia os oficiais superiores

que tivessem sorte. Os caiporas não faziam carreira à sua sombra. Mas essa preocupação era apenas um detalhe pitoresco do seu temperamento. Enquanto não se deixara amolecer pela lisonja, ninguém o superou em tática de guerra. E o seu maior segredo era estudar a fundo a psicologia do adversário...

Como será realmente o General Bento Gonçalves, o chefe dos rebeldes farroupilhas? Não lhe parece ser um gênio militar. Mas é experiente, equilibrado e detesta a violência inútil. É o único oficial republicano que acredita na infantaria e na artilharia. Os demais comandantes, como Antonio de Souza Netto e Davi Canabarro, só sabem liderar cargas de cavalaria. A mobilidade e o conhecimento do terreno têm sido o segredo de suas vitórias. A dificuldade em obter armamentos e munição, a improvisação tática e a indisciplina justificam a maioria de suas derrotas. Mas Bento Gonçalves, até por ser irmão maçom, lhe merece respeito. Parece-lhe ser um homem leal e cavalheiresco. Será assim mesmo ou essa foi a imagem que seu tio João Manuel lhe havia transmitido?

João Manuel de Lima e Silva fora republicano desde seus tempos de cadete da Academia Militar, no Rio de Janeiro. Servindo como major na época do levante dos farrapos, aderira a ele, mesmo contra seu próprio irmão mais velho, o Regente Francisco de Lima e Silva, pai de Luiz. Por seus conhecimentos militares e indiscutível bravura, fora promovido a General, o primeiro entre os farroupilhas, e

neste posto morrerá assassinado em São Luiz das Missões, em 1837. Mais uma preciosa vida que se fora, enlutando sua família, empobrecendo o Brasil.

Luiz mergulha em profunda meditação. Pacificar o Império é o desejo do jovem Dom Pedro II. E resta agora apenas um foco de rebeldia em todo o território brasileiro, o mais importante de todos: a República Rio-Grandense. Os farroupilhas continuam senhores de mais de metade do território da província. Mas lhes são necessários milhares de cavalos para isso. Cavalos! Um rio-grandense a pé sente-se meio soldado. É preciso perturbar-lhes a remonta. Assenhorar-se das cavalhadas da província e comprar todos os cavalos disponíveis do outro lado da fronteira do Uruguai, onde eles se reabastecem. Este será meu ponto de partida.

Luiz volta a pensar no Imperador. Às vésperas de completar dezessete anos, o menino louro havia crescido, mas seus olhos azuis mantinham a mesma candura da infância. Conhece o essencial das artes marciais e já possui uma cultura humanística extraordinária. Calmo e reservado, se parece muito com sua falecida mãe, sem nada do temperamento explosivo do pai. E sorri, como só ele sabe fazer, para seu antigo professor de esgrima e equitação, logo retomando a seriedade no rosto, onde uma barba loura luta para nascer.

- Meus embaixadores estão inquietos com a política exterior do caudilho Rosas. As Províncias do Rio da Prata estão sendo novamente insufladas a uma guerra contra o

Brasil. Os farroupilhas do Rio Grande de São Pedro já esgotaram todos os limites da nossa paciência. Mas não nos interessa derrotá-los, e sim oferecer-lhes uma paz honrosa quando sentirem que não conseguirão garantir suas próprias fronteiras. Vá lá e termine com aquela revolta, como terminou com as outras.

O dia começa a nascer. Luiz ouve o toque da alvorada, levanta-se, vai até um dos janelões e abre-o com dificuldade. Da sacada, corre o olhar sobre a pobre praça fronteira, detendo-o no casario baixo e nas ruas ainda adormecidas de Porto Alegre. O ar é perfumado. A temperatura amena. Uma brisa encrespa as águas do Guaíba, semeadas de pequenas embarcações. Ele respira fundo e volta para dentro do quarto.

Alguns minutos depois, já fardado, dirige-se ao gabinete da presidência e senta-se à escrivaninha. Medita um pouco enquanto escolhe a melhor pena, mergulha-a na tinta espessa e escreve sua primeira mensagem ao povo da Província de São Pedro:

Rio-Grandenses!

Sua Majestade o Imperador, confiando-me a presidência desta província e o comando em chefe do bravo Exército Brasileiro, recomendou-me que restabelecesse a paz nesta parte do Império, como a restabeleci no Maranhão, em São Paulo e nas Minas Gerais. A Providência Divina, que de mim tem feito um instrumento de paz para a terra em que nasci, fará com que eu possa satisfazer os ardentes desejos do magnânimo Monarca e do Brasil todo.

Bravos Rio-Grandenses! Segui-me e a paz coroará nossos esforços.

Viva a nossa santa Religião! Viva o Imperador e sua augusta família! Viva a Constituição e a integridade do Império!

Palácio do Governo na leal e valorosa cidade de Porto Alegre, 9 de novembro de 1842.

Barão de Caxias

XXV

Rio de Janeiro, anoitecer do dia 15 de março de 1897

- *Senhor, abençoei este alimento, que em Vosso nome estamos recebendo, e abençoei esta família com Vossa Divina Graça. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.*

- *Amém.*

- *Amém.*

- *Amém.*

- *Papai, esta sopa é a juliana à francesa, aquela receita que o senhor tanto gosta.*

- *E foi feita só com legumes tenros da nossa horta, principalmente cenouras e nabos.*

- *Muito digestiva, também.*

- *Ótimo! Assim falaram minhas duas amadas filhas e o meu neto, futuro médico. Também pedi a bênção do Senhor para esta sopa, mas desejo comê-la por prazer e não porque me fará bem à saúde...*

- ...

- ...

- ...

- *Tenho dito, e vamos falar de outras coisas.*

Sempre que elevo o tom com a minha família, me

arrependo. Mas, por amor, eles esquecem que passei a maior parte da minha vida em navios e acampamentos militares. Que, até hoje, prefiro os colchões de crina, duros como pedra, aos colchões macios que destroem a minha coluna vertebral. Que só gosto de comer quando tenho fome, e não porque está na hora. Que...

- Vovô?

- Sim, Henrique.

- Posso lhe fazer uma pergunta?

- Se não for relativa à minha saúde...

- Não é. Apenas uma curiosidade. O senhor fala tanto no Imperador Dom Pedro II e raramente na Imperatriz Teresa Cristina. Como ela era, de verdade?

- Uma mulher inteligente, bondosa, mãe querida de suas duas filhas. E tão apaixonada pelo marido e pela nossa pátria que ganhou o epíteto de Mãe dos Brasileiros.

- Imagino como ela deve ter sofrido quando perdeu o menino Afonso, ainda tão pequenino.

- Sim, Maria Isabel, perder, além do filhinho de três anos, o príncipe herdeiro do Brasil, foi uma tragédia da qual nunca se recuperou completamente. Nós também vivemos esse sofrimento, com a morte do pequeno Joaquim, nosso primogênito. E nem tive o consolo de estar ao lado de tua mãe, naquele momento.

- Papai, é verdade que foi a nossa tia, Baronesa de Japurá, quem ouviu as últimas palavras da Imperatriz?

- Sim, Maria Eufrásia. A esposa do meu primo e cunhado

estava ao pé do seu leito e ouviu quando disse, mais ou menos assim...

- Eu sei de cor, papai. Posso dizer?

- Como não, Maria Isabel? Até porque tens o mesmo prenome da Baronesa.

- Ela me contou, eu anotei e sei que foi assim: Maria Isabel, não morro de doença. Morro de dor e de desgosto. Brasil... terra linda. Não posso lá voltar.

- Por isso nunca perdoei os golpistas de 1889. E ainda mentiram que eu teria me conformado com aquele crime... Há repúblicas que admiro, como a americana e a francesa, que nosso Imperador visitou, sendo muito bem recebido. Mas nunca aceitei aquela traição contra o melhor de todos os brasileiros e sua família... Ainda bem que o meu testamento será o testemunho final dessa lealdade.

Calma, meu coração. Quase oito anos depois daquele dia maldito, e ainda o peito me dói e sinto a mão direita estrangular os copos da espada.

- Vovô! O senhor está sentindo alguma coisa?

- Sim, Henrique, raiva, tristeza, impotência por não poder contrariar as ordens do meu Imperador... Quando fiquei sabendo da morte da Imperatriz Teresa Cristina, lá na cidade do Porto, apenas 43 dias após ter sido expulsa da terra que tanto amou, a vontade que tive foi de sublevar a Marinha... E acredito que o teria feito se essa fosse a vontade do meu Imperador.

- Que o indicou como camarista da Imperatriz Teresa

Cristina ainda antes do título de nobreza...

- Sim, Maria Eufrásia, e concedeu-me o título de Barão de Tamandaré exatamente no dia do aniversário da nossa amada Imperatriz, a 14 de março de 1860. Só lamento não ter ido buscá-la em Nápoles, quando do seu casamento por procuração, em 1843.

- Como assim, vovô?

- Coisas da política. Eu era capitão de fragata e ganhara muito prestígio após a campanha do Maranhão. Assim, fui indicado pelo Ministério da Marinha para imediato da Fragata Constituição que iria, com mais duas corvetas, buscar a Imperatriz no Reino das Duas Sicílias.

- E por que não foi?

- Porque, exatamente nos dias que antecederam a partida, reassumiu como Ministro da Marinha um desafeto meu, Vilela Barbosa, o mesmo que recusara o pedido que fiz, em 1824, para deixar a Escola Naval e embarcar com o Almirante Cochrane na Pedro I, ainda nas lutas pela consolidação da Independência. Acontece que, inconformado, Cochrane fez o pedido diretamente ao Imperador, que o atendeu. Vilela nunca o perdoou por isso, nem a mim.

- Mesmo passados quase vinte anos?

- Sim, Henrique. O Almirante Cochrane, por ser escocês e merecer a confiança de Dom Pedro I, mesmo muitos anos depois do seu retorno à Grã-Bretanha ainda tinha inimigos ferozes, que se vingavam em todos os oficiais de Marinha

que estiveram diretamente sob o seu comando. Foi assim com Taylor, Grenfell e também comigo.

- Então esse Vilela o destituiu do posto de imediato da Constituição?

- Não teve tempo de me desmoralizar com isso. Aconselhado por meu pai, que tinha muito bom senso, dei parte de doente e me afastei da missão.

- Então o meu bisavô ainda era vivo? Que pena que não o conheci.

- Sim, ele faleceu em 1850, com 82 anos. Mamãe já nos tinha deixado em 1844, depois de um casamento feliz de mais de meio século.

- Papai, voltando ao assunto, é verdade que mandaram para Dom Pedro II uma pintura falsa da Princesa Teresa Cristina, antes do casamento? Que ele pensou ser a futura esposa muito mais bonita e depois se decepcionou quando a viu pela primeira vez?

- Sim, Maria Isabel. O Imperador tinha apenas dezessete anos e foi obrigado a casar-se para garantir logo o prosseguimento da dinastia, numa época em que Caxias lutava para pacificar o Rio Grande do Sul e ainda sofríamos outras ameaças internas e externas, como a de Alagoas, que eu viria a sufocar. Como seu pai não fora um bom marido, mesmo casado com uma pessoa admirável como a Imperatriz Leopoldina, não foi fácil para os diplomatas encontrarem um rei que entregasse a Dom Pedro II uma filha em casamento.

- E porque o pai da Imperatriz Teresa Cristina o aceitou?

- Porque seu reino era pequeno e a princesa já estava com vinte anos.

- E não era bonita e mancava de uma perna...

- Por favor, Maria Isabel, mais respeito. Isso foram potins da Corte, invenções de gente maliciosa. É verdade que o retrato foi pintado para melhorar os traços da princesa, astúcias de diplomatas muito comuns até hoje. Mas a jovem Teresa Cristina não tinha nenhum defeito físico, só o andar um pouco desajeitado. E se o Imperador, ainda um menino, realmente decepcionou-se nos primeiros tempos...

- Dizem que ela até pensou em jogar-se no mar, depois do fracasso da primeira entrevista, ainda a bordo da Constituição.

- Vamos parar por aqui, Maria Isabel. A bem da verdade, Dom Pedro II era tão jovem e tão poeta que se apaixonou por um retrato e sofreu uma decepção ao conhecer aquela que já era oficialmente sua esposa. Os reis não casam por amor, e sim por razões de estado, como ele aprendeu à sua própria custa. Porém, nesse particular, além do sangue nobre dos Bourbon, nossa Imperatriz trouxe paz e segurança para a nação brasileira. E depois, mais maduro, Dom Pedro II aprendeu a amá-la pelo seu próprio valor. Foi mãe extremosa de seus quatro filhos, sofreu a perda dos dois meninos com imensa dignidade e criou as filhas à sua imagem e semelhança. E, se nada mais tivesse feito pelo bem do Brasil, basta saber que foi ela a mãe da Princesa

*Isabel, a Redentora, para admirá-la e honrá-la para sempre,
amém.*

- Amém.

- Amém.

- Amém.

XXVI

A bordo da fragata a vapor *Dom Afonso*, 24 de agosto de 1848

Em torno da mesa servida com esmero na praça d'armas estão o Comandante Marques de Souza e seus convidados para o almoço: a Princesa e o Príncipe de Joinville e o Chefe de Esquadra John Pascoe Grenfell.

A Princesa Francisca, irmã um ano e meio mais velha de Dom Pedro II, aos 24 anos de idade está no auge de sua beleza. Morena de longos cabelos, parte deles presos em *chignon*, herdou a suavidade do rosto da Imperatriz Leopoldina, mas com imensos olhos negros. Veste-se esportivamente, como se estivesse numa partida de caça, o que dá destaque à sua esguia silhueta.

O Príncipe François-Ferdinand d'Orléans, filho de Louis-Philippe, o rei derrubado do trono francês há exatamente seis meses, subiu a bordo com o uniforme de vice-almirante. Embora com apenas trinta anos, conquistou esse posto depois de mostrar sua liderança e bravura na guerra do México e de ter tido a honra de transladar, em 1840, os restos mortais de Napoleão Bonaparte da Ilha de Santa Helena para Paris. Nessa viagem, aportara no Rio de Janeiro e fora recebido por Dom Pedro II no palácio da Quinta da Boa Vista, logo depois de sua ascensão ao trono. Ali

conheceu Francisca com quinze anos de idade. Mas, ***le coup de foudre***, a paixão mútua só aconteceu três anos mais tarde, em sua segunda visita ao Brasil. Joinville até antecipou o casamento para o dia 1o de maio de 1843, mudando o plano inicial de viajarem separados e casarem-se em Paris. Quase ao mesmo tempo, realizava-se, em Nápoles, o matrimônio por procuração do Imperador do Brasil com a Princesa das Duas Sicílias. Cinco anos depois, embora eLivros na Inglaterra, o príncipe mantinha o ***panache*** de sua nobreza, sendo de porte elegante e altivo.

O Chefe de Esquadra John Pascoe Grenfell, que servira no Chile e depois no Brasil sob as ordens do Almirante Cochrane e participara das lutas pela Independência e combate às revoltas no período da Regência, é um velho conhecido do Capitão de Mar e Guerra Joaquim Marques Lisboa. Atualmente, ocupa o cargo de Cônsul do Império Brasileiro na cidade de Liverpool. E, dada sua longa experiência náutica, coube-lhe a chefia da Comissão de Construção da Fragata ***Dom Afonso***, primeiro navio a vapor encomendado à Inglaterra pela nossa Marinha.

A Fragata ***Dom Afonso*** está realizando nesta manhã uma pequena viagem de caráter experimental, tendo deixado Liverpool com a tripulação completa e alguns convidados de honra. Trata-se de um navio de guerra misto, com novecentas toneladas de deslocamento, armado em escuna para efeitos de aumento de raio de ação e economia de combustível. Tem como propulsão principal rodas laterais

acionadas por máquina de trezentos cavalos de potência e é armado com dois canhões de calibre 68 e quatro de calibre 32.

O plano é retornar ao local de partida antes da noite. Dado o desempenho impecável do navio nas **curvas de giro** e de **rotação/velocidade** já realizadas, Joaquim dera instruções ao imediato para manter o curso e descera para almoçar com seus convidados. Neste momento, enquanto brindam com cálices de vinho do Porto, seus olhos buscam desviar-se do rosto da Princesa Francisca enquanto responde, em linguagem simples, suas perguntas.

- A senhora certamente já viu muitas vezes uma chaleira com água fervendo.

- Certamente... Na infância, para fugir das aulas enfadonhas do preceptor, às quais Pedro suportava com galhardia, o meu refúgio predileto era a imensa cozinha do palácio.

- Pois muito bem. Quando a chaleira ferve, o que sai pelo seu bico?

- O vapor que queima o dedo das crianças...

Francisca sorri, tão linda, que obriga Joaquim a desviar novamente os olhos.

- Exatamente. Esse mesmo vapor é que faz mover as rodas laterais da **Dom Afonso**, servindo a caldeira como uma chaleira enorme aquecida pelo fogo alimentado a carvão.

- Dito assim, comandante, parece mesmo um brinquedo

de criança...

O Príncipe de Joinville interfere, com seu falar carregado nos erres:

- Para nós, marinheiros, este navio tem mesmo o gosto *d'un nouveau jouet*, de um brinquedo novo. E fiquei admirado com a facilidade com que o senhor comandou suas manobras. Já possuía alguma experiência anterior?

Agora é a vez de Joaquim sorrir e logo readquirir a expressão séria do rosto, ainda muito jovem para seus quarenta anos de idade.

- Infelizmente, sim. Passei dois anos lutando contra os *balaios*, no Maranhão, no comando da *Fluminense*, minha nau capitânia, a vapor, que fora um navio mercante. Desde aí, influenciado também pelo entusiasmo do Barão de Caxias, que embarcou seus soldados muitas vezes naquele navio, dediquei-me a estudar as vantagens dos barcos a vapor que, aliás, existem desde o ano do meu nascimento, em 1807, quando Robert Fulton realizou suas primeiras experiências com o *Clermont* no Rio Hudson, nos Estados Unidos.

É a vez de Grenfell participar da conversa:

- De minha parte, não perdi nenhuma oportunidade de informar nossos superiores do Ministério da Marinha sobre as vantagens do seu emprego, principalmente nos rios, onde as manobras somente à vela são muito difíceis. O Comandante Lisboa sabe muito bem disso, principalmente quando combatemos juntos no Rio da Prata e seus grandes

e pequenos afluentes. Aliás, foi num deles que derrotou, praticamente sozinho, o famoso Comandante Espora...

Neste exato momento, um suboficial irrompe na praça d'armas, presta continência e diz com voz embargada:

- Meu Comandante, o senhor Imediato pede sua presença urgente na coberta... Estamos nos aproximando de um navio em chamas.

Em poucos momentos, deixando os pratos recém-servidos sobre a mesa, todos sobem apressadamente para o convés. E a cena diante de seus olhos é digna da pena de Dante Alighieri.

Imensas chamas, alimentadas por um vento forte, surgido não se sabe de onde, estão devorando as velas de um navio de altos bordos. Pelo óculo de alcance, o Imediato já identificara ser ele o ***Ocean Monarch***, que saiu também aquela manhã do porto de Liverpool, levando centenas de imigrantes para os Estados Unidos. O mastro central tomba e arrasta com ele muitas pessoas para o mar. Outras saltam desesperadas, com as roupas em fogo, e afundam ou se amontoam nas águas revoltas.

Ao aproximarem-se mais, os gritos dos náufragos chegam nítidos aos ouvidos dos tripulantes da ***Dom Afonso***. É quando Francisca aperta o braço de Joaquim, que desvia seus olhos das chamas para o rosto desesperado, ainda mais lindo na sua verdadeira emoção.

- Por favor, salve-os, Comandante! Salve-os, pelo amor de Deus!

XXVII

Rio de Janeiro, início da madrugada de terça-feira, dia 16 de março de 1897

Uma horrorosa catástrofe de que fui testemunha presencial e na qual pereceram 170 criaturas humanas. Felizmente, é para mim também gratíssima consolação referir-me à parte gloriosa do socorro que, em tamanha calamidade, aprouve à Providência Divina reservar ao navio Dom Afonso, da Marinha Imperial e Nacional, permitindo, em sua infinita misericórdia, que por ele fossem resgatados das chamas e das ondas 160 dos nossos semelhantes.

Apenas a dez milhas de Liverpool, lobrigamos um navio de alto bordo envolto em espesso fumo e logo coberto de chamas que, em breve tempo, consumiram-lhe a mastreação e o velame...

Ah, meu coração, como tu recobras o ritmo daqueles momentos terríveis! E como ainda soam em meus ouvidos as palavras da Princesa Francisca: Salve-os! Salve-os pelo amor de Deus!

Dirigimo-nos imediatamente ao navio incendiado, enquanto eu orientava os preparativos que a ciência náutica prescreve para essas emergências. Cabe então ao comandante manter a voz grave e tudo orientar na maior ordem, acerto e precisão. Dirigir e participar da porfia que

coube à nossa gente da Dom Afonso, arriscando suas vidas para salvar as daqueles desgraçados em chamas.

Enquanto não exalar meu derradeiro suspiro, não se me apagará da memória aquele cruel e horroroso quadro... Mas também jamais poderei esquecer os destemidos esforços, a desvelada caridade cristã dos nossos oficiais e dos nossos marinheiros.

Um deles, o Imperial marinheiro Jerônimo, realizou a maior de todas as façanhas daquele dia terrível. Para facilitar a aproximação dos nossos escaleres da proa do Ocean Monarch, ainda não atingida pelo fogo, onde se aglomeravam homens, mulheres e crianças, era preciso fixar um cabo entre os dois navios. Graças à máquina a vapor, manobramos até o mais próximo possível, naquela agitação das ondas. Jerônimo, então, cheio de coragem, lançou-se à água levando a extremidade da espia e, nadando e mergulhando com determinação, conseguiu chegar à proa do navio sinistrado, marinhou por ela e fixou o cabo em lugar seguro. Daí em diante, com arrimo na ligação entre os dois navios, a tarefa dos escaleres tornou-se mais rápida e segura.

No meio de tantas misérias e de tamanho heroísmo, do íntimo da minha alma partiram as humildes ações de graças que rendi ao Criador, por ter permitido que sua clemência e seu misericordioso amparo se revelassem sob os auspícios de uma nossa princesa, à sombra do pavilhão brasileiro, e pelos valentes braços de patrícios meus.

E mais ainda admirei a brava gente brasileira, quando recebemos, dois meses depois, em Liverpool, uma belíssima carta de Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II com merecidos elogios à tripulação da Dom Afonso. Acompanhava a missiva a quantia de cem libras esterlinas em ouro para ser repartida, em iguais partes, entre toda a tripulação. Foi quando, por uma inspiração certamente Divina, tomei a palavra diante da marujada em formação no convés e propus a todos que entregássemos aquela quantia aos miseráveis sobreviventes do Ocean Monarch, que tudo haviam perdido. E todos, todos aceitaram a minha proposta, inclusive os de menor remuneração, muitos deles com lágrimas nos olhos, vibrando de emoção.

É esta a verdadeira Marinha do Brasil! Não aquela que me convocou, com grande descortesia, depois da volta ao Rio de Janeiro, para prestar contas na Repartição de Fazenda, sobre uma despesa de trinta libras que fora obrigado a fazer, ainda na Inglaterra.

No que se refere aos dinheiros públicos, jamais tergiversei, e a prova é de que vivo, até hoje, apenas dos meus vencimentos de Almirante da reserva. Minha fé de ofício está à disposição nos arquivos públicos para quem duvidar dessa afirmação.

Acontece que um navio de guerra não é apenas um artefato de defesa e ataque, uma arma de destruição. Antes mesmo de entrar realmente em serviço, a Dom Afonso provou isso servindo de tábua de salvação a mais de uma

centena de infelizes náufragos. Mas existe outra característica dos navios que os leigos, como aquele Ministro da Marinha de 1849, desconhecem na sua intimidade. Para nós, marinheiros, o navio é a nossa casa, o nosso lar, a nossa alma. É onde despertamos pela manhã, tomamos o desjejum e as demais refeições, onde vivemos às vezes durante meses longe de nossas mulheres e filhos. Uma casa que procuramos manter limpa e confortável, digna dos eventuais visitantes que devem ser recebidos com nossa tradicional hospitalidade.

Quando tomei conhecimento de que Sua Alteza Sereníssima a Princesa Francisca e seu marido, além de príncipe, um vice-almirante da marinha francesa, iriam participar daquela navegada experimental da Dom Afonso, dei-me conta de que a louça de que dispúnhamos era grosseira, indigna da irmã de Dom Pedro II e tia do príncipe herdeiro, falecido em tenra idade, que dera nome àquele navio. Assim, tratei de comprar uma louça adequada, que custou trinta libras aos cofres da nossa corveta a vapor.

Retornando ao Rio de Janeiro, depois de aportar em Recife e colaborar (aí sim como navio de guerra) no combate aos revoltosos da Praieira e antes de salvarmos do naufrágio o navio português Vasco da Gama, recebemos a bordo, no dia 18 de março de 1849, a visita de Sua Majestade o Imperador. Desejou ele até realizar um passeio fora da barra para sentir melhor as reações da nossa máquina e das pás situadas a bombordo e a boreste. Coube

a mim dar-lhe as devidas explicações, o que provocou sentimentos de inveja ao então Ministro da Marinha, um político demissível ad nutum.

Perdoar é a base do sentimento cristão e me envergonho de não haver perdoado Sua Excelência quase meio século depois desses fatos. E isso porque ele feriu-me na minha honra, de forma mesquinha, ignorando todas as façanhas da Dom Afonso e sua tripulação realizadas naqueles poucos meses.

O Senhor Ministro, ao ser servido de um chá da tarde, juntamente com o Imperador em nossa praça d'armas, não prestou a mínima atenção às perguntas técnicas de Dom Pedro II e às minhas respostas, mas sim no lindo conjunto de porcelana disposto sobre a mesa. E tratou logo de instruir o chefe da Fazenda da Marinha para impugnar as minhas contas.

Assim, mal tive eu tempo de abraçar e beijar minha saudosa Pequena Maria e meus filhos e filhas, dos quais morria de saudade, quando recebi a ordem de apresentar-me imediatamente à autoridade fazendária. Ele me fez sentar como visita de cerimônia e, depois de algumas gélidas fórmulas de polidez, alvejou-me com a seguinte pergunta:

- Com que verba e com qual autorização o senhor gastou trinta libras esterlinas com um aparelho de porcelana?

Absolutamente surpreso, respondi-lhe:

- Eu não podia convidar Suas Altezas, a Princesa

Francisca, irmã de Sua Majestade o Imperador, e o Príncipe de Joinville, seu marido, filho de um Rei de França, a serem servidos na louça grossa que fora adquirida para o cotidiano do navio.

Ele não encontrou o que contestar e eu logo prossegui, com os olhos fuzilando de raiva:

- Afora isso, o que há de irregular nas contas do meu navio?

- Absolutamente nada.

- Pois então vou tomar as providências ainda hoje para repor a importância gasta com o aparelho em causa, para cuja aquisição consultei apenas a minha dignidade de comandante, considerado o fim a que se destinava. Peço licença para levá-lo comigo e conservá-lo como a mais grata recordação do meu navio. Farei para isso o necessário expediente.

Enquanto o guarda do tesouro me olhava como um bicho raro, tirei do bolso da túnica um pequeno pacote e desembrulhei-o diante dele.

- Aqui está o presente que recebi do Governo da Grã-Bretanha como recordação pelos atos de heroísmo da tripulação da Dom Afonso no salvamento de 160 náufragos da galera Ocean Monarch. Como se trata de um cronômetro de ouro, incrustado de pequenos diamantes, decidi entregá-lo aos cuidados da Fazenda, embora esteja com uma gravação a mim dedicada.

E, sabendo que certamente aquela autoridade ignorava o

idioma inglês, tive o cuidado de ler a gravação em voz alta, a qual também ficou gravada para sempre em minha memória:

Presented by the British Government to captain Joaquim Marques Lisboa, of the steam Frigate Afonso of the Brazilian Imperial Navy, in testimony of their admiration of the gallantry and humanity displayed by him in rescuing many British subjects from the burning wreck of the ship Ocean Monarch – August – 1848.

A bem da verdade, embora tenha realmente (com ajuda do meu pai) reembolsado as trinta libras esterlinas e recuperado o aparelho de chá (linda lembrança que ainda conservo da Princesa Francisca), o cronômetro me foi devolvido dois meses depois, juntamente com o aviso que me deu a permissão oficial para aceitá-lo.

XXVIII

A bordo da Fragata *Dom Afonso*, surta no Rio de Janeiro, dia 20 de fevereiro de 1849

Joaquim desperta temendo uma nova crise de febre palustre. Senta-se na beira da cama e respira fundo, com cuidado, em meio à escuridão. Sente que as veias do pescoço latejam, mas nada pode fazer além de esperar. Tateia sobre o pequeno criado-mudo e encontra a caneca com água pela metade. Bebe-a em pequenos goles, sentindo-se um pouco melhor.

E se meu coração para numa hora dessas? E nem tive tempo de redigir meu relatório sobre nossa participação na luta contra a revolta *Praieira*. Melhor acender a luz e tratar logo de escrever. Foi para isso que vim dormir aqui, apesar de ainda não ter tido tempo de matar a saudade da minha mulher e dos meus filhos.

Alguns minutos depois, com a câmara do comandante iluminada pela lamparina de carbureto, Joaquim escolhe uma pena de aço, passa a ponta do dedo indicador na sua extremidade e a coloca no suporte de madeira leve. Abre o tinteiro, sentindo o cheiro forte da tinta chinesa, mergulha nele a pena e começa a escrever naquela caligrafia caprichada que aprendera ali bem perto, trinta anos antes,

com o Professor Carvalho. Mesmo com a estabilidade do navio ancorado, ele fecha o tinteiro e o abre novamente a cada vez que precisa renovar a tinta, ou seja, após escrever umas poucas palavras. Prefere assim, para evitar acidentes que lhe borraram o texto em outras ocasiões, com um súbito banzeiro.

A Sua Excelência o Senhor Ministro da Marinha

Quando entrei neste vapor para o porto de Pernambuco, fui logo apresentar-me ao Exmo. Sr. Presidente da Província, do qual soube o crítico estado da capital, ameaçada de ser invadida pelos rebeldes que, ocultando sua marcha sobre ela, tinham assim escapado da perseguição que sofriam das forças sob o comando do Comandante das Armas.

Joaquim não gosta da repetição **comando do Comandante**, pensa em recomeçar o relatório, mas acaba deixando assim mesmo, por dispor de poucas folhas de papel.

Ofereci-me desde logo a S. Exa. para que me empregasse como julgasse conveniente no caso em que os rebeldes efetuassem o louco ataque que se dizia projetado.

Às nove horas da noite desse mesmo dia, me comunicou o Capitão de Fragata Joaquim José Ignacio que o Exmo. Sr. Presidente pedia o desembarque das forças da Marinha, por ter notícia de que os rebeldes estavam em marcha sobre a cidade. Desembarquei logo o mesmo capitão de fragata com toda a força disponível dos navios sob o seu comando e desembarquei eu com os Segundos-Tenentes

Genuíno Augusto de Barros Torrezão e José da Costa Azevedo em dois escaleres, guarnecidos com gente armada e vinte praças mais. Dirigi-me com essa força para o Palácio, onde me apresentei ao presidente para que me empregasse como quisesse.

Joaquim relê o parágrafo e seca cuidadosamente a tinta fresca com o mata-borrão. Aqueles acontecimentos, ocorridos há apenas dezenove dias, retornam à sua mente nos mínimos detalhes. Que sorte a minha, pensa ele, em contar com meu velho amigo e xará Joaquim José Ignacio como adjunto naquela empreitada. Desde a longínqua campanha da Patagônia, quando estivemos presos durante cinco meses e sublevamos juntos o brigue **Anna**, aprendi a admirar a sua capacidade naval, disciplina e coragem. Com ele sob as minhas ordens, tudo foi muito mais fácil.

Na manhã do dia 2 do corrente, quando se realizou a ousada entrada dos rebeldes no bairro de Santo Antônio, favorecidos pelos grupos que tinham dentro do dito bairro, e que de suas casas surpreenderam nossas forças dispersas, obrigando-as a se retirarem sobre o Palácio, deliberou o presidente encarregar-me de ajudar o benemérito Comandante Superior da Guarda Nacional, Francisco Jacinto Pereira, a expelir os rebeldes das posições que ocupavam próximas do Palácio e hostilizá-los o mais que pudesse. De combinação com o dito comandante superior, fiz avançar as forças de Marinha pelas ruas situadas em frente ao Palácio, ajudadas pelas que tinha a Guarda Nacional, ficando imediatamente senhores de todo o terreno entre a Praça...

O que há com a minha memória? Não consigo me

lembrar do nome daquela praça... O melhor é reler as anotações, antes de prosseguir. Vamos ver, aqui estão. Foram feitas no dia seguinte ao combate e com auxílio do Segundo-Tenente Torrezão, que conhece Recife desde menino. Aqui está o nome daquela praça e das ruas e bairros que tomamos. Um erro na denominação de uma simples praça pode desmoralizar um relatório, mesmo autêntico no seu conjunto... Vamos lá.

... da União até a Rua do Sol, do lado da Boa Vista. Então resolvemos sustentar estas posições até que se aproximassem as forças que acompanhavam o Comandante das Armas, para, ajudadas delas e das disponíveis da Boa Vista, cercarmos os rebeldes e induzi-los a renderem-se todos ou perecerem.

Gente valente, aqueles **praieiros**; não se entregavam nunca. Afinal, mesmo inimigos, não posso esquecer que ainda lutam pelas mesmas ideias do meu irmão Manuel, que Deus o tenha, e são brasileiros como nós. Desde o primeiro levante em Pernambuco até agora se passaram 32 anos, e até netos dos primeiros republicanos de 1817 devem ter pegado em armas no Recife. Alguns deles, gente do povo, são descendentes dos heróis de Guararapes que expulsaram os invasores holandeses. Não os desprezo de maneira nenhuma. Mesmo equivocados, eles merecem o nosso respeito.

Às 11 horas, sentimos avançar a força da Boa Vista sobre a ponte

que a liga ao bairro de Santo Antônio; avançamos então por todas as pontes para a Rua Nova, onde fizemos junção com as forças que entraram na Boa Vista.

Com a localização do Palácio na confluência do Beberibe com o Capibaribe, se não fossem as pontes poderíamos ter defendido o Palácio também com as embarcações de pequeno calado, como a **Pernambuca** e a **Urânia**, de que o Comandante Ignacio dispunha. A primeira dessas pontes foi construída há duzentos anos ou mais pelo Príncipe de Nassau, outro inimigo que, embora holandês, merece a minha admiração... Vamos dar mais uma vista d'olhos nas minhas anotações.

Tomei pela Rua da Concórdia com a força de Marinha e vários cidadãos armados. Atacamos e ocupamos o Convento do Carmo e avançamos muito além dele. Desalojamos o inimigo de vários becos e de algumas casas, para com segurança podermos avançar, o que também não era prudente fazer sem que tivéssemos uma linha compacta; avançando de um a outro lado do bairro, resolvi conservar os pontos ocupados e, passando ao lado do Palácio velho, fui daí com uma força de voluntários atacar o Largo do Livramento, donde desalojamos os rebeldes, não avançando mais por falta de gente para ocupar os pontos que tomássemos.

Passei-me outra vez à Rua da Concórdia, onde as forças de Marinha continuavam a sustentar um tiroteio com os rebeldes acobertados por um forte muro. Tomamos mais alguns becos e casas e, como chegasse o Sr. Coronel Bezerra com uma peça de artilharia e um batalhão e começasse a bater o dito muro, continuamos a sustentar o tiroteio até que as forças do Sr. Comandante das Armas,

incorporadas às nossas, desalojaram os rebeldes de todas as posições.

Joaquim relê todo o relatório e pensa em seu amigo Ignacio. Está na hora de dizer umas justas palavras a seu respeito. Medita um pouco e redige o parágrafo seguinte:

O Capitão de Fragata Joaquim José Ignacio, desde o meio-dia, sustentou o ponto do pátio do Convento do Carmo desalojando de vários lugares os rebeldes; neste e em todos os lugares por onde passou e teve de se bater, portou-se com o valor e denodo próprio de um oficial experimentado e de reputação feita no Corpo da Armada.

Uma batida à porta da cabine faz Joaquim erguer a cabeça e notar, surpreso, que a luz do sol já começa a entrar pela vigia. Levanta-se, espreguiça-se, apaga a lamparina e diz com voz forte:

– Pode entrar!

Depois de alguns segundos, a porta se abre lentamente. Um marinheiro surge no seu limiar, prestando-lhe continência:

– Perdoe, Senhor Comandante, mas já são sete horas. O senhor deseja tomar seu café agora?

– Não, Marinheiro Jerônimo, só daqui a meia hora... E diga-me, você não devia estar baixado no hospital da Ilha das Cobras?

– Passei por lá algumas horas e consegui que me dessem

alta. O ferimento é no braço esquerdo e já está cicatrizado.

- Muito bem. Mas cuide bem desse braço; não esqueça que você é um dos melhores nadadores da nossa Marinha.

- Depois do senhor, meu Comandante.

Joaquim sorri e dispensa o marinheiro. É verdade que eu ainda consigo nadar uma milha sem perder o fôlego e ficar dois minutos sem respirar, debaixo d'água. Mas não esqueço as façanhas dele no salvamento do **Ocean Monarch**, que hoje, com 41 anos de idade, eu não seria capaz de realizar... Mas vamos concluir logo este relatório, que meu estômago está roncando.

Todos os oficiais e praças da Marinha que comigo se achavam mostraram-se dignos de pertencerem à corporação que, desde a Independência até o presente momento, tem mostrado a sua dedicação e lealdade à Augusta Pessoa de Sua Majestade o Imperador e a resolução firme de defender as instituições do País em todas as partes em que são atacadas.

Não mencionarei os nomes dos oficiais e mais praças da força que achei estacionada em Pernambuco por deixar isto ao Comandante Joaquim José Ignacio, que devidamente tudo já terá comunicado a V. Exa.; recomendarei por mim os Segundos-Tenentes Genuíno Augusto de Barros Torrezão e José da Costa Azevedo, da guarnição deste vapor, pelo valor e coragem com que se houveram e pontualidade com que obedeciam às ordens que lhes dava. Outro tanto me cumpre fazer dos quatro indivíduos de que consta a relação inclusa que foram feridos em combate.

Deus guarde a V. Exa.

Bordo da Fragata a vapor Dom Afonso, surta no Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1849.

*Joaquim Marques Lisboa
CMG-G - Comandante.*

XXIX

Rio de Janeiro, clarear do dia 16 de março de 1897

- *Como fui parar dentro desta banheira? E a água está morna, como eu não gosto.*

- *Foi o Doutor Hilário que recomendou. Banho frio aumenta a tensão arterial, ele disse.*

- *Mas quem me tirou a roupa, Henrique?*

- *O senhor mesmo, vovô. Não se lembra?*

Miséria... Só me lembro dos banhos de tina dentro da Dom Afonso. Mas apenas em momentos especiais, como aquela vez antes da visita da Princesa Francisca, e sempre com água fria.

- *Henrique? Tu não vais ao colégio, hoje?*

- *Vou, sim. Mas a primeira aula é de Anatomia e só começa às dez horas.*

- *Anatomia... Quando eu tinha pouco mais de quarenta anos, achava que era velho para nadar igual ao Marinheiro Jerônimo, e tinha ainda os músculos de ferro, como provei logo em seguida. Quando nós salvamos do naufrágio aquela nau portuguesa, a Vasco da Gama, eu lutei lado a lado com a marujada durante um dia e uma noite e nem sono sentia quando rebocamos o enorme navio para dentro da Baía da Guanabara.*

- Quando foi isso, vovô?

- Isso o quê?

- Ué? O tal naufrágio que o senhor está contando?

Contando? Eu estava só pensando... Mas agora me deu vontade de contar... Porém não aqui, nu, dentro desta banheira.

- Foi na madrugada do dia 5 de maio de 1849, debaixo de um temporal enorme. Eu ainda comandava a Dom Afonso, que estava ancorada no Arsenal da Marinha, quando me avisaram que a nau Vasco da Gama, tentando entrar na Baía da Guanabara, estava prestes a naufragar... Não. Deixa que eu mesmo me seco. Só me ajuda a sair da banheira. Assim... Vou ficar mesmo de pés descalços, por causa dos joanetes. Impressionante como já faz calor a esta hora. Mal me sequei e estou pingando suor, até debaixo da barba. Deve ser por causa do maldito banho morno.

- Banho de água fria contrai os vasos periféricos e sobrecarrega o coração, o Doutor Hilário disse.

- Então os náufragos da Vasco da Gama que não morressem afogados iriam morrer de infarto? Por sorte não deixamos nenhum cair n'água.

- A água estava tão fria assim, vovô? Deixa que eu o ajudo a colocar o roupão.

- Obrigado... Naquela noite, a água perto do Rio de Janeiro estava como em Cabo Frio. Mas não deixamos a Vasco da Gama ir a pique... Só um escaler dos nossos afundou ao tentarmos descê-lo, o que realmente quase nos

levou o Marinheiro Jerônimo e outros bravos... Tu ainda tens tempo para ouvir esta história?

- Claro, vovô, já lhe disse que só tenho aula às dez horas.

- Aula de que? Não importa. Tu já deves ter me dito. E não vamos fingir um para o outro. Um dia tu vais estudar o cérebro dos velhos muito velhos e poderás descobrir.

- Descobrir o quê?

- Descobrir por que eu me lembro de coisas que aconteceram há quase meio século e nem sei como fui parar dentro daquela banheira, meia hora atrás.

- Eu já lhe disse... Tudo bem, vovô. Alguma coisa na cabeça deve ir se gastando com o tempo, assim como os parafusos perdem a rosca.

- Ah! Por isso dizem que os velhos caducos têm um parafuso frouxo?

- O senhor não está caduco. Se estivesse, não daria essas respostas na ponta da língua e nem se lembraria tão bem dos fatos antigos... Venha, vou acomodar o senhor na sua poltrona, diante da janela. A Tia Maria Eufrásia deixou aquela preciosa caixa de documentos na mesinha ao lado. Eu até andei bisbilhotando.

- Ah, é? E achaste alguma coisa que preste?

- Achei alguns recortes de jornal em inglês contando do naufrágio do Ocean Monarch.

- Tu lêes em inglês, Henrique? Eu também. E o teu francês? Eu ainda me lembro de muita coisa. Até de alguns poemas escritos por Dom Pedro II.

- *Quantas línguas ele falava?*

- *Dizem que dezessete, inclusive o latim, o grego clássico e o hebreu, do qual ele traduziu textos bíblicos. Quanto aos idiomas atuais, eu mesmo o ouvi falando inglês com o Embaixador Thorton, no cerco de Uruguaiana, traduzindo o diálogo de imediato em espanhol para compreensão dos presidentes da Argentina e do Uruguai, os generais Mitre e Venâncio Flores, e em francês para seus genros, o Conde D'Eu e o Duque de Saxe.*

- *Viu? O senhor diz esses nomes todos sem nem pestanejar.*

- *Já te expliquei que os parafusos só estão gastos na ponta... Mas, me diz, qual foi o documento que te impressionou?*

- *Além dos recortes de jornais de Londres, todos elogiando o senhor, achei a cópia de uma carta assinada pelo Comandante da Guarda Nacional de Pernambuco contando de seus atos de bravura nas ruas de Recife, lutando contra os revoltosos **praieiros**, de arma de fogo e espada, com intrepidez e sangue-frio! **E um outro depoimento, este de um oficial de Marinha, relatando que o senhor evitou o fuzilamento de dois prisioneiros, colocando-se em frente deles e protegendo-os com seu próprio corpo.***

- *Sempre respeitei os inimigos valentes, como aquele argentino, o Comandante Espora, e muitos outros, uruguaios e paraguaios, mas, principalmente, brasileiros iludidos pela propaganda republicana. Isso foi em fevereiro*

de 1849, em Pernambuco. Felizmente a última revolta armada contra o Império, dentro do Brasil. Depois tivemos meio século de paz interna e prosperidade, cuja única mancha era a escravatura, até que foi assinada a Lei Áurea e aquela meia dúzia de republicanos, apoiados pelos escravocratas, expulsaram a Família Real do Brasil.

- É verdade, vovô?

- A mais completa verdade. Se não fosse Dom Pedro II, que custeou seus estudos quando o pai dele morreu, o Deodoro nunca teria chegado a general. Mas ele já está morto e não pode se defender; por isso...

- Essa história eu conheço bem, vovô. Eu queria saber se é verdade que o senhor salvou dois escravos que estavam se afogando e depois os libertou.

- Nunca te contei isso? Foi muito simples. Tua avó já estava doente e eu saí para comprar remédios na farmácia quando ouvi uns gritos ali na Praia do Flamengo. Algumas pessoas já se aglomeravam apontando para dois infelizes que estavam se afogando, dois negros cujo caíque afundara.

- E então?

- Então eu me desvesti, da capa até os borzeguins, e me joguei ao mar, que estava muito agitado pelo vento.

- Se pelou ali, na frente de todo mundo?

- Fiquei só de ceroulas.

- E depois?

- Depois eu nadei até junto dos dois homens e eles se

pegaram na minha cabeça, afundando nós os três várias vezes no meio das ondas até que eu consegui acalmá-los e os trouxe nadando até a praia, sempre agarrados em mim.

- Incrível como o senhor conta isso como se não fosse nada... Foi um ato de heroísmo e maior ainda por se tratar de dois escravos...

- Não diga isso, Henrique. Jamais existem escravos para um verdadeiro cristão. Eu, por exemplo, nunca possuí um só escravo ou escrava na minha vida.

- Por isso o senhor deu alforria aos dois... homens que salvou? E como fez isso se eles não lhe pertenciam?

- Fiz isso porque o proprietário deles... que expressão horrorosa... m'os deu de presente depois que os salvei.

- Que história linda, vovô.

- Isso foi no dia 7 de setembro de 1852, lembro bem que os desfiles foram prejudicados pela chuva... Dei a alforria a somente dois seres humanos e ainda levamos mais de três décadas para libertar todos os outros... Henrique?

- Sim, vovô?

- Não vai te atrasar para o... para a Escola de Medicina. Que horas são, agora?

- Há pouco bateram as sete.

- E nem o café tomaste, não é certo? Chegar atrasado é uma vergonha, coisa de mandriões, o que não é o teu caso.

- E o salvamento do navio Vasco da Gama? Quando o senhor vai me contar? Adoro aquela espada de ouro que os portugueses lhe deram de presente.

- Eu também me honro muito dela. Mas me honro ainda mais da Fragata Dom Afonso e de sua tripulação. Depois que assumi seu comando, pela Graça de Deus, eu ganhei muita fama, que sempre busquei repartir com a Marinha e com todos os meus subordinados.

XXX

Rio de Janeiro, dia 12 de maio de 1849

O Doutor Martins recosta-se na poltrona com espaldar de couro e olha atentamente para o cartão de visitas que sua assistente lhe entrega:

Comandante Joaquim Marques Lisboa
Capitão de Mar e Guerra

Embora um médico experiente, cirurgião português atuando com sucesso há muitos anos no Brasil, sente um leve tremor nas mãos. Por isso, firma bem a voz ao perguntar:

- Ainda temos pacientes à espera de consulta?

- Não, senhor. O oficial de Marinha já está cá há mais de hora. Pediu-me para só entregar-lhe o cartão depois que a sala ficasse vazia.

- E como está ele, Afonsina? Pareceu-te nervoso, intranquilo?

- Pareceu-me... normal. Um belo homem que deve andar pelos trinta e poucos anos. Tem o rosto sério, emoldurado por uma barba castanho-dourada, em forma de colar, e olha direto nos olhos da gente, mas com bondade.

- Arguta como sempre, acertaste em tudo, minha cara Afonsina, menos na idade dele: tem 41 anos e cinco

meses... Mas não vamos perder tempo; para não perturbar nosso trabalho, ele já esperou demais.

- Perdão, excelência, mas se trata de um novo paciente? Pareceu-me com tanta saúde...

- Olha-o bem para contares a teus netos, quando os tiveres: trata-se do herói que salvou do naufrágio a nossa nau **Vasco da Gama**.

- Minha Nossa Senhora!

- Avia-te, minha cara, faça-o entrar.

Joaquim, fardado e com espada à cinta, entra no gabinete atapetado em passo marcial. Aperta com firmeza a mão dura do médico e senta-se na poltrona que lhe é indicada. Saindo detrás do enorme **bureau**, o Doutor Martins vem ocupar uma poltrona idêntica, diante dele.

- Comandante Lisboa, não se trata de nenhuma formalidade, tenho **mesmo** um grande prazer em conhecê-lo, embora digam por aí que somos amigos e até que lhe devo favores...

- O prazer é meu em conhecer o cirurgião que tantas vidas tem salvado.

- Algumas, sem dúvida, mas não tantas de uma só vez, quase uma centena, como o fez Vossa Excelência.

- Não mereço essa expressão, meu senhor. Ela está reservada aos almirantes e aos generais, pelo menos, entre os militares... Mas deixe-me dizer-lhe, para não o fazer perder seu precioso tempo, a razão da minha visita. Aliás, duas razões.

- Sou todo ouvidos, senhor Comandante.

Joaquim olha fundo nos olhos verdes do médico, gosta do que vê e procura sorrir.

- A primeira razão é agradecer-lhe pessoalmente pela campanha que está fazendo junto a seus patrícios portugueses para oferecer-me uma espada de honra.

- Nada mais justo, como deixei bem claro na primeira carta aberta que enviei ao senhor Cônsul de Portugal, através do ***Jornal do Commercio***, para alertar os patrícios sobre o meu desiderato.

- Carta que mereceu uma resposta que não o satisfiz...

Martins leva a mão direita à nuca, parca de cabelos, como se fosse coçá-la e, envergonhado do cacoete, volta a entrelaçar as mãos.

- Sei que seu irmão, o ilustre Bacharel Doutor José Marques Lisboa presta relevantes serviços, na Europa, à diplomacia brasileira. Porém, infelizmente, o senhor João Batista Moreira, nosso digno Cônsul, não os está prestando a Portugal, nesta causa específica, exatamente um país conhecido por sua generosidade ao pagar suas dívidas de honra.

- A mim Portugal não deve nada, Excelência. Talvez deva à Marinha Imperial do Brasil, da qual eu e minha tripulação estávamos a serviço quando, pela Graça de Deus, conseguimos rebocar a ***Vasco da Gama*** para o Arsenal de Marinha, onde se encontra hoje em reparos.

- Pois o nosso Cônsul, exatamente nesse particular,

confundi alhos com bugalhos.

- Como assim, meu senhor?

- Tendo ele angariado fundos com portugueses endinheirados do Rio de Janeiro para custear os grandes reparos da **Vasco da Gama**, ofereceu-me (imagine a vergonha!) os eventuais sobejos dessa coleta para ofertar-lhe um mimo qualquer, e não a espada de honra de que o Reino de Portugal lhe é devedor.

- ...

- Em correspondência a ele enviada, disse-lhe que a coleta para a espada de honra não deveria ser feita apelando para a generosidade de alguns portugueses aqui moradores, mas a todos os patrícios, pobres e ricos, que não poderão doar mais do que cinco mil réis por família, quantia limite que até os mais humildes estão a mim entregando com grande espontaneidade.

- Diretamente ao senhor Doutor, um homem ocupadíssimo... E muitos já o fizeram?

- Muitos, sim, um absoluto sucesso. Tanto que tive de pedir a alguns amigos para me ajudarem na coleta, e já encomendamos a espada de honra, uma peça riquíssima, toda de ouro cinzelado, em feitio de gládio antigo, segundo modelo sugerido por mim ao escultor francês, **Monsieur Perrin**, que Vossa Excelência talvez conheça.

- Meu Deus...

- Como disse, essa generosidade nas boas causas faz parte da alma da gente portuguesa. Aliás, como o sabe

muito bem o senhor que porta com honra o nome Marques Lisboa, herdado do ilustre português, seu amado pai, hoje em vetusta idade.

- Obrigado, Doutor. Mas essa sua afirmativa anula a segunda razão de minha visita em que pretendia pedir-lhe que desistisse do seu propósito...

- Nós os cirurgiões temos de ser rápidos e precisos, como, aliás, o foram o senhor e sua tripulação... Diga-me, é verdade que recebeu a notícia do perigo do naufrágio em sua própria casa, na madrugada do dia 5 de maio?

- Sim. Fui acordado por um marinheiro da **Dom Afonso** com uma mensagem oriunda do Arsenal da Marinha, que fora alertado pelos comandantes do navio inglês **Hidra** e da corveta portuguesa **Íris**, sobre a situação da **Vasco da Gama**, batida por enormes vagalhões, prestes a soçobrar.

- E qual foi a atitude de Vossa... do senhor Comandante?

- A que me ditava o dever. Pelo mesmo marujo mandei ordens ao meu Imediato para ativar os fogos das caldeiras da **Dom Afonso**, enquanto eu me vestia e prevenia minha mulher.

- Exatamente. O senhor deixou a segurança do lar e, com todo o respeito, o calor dos braços da sua esposa para arriscar sua vida no meio daquela borrasca infernal.

- Dito de uma maneira romântica, foi assim mesmo. Mas a minha esposa foi a primeira a entender que essa era a atitude que eu devia tomar, sendo comandante do único navio surto no porto capaz de cumprir aquela missão.

- Uma verdadeira esposa de marinheiro, como o foram aquelas descritas por Camões...

- Em dez anos de casamento, ela nunca falhou na sua tarefa de manter a retaguarda, de não chorar e alarmar os filhos pequenos contando-lhes dos perigos que somos obrigados a enfrentar.

- Diga-me, Comandante Lisboa (e que melhor nome para um herói a ser homenageado por Portugal?), diga-me, por favor, o senhor arriscou ou não sua vida naquela missão?

- Sim, eu e os meus subordinados, mais eles do que eu. Mais de uma vez, nas dezoito horas em que lutamos juntos, pensei que a **Dom Afonso**, se falhássemos na manobra de abordagem para prender o cabo e rebocar a **Vasco da Gama**, poderia abalroá-la e irmos as duas para o fundo do mar.

- Pois então...

- Pois então, **data venia**, não sou nenhum herói greco-romano para portar um gládio de ouro, que, se concretizada essa ideia, deve ser entregue à Marinha Imperial como um todo e não somente a mim... Aliás, é o que estou lhe pedindo agora, uma vez que não tenho nenhum poder para ordenar-lhe, o que faria imediatamente, se meu subordinado fosse.

Alguns momentos depois de acompanhar Joaquim até a porta, Martins resolve não almoçar. Envia por Afonsina um bilhete afetuoso à sua mulher (afinal, as mulheres dos médicos se assemelham às dos marinheiros), e sai a visitar

algumas pessoas que o estão ajudando na coleta de fundos. Depois vai ao **atelier** do escultor, onde se tarda durante uma hora. Voltando ao consultório, atende mais alguns pacientes, confirma a cirurgia que irá praticar na manhã seguinte, sempre com a visita do Comandante Lisboa a ocupar seus pensamentos. Finalmente, ao entardecer, escolhe a melhor pena, a única de ouro da sua coleção, e redige com letra caprichada mais um artigo para o **Jornal do Commercio**.

EXPLICAÇÃO

O Comandante Capitão de Mar e Guerra Joaquim Marques Lisboa me honrou com sua visita. Não tinha ele sabido a tempo que, na efusão do júbilo que tive por ver como o navio do seu comando havia salvado a nau portuguesa Vasco da Gama, eu tinha proposto a meus patrícios que lhe dessem uma espada de honra em testemunho de reconhecimento para com o Governo do Brasil e de admiração pela intrepidez com que o Sr. Comandante e mais oficiais e marinheiros de seu navio tinham exposto a vida para salvar o nosso.

O Sr. Comandante Marques Lisboa vinha rogar-nos, vinha instar conosco para que nos desinteressássemos do empenho de uma demonstração tal; e para nos decidir, até pareceu indicar-nos que as nossas relações, que ainda agora começam, acabariam agora mesmo. Ele nos quis fazer compreender, com o timbre da maior generosidade, que uma demonstração tão direta à sua pessoa feria, de alguma sorte, os seus companheiros d'armas, que o tinham igualado e, na sua opinião, excedido em dedicação e esforços, arriscando as suas vidas.

Inutilmente lhe quis explicar que uma espada de honra dada pelos portugueses a um oficial da Marinha brasileira não era um brinde

individual; era um tributo de respeito, gratidão e amor a toda a Marinha, e a todos os brasileiros. S. Sa. insistiu muito terminantemente em pedir-me e quase ordenar-me que abrisse mão de semelhante empresa.

Eu quis satisfazê-lo. Saí a consultar as pessoas que me haviam prometido já a sua cooperação, disposto a pedir-lhes que não mais falássemos em tal donativo, porque o Sr. Comandante Joaquim Marques Lisboa já muito satisfeito estava de saber quanto nós éramos gratos ao serviço que nos havia prestado a Marinha Imperial.

A resposta que tive foi que havia já 3 contos de réis subscritos e que esta espada já estava encomendada, conforme modelo que eu tinha dado; que eu podia retirar-me, porque o brinde se havia de efetuar.

Eis aqui o estado desta empresa toda espontânea, a qual dei impulso, e já não posso opor obstáculo. Consentirá, por isso, o Sr. Comendador Joaquim Marques Lisboa em receber tão pequenino testemunho da nossa gratidão à briososa Marinha brasileira, não o tomando como obséquio feito à sua pessoa unicamente, mas como a todos os brasileiros que nos amam como irmãos.

José Vicente Martins.

XXXI

Rio de Janeiro, manhã do dia 16 de março de 1897

Joaquim olha alguns segundos para o rosto daquele homem sorridente, calvo e de barba pontuda, sem reconhecê-lo. Felizmente, seus olhos se deslocam para a maleta que ele segura na mão direita e aqueles dedos manchados de iodo que identificam o visitante.

- Bom dia, Doutor Hilário. Que bons ventos o trazem por aqui?

- Bom dia, Marquês. Já tomou o café da manhã? A casa está tomada por cheiro de pão quente. E eu ainda estou em jejum...

- Mesmo que o tenha tomado, o tomarei de novo em sua companhia. Meu apetite anda ótimo.

- Dona Maria Eufrásia me disse isso e também o jovem futuro colega que encontrei no portão.

- Henrique está cursando Medicina? Que boa notícia! Seu falecido pai ficaria feliz.

O médico sacode a cabeça, um pouco desconsolado, e começa a abrir a maleta.

- Importa-se em tirar o casaco do pijama? Quero auscultar-lhe o coração e os pulmões.

- Logo o que eu tenho de melhor? Ausculta esta cabeça

que acaba de falhar novamente... É claro que eu sei que o Henrique está na Escola de Medicina. Temos conversado muito nos últimos dias.

- Para a idade que tem, sua memória está ótima. Tenho pacientes que nem se lembram do próprio nome. Da cabeça, a não ser em acidentes, ninguém morre... De pneumonia, no entanto, o senhor quase morreu.... Deixe ver, diga bem alto: oitenta e oito!

- Oitenta e nove, doutor!

- Está bem! E se continuar assim, logo vai dizer noventa.

- Que os anjos digam amém... Embora, por mim, este barco velho possa ir a pique. O que me preocupa é o futuro da minha família, de quem sou o arrimo principal.

- O senhor me disse que o Imperador Dom Pedro II também se preocupava com isso.

- Sim, mas eu nunca lhe confessei como sempre vivi com poucos recursos. Essa é a sina dos militares. Se eu quisesse ser rico, teria assumido os negócios do meu pai. Mas já orientei a Maria Eufrásia, que herdará a minha modesta pensão. Que ela não peça nada ao Governo, mas, se oferecerem algo mais, desde que dentro da lei, não recuse.

- E o fígado, como tem se portado? Pela cor dos seus olhos, parece que vai bem.

- Esse é o maior bandido... Não é por acaso que os antigos chamavam os desafetos de inimigos figadais.

O médico ri, enquanto sacode um termômetro e o coloca na boca do paciente.

- Adoro essas analogias anatômicas... Aliás, sempre gostei de entender, de dissecar as palavras. Estetoscópio, por exemplo, este aparelhinho que revolucionou a arte do diagnóstico pulmonar, significa o que vê o peito, do grego sthetos, *peito*, e skopein, *ver*. O termômetro, cuja forma rudimentar existe desde antes de Cristo, quer dizer claramente: o que mede a temperatura. Meu prenome, Hilário, que significa engraçado, inconveniente para a seriedade de um médico, seria ideal para um burlantim...

É a vez de Joaquim rir e depois ficar sério, para não deixar o termômetro cair. Mais meio minuto e o Doutor Gouveia retoma o instrumento e lê sua escala.

- Trinta e seis e dois.

Mas não deixa de colocar a palma da mão direita na ampla testa do paciente.

- É, faz uma semana que não tenho febre... Doutor Hilário, o senhor conheceu um médico português, um cirurgião famoso chamado José Vicente Martins?

- De que época, senhor Marquês?

- Estava no auge em 1849.

- Foi o ano em que meu amigo Rui Barbosa nasceu. Ele na Bahia e eu em Caeté, seis anos antes.

- O Rui Barbosa aderiu ao golpe dos positivistas, embora grande admirador de Dom Pedro II. Depois teve que fugir para a Inglaterra, senão o Floriano Peixoto o tinha posto na cadeia, ou coisa pior. É a famosa autofagia revolucionária: Monsieur Guillotin *decapitado em sua própria guilhotina*.

- Pois eu guardo com extrema veneração o colar da Ordem Imperial da Rosa, que me foi outorgado por Sua Majestade o Imperador.

- Pois então, meu caro amigo, nesse particular somos colegas, pois recebi essa honraria três anos depois do seu nascimento.

- O que me desvanece ainda mais... Diga-me, senhor Marquês, por que me perguntou pelo doutor...

- José Vicente Martins. Foi ele que... Espere um pouquinho, vou bater a sineta para chamar a minha filha.

- Vamos tomar café com pão quente?

- Sim, mas primeiro quero lhe mostrar uma coisa.

Alguns momentos depois, Maria Eufrásia entrega ao pai a espada de ouro. E ele a explica para o médico, que toma seu café com leite ali mesmo, na bandeja de prata colocada sobre o aparador. Aproveitando estar fora da vigilância da própria família, morde o pão com manteiga colocada sem moderação.

- Tem o feitio de um gládio romano, sendo obra coletiva de diversos artistas, principalmente franceses, que viviam no Rio de Janeiro: o escultor Perrin a idealizou e seu conterrâneo Marcandier o fundiu em uma única peça. Outro francês, Trichon, trabalhou nos entalhes. A lâmina também é uma preciosidade artística.

- Que relíquia histórica, meu amigo... E o que tem o meu colega médico a ver com essa maravilha?

- Foi ele que idealizou e recolheu os fundos entre seus

conterrâneos portugueses, na maioria de pequena renda. Mas eu não fiquei com ela, inicialmente, deixando-a sob a guarda da Biblioteca da Marinha. Mas, em 1850, dois meses antes da morte do meu pai, o próprio Imperador deu a ordem para que esta espada ficasse definitivamente comigo.

XXXII

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1850

O corpo magro de Francisco parece diminuto sobre a enorme cama de casal. A mesma onde nasceu Joaquim, em 1807, e que foi transportada, junto com toda a mudança, do Rio Grande para o Rio de Janeiro, em 1835. Nela falecera sua esposa Eufrásia, no dia 19 de setembro de 1844. Daí o grande vazio do leito onde se amaram por longos 55 anos.

Numa das cabeceiras, José Vicente Martins mantém-se tranquilo, ciente de que nada mais pode fazer, a não ser ficar ali para consolar a família. O paciente já recebeu a Extrema-unção e não sente nenhuma dor, ainda sob o efeito da morfina. A mão experiente do médico tateia o pulso, que se mantém fraco, mas regular.

Na outra cabeceira, Joaquim vê que os lábios do ancião se movem e aproxima o ouvido esquerdo, tentando decifrar as palavras balbuciadas:

- *Comendador da... Ordem Militar... da Torre e Espada, que honra... para todos nós..., meu filho.*

- Sim, papai.

- *Não dormi... na noite em que... fiquei sabendo...*

- Sim, papai.

- *Comenda das mais antigas... conferida pela pró...pria Rainha de Portugal em testemunho... da sua bravura ao... salvar o navio... Vasco da Gama.*

- Não se canse, papai, por favor.

- *E eu... eu tentei... roubá-lo da... Marinha..., meu filho.*

- Mas foi o senhor quem me ensinou a pilotar a *Eufrásia*, desde criança... E quem peticionou a Dom Pedro I para que eu fosse aceito na Marinha...

- *Fui egoísta... antipatriota... Até já... confessei esse... pecado...*

Joaquim sente a garganta seca, sem encontrar outras palavras para dizer. Fixa os olhos nos lábios murchos que não se movem mais, no rosto cadavérico, e olha assustado para o médico, que lhe diz com voz tranquila:

- Melhor deixar que entrem no quarto os familiares que quiserem.

- Sim, doutor. Vou eu mesmo dizer a eles.

Levanta-se e caminha até a porta, abrindo-a para a varanda inundada de sol. Alguns familiares ali esperam ansiosos. Sua *Pequena Maria* é a primeira a avançar e pegar-lhe da mão, levando-a aos lábios.

- Alguma esperança?

- Creio que não... Entrem todos os que desejarem. Estão autorizados pelo Doutor Martins.

Joaquim afasta-se da porta, deixando entrar suas irmãs Francisca, Bárbara e Maria Joaquina, amparadas umas nas outras. Sua mulher as segue, ao lado do pai, José Antônio Lisboa. São todos primos uns dos outros, em sua família. Pensa em Maria Eufrásia, Francisco e Manuel, seus irmãos falecidos, e lamenta que Henrique e Vicente, cumprindo

missões no Exército, e José, diplomata de carreira servindo em Paris, estejam longe da casa paterna. Também estão ausentes suas irmãs Joana e Eufrásia, casadas, que também não vivem no Rio de Janeiro. Uma dúzia de filhos, dos quais nove ainda vivos, e dezenas de netos para levar seu nome... Que mais um chefe de família poderia desejar?

Resistindo à vontade de voltar ao quarto, Joaquim encaminha-se para o escritório do pai, ainda impregnado da sua presença. E do cheiro de charuto Havana, do qual nunca se separou. Dominando uma das paredes, à direita do **bureau** ainda cheio de papéis, está o retrato de corpo inteiro que foi pintado, ainda em Rio Grande, quando Francisco Marques Lisboa estava na força de seus 54 anos. O rosto, emoldurado por uma barba em forma de colar, assemelha-se muito ao seu, e a testa ampla e abaulada é exatamente igual. Está vestido a rigor, com **plastron** e gravata borboleta, a sobrecasaca abaixo dos joelhos, a calça de boca larga engolindo os sapatos de verniz. Porta na mão esquerda o chapéu **haut-de-forme** e apoia a direita no sofá onde costumava cochilar depois do almoço. Certamente está tranquilo e feliz porque naquele dia, 22 de novembro de 1822, recebera, por emissário da Corte, a Comenda da Ordem de Cristo, a ele atribuída por Dom Pedro I. Seguramente não fora fácil àquele homem de honra, nascido na Vila do Famalicão, em Portugal, e portando o nome da própria capital do seu país, optar pelo Brasil na hora da nossa Independência. Mas assim fizera o próprio

Imperador, e o Patrão-mor do Porto do Rio Grande imediatamente declarara seu apoio, tornando-se brasileiro por decisão própria.

Antipatriota um homem assim? Pecador quem desejou dar condições ao filho para viver em segurança, administrando os bens da família em lugar de arriscar a vida, muitas vezes **apenas pela razão**, em lugares absurdos como na longínqua Patagônia? Um homem absolutamente honesto em todos os seus negócios, responsável pelo fim dos naufrágios na barra do Rio Grande e que se orgulhava do povo chamar **Beco do Marques** a rua onde vivia? Um marido fiel e dedicado à única mulher da sua vida, àquela menina da cidade de Viamão, que se orgulhava de ser descendente do **Caçador de Esmeraldas**?

De repente, Joaquim retorna aos cinco anos de idade, sentindo-se seguro nos braços do pai. Estão os dois no alto da Torre da Atalaia, em São José do Norte, e Francisco contempla a barra **maldita** com seu óculo de alcance. Firmando o menino no braço esquerdo, deixa-o olhar através da lente para um veleiro que se aproxima com todas as velas enfunadas.

- Gostas dele, Joaquim?

- Sim, papai.

- Então vamos cuidar que ele entre são e salvo em nosso porto.

- Quando vamos navegar em um deles, papai? O senhor me prometeu.

- Muito em breve, meu filho, logo depois do Natal vou te levar para estudar no Rio de Janeiro.

- Posso estudar para ser marinheiro?

Joaquim sente as primeiras lágrimas ardendo em seus olhos. E promete que irá voltar em breve ao alto daquela torre, em São José do Norte. Próximo dela está sendo construída uma pequena igreja. O último sonho de seu pai. Um templo barroco dedicado a Nossa Senhora da Boa Viagem. A quem entregara, ao despedir-se de São José do Norte, a tarefa de proteger dos naufrágios a todos os Navegantes. Inclusive aqueles que a chamam de lemanjá.

XXXIII

Rio de Janeiro, final da manhã do dia 16 de março de 1897

- Não acha que agora chega, papai? O sol está muito forte. E faz meia hora que o senhor está regando essas rosas.

- Tudo bem, minha filha. Só vou terminar o canteiro.

Não sei por que amo estas flores. Em verdade, deveria detestá-las. Foi uma rosa que feriu minha mulher e terminou com a nossa felicidade... Um absurdo. Nós vivíamos ainda na Rua São Clemente quando aquilo aconteceu. Um pequeno acidente que arruinou a sua vida... e a minha.

Nós sempre gostamos de dançar. Desde pequenos, nas festas de São João, imitávamos os adultos dançando a quadrilha. Os meninos batendo o pé de forma rápida e as meninas cruzando as pernas e movimentando os lenços... Ela era do tipo mignon, pequena e graciosa. Dançava com uma leveza de pluma e sempre sorrindo. Não cansava nunca, instando comigo para nova dança cada vez que eu me sentava.

Engraçado... Meus netos continuam gostando das festas juninas, mas nem sabem direito o que é a quadrilha. Pensam que é coisa de caipira, embora seja uma

contradança de origem holandesa que passou para Portugal e chegou até nós há mais de duzentos anos. Aliás, quem a popularizou de verdade foram os franceses, sendo até dançada no Paço, por influência de Jean-Baptiste Debret e outros artistas que cercavam Dom João VI.

Eu adorava ser o animador, o responsável pela condução dos pares e pela coreografia. Era preciso decorar e improvisar versos, principalmente na Quadrilha de Salão que importamos da Inglaterra. Dançávamos nas festas de família e depois na Corte, sempre que havia uma oportunidade. Os grandes salões da Quinta da Boa Vista se prestavam para reunir grupos maiores e bem ensaiados. Homens e mulheres dançavam todos com lenços coloridos nas duas mãos...

- Papai, o senhor está dançando sozinho?

- Eu? De jeito nenhum. Mas estava pensando, sim, nas danças com a tua mãe.

- Venha para a sombra. Fiz uma limonada fresquinha para o senhor.

- Obrigado, minha filha.

- Venha, venha sentar aqui debaixo do caramanchão... E me conte mais sobre a minha mãe. Recordo pouco dela nesse tempo feliz.

- Como está agradável aqui, Maria Eufrásia. E como é bom tirar estes sapatos.

- Quer que lhe faça uma massagem nos pés?

- Não carece, minha menina. E gracias pela limonada.

- É engraçado quando o senhor mistura uma palavra em espanhol na sua fala.

- São hábitos de linguagem que aprendi lá no Rio Grande, ainda criança. Depois aprendi o espanhol de verdade nas diferentes campanhas de guerra, desde a Cisplatina até a da Tríplice Aliança. Só não fui na campanha para derrubar o General Rosas, na Argentina, em 1853.

- E por que, papai? A mãe já estava doente? Foi quando nós fomos todos para Paris?

- Não, nada disso, foi em 1857 que nós fomos buscar recursos médicos para ela na França. Nessa altura o Rosas já estava vivendo no exílio, na Inglaterra. Dizem que ele até organizou uma estância argentina em miniatura, numas terras que comprou por lá. Os ingleses ajudaram a derrubá-lo e depois lhe deram asilo. Sempre paus de dois bicos...

- Foi por isso que o senhor preferiu a França?

- Preferi porque confio mais nos médicos de lá. Eles não curaram esteticamente a tua mãe, mas pelo menos lhe deram mais dez anos de vida...

- Papai, me conte como foi essa história da rosa. Era assunto proibido para as crianças.

- Coisa de bruxa de um conto da carochinha. Tua mãe foi respirar uma rosa e um espinho lhe feriu o interior do nariz. Sangrou muito e depois nunca mais cicatrizou. Formou-se uma espécie de tumor que voltava depois de ser retirado.

- Coitadinha... Lembro dela sempre com um lenço escondendo o rosto.

- Sim, por isso terminou nossa vida social, nossas festas, as quadrilhas que ela nunca mais dançou.

- E de onde saiu essa tal Quadrilha Tamandaré? Foi o senhor mesmo que a inventou?

- Não, essa coreografia foi feita por outras pessoas, bem depois, que puseram esse nome para me homenagear.

- E por que o senhor não foi comandar a Marinha nessa guerra contra o Rosas?

- Por política, má política, péssima política. A gente do Gabinete, do Ministério da Marinha daquela época não gostava de mim... Me tiraram do comando do vapor Dom Afonso e o mandaram para o Prata. Lá, a minha antiga tripulação destacou-se por atos de bravura.

- Que lindo, eles aprenderam com o senhor.

- Eles fizeram ainda melhor. Tiveram a ideia de rebocar os navios a vela, que têm muito mais poder de fogo, mas são difíceis de manobrar nos rios. Arrastados pela Dom Afonso, romperam as defesas platinas e abriram caminho para a vitória final.

- Não conheci esse famoso vapor. Só por aquele quadro pintado em Londres... Que fim ele levou?

- Um triste fim. Na volta da campanha que derrubou Rosas, ele foi atingido por um temporal terrível e naufragou.

- Que pena, papai.

- Esse é o destino dos barcos e dos seres humanos. Felizes os que naufragam com dignidade, como a tua mãe, minha filha.

XXXIV

Paris, outono de 1857

O som do imenso órgão inunda todo o interior da nave. Após a missa, Joaquim e sua família se deixam ficar mais alguns minutos a escutar o fantástico concerto de música barroca. Foram levados até ali por José, seu irmão diplomata que vive em Paris há alguns anos.

Joaquim aperta a mão da *Pequena Maria* e gosta de vê-la com o véu cobrindo o rosto, o que a deixa tranquila até para sorrir. Sua voz sussurrada também reflete como está se sentindo em paz.

- Que lindo, não é? E as crianças estão atentas à beleza da música.

- Sim, querida. Fizemos muito bem em vir aqui antes do Arco do Triunfo, do Louvre e de outros lugares famosos. De minha parte, pedi com todo o fervor a proteção de Notre Dame para a tua saúde. E assim fizeram nossos meninos.

Os cinco filhos estão sentados nas cadeiras logo à frente. Joaquim e Francisco, com dezesseis e oito anos de idade, vestem-se com a mesma elegância do pai e do tio. Maria Isabel, Maria Eufrásia e Francisca, com onze, dez e quatro anos, estão com vestidos leves, aproveitando a temperatura amena. Aproximam as cabeças para trocar opiniões em voz baixa, as três com véus brancos de renda. O som do órgão se transforma em imagens na cabeça de Joaquim, todas

elas ligadas ao mar. Desde as ondas suaves quebrando na praia até as vagas imensas que tentam afundar a nau **Vasco da Gama**. Enxerga até seu primeiro barco, feito com lascas de madeira e mastro de bambu, servindo de vela um lenço velho de sua mãe, que naufragou logo depois de solto nas águas do porto do Rio Grande. A emoção o domina junto com a música, enquanto aperta a mão pequenina da esposa com sua manopla capaz de entortar barras de ferro.

Finalmente, o órgão se cala, deixando um vazio que parece maior sob as colunas góticas que se elevam a cem pés de altura.

Alguns minutos depois, no **parvis** da catedral, todos contemplam a obra monumental iniciada no século XII, ou seja, há quase setecentos anos. José aproveita para dar algumas informações, apontando para o chão.

- Exatamente aqui está o ponto de partida dos peregrinos que viajam meses a pé para Santiago de Compostela. Por isso a rua em frente se chama Saint Jacques, a tradução de São Tiago, em francês.

- ...

- ...

- ...

- Para nós, o mais importante está ali do outro lado desta esplanada; aquele prédio é o Hôtel-Dieu, um dos melhores hospitais de Paris. É ali que serás examinada daqui a dois dias, minha querida sobrinha e cunhada.

- Que boa notícia. Como diplomata, você soube guardá-la

para o momento certo.

- Obrigado, querida. E aproveito para convidar a todos para tomarmos o *pétit déjeuner* naquele *bistrot*, famoso pela qualidade dos seus *croissants chauds*. Ficar em jejum para comungar é mais uma penitência dos católicos praticantes.

Enquanto a filharada, sob o olhar atento da mãe, desmancha uma pequena montanha de pães em forma de meia-lua, José aproveita para entregar um envelope timbrado ao irmão.

- Chegou ontem pela mala diplomática. Está endereçado a ti.

- Por que não me deste cedo para ler, ainda em casa? Pode ser urgente.

- Urgente era vir aqui rezar e comungar pela saúde da nossa Maria Eufrásia. Cada coisa ao seu tempo, como dizia o papai.

Joaquim aproveita a faca ao lado do pires para abrir o envelope. Retira dele uma folha de papel com o mesmo timbre do Ministério da Marinha e começa a ler a carta, datada de 13 de outubro de 1857, com muita atenção. Depois a relê, sacudindo a cabeça, como em negativa.

- Eles não têm cura, mesmo.

- O que foi, se não é segredo?

- Mesmo sabendo que estou em licença, com remuneração mínima, para cuidar da saúde da minha mulher, esses burocratas querem que eu vá até a Bélgica

para escolher e engajar duzentos marinheiros para o serviço da Armada.

- Ainda bem que Bruxelas está apenas a umas doze horas de trem de Paris. Quando foi inaugurada, ainda sob o reinado de Louis Philippe, em 1846, levamos dois dias para chegar lá. Lembro-me que uma das poucas pessoas a se manter feliz a bordo foi a Princesa de Joinville, embora até com o rosto encarvoado.

Num relance Joaquim revê o belo rosto da Princesa Francisca, ***La Belle Françoise*** como a chamam na Corte francesa, e, sem dar-se conta, baixa a voz:

- Tens estado com ela? Ficamos amigos desde o episódio do ***Ocean Monarch***.

- Sim. Os Príncipes de Joinville ficaram teus admiradores depois daquele dia. Estão vivendo em Neuilly, junto ao ***Bois de Boulogne***, deixando o exílio na Inglaterra depois que Napoleão III assumiu o poder.

- Soube que venderam as terras que a princesa recebeu de dote na Província de Santa Catarina.

- Sim. Com a queda do Rei Louis Philippe, pai do Príncipe de Joinville, eles perderam seus bens na França e foram obrigados a se desfazer daquelas terras. Venderam as 25 léguas quadradas para o Senador Schroeder, que fundou naquele local uma colônia de imigrantes alemães com o nome de Dona Francisca.

- Peço-te que lhes envies um cartão meu solicitando uma visita. Logo depois que eu cumprir essa faina em Bruxelas.

- Isso mesmo. Livra-te logo dela e poderás cuidar da saúde da tua mulher.

- Infelizmente, minha missão não vai terminar na Bélgica. O Ministro Saraiva quer que eu supervisione a construção de duas canhoneiras a vapor encomendadas aqui na França e me dá carta branca para que eu faça tomada de preços e de qualidade em estaleiros daqui e da Inglaterra para encomendar mais oito. Isso vai me obrigar, dentro de poucos dias, a atravessar o Canal da Mancha.

- Espero que não a nado, como um maluco andou tentando fazer...

- Talvez sim, pois eles não oferecem nenhum crédito para as minhas despesas.

- Pois escreve a eles recusando-te a cumprir essa tarefa. Embora...

- Embora o quê?

- Essas canhoneiras destinam-se à navegação nos rios Paraná e Paraguai, não é verdade?

- Sim, não é nenhum segredo que o ditador paraguaio está dificultando o trânsito dos nossos barcos para o Mato Grosso, principalmente depois da queda do Rosas, com o qual se entendia bem.

- Pois eu posso te dizer em voz alta o que foi até publicado pela imprensa de Paris: que o **Mariscal** Solano Lopes continua comprando armas aqui na França e até se veste com uniformes iguais ao de Napoleão III.

- **Napoléon le Petit**, como o chamou Victor Hugo.

- Isso tu não podes dizer em voz alta. Por essas coisas, Victor Hugo está e Livros numa ilha inglesa.

- Guernesey, se não me falha a memória. E de lá só prometeu voltar no dia da queda de...

- **Fala baixo, por favor...** Sim, e era para Guernesey que nós enviávamos as cartas de Dom Pedro II quando eu estava na embaixada, em Londres, e de lá recebíamos as respostas para remeter ao Rio de Janeiro. Impossível que Napoleão III não saiba da correspondência assídua do nosso Imperador com um republicano empedernido. O que o torna simpático aos inimigos do Brasil.

- Dom Pedro II e Victor Hugo não devem tratar de política em suas cartas. São dois poetas, dois intelectuais de alta cultura, certamente o que os une é *l'admiration réciproque*.

- Acontece que, além de comprar armas da França, Solano Lopes levou daqui a sua mulher, **Madame** Linch, irlandesa que foi casada com um oficial do exército francês. E ele apaixonou-se por ela exatamente num baile dado por Napoleão III no Palácio de Versalhes.

Neste momento, Maria Eufrásia, que deixara os filhos voltarem ao **parvis** de Notre Dame, curiosos em admirar a estátua equestre de Carlos Magno, dá sua opinião feminina:

- Tenho grande admiração por Elisa Linch. Foi ela quem levou um pouco de civilização para a capital do Paraguai. Na minha opinião, vocês, militares e diplomatas deveriam tratar diretamente com ela, uma mulher genial de apenas 22 anos, a única pessoa que se faz ouvir pelo homem que

tanto assusta o nosso Império. Desde o tempo das cavernas, nós, mulheres, lutamos mais que os homens para manter a paz.

Joaquim e José olham para ela admirados. Seria o ar de Paris?

**Rio de Janeiro, início da tarde do dia 16
de março de 1897**

Os mais famosos médicos de Paris, primeiro do Hôtel-Dieu, depois da Salpêtrière, levaram meses discutindo o caso raro de uma mulher ferida por uma flor. Se concordavam no diagnóstico de tumor traumático da mucosa nasal, discordavam no tratamento: uns recomendando a cirurgia (uma brutalidade que extirparia todo o seu nariz, substituindo-o por uma imitação em borracha) e outros pedindo mais tempo para testar novas drogas, ainda confiando no tratamento clínico.

E eu, pressionado a cuidar de outras tarefas, tendo de deixá-la aos cuidados do meu irmão José e depois do meu sobrinho e cunhado Miguel Maria Lisboa, também diplomata de carreira, que recebeu a minha família por três longos anos na sua casa, em Paris. Jamais pagarei minha dívida com seu querido irmão, mais tarde honrado por Dom Pedro II com o título de Barão de Japurá. Foi ele quem praticamente sustentou a minha família, buscou escola para nossos cinco filhos, acompanhou a Pequena Maria por consultórios médicos e hospitais enquanto eu viajava constantemente entre a França e a Inglaterra, em intermináveis estudos e negociações.

A carta branca que me deu o Ministro Saraiva para encomendar as canhoneiras tinha que ser preenchida com conhecimentos que me faltavam. Embora tivesse comandado dois navios a vapor, a Fluminense, durante a revolta do Maranhão, e principalmente a Dom Afonso, nunca fui um oficial maquinista. Detive-me, assim, num aspecto de vital importância para as canhoneiras manobrem nos rios Paraná e Paraguai: não deviam calar mais de sete pés. Mas também deveriam ser capazes de navegar em mar aberto, para serem utilizadas na imensa costa do Brasil.

Durante alguns meses, sempre voltando a Paris para passar alguns dias com a família, andei de ceca a meca visitando estaleiros para discutir os projetos, o armamento e as guarnições dos novos barcos, todos eles a vapor. Não contava com técnicos brasileiros para me orientar, tendo que estudar, à noite, os nomes em inglês e francês de todas as peças a serem construídas. E o pior: precisava comparar os preços de cada uma antes de decidir-me pelo fabricante.

Finalmente, embora me fosse melhor encomendar as oito canhoneiras na França, onde duas outras já estavam sendo construídas e onde estaria mais próximo da minha mulher e dos meus filhos, optei pelas propostas de dois estaleiros ingleses, encomendando quatro de cada um. Além da qualidade, consegui bons preços porque dispensei os intermediários, o que, depois, deixou-me diante de uma situação inusitada: quiseram dar a mim as comissões polpudas que a eles caberiam.

Pois bem, estando prontas as oito canhoneiras, disse aos fabricantes que aceitava o dinheiro que me ofereciam, mas com uma condição. Construíssem com ele mais duas delas para serem entregues, sem nenhum ônus, à Marinha do Brasil. Feitos os cálculos, eles concordaram, desde que as entregassem antes da montagem final, para que as peças fossem transportadas e essa montagem fosse feita no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Pois bem, embora tenha transformado o dinheiro indigno num bom negócio para o meu país, fui acusado por um jornalista do Rio de Janeiro de ter obtido lucros pessoais com a construção das canhoneiras, o que me deixou furibundo, capaz dos atos mais desatinados. Felizmente, recebi naquela hora o total apoio do meu Imperador e do Ministro da Marinha, tendo este publicado um relatório esclarecedor, que desmentiu as afirmações infames do tal jornalista. Nessa ocasião ficou bem claro que, sem um auxílio de 600 libras que recebi com autorização direta de Dom Pedro II nos últimos meses da construção das canhoneiras, eu não teria conseguido pagar os empréstimos que contraíra com meu irmão e meu cunhado. Isso porque, durante muitos meses de viagens entre a França e a Inglaterra, nada me tinham mandado além dos meus estipêndios de Chefe de Divisão em licença para cuidar da saúde da esposa...

Aliás, até o tratamento médico da minha mulher, única razão oficial da minha presença na Europa, os burocratas do

Rio de Janeiro esqueceram. Tanto assim que, estando prontas a canhoneiras, recebi ordens do Ministério para retornar imediatamente ao Brasil. Ao que me recusei, antes de ter voltado a Paris para avaliar a situação de saúde da Pequena Maria, após a delicada operação a que se submetera. Feito isso, e ciente de que o tratamento pós-operatório estava dando bons resultados, deixei-a aos cuidados do seu abnegado irmão e voltei para o Brasil no comando das canhoneiras Belmonte e Parnaíba, construídas na França.

Na longa viagem até o Brasil, aprovei na prática a qualidade daquelas canhoneiras, que calavam apenas seis pés, mas tinham perfeitas condições de navegabilidade em alto mar. Deslocavam, como todas as demais, 400 a 405 toneladas, tinham propulsão a hélice, 100 cavalos-vapor de força, velocidade de 7 nós, raio de ação de três a cinco dias de operações. O armamento era de dois canhões calibre 68 e quatro calibre 32. Eu mandara colocar na proa das francesas mais um canhão rodízio de calibre 70, para que servissem de bombardeiras. Também, por minha iniciativa, baseado em experiências que li sobre a Guerra da Crimeia, mandei forrar de ferro os cascos, do lume d'água para cima, tornando-as à prova de balas de grosso calibre. Todas essas características iriam ser postas à prova com sucesso, por mim e meus subordinados, nas Campanhas do Uruguai e da Tríplice Aliança. Sem elas, acredito que Barroso não teria conseguido derrotar os paraguaios na Batalha do Riachuelo.

Apresentei-me ao Quartel General da Marinha, no Rio de Janeiro, em meados de junho de 1859, ou seja, cerca de dois anos depois da minha partida. Superado o episódio da acusação infame de ter enriquecido com a compra das canhoneiras, pelo menos superado na minha mente, mas até hoje doendo no meu coração, fui premiado pelos elogios do meu Imperador e do Gabinete Zacarias, reunido especialmente para avaliar a tarefa de que me incumbiram. E o magnânimo Dom Pedro II, exatamente para desmanchar qualquer dúvida da opinião pública, mandou nomear-me Comandante da Divisão que se preparava para acompanhá-lo na sua visita às Províncias do Norte.

Antes da nossa partida, que só aconteceu três meses depois, convocou-me ao Palácio da Quinta da Boa Vista para narrar-lhe um fato de caráter religioso que acontecera na Inglaterra, antes da partida das canhoneiras.

XXXVI

Inglaterra, mês de maio de 1858

Estupefato, o Barão de Penedo, Ministro do Brasil em Londres, encara o oficial de Marinha, sem tirar o *pince-nez*:

- Desculpe-me, meu estimado Chefe de Divisão, mas sua proposta é inaceitável. Bulir em assuntos religiosos é a última coisa que nós, diplomatas, devemos fazer.

Joaquim sustenta-lhe o olhar e contesta com voz calma:

- Mas trata-se de um assunto brasileiro. Batizar os navios é tradição da nossa Marinha, herdada de Portugal, que a pratica desde a época dos descobrimentos.

- Longe de mim ser contra o batismo das canhoneiras. O que pode ser feito, sem nenhum problema, na chegada ao Rio de Janeiro. Fazê-lo em um porto daqui será provocar os melindres do governo britânico, sendo o protestantismo a religião oficial da Inglaterra.

Notando que o embaixador começa a levantar-se, como para encerrar a entrevista, o marinheiro se põe rapidamente de pé e lhe diz com altivez:

- Não concordo com a sua opinião. No tope dos meus navios drapeja o auriverde pendão do Império do Brasil. A bordo deles estamos no prolongamento do nosso território, onde nenhuma embarcação cai ao mar sem ter recebido a bênção da Igreja. Portanto, elas serão batizadas.

- Sob a sua inteira responsabilidade.

- Exatamente, senhor Barão de Penedo. Da qual nunca me eximo, principalmente quando estou no comando.

- Pode estar no comando no mar, porque em terra, por delegação de Sua Majestade o Imperador, a responsabilidade de representar o Brasil é minha.

- Exatamente. Porém, tanto na terra como no mar nosso Imperador jurou, ao ser coroado, manter a Igreja Católica Apostólica Romana.

Naquele mesmo dia, Joaquim é recebido pelo Cardeal Wissman, bispo católico da Abadia de Westminster. A recepção é cordial, uma vez que o prelado estabelecera relações de amizade com Miguel Maria Lisboa quando o diplomata exercera o cargo ocupado agora pelo Barão de Penedo. Depois da troca de palavras formais, o cardeal olhou para o nauta com simpatia:

- Como está nosso excelente Ministro Lisboa? Confesso que sinto falta das visitas que lhe fazia na Legação do Brasil.

- O mesmo me disse ele, em Paris, a respeito das vezes em que ouviu missa oficiada por Vossa Eminência.

- Sim, ele nunca deixou de cumprir seus deveres religiosos, mesmo em missão junto a um governo protestante.

- Exatamente ao contrário do atual embaixador do Brasil.

E, sem meias-palavras, como é do seu feitio, relata ao cardeal os termos da visita que fizera ao Ministro Penedo, naquela manhã. O Cardeal Wissman escuta-o atentamente, com os olhos baixos, levando uma única vez a mão direita

ao solidéu escarlate, acomodando-o melhor no alto da cabeça. Concluído o relato, olha fundo nos olhos castanhos do interlocutor:

- Fico feliz com sua atitude, o que apenas confirma o que o Ministro Lisboa me disse diversas vezes sobre seu respeito ao dogma católico. Quanto ao seu caráter sem jaça, sua coragem moral e física, já o sabia pela imprensa de Londres, que tanto destacou seus feitos, há uns dez anos, no salvamento de mais de uma centena de náufragos do ***Ocean Monarch***.

- Obrigado, Eminência, embora tenha apenas cumprido o meu dever. Como acredito que o esteja também fazendo agora.

- E no que posso ajudá-lo, Excelência?

- Designando um sacerdote para realizar o batismo das canhoneiras. Ele terá, naturalmente, que se deslocar até o porto de Liverpool, de trem, acredito...

Wissman olha fundo nos olhos de Joaquim e diz-lhe com suavidade:

- Sinto não poder indicar-lhe um sacerdote.

- E... perdoe-me, por que não, Eminência?

- Porque, se o permitir, irei pessoalmente realizar o batizado dos barcos brasileiros.

Joaquim sente seus olhos encherem-se de lágrimas, o que só acontece em raros momentos.

- Obrigado, muito obrigado, Eminência.

- Quem lhe agradece sou eu. Graças a seu gesto

resoluto, pela primeira vez depois da Reforma vamos erguer na Inglaterra, em público, a Cruz de Cristo.

Dois dias depois, no dia 12 de maio de 1858, com toda a tripulação formada em posição de sentido, as oito canhoneiras são batizadas com nomes guaranis de oito rios brasileiros: ***Ibicuí, Itajaí, Mearim, Tietê, Ivaí, Iguatemi, Araguari e Araguaia***. O primeiro, o ***rio das areias brancas***, do Rio Grande do Sul; o segundo, o ***rio das pedras que emergem***, de Santa Catarina; o terceiro, ***o mar que corre***, do Maranhão; o quarto, o ***pássaro importante (Euphonia pectoralis)***, de São Paulo; o quinto, o ***rio do homem***, do Paraná; o sexto, o ***rio das canoas emproadas***, do Mato Grosso; o sétimo, o ***rio das araras ou rio das arraias***, denominação de dois rios, no triângulo de Minas Gerais e no norte do Pará; o oitavo, o ***rio dos maracanãs*** (espécie de periquito), que atravessa Goiás, lançando-se no Tocantins (***bico de tucano***) no sul do Pará.

Acompanha o Cardeal Wissman, entre outros sacerdotes locais, o Bispo do México, com quem Joaquim tem o prazer de conversar em espanhol com a mesma fluência com que fala inglês com o cardeal. O prelado mexicano, alguns dias depois, também é incluído no relatório enviado ao Ministro da Marinha, solicitando que seja conferida ao Cardeal Wissman a Grã-Cruz da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, extensiva ao Bispo do México e aos padres que auxiliaram o ofício religioso. Comendas que todos receberam, alguns meses depois, através das respectivas

embaixadas.

As quatro primeiras canhoneiras, sob o comando do Primeiro-Tenente Acioli de Vasconcellos, chegam ao Rio de Janeiro no dia 1o de julho de 1858. As outras quatro, sob o comando do Capitão-Tenente Amazonas, ali chegam em meados de agosto.

Construídas sob a supervisão do Chefe de Divisão Joaquim Marques Lisboa e batizadas na primeira cerimônia católica realizada em público na Inglaterra depois de alguns séculos, foram a seguir incorporadas à Esquadra da Marinha Imperial. A seguir, são colocadas em serviço mais quatro canhoneiras, as duas francesas (***Belmonte*** e ***Parnaíba***) e também as que foram montadas no Rio de Janeiro (***Tramandaí*** e ***Anhembaí***).

A canhoneira a vapor ***Belmonte*** foi uma das naves que participaram da Divisão que escoltou o vapor ***Apa***, a bordo do qual viajaram Dom Pedro II e a Família Real na visita às Províncias do Norte, iniciada no dia 1o de outubro de 1859.

XXXVII

Rio de Janeiro, entardecer do dia 16 de março de 1897

Os dois passarinhos de cor marrom trabalham afanosamente com seus bicos, construindo o ninho em forma de forno de assar pão. Para ver essas cenas é que não dispenso o meu velho óculo de alcance, presente do Comandante Espora. Quando escuto uma galinha cacarejar com insistência, procuro pelo quintal o lugar onde ela botou o ovo para avisar a empregada antes que algum lagarto o devore. O que é o direito dele. Afinal, os lagartos e os passarinhos estavam aqui na Gávea alguns milênios antes da nossa chegada.

Este raciocínio devo a Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II, que respeitava e ensinava a respeitar o ambiente natural. Durante a viagem em que o acompanhei, em outubro, novembro e dezembro de 1859 e janeiro de 1860, ele deu-me as razões por que, nós, marinheiros, devemos respeitar os golfinhos e as baleias, e até mesmo os peixes e as tartarugas, protegendo seus locais de desova. Depois, na subida do Rio São Francisco e, a seguir, quando o calado da canhoneira não mais permitiu, a cavalo pela margem até a Cachoeira de Paulo Afonso, ele deu valor a todos os animais silvestres encontrados, explicando-me como uns dependem

dos outros para manterem o equilíbrio da natureza. Foi quando fiquei sabendo que os maiores predadores das piranhas são os jacarés...

Olha ali! Enquanto o joão-de-barro constrói uma parede do ninho, a sua Joaninha sai a buscar mais barro pelos arredores. Sei quem é o macho, quando estão juntos, porque ele é um pouco maior. Quando o passarinho cansa, ou se enjoa de ficar parado, ela assume a construção e ele voa em busca do material necessário. Depois, quando ela põe e choca os ovos, ele é responsável pela faina de trazer comida.

Muitas vezes, principalmente na juventude, fiquei no cesto da gávea dos antigos veleiros vigiando o mar e a costa. E nunca perdi a oportunidade, quando se me oferecia, de contemplar a fauna do mar e do céu. Mais de uma vez acompanhei um enorme albatroz em voo, o que me permitiu apreciar ainda mais os versos de Castro Alves: Albatroz, albatroz, águia do oceano! Tu que dormes das nuvens entre as gazas, sacode as penas, leviatã do espaço. Albatroz, albatroz, dai-me estas asas!

Depois do vapor Apa zarpar do Rio de Janeiro, comboiado pela flotilha sob meu comando, constituída pela nau capitânia Amazonas e pelas canhoneiras Belmonte e Paraense, foram seis dias em mar aberto com pequenas paradas no litoral até a chegada à Bahia. Em Salvador, Sua Majestade visitou igrejas, quartéis, hospitais e prédios públicos, mas principalmente colégios. O poeta dos

escravos *tinha doze anos e seguramente estava entre os estudantes que saudaram a Família Real. Dom Pedro II tinha enorme preocupação com a qualidade do ensino público e nunca deixou de conversar com alunos e professores, principalmente dos liceus, no Rio de Janeiro e em todas as cidades que visitava. Até assistia aulas, quando possível, estimulando a todos com sua presença. E preparava relatórios sobre a necessidade de melhorar o ensino em todos os rincões do Brasil.*

Desde um menino de cinco anos, no dia 7 de abril de 1831, quando foi arrancado de sua cama no Palácio da Quinta da Boa Vista para ser apresentado ao povo como nosso futuro Imperador, Dom Pedro II foi educado para reinar. Naquela viagem de 1859, em que completou 34 anos de idade, já possuía conhecimentos dignos d'une encyclopédie. Tinha opiniões próprias sobre todos os assuntos de interesse do Brasil, surpreendendo os súditos com frases como esta, que ouvi de seus lábios durante aquela viagem e nunca saiu da minha memória: Sou a favor de eleições livres e ardoroso defensor da educação como instrumento democrático.

Que diferença com os ditos republicanos de 1889, principalmente Floriano Peixoto, tão distante das ideias de Benjamim Franklin ou Danton, e adepto do l'État c'est moi, de Luís XIV. Como iria dizer a ele, quando me apresentei voluntariamente para ser preso, juntamente com outros treze oficiais-generais, em abril de 1892, que Dom Pedro II

disse-me numa ocasião, sem pedir segredo, que teria preferido ser Presidente da República a Imperador? Isso porque se considerava nascido para as letras e ciências e, como Imperador, teria que esgrimir com a política, que detestava, durante toda a vida.

Sua Majestade deixou em Salvador a Imperatriz Teresa Cristina e as Princesas Isabel e Leopoldina, respectivamente com treze e doze anos de idade, e voltou ao navio para realizar um sonho que herdara de seu pai: visitar o Rio São Francisco. Aliás, sua irmã, a Princesa Francisca, que já então me honrava com sua amizade (como até hoje, com mais de setenta anos de vida), recebeu esse nome em homenagem ao rio da integração nacional.

Um momento que jamais esquecerei foi a passagem da barra do Velho Chico, muito perigosa em razão da forte correnteza. Logo depois, a canhoneira que mandei seguir à nossa frente, pelo menor calado, sinalizou com bandeira vermelha a impossibilidade do Apa prosseguir, em razão dos bancos de areia. E ali terminou o conforto do Imperador, que, aliás, o dispensou sem nenhuma queixa. Escolhida a bagagem que iria levar, a transferimos para a canhoneira onde ele embarcou e seguimos em frente.

A primeira parada foi no povoado de Piaçabuçu, na margem alagoana. Já de longe ouvimos o som das rabecas e vimos o cuidado que tiveram em enfeitar as pequenas ruas com bandeiras coloridas. Quando o Imperador misturou-se ao povo, destacando-se de longe por sua

elevada estatura, pelo uniforme de Primeiro-Almirante e pela barba dourada que lhe vinha até o peito, muitos ribeirinhos se ajoelharam, extasiados com sua imagem patriarcal.

No trajeto a montante do rio, Sua Majestade estava atenta a todos os detalhes, tendo observado que havia muito mais mulheres do que homens entre as pessoas que acenavam das margens. Também anotou, para identificar mais tarde em seu livro de botânica, a abundância de árvores com flores cor-de-rosa, parecendo estarem ali de propósito para tão histórica ocasião.

A cidade de Penedo foi a que mais impressionou o Imperador nesse trajeto, tendo dito em público, o que encantou seus habitantes, que deveria ser a capital de Alagoas. Entre as recordações que tenho mais marcantes, além do vai e vem de riquezas no seu movimentado porto, como salientou Sua Majestade, foi a missa que assistimos na Igreja Nossa Senhora da Corrente. Uma das mais lindas do Brasil, além de seu valor arquitetônico e da riqueza de seus altares cobertos de ouro, a igreja chamou a atenção de Dom Pedro II por dois aspectos primordiais. O primeiro, é que não existe na liturgia católica essa denominação para a Virgem Maria, acreditando-se que foi inventada para proteger os navegantes das temíveis correntes do Rio São Francisco. Mas a outra, que me segredou o Imperador, é que, no passado, a igreja serviu de refúgio a muitos escravos fugitivos, livres das correntes, a caminho do

famoso Quilombo dos Palmares. E disse-me isso porque nunca lhe escondi minhas ideias abolicionistas.

Como Sua Majestade também nunca escondeu as suas, tendo doado várias vezes nessa viagem (principalmente na localidade sergipana de Propriá) dinheiro para comprar alforria de escravos. Aliás, foi de suas mãos que recebi, dez anos depois, uma cópia do poema monumental do jovem Castro Alves, O Navio Negreiro.

XXXVIII

Rio São Francisco, mês de outubro de 1859

O que faz um Imperador montado a cavalo em pleno sertão alagoano? Felizmente, para Dom Pedro II, a equitação, como a esgrima, lhe era familiar desde menino, quando teve como instrutor o atual Marquês de Caxias. Somente o cavalo parece muito pequeno para seus seis pés e quatro polegadas de altura.

Em 11 de setembro de 1859, durante sessão imperial, o Imperador deixara bem claro os seus objetivos:

Para melhor conhecer as Províncias do meu Império, cujos melhoramentos morais e materiais são alvo de meus constantes desejos e dos esforços do meu governo, resolvi visitar as que ficam ao norte do Rio de Janeiro.

É o que está fazendo **de verdade** ao penetrar no Rio São Francisco, navegando até onde foi possível no vapor **Pirajá** e deixando no seu diário observações argutas, como a que condena as **tapagens**, as barragens de terra que considerou **nocivas à procriação dos peixes**.

Nunca escondeu o desejo, desde que seu professor de Geografia lhe mostrou uma cópia litográfica do famoso quadro do holandês Frans Post, de conhecer a Cachoeira de Paulo Afonso. Além da brancura açucarada da água caindo

de 240 pés de altura, encantou-o a beleza das cores retratadas pelo paisagista: o azul metálico do céu, bordado de nuvens algodoadas, os verdes opacos, a intensidade da luz...

Para ver tudo isso com seus próprios olhos, está disposto a enfrentar alguns dias de cavalgada, de intenso calor e desconforto, dormindo em acampamentos improvisados, exigindo comer à beira do fogo a mesma comida que os caboclos preparam: arroz, feijão, carne seca, farinha. E bebendo água das fontes que encontram pelo caminho, algumas vezes contra a vontade do Doutor Abreu, que o acompanha por dever profissional. O médico bem que tenta, geralmente sem sucesso, pingar uma ou duas gotas de iodo na água, nem sempre potável, que é oferecida a Sua Majestade Imperial.

Finalmente, no amanhecer do dia 20 de outubro de 1859, Dom Pedro II tem a emoção de chegar à famosa cachoeira, o que reproduz em palavras, naquele mesmo dia, em seu diário:

Partimos do Salgado às duas da madrugada e chegamos a Paulo Afonso pouco depois das cinco e meia. Na distância de menos de légua é que se ouviu o ruído da cachoeira. Logo que me apeei comecei a vê-la e só voltei para casa podendo torcer a roupa do corpo molhada por causa do exercício. É belíssimo o ponto de que se descobrem sete cachoeiras que se reúnem na grande, que não se pode descobrir daí, e algumas grandes fervendo a água em caixão de encontro à montanha que parece querer subir por ela acima; o arco-íris produzido pela poeira de água completa esta cena

majestosa. Tentar descrever a cachoeira em poucas páginas, e cabalmente, seria impossível, e sinto que o tempo só me permita esboços imperfeitos.

Em seu alforje, sempre preso à sela da montaria, o monarca carrega o mapa da região que encomendara ao engenheiro alemão Heinrich Halfeld e que lhe fora entregue cinco anos antes. Diretamente nele faz anotações a lápis, de cima do lombo do cavalo: ***Pensar na viabilidade de uma ferrovia de Penedo até Paulo Afonso. Tratar disso na volta com o Barão de Mauá.***

Faz parte de sua grande comitiva o Visconde de Sapucaí, preceptor das princesas Isabel e Leopoldina, que estão sendo educadas para governar o Brasil. O Imperador fez questão de trazê-lo até Paulo Afonso porque não achou conveniente que a Imperatriz e as duas filhas o acompanhassem naquela aventura. Mas quer que o professor conheça todos os detalhes para transmiti-los em suas aulas. E também traz consigo o correspondente do ***Jornal do Commercio***, do Rio de Janeiro, para que divulgue ***aos quatro ventos*** a pujança da natureza brasileira.

No entanto, na mesma noite da chegada, o jornalista, em suas anotações, mostra-se mais preocupado em retratar as reações do monarca diante da imensa cachoeira:

Há alguma coisa de solene na contemplação silenciosa do Imperador. A fadiga da viagem desapareceu de sua fisionomia.

Sim. Energizado pela visão que ocupara seus sonhos

desde menino, ele não reclama do casebre em que está hospedado, chamando-o de **minha casa** em suas anotações. E deixa-se **photographar** diante da choça coberta de palha, com sua roupa simples, e cercado por pessoas mais simples ainda. Em verdade, os esteios de madeira seca parecem tão precários que é prova de valentia **fazer pose** debaixo da pequena varanda sustentada por eles.

Em seu diário também improvisa desenhos, como da cachoeira e da primeira piranha viva que lhe é mostrada: **impressionante sua dupla fileira de dentes, afiados como navalhas.**

Na viagem de volta, pelo mesmo trajeto, percorre com bom humor e curiosidade, conforme atestam seus **observadores**, as vinte milhas a cavalo. As risadas do guia, Major Manuel Calaça, fazendeiro da região, se ouvem de longe na caatinga. É que o Imperador agora o chama de **Chalaça** e lhe conta anedotas do famoso personagem do Primeiro Reinado.

Da caatinga, palavra guarani que significa **mata branca**, faz anotações da flora e da fauna. Admira-se com a presença de rebanhos de emas, a avestruz sul-americana, que conhecera em 1845, em sua viagem à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, destacando seu poder de adaptação a ambientes tão distintos. Quanto à vegetação, descreve em detalhes o xiquexique, o mandacaru e a quixabeira. E não despreza nenhuma daquelas pequenas árvores, em geral espinhentas **e resistentes ao clima como**

os brasileiros desta região.

Quando chegam de volta ao povoado de Piranhas, onde os espera o vapor **Pirajá**, toma uma atitude que impressiona os trezentos súditos que o acompanharam na jornada: com a mão em concha, dá um punhado de açúcar para seu cavalo. E o abraça pelo pescoço, em agradecimento e despedida.

XXXIX

Rio de Janeiro, noite de 16 de março de 1897

Por que Dom Pedro II, que tantas vezes comprou a alforria de escravos durante o seu reinado de quase meio século, não assinou desde que foi coroado Imperador a lei de libertação de todos eles? Esta é uma pergunta que nunca lhe fiz, mesmo quando, na qualidade de seu Ajudante de Campo, convivi com ele na intimidade do dia a dia, inclusive em momentos dramáticos, quando confiou as decisões somente a mim e a Caxias, como no auge da Questão Christie. E foi o próprio Duque de Caxias quem me contou que essa ojeriza à escravatura lhe era inerente desde criança. Que ele mesmo tomara o chicote das mãos de um feitor, no Palácio da Quinta da Boa Vista, e o mandara prender, por ousar bater num negro diante do Imperador menino...

A resposta me foi dada no dia 15 de novembro de 1889, exatamente um ano, seis meses e dois dias depois que Dom Pedro II autorizou a Princesa Isabel, que ocupava a Regência durante outra de suas viagens, a assinar a Lei Áurea. Foi só esse escasso ano e meio que durou o Império do Brasil depois da libertação dos escravos. Em verdade, quem proclamou a república e expulsou a Família Real do Brasil

foram os senhores de escravos, gente rica e poderosa que se considerou lesada em seu patrimônio. Sem eles, os positivistas de Benjamin Constant Botelho de Magalhães (para bem o distinguir do escritor e político francês) continuariam, até hoje, a publicar seus pasquins e reunir-se em pequenos clubes, sem que o Imperador os mandasse prender, porque não os temia.

Que o povo amava Dom Pedro II, e mais ainda quando se misturava com ele em suas viagens, eu posso testemunhar através de muitas recordações. Uma das mais significativas quando visitamos Recife, dez anos depois do momento terrível em que tanto sangue foi derramado por aquelas ruas. No dia 22 de novembro de 1859, quando desembarcamos no cais diante da Alfândega, muita água tinha passado por baixo da velha ponte construída pelo Príncipe de Nassau. O meu saudoso Vapor Dom Afonso já havia naufragado há alguns anos; minha amada esposa ainda estava convalescendo em Paris; e eu vestia o uniforme de vice-almirante, engalanado com a medalha da Imperial Ordem do Cruzeiro, exatamente a mim atribuída pelo Imperador após contribuir para a vitória, em 1849, sobre a Revolução dos Praieiros. Além dela, pude exibir também o colar da Imperial Ordem da Rosa e a medalha de Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, de Portugal, enquanto me perfilava ao lado de Sua Majestade, ouvindo os acordes do Hino da Independência. Também Dom Pedro II honrava a Marinha vestindo o uniforme de

gala de Primeiro-Almirante, com o largo peito coberto de condecorações.

Dali seguimos caminhando até a Igreja do Divino Espírito Santo, cercados pelos principais dignitários da cidade e pelo povo que gritava todo o tempo: Viva o Imperador! Viva o Imperador!

A igreja foi escolhida para ali ser rezado um Te Deum, não só por sua beleza arquitetônica, mas pelo simbolismo de ter sido construída no local onde existiu um templo calvinista na época da invasão holandesa, que durou de 1630 a 1654. Os pernambucanos sempre se orgulham, e o disseram muitas vezes nos discursos que escutamos, da expulsão dos batavos após a batalha de Guararapes, que significa a tomada de consciência brasileira, ainda sob o domínio de Portugal. O que justifica a série de revoluções nacionalistas que eclodiram em Pernambuco de 1817 a 1849. Inclusive a de 1823, que arrastara à morte o meu irmão Manuel.

Para mim, entrar naquela igreja enfeitada com cortinas e bandeiras escarlates, que simbolizam a chama do Espírito Santo e seu poder transformador, teve um gosto ainda mais especial porque...

- Vovô, o senhor ainda está acordado?

- E me sentindo muito bem. Nada de treinar medicina comigo, agora.

- Quem mandou tirar a sua temperatura todas as noites foi o Doutor Hilário. Mas se deixar que eu ponha a mão na

sua testa não precisarei colocar o termômetro. Por sinal, sou fascinado pelo desenho da sua testa. Se eu fosse escultor...

- ...ou professor de osteologia... Está bem, podes tocar na minha testa. Até porque eu quero te perguntar uma coisa, o que seria difícil com o termômetro na boca... Te lembras quando foste um anjinho na Festa do Divino Espírito Santo?

- Mais ou menos. Eu era muito pequeno e só sei que dormia no altar... Não, febre o senhor não tem. E comeu bem hoje?

- Chega, meu anjinho, vamos brincar de outra coisa. Tu eras pequenino, mesmo, e dorminhoco, porque a Festa do Divino foi logo depois que me tiraram aquela photographia contigo no colo, quase dormindo com o rosto encostado no meu.

- Adoro aquela estampa. O senhor parece tão orgulhoso do seu neto... Vestiu até o uniforme de gala, com todas as condecorações.

- Sim, eu estava e estou orgulhoso de ti. Sei que não foi fácil para vocês a perda do pai, ainda tão pequenos. E eu já viúvo e sem recursos materiais para sustentá-los com mais conforto além do essencial.

- Nunca nos faltou nada. Se eu fui trabalhar como escrevente naquele cartório, depois de concluir as Humanidades no Seminário São José, foi para ganhar o meu próprio dinheiro de bolso. E ajudar também minha mãe e

meus irmãos.

- Isso além das aulas que tu davas, de álgebra e geometria, ainda adolescente. Pensei até que serias engenheiro, como o teu saudoso pai.

- Sim, pensei nisso depois que desisti de ser padre. Mas foi quando caiu na minha mão o Manuel Annuel de la Santé, de François-Vincent Raspail, que decidi ser médico. E só consegui lê-lo e entender tudo porque papai me ensinou o francês, ainda lá em Minas Gerais.

- Teu pai aprendeu a ler e falar em francês nos três anos que passou em Paris. Por isso sua pronúncia era perfeita. Aliás, os meus outros quatro filhos também falam francês como nativos.

- Sim, eu adoro parler français de vez em quando com a tia Maria Eufrásia: ela faz os biquinhos com a maior naturalidade...

- E por que o tal manual despertou a tua vocação para a medicina?

- Porque Raspail, antes de se meter na política e ser até candidato a Presidente da República, foi um grande revolucionário da biologia. Foi ele que enunciou a teoria de que cada célula do organismo humano depende de outra preexistente, o que ele chamou de omnis cellula et cellula... Por que o senhor está rindo de novo, vovô?

- Porque já posso morrer em paz.

- Se depender de mim, não morrerá nunca. Até porque ando colocando algumas gotas de iodo em sua água de

beber, como antisséptico, outro conselho de Raspail, grande admirador da cânfora também para isso.

- Meu Deus... E quem te disse que eu quero viver para sempre? Estou igual a esses cascos de navios apodrecidos que nunca mais poderão navegar.

- Por que o senhor não pede ao Ministro da Marinha para visitar um navio de guerra? Talvez até dar um passeio pela Baía da Guanabara? Vovô, o senhor está rindo de mim, outra vez?

- Não é de ti que estou rindo, é de mim mesmo. Enquanto tu falavas, eu me lembrei perfeitamente da voz do João Francisco, criado da família, que me chamava todas as noites antes das Novenas do Divino: Menino Joaquim, venha por a sua roupa de anjo... E me vi no espelho, fardado de almirante, mas com duas asas de papelão às costas, acreditando, como cristão, que libertar os escravos somente consolidaria o Império Brasileiro.

- ...

- Uma coisa boa da velhice são as recordações antigas, que afloram na minha cabeça com todos os detalhes. Quando tu entraste no quarto, por exemplo, eu estava no Recife, dentro da Igreja do Divino Espírito Santo, há uns quarenta anos passados.

- Por isso lembraste de nós como anjinhos.

- Sim, e repito: anjinhos fomos todos os brasileiros que lutamos pela libertação dos escravos, sem distribuir-lhes terras e dar-lhes condições de sobrevivência. Por isso, nos

dias de hoje, nesta república de cada um por si, os negros continuam escravos da miséria em sua maioria...

- Sim, vovô. Pelo Carlos, meu colega Carlos Chagas, que o senhor conhece, fiquei sabendo das ideias de Joaquim Nabuco, o primeiro advogado brasileiro a processar um homem rico que mandou chicotear um escravo.

- Sim, mas isso é outra história... Em 1859, seguramente meu xará Joaquim Nabuco, com uns dez anos de idade, estava entre os recifenses, homens, mulheres e crianças, que gritavam: Viva o Imperador! Naquelas alturas, a Princesa Isabel tinha apenas treze anos e ainda brincava de bonecas com sua irmã Leopoldina.

XL

Recife e Olinda, dezembro de 1859

- Sabes, mana, o que me disse hoje a mamãe? Que o Presidente da Província resolveu, em nossa homenagem, mudar o nome deste palácio onde estamos hospedadas para *Palácio do Campo das Princesas*. Não é lindo?

- Lindo... Mas será que eu mereço também?

- Por que não merecerias, Leopoldina? És tão princesa como eu...

- Só que nunca vou ser Imperatriz.

Isabel sente os olhos se encherem de lágrimas.

- Se quiseres, chegada a hora, eu abduco em teu nome...

- Não, mana, esquece o que eu disse... Sou ainda muito criança, tu sabes.

- Na verdade, eu gostaria que nós fôssemos gêmeas. Assim poderíamos ser imperatrizes juntas. Usaríamos duas coroas iguaizinhas...

- Xiii...

- O que foi? Você não gostou da minha ideia?

- Gostei, mas é que o **emburradão** está vindo para cá.

- O Visconde de Sapucaí?

- Ele mesmo. Está escondido agora por aquelas mangueiras gordas, mas eu juro que é ele.

- Quem sabe brincamos de esconder? Lugares bons é que não faltam neste jardim.

- *Il est trop tard...* Ele já nos viu.

Isabel e Leopoldina sentam-se num banco de pedra e suspiram ao mesmo tempo. Depois alisam os vestidos longos, cheios de babados, e colocam as tranças dos cabelos para trás. Vestidas assim, da mesma maneira, e com os rostinhos redondos bronzeados de sol, podem mesmo ser confundidas com duas gêmeas.

O Visconde aproxima-se sorrindo e tira o chapéu para cumprimentá-las.

- Bom dia, Princesas. Já brincaram bastante?

Isabel olha o preceptor fingindo-se admirada.

- Nós?! Muito pelo contrário. Estamos tratando de um assunto sério.

- Muito bem. E posso saber o que é?

- Nós gostamos tanto uma da outra que gostaríamos de ser gêmeas para, chegado o dia, governarmos juntas o Brasil.

O Visconde de Sapucaí olha com carinho para as meninas, mas é obrigado, por dever de ofício, a dizer a verdade:

- Mesmo gêmeas, vocês não governariam juntas. Pela lei da sucessão, o gêmeo que nasce primeiro é quem governa.

Isabel fica indignada.

- Como assim, nasce primeiro? Todo mundo sabe que a cegonha traz os dois irmãozinhos numa mesma cesta...

Sapucaí fica encabulado, tosse e muda de assunto.

- Quem sabe dou aula para Vossas Altezas aqui mesmo?

Vocês gostariam?

- Muito.

- Eu também. Mas não trouxemos nenhum livro.

O mestre aponta para as águas diante do palácio.

- Dizem que a natureza é um livro aberto... Como são os nomes dos dois rios que se juntam aqui para desaguar no oceano?

- Capibaribe...

- ...e Beberibe.

- Muito bem. E quem botou esses nomes?

- Os índios...

- ...tupis.

- Muito bem. E o que significam esses nomes na língua dos índios?

- Capibaribe é o ***Rio das Capivaras...***

- ...e Beberibe é o ***Rio das Arraias.***

- Perfeito! E aquela ponte ali, quem foi que construiu?

- Foi o Príncipe Maurício de Nassau.

- Que governou Recife e Olinda...

- ...durante a invasão holandesa.

- Corretíssimo, Princesas. E com que recursos financeiros foi construída essa ponte?

- Ué? Decerto com ouro roubado...

- ...do Brasil.

- Aqui não tinha ouro, como nas Minas Gerais. Assim, o príncipe usou os recursos dos impostos, principalmente do cobrado dos plantadores de cana de açúcar. Mas faltou

dinheiro para pagar metade dos 270 mil florins que o engenheiro Baltazar da Fonseca cobrou para realizar a obra.

- Visconde de Sapucaí...

- Sim, Princesa Isabel.

- Diga-me uma coisa. Em que ano foi inaugurada essa ponte?

- Em 1644.

- E como o senhor diz esses números e nomes com tanta segurança? Leu em algum livro hoje cedo? Não no livro da natureza, certamente...

Pego em flagrante, o preceptor confessa, meio encabulado:

- É verdade, Princesas. Peguei ontem na biblioteca uma obra muito antiga, escrita pelo Frei Manoel Calado, que vivia aqui quando a ponte foi construída. O livro, denominado **O Valoroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade**, foi publicado no ano de 1648, em Portugal, e conta muito bem a história da ponte e do **boi voador**.

- Boi voador? Então, trata-se de ...

- ...uma lenda?

- Não, Altezas, trata-se de história, porque aconteceu realmente.

As duas meninas olham intrigadas uma para a outra e depois para o mestre, que agora recupera seu tom professoral.

- Imaginem-se na cabeceira deste lado da ponte no dia de sua inauguração, local que se chamava **Nassaustadt**, ou

cidade de Nassau, construída na Ilha de Santo Antônio. Do outro lado do rio é que estava Recife, no dizer dos seus moradores da época. Vamos viver junto com o autor do livro a magia daqueles momentos...

E tirou da pasta de marroquim, que sempre o acompanhava, uma brochura de papel amarelado.

O boi vai voar!

Recife preparou-se para a grande festa de inauguração da ponte, marcada para um domingo, dia 28 de fevereiro de 1644. Nassau fez questão de atrair uma multidão para atestar a grandeza de sua obra. Mas não lhe bastava ver o povo reunido no local. Era necessário convencê-lo a atravessar a ponte e pagar o pedágio devido: dois stuivers (vigésima parte do florim) para as pessoas livres, um aos escravos e soldados, quatro aos cavaleiros e sete aos carros de boi.

Para garantir muitos pagantes, o príncipe fez uma propaganda inusitada: anunciou que, naquele dia, um boi iria voar sobre a ponte. E avisou qual seria o animal: o boi pertencente a Melchior Álvares, conhecido entre os populares por sua mansidão.

A notícia atraiu gente dos arredores e dos engenhos longínquos. Seria possível um boi voar? O boi do Melchior nem parecia um boi, era um animal tão diferente... quem sabe não teria a habilidade das aves? – perguntavam os populares.

À beira da praia ergueram-se palanques para as damas e os homens-bons da capitania. Música tocava em coretos, e sob toldos multicoloridos distribuía-se refrescos e guloseimas.

Anoiteceu e acenderam-se as luminárias da ponte. O voo do boi era o último programa, marcado para as 10 horas da noite.

Finalmente, Melchior e seu boi surgiram. Entraram em um sobrado e subiram as escadas, reaparecendo lá em cima, na janela mais alta. Em seguida, retornaram para dentro. A multidão, de olhos fixos na janela, viu então surgir um boi que, lentamente, foi saindo para fora

da janela e, flutuando no ar, passou sobre a cabeça das pessoas, mudas e estarecidas com a visão.

Mas logo todos compreenderam o engodo: era um boi empalhado suspenso por cordas e movido por um sistema de roldanas operado por marinheiros holandeses. A festa acabou em gargalhadas e foi um grande sucesso rendendo, só naquele dia, 1.800 florins de pedágio, conforme conta frei Manoel Calado.

- Visconde...

- ...de Sapucaí...

- Sim, Altezas?

- Que aula linda...

- ...o senhor está nos dando.

- Fico envaidecido com esse comentário.

- Será que o papai conhece essa história do boi voador?

- Não sei, nunca tratamos disso. Mas até hoje nada disse ao Imperador que não fosse do seu conhecimento...

- Se ele não souber...

- ...nós duas iremos contar. Ele ainda está no palácio

Campo das Princesas?

- Então Vossas Altezas já sabem... Por estas bandas, todos os segredos são de polichinelo.

- Nossa mãe, muito feliz com a notícia, foi...

- ...quem nos contou.

- Pois podem contar a história do ***boi voador*** para Sua Majestade a Imperatriz. Quanto ao Imperador, deve estar neste momento no alto da Torre Malakoff.

- Que torre é essa?

- Nunca ouvimos falar.

- Pois aqui dos jardins do palácio de Vossas Altezas se vê perfeitamente a torre, lá do outro lado da ponte.

- E o que o papai...

- ...está fazendo lá em cima?

- Visitando o Observatório Astronômico do Arsenal de Marinha. Ele e o Vice-Almirante Marques Lisboa querem conhecer melhor o mapa celeste desta região. Para identificarem com segurança as constelações.

- Malakoff é...

- ...algum astrônomo famoso?

- Não, nada disso. Esse nome foi dado à torre pelo povo do Recife em homenagem à famosa Torre Malakoff, existente em Sebastopol, no sul da Ucrânia, e aos soldados que a defenderam heroicamente na Guerra da Crimeia.

XLI

Rio de Janeiro, madrugada de quarta-feira, 17 de março de 1897

Ainda bem que a esta hora os mosquitos estão dormindo... Só eu que não durmo, contemplando este céu que conheço como a palma da minha mão. Dizem que o mapa republicano retrata a posição das estrelas naquela noite infeliz de 15 de novembro de 1889. Mas algum analfabeto utilizou-se de um espelho para vê-las no céu, enquanto as desenhava. E esqueceu o mais elementar: que os espelhos refletem as imagens ao contrário. Se colocares diante de um espelho a palavra ROMA, lerás seguramente AMOR. Assim, as estrelas da nova bandeira nacional nasceram viradas do avesso. O mesmo que eles fizeram com o Brasil, depois de expulsarem Dom Pedro II.

Calma, meu coração. Sempre que penso nisso vem a taquicardia, como a chama o Doutor Hilário... Assim, muda de assunto, pensa em coisas boas que este órgão sentimental se aquieta.

Sua Majestade o Imperador e eu sempre gostamos de decifrar os mapas celestes, conhecer o movimento das constelações, identificar no céu as estrelas mais brilhantes, como Sirius e Canopus, tão visíveis esta noite. Muitas vezes fui jantar com Sua Majestade a bordo do Apa, o vapor em

que viajou para as Províncias do Norte, em 1859. E ainda ouço sua voz grave e serena descrevendo as duas estrelas mais brilhantes, entre trilhões de outras, no céu puro da linha equatorial:

- Veja, Almirante, que Sirius é um pouco mais brilhante que Canopus. Mas isto porque Canopus está muito longe da Terra, uns trezentos anos-luz mais distante do que Sirius.

- ...

- Canopus, vinte mil vezes mais luminosa do que o sol, é a estrela alfa da Constelação de Carina, a quilha da lendária embarcação Argos, que levou Jasão, Hércules, Peleu e outros heróis gregos na busca do velocino de ouro.

- Sim, para nós, marinheiros, os argonautas são os precursores dos grandes descobrimentos marítimos.

- Exatamente. Mas antes da invenção da bússola os navegadores e os beduínos do deserto tinham em Canopus a única certeza de não se perder nas águas desconhecidas e nos areais imensos. Por isso a denominaram Estrela-Guia.

- A mesma que guiou os Reis Magos até Belém de Judá, Majestade?

- Sem dúvida. Os três reis que foram ajoelhar-se diante do Deus Menino eram habitantes do deserto.

Tanta sabedoria com apenas 34 anos de idade... Imaginem trinta anos depois, em 1889, que tipo de homem, que fantástico governante foi expulso do Brasil...

Vamos, respira fundo e volta a pensar nas estrelas... Graças ao amor por elas é que conquistei de início a

amizade com que me distinguiu Sua Majestade o Imperador. Porém, observatórios astronômicos, somente duas vezes visitamos juntos, e isso aconteceu naquela mesma viagem, em Recife e Olinda.

Cercada de lendas desde a sua construção, a Torre Malakoff é o Portão Monumental onde se encontra o Observatório Astronômico do Arsenal de Marinha de Pernambuco. Ficamos impressionados com sua altura e arquitetura imponentes. A vista é mesmo belíssima sobre o encontro dos rios Capibaribe e Beberibe, mas lamentei que, para construí-la, tivessem demolido o Arco do Bom Jesus, uma das três passagens na muralha da cidade, construídas durante a ocupação holandesa. No entanto, quando manifestei abertamente essa opinião ao Presidente da Província, ele deu-me uma resposta incontestável: Demolir o que Nassau construiu não é crime. Crime foi o que ele fez incendiando Olinda, queimando igrejas católicas que levaram séculos para ressurgir das cinzas.

Naquela mesma ocasião, visitamos outro observatório astronômico, este improvisado, na parte mais alta da cidade antiga, junto à Igreja da Sé. O mesmo que, um ano depois, em 1860, tornou-se famoso quando um astrônomo francês dali identificou o primeiro cometa brasileiro e o denominou acertadamente de Olinda.

Quanto ao observatório da Torre Malakoff, confesso que não o apreciei adequadamente. E isso porque, logo após visitá-lo, estava prevista a inspeção do Imperador à nossa

Escola de Aprendizes-Marinheiros. Na véspera, eu estivera no local, ali bem próximo, e aprovara o roteiro da visita. Fundada em 1857, a escola ainda estava em processo de implantação, mas impressionou-me a qualidade do ensino. Sabendo que Dom Pedro II desejava assistir a uma aula e depois trocar ideias com professores e alunos, decidimos que seria dada, de maneira teórico-prática, a bordo do Brigue Cearense, ancorado no cais do Arsenal de Marinha, que servia de sede e modelo para todas as atividades didáticas.

Sentia-me um pouco nervoso e assim permaneci durante parte das duas horas que passamos dentro do navio, porque acompanhei a criação da Companhia de Aprendizes-Marinheiros do Rio de Janeiro e opinei favoravelmente ao Ministério da Marinha sobre a abertura da unidade de Pernambuco. E isso porque a profissionalização dos marujos tornara-se imprescindível, principalmente depois da introdução dos navios a vapor em nossa frota.

A tranquilidade voltou-me à medida que Sua Majestade Imperial, que assinara dois anos antes o decreto de criação da Escola, aprovava cada detalhe do projeto didático exposto pelo Diretor, o primeiro-tenente Ricardo Neves, e sacudia a cabeça em aprovação às respostas prontas e corretas dos alunos interrogados aleatoriamente. Pediu-me também para sabatinar um aluno e surpreendeu-se quando me ative apenas a perguntar-lhe o significado da palavra patriotismo. O aprendiz, ainda com espinhas no rosto,

perturbou-se inicialmente, mas respondeu de maneira correta: patriotismo é amar a Pátria como nossa segunda mãe. Dificilmente alguns de nós, mais maduros e experientes, teríamos respondido melhor.

Cinco anos depois da visita do Imperador, muitos daqueles jovens tiveram seu batismo de fogo sob meu comando nas guerras do Uruguai e do Paraguai. E meu velho coração se acelera novamente ao lembrar daqueles que morreram para honrar a Mãe Pátria, sendo responsáveis por vitórias memoráveis como a do Riachuelo, liderada por Barroso, que aniquilou o poder naval de Solano López. Mas que nos custou a vida de uma centena de jovens brasileiros, alguns dos quais certamente oriundos desta Escola de Aprendizes-Marinheiros de Pernambuco.

Talvez por uma premonição de Sua Majestade Imperial, encerramos a jornada subindo à parte mais alta de Olinda para assistir à missa na Igreja da Sé. Antes de entrar no templo, cujo início da construção data de 1537, Dom Pedro II ficou alguns momentos contemplando a paisagem como para gravá-la para sempre em sua memória. E nos disse estas palavras, que jamais esquecerei:

- A beleza deste lugar impressionou tanto a Duarte Coelho, primeiro Donatário da Capitania Hereditária de Pernambuco, que o seu nome nasceu de uma expressão de encanto: Ó linda situação para se construir uma vila!

Também o Imperador deixou uma frase, a primeira que disse após seu desembarque em Recife, no dia 22 de

*novembro de 1859, destinada a atravessar os séculos:
- Pernambuco é um céu aberto!*

XLII

Engenho Machado, Rio Formoso, noite de 12 de dezembro de 1859

Na varanda da casa grande do engenho, os dois homens, depois do jantar e da longa conversa com os anfitriões, são deixados a sós. Ao largo, o **Apa** e os navios da flotilha formam um lindo quadro iluminado.

- Meu estimado Almirante Lisboa, as nuvens impedem hoje que contemplemos as estrelas. Será essa a razão de uma certa tristeza em seu rosto?

- De fato, privar-me de andarilhar pelas constelações, guiado pela sabedoria de Vossa Majestade, e exatamente hoje, quando iniciamos nossa viagem pelo litoral sul de Pernambuco, me entristece um pouco. Mas, infelizmente, não é isso que me dói no coração.

- Tem tido notícias de sua esposa? A Senhora Dona Maria Eufrásia já está recuperada de seus males?

- Sim, Majestade. A operação feita em Paris foi um sucesso e acredito que logo poderá voltar ao Brasil.

- Em sua companhia, seguramente. Ao desembarcarmos na Corte, irei liberá-lo de todos os compromissos com a Família Real, inclusive do cargo de Veador da Imperatriz, para que possa cuidar da sua própria família.

- Se assim é o desejo de Vossa Majestade, cumprirei com

prazer a missão de repatriar minha mulher e meus filhos.

- Muito bem. Já vejo menos rugas verticais em seu cenho. Mas uma ainda bem funda permanece. Posso saber a razão?

Joaquim respira fundo antes de responder. E, malgrado seu, sente que sua voz está trêmula:

- Tenho um pedido muito... importante para fazer a Vossa Majestade.

- Acredite que, se estiver ao meu alcance, eu o atenderei. Não me perdoe de o haver mantido tanto tempo afastado de sua família, mas me congratulo em havê-lo escolhido para comandar esta frota na mais longa viagem pela costa brasileira que até hoje realizei.

- Obrigado, Majestade.

- Quem lhe está obrigado sou eu. Pode fazer o seu pedido, aliás, o único que até o presente faz a mim.

Mais uma vez o nauta sente que irá navegar em águas muito perigosas. Porém, não é mais hora de recuar.

- Amanhã de manhã, estaremos passando frente ao Forte de Tamandaré, um local triste para mim. Ali morreu em combate meu querido irmão Manuel, em setembro de 1824, lutando ao lado dos revoltosos da Confederação do Equador.

O Imperador encara seu súdito com o cenho franzido.

- Então, seu irmão lutou para derrubar meu pai, apenas dois anos após a Independência do Brasil?

Sentindo o perigo, o marinheiro recupera a firmeza da voz:

- Sim, Majestade. Mas, antes disso, meu irmão Manuel

distinguiu-se na Bahia, sendo até promovido a capitão nas últimas batalhas que resultaram na expulsão definitiva do exército português.

Desta vez, quem suspira é Dom Pedro II.

- Isso o engrandece aos meus olhos. Porém, não entendo por que, um ano depois, seu irmão aderiu aos inimigos do meu pai.

- Desculpe-me, Majestade, mas muitos brasileiros, naqueles dias tumultuosos, temiam que Sua Majestade o Imperador Dom Pedro I, como herdeiro do trono de Portugal, após a morte de Dom João VI pudesse assumir as duas Coroas, ou seja, devolver o Brasil ao domínio português.

- Mas o senhor Almirante, também muito jovem na época, não pensou assim.

- Não, Majestade. Mas meu irmão Manuel tinha um forte motivo para temer a volta dos portugueses. Sua expulsão da Academia de Marinha, já quase no fim de seu curso.

- Expulsão?! Então era um insubordinado?

- Foi um excelente aluno durante três anos de curso, Majestade, sem ter sofrido nenhuma punição. Mas cansou-se de ser provocado por colegas portugueses, principalmente um deles, que desprezava o Brasil e os brasileiros... Deu-lhe uma surra e foi expulso.

- Compreendo que temesse a volta deles ao poder, embora isso não estivesse nos planos de meu pai... E depois da expulsão, o que aconteceu com ele?

- Prestou concurso no Exército e chegou ao posto de

tenente, logo depois do Sete de Setembro.

- Por isso foi promovido a capitão, na Bahia, por atos de bravura?

- Sim, mas depois se tornou amigo e discípulo de Frei Caneca, integrou-se à Maçonaria e aderiu aos republicanos de Pernambuco. Foi-lhe confiada a defesa do Forte de Tamandaré, o que fez com sucesso no primeiro ataque, em junho de 1824, tendo sucumbido no segundo ataque, em setembro, desta vez a tropas muito mais numerosas e bem armadas, sob o comando do Brigadeiro Lima e Silva, pai do nosso Marquês de Caxias.

- Cujo tio, João Manuel de Lima e Silva, foi o primeiro general promovido pela República Rio-Grandense... Tempos tumultuosos, mesmo. Difíceis escolhas para muitos brasileiros patriotas... Ainda bem que homens como o senhor, Almirante, e o Marquês de Caxias arriscaram mil vezes a vida para entregar-me intacto o Império do Brasil. Mas não desprezo quem lutou com bravura e honra por suas ideias.

Joaquim nada diz, tomado por profunda emoção. Dom Pedro II reflete um pouco e pergunta-lhe:

- Qual é exatamente o seu pedido, meu caro amigo?

- Faz 35 anos que meu irmão Manuel está enterrado dentro do Forte de Tamandaré. Meu desejo é de recolher seus despojos e levá-los para o mausoléu de nossos pais, no Rio de Janeiro. Infelizmente, se Vossa Majestade conceder-me essa permissão, além de atrasar a viagem, o fato poderá

trazer-lhe algum prejuízo político.

- Talvez de políticos que merecem o meu e o seu desprezo... Assim sendo, como vocês costumam dizer a seus subordinados: permissão concedida!

XLIII

Rio de Janeiro, amanhecer do dia 17 de março de 1897

Quando os galos cantam, somem da terra todos os fantasmas. Assim fala Hamlet, quando vê desaparecer o espectro de seu pai, o Rei da Dinamarca. Assim nos ensinou a Santa Igreja Católica, convocando-nos à Missa do Galo, na véspera do Natal. A missa da meia-noite acolhe os crentes protegidos pelo canto do galo, o que significa a presença da luz divina no meio das trevas...

- Bom dia, papai. Acordou ainda mais cedo hoje? Ou não dormiu outra vez?

- Um bom dia para você também, querida Maria Eufrásia... Às vezes fico pensando como este nome sempre representou o Anjo da Guarda para mim: minha mãe, minha irmã, minha esposa, você, e até o primeiro barco que me ensinou a navegar.

- Pai Santo, tu nos criaste para te amar e te servir. Ajudai-nos a viver esta sublime vocação, seguindo os passos de Santa Eufrásia e aprendendo com ela a virtude de servir sem jamais exigir nada em troca...

- Isso vos pedimos por Jesus Cristo Vosso Filho...

- ...na unidade do Espírito Santo. Amém.

- Santa Eufrásia, rogai por nós.

- Pai querido, que emoção, tu ainda te lembras...

- Como esqueceria essa oração? Foi a primeira que ouvi dos lábios da minha mãe. Recordo como ela enfeitava de flores o altar de Santa Eufrásia, lá em nossa casa, no Porto do Rio Grande, especialmente no 13 de março, dia a ela consagrado.

- O que eu fiz há quatro dias no altarcinho que tenho no meu quarto.

- Por falar nisso, sinto falta das visitas que fazíamos para levar flores ao mausoléu dos meus pais... de tantos entes queridos.

- Fique tranquilo. Pelo menos uma vez por mês eu passo por lá para rezar, renovar as flores e também para pagar o zelador.

- Esta madrugada, fiquei pensando no dia em que lá abrigamos os despojos do teu tio Manuel, em 1860, um momento de grande emoção.

Sim, mas a maior emoção aconteceu no dia do meu aniversário, 13 de dezembro, quando o Amazonas, minha nau capitânia, abriu caminho na passagem entre os recifes do Porto de Tamandaré...

- Papai, o senhor quer comer alguma coisa?

- Não, minha filha. Mas tomaria um mate com prazer.

- Doce ou amargo?

- Amargo, minha querida. De doçura tu já enches os meus últimos dias.

- Pronto, acabou-se o que era doce, como dizia a

mamãe... Já lhe disse que vamos comemorar juntos o seu centenário.

- De preferência em nosso mausoléu.

- Que língua afiada o senhor tem.

- Estou só brincando, minha filha. Raramente, como nos últimos dias, estive tão feliz.

- Vou buscar o chimarrão. Tomara que a erva não tenha acabado... São raros os lugares para comprar erva-mate aqui no Rio de Janeiro.

Ela é uma joia, esta menina. Mas a solidão anda me fazendo bem nestes dias de março, já com cheiro de outono. Com todos esses documentos próximos de mim, tenho recordado fatos que andavam perdidos no passado. Os papéis me lembram nomes e datas, provocam a minha memória, como as esporas estimulam os cavalos... Onde eu estava, mesmo? Sim, na entrada do Porto de Tamandaré, uma passagem entre os recifes que adentrei com o Amazonas, vindo próximo de nossa popa o Apa, com a Família Real, seguido pelas canhoneiras Belmonte e Paraense.

Muitas vezes ouvi a expressão: mar cor de esmeralda, mas não com tanta exatidão descritiva como naquele lugar. Passada a coroa de pedras, as águas mansas, com 24 pés de profundidade, deixavam ver o fundo engalanado de peixes coloridos. Golfinhos brincalhões nos abriam caminho, com saltos e cambalhotas. A areia da praia era dourada e bordada de coqueiros com suas faias ondulando ao vento...

Será que não estou exagerando? Nunca mais voltei ali, mesmo depois que recebi o título de nobreza de Barão de Tamandaré.

Tamandaré, o Noé da religião tupi-guarani. Palavra que significa aquele que fundou o povo, o repovoador da terra depois do grande dilúvio. Que nome maravilhoso herdei do índio ancestral e daquele lugar paradisíaco, digno de uma tela de Debret. O tenho carregado comigo nos últimos 37 anos, de tal maneira que substituiu meu nome de batismo.

Naquela manhã, depois de lançarmos âncoras, baixamos os escaleres do Amazonas e do Apa, pois o Imperador queria ser o primeiro a pôr pé em terra, ao meu lado. Vestindo roupas simples, as mesmas com que cavalgara até a Cachoeira de Paulo Afonso, somente se destacava do nosso grupo por sua estatura fora do comum. Por cautela, espalhei pelas redondezas duas dúzias de marinheiros armados de fuzis, exatamente porque não se via viv'alma por aquelas bandas. As poucas palhoças de pescadores ficavam mais ao norte, fora de nossas vistas e nós da deles.

À medida que avançamos um pouco pela praia, meu coração começou a bater mais acelerado. Ali estavam as ruínas do Forte de Tamandaré, lugar que ocupara meus pensamentos nos últimos 35 anos. Já o vira de longe com o óculo de alcance, mas agora ele crescia diante dos meus olhos enevoados de lágrimas. Sim, porque eu, que raramente choro, lembrei-me de Manuel contando-me detalhes do meu batizado, quando entrou escondido na

Catedral de São Pedro, seguido por um cachorro sarnento. Tenho certeza de que a reza daquele menino de dez anos chegou diretamente aos ouvidos do Santo Pescador, que fora um modesto nauta do Mar da Galileia. Assim, foi naquele batizado que chorei pela primeira vez e despertei para a vida. Razão maior para que as lágrimas voltassem aos meus olhos...

XLIV

Forte de Tamandaré, dia 13 de dezembro de 1859

- Tem certeza de que seu irmão está enterrado dentro das ruínas do forte?

- Sim, Majestade. Como lhe disse, ele pertenceu à Maçonaria e foram seus irmãos maçons que o enterraram e, através da Loja Maçônica Comércio e Artes, do Rio de Janeiro, fizeram chegar essa notícia a meus pais.

- Admiro muito essa Irmandade, principalmente porque auxiliou meu pai a proclamar a Independência. Por isso sempre estimei o Marquês de Caxias a dedicar parte de seu precioso tempo a ela. O que foi de grande importância, em 1845, para a assinatura da paz com os líderes farroupilhas, em sua grande maioria maçons. E também na pacificação da República Argentina, depois que derrubamos o Ditador Rosas, sob o comando de Caxias, em 1853.

- Cuidado com o caminho, Majestade, muitas pedras rolaram por aqui, nos últimos anos.

- Pedras reunidas aos poucos, desde 1677, quando Fernandes Vieira começou a erguer o forte de pedra e cal, em substituição à trincheira por ele construída em 1646, após rechaçar os inimigos holandeses na Batalha do Monte das Tabocas, em Vitória de Santo Antão, para proteger este

porto, o de maior calado no litoral sul de Pernambuco.

- Impressionantes vossos conhecimentos de História, Majestade.

- Nenhum milagre nisso; ontem à noite, depois de nossa conversa, andei garimpando sobre a expulsão dos holandeses em um livro que retirei da biblioteca do **Apa**. E fui auxiliado pelo Visconde de Sapucaí, que, neste momento, deve estar dando esta mesma aula para as minhas filhas.

- Veja, Majestade, ainda ali estão, enferrujados, mas imponentes, os canhões fixos na direção da entrada do porto.

- Sim, a maioria de calibre 28, segundo o que li. Existiam outros de menor calibre, uns vinte, talvez, que devem ter sido levados pelos vencedores.

- Exatamente, Majestade. Não conseguindo mover esses canhões para defender o lado sul, por onde chegaram as tropas do Brigadeiro Lima e Silva, é que o Major Pitanga foi derrotado e morto.

- Major Pitanga?!

- Sim, Majestade, Pitanga era o apelido do meu irmão Manuel, que ficava encabulado, vermelho como a fruta silvestre, com muita facilidade. Também gostava de comer pitangas, desde pequeno, esperando ansiosamente a temporada curta em que ficam maduras, o que também consolidou esse apelido.

- ...

- Foi a **Mulher-Soldado**, Maria Quitéria, quem o chamou pela primeira vez em público de **Capitão Pitanga**, quando foi promovido depois de destacar-se, em 1823, nos combates de Itaparica e Pirajá, definitivos para expulsar da Bahia o exército português.

- E como chegou ao posto de Major?

- Pela defesa deste forte no primeiro combate aqui travado, em junho de 1824.

- Naquela ocasião o ataque foi pelo mar, não é verdade?

- Sim, e por isso puderam rugir estes velhos canhões.

No interior do forte, não tardam a encontrar junto à capela dedicada a Santo Inácio de Loyola alguns túmulos em completo abandono. Na casa do Comando, com dificuldade, identificam o nome do Major Manuel Marques Lisboa gravado numa laje, de forma rústica, entre o desenho de duas colunas maçônicas. No pátio, outra lápide impressiona pelas palavras que revela: ***Aqui jazem duas centenas de brasileiros mortos no dia 2 de setembro de 1824.*** Certamente colocada bem depois que aqueles revolucionários foram enterrados numa vala comum.

O Imperador tira o chapéu de abas largas, faz o sinal da cruz e todos o imitam, mantendo-se em silêncio até Sua Majestade persignar-se outra vez. Um raio de sol reflete-se em sua barba loura quando Joaquim ergue os olhos para ele e escuta emocionado as palavras que lhe diz, com extrema suavidade:

- Pode cumprir seu dever, Almirante Lisboa. Eu irei

encontrar as autoridades da região, que me aguardam. Irei depois fazer alguns desenhos deste forte e estudar a vegetação de seu entorno. Não se apresse, pois.

Dois marinheiros começam a trabalhar com as pás e não tardam a desenterrar alguns ossos disformes e amarelados, que vão colocando num saco de lona. Quando um deles desenterra o crânio, quase intacto, Joaquim ajoelha-se e o segura com delicadeza, pensando em *Hamlet*, sua peça de teatro favorita: *To be or not to be, that is the question*. Será mais nobre suportar a violência de um destino adverso ou pegar em armas contra todas as adversidades, enfrentá-las e destruí-las? Suspira profundamente, agora com os olhos secos e o coração batendo em ritmo normal. Esta é apenas tua carcaça, meu irmão. Tua alma seguramente se encontra há muito tempo desfrutando a paz do paraíso.

- Já basta, Sargento Alcebíades, quero que alguns ossos do meu irmão continuem aqui, ao lado dos homens e mulheres que tombaram com ele.

- Sim, senhor Almirante.

Ao entardecer, com brisa suave, navio adriçado, o pavilhão do Império desfraldado tremula sereno na popa do capitânia. Quando o primeiro escaler se aproxima do patim inferior da escada de portaló do *Amazonas*, os marinheiros e oficiais já se perfilam ao longo de todo o navio, igualmente espaçados, em postos de continência para receber o Almirante e os despojos do seu irmão, tratado como oficial superior do Exército Brasileiro, por especial deferência de

Sua Majestade o Imperador.

Joaquim, dispensando a ajuda de marinheiros, faz questão de subir a escada sozinho levando nas mãos o saco de lona com os despojos de Manuel. Ao chegar ao patim superior se inclina para a popa cumprimentando com uma continência firme e segura a bandeira auriverde do Brasil. O Comandante do **Amazonas** dá ordem:

- Oficial General, Comandante em Chefe, presença!

Ouve-se o afinado trinar de um apito longo, seguido de sucessivas e curtas pausas e mais trinares. O Vice-Almirante Lisboa recebe as homenagens em pé, um pouco curvado pelo peso da sacola. Depois, ainda recusando a insistente ajuda, cumprimenta emocionado o comandante e o imediato. Soam então, entre revoadas de aves marinhas, 21 tiros de canhão.

Esta homenagem a seu irmão Manuel é o melhor presente de aniversário que Joaquim poderia receber.

XLV

Rio de Janeiro, meio-dia de 17 de março de 1897

- *Arroz com camarão? Cozido à maneira da minha terra? É muita honra para um simples Marquês, digo, Marques, que é meu título de nascimento.*

- *Toda a nossa família gosta desse prato também, papai. É raro estarmos aqui juntas suas três filhas.*

- *Sim, Francisca, principalmente você, que se transformou numa parisienne d'adoption.*

- *Sans doute, principalmente porque Paris também adota as mulheres separadas de seus maridos.*

Instala-se um silêncio constrangido, menos para Francisca, que sorri sem preocupar-se com as expressões severas das irmãs. Joaquim fica pensativo. Sim, ela separou-se há vários anos daquele José Meireles, que se jactava de ser cunhado do Marechal Deodoro da Fonseca, o que me ajudou a aceitar o fato tão doloroso para uma família cristã.

Maria Eufrásia adianta-se a Maria Isabel:

- *Querida Francisca, entre nós não adianta tentares épater les bourgeois, escandalizar as irmãs provincianas. Todas as três somos parisienses de adoção, porque vivemos lá quando ainda crianças...*

- *Muito bem, meninas, pena que o Joaquim Júnior não*

tenha vindo também a este almoço que, aliás, devia ter acontecido no dia 14 de março, quando comemoramos o aniversário da Imperatriz Teresa Cristina. Esperamos mais três dias pelo vapor que trouxe Francisca da França, a pedido meu.

- E eu honro o aniversário da falecida Imperatriz, mas muito mais o título de Barão de Tamandaré, com o qual Dom Pedro II honrou o senhor e a nossa família no dia 14 de março de 1860.

- Exatamente, Francisca. Honrou a Imperatriz, sua esposa, de quem eu era Camarista, a mim e principalmente a Marinha do Brasil, uma vez que fui o primeiro marinheiro que recebeu um título de nobreza em seu reinado.

- Como Dom Pedro I honrou o Almirante Cochrane, em 1823.

- Muito bem lembrado, Maria Isabel. E ambos ascendemos à nobreza brasileira por serviços prestados como marinheiros.

- Pena que nós estávamos em Paris, naquela data.

- Nunca é pena estar em Paris, Maria Eufrásia. E bem que fizemos um brinde com Champagne ao papai Barão, na Legação do Brasil, por iniciativa do tio Miguel.

- Que depois foi também distinguido com o título de Barão de Japurá.

- Sim, Maria Isabel, mas muuuito depois do papai.

- Chega disso, meninas, a ascensão ao Baronato não é uma corrida de cavalos...

- Papai, é verdade que a primeira ideia do Imperador foi denominá-lo Barão do Rio Grande do Sul?

- Não, Maria Eufrásia, essa sugestão lhe foi dada pelo Ministro da Marinha, Pais Barreto.

- E por que o Imperador não a aceitou? Eu acho lindo o nome de Barão do Rio Grande do Sul... Até porque, na época, aquele Porto de Tamandaré, como até hoje, é um canto perdido do Brasil.

- Um dos cantos perdidos mais lindos do Brasil, Francisca. Pudessem eu levar até lá vocês três, o Joaquim Júnior e meus netos todos para encantarem-se com aquele mar cor de esmeralda, mais transparente do que o mais puro dos diamantes. Para desembarcarem naquela praia de areia dourada...

- Como as barbas de Sua Majestade o Imperador...

- Francisca!

- Que falta de respeito diante do papai!

- Podem ficar descansadas, eu conheço muito bem a minha caçula. Quis apenas fazer uma boutade, uma brincadeira, não foi? Pois acertou em cheio. Naquele tempo, com 34 anos, a barba loura de Dom Pedro II ainda brilhava ao sol.

- Mas não foi por nada disso que ele escolheu o nome de Tamandaré para homenageá-lo.

- Sim e não. Sim, porque ele também se encantou com o lugar, mandando buscar sua tenda de campanha e ordenando erguê-la junto ao Forte de Tamandaré para ali

fazer a sesta. Não, porque o nome do título que recebi foi para também honrar meu irmão Manuel que ali tombou lutando por suas ideias republicanas.

- O que poderia ser considerado uma incoerência para o Imperador do Brasil...

- Uma incoerência para quem desejava continuar cultivando o ódio entre irmãos... Quando Dom Pedro II, bem antes disso, recebeu com todas as honras na Corte o General Antonio de Souza Netto, que foi um dos mais aguerridos defensores da República Rio-Grandense, tendo até imigrado para o Uruguai depois da paz de 1845, também sofreu críticas, até pela imprensa. Mas, como nunca foi um ditador, como nunca exerceu o absolutismo, não perseguiu ninguém por externar suas ideias. E o General Netto foi muito importante nas campanhas contra Rosas e Aguirre, apresentando-se ao Imperador com suas tropas no Cerco de Uruguaiana, quando Sua Majestade recebeu a rendição de sete mil paraguaios que invadiram o Rio Grande do Sul.

- Pois continuo pensando que Barão do Rio Grande do Sul teria mais peso histórico e político do que Barão de Tamandaré.

- Deixe-me terminar, Francisca... O mesmo General Souza Netto, nosso parente pelo ramo dos Marques de Souza, morreu em consequência do tifo que contraiu na Guerra do Paraguai, creio que um mês depois que seus cavalarianos, a maioria antigos Lanceiros Negros

Farroupilhas, participaram com valentia da nossa grande vitória de 24 de maio de 1866, a Batalha de Tuiuti.

- Chegou o famoso camarão com arroz... Que perfume maravilhoso.

- Também acho, Maria Eufrásia, mas vou terminar a minha peroração... O Imperador Dom Pedro II teve ainda uma outra razão, que muito me orgulha, para escolher o título de Barão de Tamandaré. Isso porque nunca escondeu sua admiração pelos índios brasileiros, e Tamandaré, o Noé dos Tupis-Guaranis, encarregado por Tupã de sobreviver ao dilúvio e repovoar as terras brasileiras, é um símbolo dos povos que aqui chegaram milhares de anos antes que Pedro Álvares Cabral.

XLVI

Paris, dia 7 de setembro de 1860

- Meu estimado Barão de Tamandaré, quanta honra poder transmitir-lhe pessoalmente meus cumprimentos por tão merecido título de nobreza.

Joaquim inclina-se diante da Princesa de Joinville, mais uma vez encantado com seu charme e beleza.

- Muito obrigado, Alteza. Foi grande a generosidade de vosso irmão comigo e com a Marinha Imperial.

- Sei que Vossa Excelência recebeu o título também em nome de todos os vossos camaradas marinheiros. Acredite que meu marido, mesmo afastado das atividades navais francesas desde 1848, também se sentiu honrado com seu gesto.

- Virá à Embaixada do Brasil esta noite Sua Alteza o Príncipe de Joinville?

Francisca baixa a voz.

- Depois que seu pai deixou o poder, François Ferdinand e eu fomos para Londres. Derrubada a república efêmera, vivemos algum tempo aqui em Paris, pois meu marido esperava que Napoleão III, ao assumir o poder, o reintegrasse em seu posto de Almirante, o que não aconteceu. Certamente por ser filho do Rei Louis Philippe e, após o falecimento do seu pai, estar na linha direta de sucessão ao trono de França...

Impressionado com a sinceridade daquelas palavras, Joaquim dá um rápido olhar em torno. Francisca sorri e diz com suavidade:

- Legalmente, estamos em território brasileiro.

O barão também sorri e volta a concentrar-se na figura encantadora da Princesa.

- Onde as paredes também têm ouvidos...

- Nisso concordo com o senhor.

- E eu concordo que o Império de França está desperdiçando um dos seus mais competentes Almirantes. Não por acaso, ainda muito jovem, foi Sua Alteza, o vosso esposo, quem trouxe de Santa Helena os despojos de Sua Majestade o Imperador Napoleão I.

- Que, vinte anos depois, ainda não foram colocados em seu **tombeau** definitivo. Foi o que eu disse esta tarde à Imperatriz Eugenia, que teve a extrema bondade de me receber para transmitir-me os cumprimentos pela data de hoje, como irmã do Imperador do Brasil e filha do herói da nossa Independência, e não como a Princesa de Joinville.

Joaquim inclina-se numa elegante saudação.

- Impossível de separar as duas, Alteza. Até porque foram unidas pelas leis de Deus e dos homens.

- E, principalmente, meu caro Barão de Tamandaré, pela lei do amor... E por falar nisso, diga-me, como está a senhora Baronesa? Poderei vê-la esta noite?

- Infelizmente não, Alteza. A cirurgia a que foi submetida curou-a do mal maior, mas a obriga a usar uma proteção

estética no rosto que...

- Entendo, entendo, meu caro amigo. Mas o mais importante é que, segundo meu irmão contou-me, na carta que gentilmente o senhor me trouxe em mãos, Vossa Excelência estará retornando em breve para o Brasil, com toda a sua família. Aliás, não vão perder nada por aqui. Paris está um caos com todas essas obras faraônicas do Barão Hausmann. Eu mesma estou feliz por retornar amanhã para Londres.

- Sim, Alteza, acredito que chegou a hora de todos voltarem para casa. Nossa caçula, Francisca, que aqui chegou com quatro anos de idade, aos sete parece uma francesinha. Até o português está falando com sotaque parisiense.

- Francisca?! Mas que honra para mim.

- Dando-lhe esse nome homenageamos a Vossa Alteza e também ao meu saudoso pai.

Francisca fica pensativa por alguns momentos e depois olha para os lados, agora preocupada com o que vai dizer.

- Senhor Barão, por falar em família, na sua carta meu irmão descreve alguns momentos fascinantes da viagem feita ao Norte do Brasil, dos quais o senhor participou intensamente.

- Tive essa grande honra...

- Pois diga-me com sinceridade: o senhor, que conviveu com elas durante alguns meses, diga-me como estão minhas sobrinhas Isabel e Leopoldina? Ou melhor, como são

elas? Nunca as vi pessoalmente.

Joaquim sente-se enternecido.

- São duas jovens encantadoras... Ambas educadas com o maior cuidado, inclusive com um preceptor como o Visconde de Sapucaí, depois de Dom Pedro II, o homem mais culto do Brasil. As Princesas herdaram de Sua Majestade a Imperatriz o temperamento afável, a suavidade das palavras e dos gestos. Do pai, herdaram a memória extraordinária, a curiosidade científica e humanística, a segurança na emissão dos conceitos e, principalmente, o amor pelo Brasil.

- Bonitas não são, não é verdade?

- Eu as acho lindas, no frescor de seus catorze e treze anos de idade... Mas, como me pediu para ser sincero, não herdaram a formosura de Vossa Alteza.

Francisca enrubesce levemente, abana-se com o leque nacarado e diz, quase sem mover os lábios:

- Vou explicar-lhe, confidencialmente, a razão dessas indagações.

- Não é necessário, Alteza.

- Sim, é necessário, principalmente pelo amor que o senhor tem pelo Brasil, pelas muitas vezes que arriscou sua vida pela unidade do nosso Império... Unidade que enfrentará grandes riscos na hora da sucessão.

- Ainda longínqua, certamente.

- Impossível de saber, principalmente com o espírito aventureiro do meu irmão, que brinca com cobras, onças,

jacarés e piranhas... O senhor ri e concorda, não é verdade? Assim, ele mesmo preocupa-se cada vez mais com uma boa escolha de seus futuros genros e disso encarregou-me na carta confidencial da qual o senhor Barão foi o portador.

- Sim, compreendo perfeitamente a escolha de Sua Majestade o Imperador. Ninguém melhor que Vossa Alteza, há tantos anos convivendo com a nobreza europeia, para escolher os maridos mais adequados para vossas sobrinhas.

- Sabendo que o marido de Isabel certamente será o Príncipe Consorte e governará ao lado da futura Imperatriz... Veja, senhor Barão de Tamandaré, seu cunhado, o senhor Ministro Miguel Lisboa, já está subindo no estrado e logo nos chamará para o brinde dos 38 anos da Independência do Brasil.

- Uma lástima a interrupção de nosso diálogo. Mas saiba Vossa Alteza que guardarei para sempre a lembrança destas palavras que trocamos.

- E eu, senhor Almirante Tamandaré, nunca esqueço daquelas horas a bordo do Vapor *Dom Afonso*, e do vosso heroísmo e de vossa tripulação para salvar tantas vidas... A propósito, é verdade que nosso amado navio naufragou?

- Sim, Alteza. Felizmente, não em minhas mãos.

- Então, aquele lindo anjo que adornava sua popa está no fundo do mar? Encantei-me com ele desde o primeiro olhar.

- Sim, Alteza. Mas certamente, como representava seu sobrinho Dom Afonso, falecido aos dois anos de idade, ainda guarda os despojos dos que pereceram naquele naufrágio.

XLVII

Rio de Janeiro, meia tarde do dia 17 de março de 1897

Com quantos anos estará a Princesa de Joinville? Mais de setenta, certamente. Pois, com toda essa idade, de acordo com a photographia que me mostrou Francisca, que sempre a visita em Paris, ainda não perdeu da beleza os melhores traços... O Príncipe, ao contrário, não mais se parece com aquele moço desempenado que recebi a bordo da Fragata Dom Afonso. Principalmente, a imensa calva não lhe foi favorável. O mesmo deve ter pensado ele de mim quando Francisca mostrou-lhe cópia da foto em que estou com meu neto Henrique no colo. Pior que nós, só aquele infeliz anjinho da popa, que deve estar arruinado e tomado de cracas lá no fundo do mar...

- Papai, o Doutor Hilário está cá para fazer-lhe uma visita. Posso deixá-lo entrar?

- Certamente, minha filha. Que ele entre, mas deixe no vestíbulo a maleta, se veio somente me visitar.

- O senhor é impossível...

- Tudo bem, Maria Eufrásia, deixe-o entrar com seus badulaques. Procuro somente guardar meu bom humor.

Que pena essas interrupções. Mas nada me impede de provocar o mesmo assunto com o Doutor Hilário. Vamos ver

se vai dar certo.

- Bom dia, meu caro Almirante.

- Bom dia, meu caro Esculápio. A que devo a honra da sua visita?

- Pois imagine que estou com uma nova paciente aqui nas suas vizinhanças e pensei...

- ...em me calar a boca com um termômetro. E, enquanto eu estiver calado, ver se é preciso dar corda neste velho coração.

- A propósito, tem tido taquicardia ultimamente? Se isso acontecer, não deixe de colocar debaixo da língua aquela pílula cor-de-rosa que lhe dei.

- Sim, doutor, nos últimos dias tenho pensado muito na minha vida e, quando me aprofundo demais, quando revivo alguns acontecimentos, meu velho coração dispara com o freio nos dentes...

- E então o senhor coloca a pílula debaixo da língua.

- Que pílula, doutor?

- Posso abrir a gaveta da sua mesa de cabeceira? Foi ali que deixei o frasco com as pílulas.

- Poder, pode. Mas está estourando de tanta papelada.

- Deixe ver... Aqui está o frasco, no mesmo cantinho. O senhor vai se lembrar, caso necessite delas? Para ser franco, sua vida pode depender disso.

- Por isso é que minha vida já não vale nada, doutor. Imagine arriscá-la em centenas de batalhas que participei dos quinze aos sessenta anos de idade; de quase perdê-la

para salvar centenas de pessoas em perigo de naufrágio, fora os quase afogados que arrisquei a vida para salvar, e depois morrer porque não tomei uma pílula cor-de-rosa...

- Às vezes penso em trazer um taquígrafo comigo para anotar palavra por palavra essas frases que o senhor diz... A propósito, é verdade que salvou do afogamento o próprio Imperador? Correm tantas histórias a seu respeito que...

- Se Sua Majestade ia ou não se afogar, eu não sei. Mas que saltei n'água quando ele caiu do trapiche e molhamos nossas barbas juntos, isso é verdade.

- Interessante, muito interessante. Conte-me como foi.

- Meu único mérito foi o de ter, naquele dia 18 de setembro de 1884, quase 77 anos de idade... Dom Pedro II ainda não completara os sessenta, mas já andava bastante doente, tinha até alguma dificuldade para caminhar.

- Sofria de miastenia gravis, segundo fiquei sabendo, além da diabete mellitus.

- Não entendo esse seu latim, mas acredito que era a mesma doença que o fazia cochilar nas enfadonhas reuniões do Ministério...

- A propósito, é verdade aquele fato que o General Osório, num momento desses, deixou cair a espada no chão para acordá-lo?

- Verdade pura, o próprio Imperador contava essa história e ria de si mesmo.

- Como foi exatamente, o que aconteceu?

- Aconteceu que a reunião se fez numa tarde de muito

calor e os assuntos eram tão soporíferos, para usar um termo seu, que Sua Majestade caiu no sono.

- Imagino o constrangimento dos ministros...

*- Foi quando Osório desafivelou a espada e deixou-a cair no chão. O barulho despertou Dom Pedro II, que piscou os olhos e resolveu brincar com seu Ministro da Guerra: Meu caro Marquês do Herval, que me conste, na Guerra do Paraguai, Vossa Excelência nunca deixou sua espada cair no chão. **Ao que Osório respondeu, incontinente:** Sim, Majestade. Mas, naquela guerra, raramente alguém conseguia dormir a sono solto.*

- Ótima história... Mas ainda não fiquei sabendo como foi que o senhor jogou-se n'água para salvar Dom Pedro II.

- Não foi nada demais. A bobagem foi não ter sido adiada aquela visita do Imperador à Ilha das Enxadas, para inspecionar a Escola Naval. O tempo estava ruim e, quando entramos no Brigue Capibaribe, tripulado só por aspirantes, para testar a capacidade que tinham, aliás excepcional, para manobrá-lo dentro da Baía da Guanabara, o vento apertou de verdade. Tive até de abreviar a saudação àqueles marinheiros da brava juventude naval, sem deixar de dizer como estavam preparados para darem grandes glórias ao Brasil.

- E foi então que...

- Não, felizmente o mergulho foi depois, longe dos aspirantes... Finda a cerimônia, passamos para uma galeota e nos dirigimos ao cais. Ali demoramos alguns minutos,

sacolejando uns contra os outros, até que os marujos conseguissem colocar a prancha.

- Não seria o caso de esperar que o tempo melhorasse?

- Seguramente, mas o Imperador era destemido e foi o primeiro a pisar na prancha. Deu dois passos, escorregou e caiu n'água, comigo logo atrás dele... Saltei sem pensar, por instinto e, como sou bom nadador, peguei-o pela cintura e o trouxe para cima, antes que arriscasse se afogar. Foi só isso.

- Salva a vida do nosso Imperador e... foi só isso.

- As pessoas exageram muito. Até versos fizeram em homenagem ao fato.

- Versos? Sim, sim, lembro disso. E o senhor Marquês os tem escritos em algum papel? Na famosa gaveta, talvez?

- Tenho-os aqui nesta velha cabeça.

- Pois então diga-os, por favor.

- Só se esta for mesmo uma visita de cortesia. Sem termômetro na boca e só uma injeçãozinha hoje, não vai doer nada...

- Prometo que não abrirei minha maleta de maneira nenhuma.

- Pois então, lá vai... Quem escreveu esses versos, ninguém sabe, vox Populi certamente, de onde saem os melhores:

Sua Majestade, no Arsenal
Caiu n'água, foi ao fundo,
E todos os peixes gritaram:

Viva Dom Pedro II!

- *Maravilha... mas já os ouvi e não estão completos.*

- *Tem mais uma quadrinha sem a importância da primeira.*

- *Não importa, diga assim mesmo.*

- *Acho que é mais ou menos assim:*

Logo, vivo como um peixe,

Não se deixou cair à ré,

Do pouco bondoso banho

Tirou-o Tamandaré.

- *Realmente, Marquês, suas histórias não podem...*

- *...morrer comigo? Muitas não irão, certamente. Mas algumas, como a Questão Christie, estão sendo tão mal contadas que temo que a verdade será mesmo enterrada no meu caixão.*

- *Foi quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Inglaterra, não foi? Por causa do naufrágio de um navio deles em nossa costa do extremo sul, não foi?*

- *Bem, as causas do contencioso foram muitas, mas saber se o navio deles, o Príncipe de Gales, foi ou não afundado e saqueado por piratas brasileiros, como os ingleses afirmavam, foi nossa primeira preocupação. E, para isso, era preciso localizar o que sobrara do navio. Tarefa semelhante a achar uma agulha no palheiro, como o povo diz.*

XLVIII

Petrópolis, 6 de dezembro de 1862

O Imperador lê atentamente a carta que lhe entrega seu Ajudante de Campo, o Barão de Tamandaré.

Rio Grande de São Pedro, 23 de junho de 1861.

*Exmo. Sr. Dr. Joaquim Antão Fernandes Leão,
D.D. Presidente da Província de S. Pedro do
Rio Grande - Porto Alegre.*

Em Mãos.

Senhor Presidente

Dada a relevância dos fatos que devo relatar-lhe, passo diretamente a eles, ressaltando que se trata do lamentável naufrágio da barca inglesa Prince of Wales, ocorrido na praia do Albardão, local deserto do nosso extremo sul, possivelmente na noite de 8 para 9 do mês em curso.

Recebida a notícia, no dia 14 de junho, por emissário do subdelegado do Taim, Sr. Delfim Francisco Gonçalves, dei incontinenti todas as providências para dirigir-me ao local do sinistro e, às 3 horas da tarde do mesmo dia 14, acompanhado do Sr. Cônsul inglês, de um ajudante do guarda-mor, dos guardas da alfândega e quatro praças de polícia, segui para o dito lugar onde cheguei no dia 16 às 10 da manhã, depois de 49 horas de viagem a cavalo pela praia.

Tendo encontrado no local o inspetor daquele quarteirão, por ele vim ao conhecimento de que nada mais havia que se pudesse arrecadar, além de muito pouca coisa que o dito inspetor tinha conseguido fazê-lo; encontrei na praia, numa extensão de três léguas, os destroços do navio, assim como muitos gigos de louça vazios, muitas barricas, baús e caixas com sinais evidentes de terem

sido violentados, e seu conteúdo pilhado.

Tendo procedido a indagações para vir ao conhecimento de quem teriam sido os roubadores do carregamento da barca Prince of Wales, nada pude conseguir, pois tendo feito um exame e dado buscas em dez casas de moradores vizinhos ao lugar do naufrágio nada encontrei que pudesse orientar-me.

Disse o inspetor que tinham sido arrojados à praia dez cadáveres, entre os quais distingui os de uma mulher e de uma menina, e de que os enterrava à proporção que iam aparecendo.

O Cônsul inglês mandou conduzir a esta cidade um madeiro para mastro, umas vergas e uma lancha que foram encontrados na praia, assim como os objetos que tinham sido arrecadados pelo inspetor antes de minha chegada ali; muito diminuta parte do grande carregamento que devia conter a barca, sendo evidente que foi inteiramente roubada pelos moradores dos lugares vizinhos, que tiveram muito tempo para por sua presa a bom recado, inutilizando por esta forma as diligências que estavam a meu alcance para descobri-las...

Desprezando a leitura das frases finais de cortesia, Dom Pedro II ergue os olhos e pergunta:

- Por esta carta do Juiz Municipal Antônio Ferreira Garcez, testemunha idônea, é indiscutível a nossa responsabilidade pelo roubo da carga.

- Mas um roubo insignificante, Majestade, para a pretendida indenização de 3.200 libras esterlinas, uma vez que hoje sabemos que o grosso da carga do **Príncipe de Gales** não poderia ter sido roubada...

- Como disse no Parlamento, em Londres, o Conde Malmesbury, criticando como opositor ao governo esse pedido.

- Perfeitamente, por isso coloquei essa transcrição do texto do Senhor Conde como o segundo documento a ser lido por Vossa Majestade:

O navio estava encalhado a três milhas da praia e aí foi a pique. O carregamento consistia em carvão, ferro, soda, barricas de cerveja e caixas dos marinheiros. Nem o carvão nem o ferro poderiam ir à praia flutuando, e tão pouco é provável que fossem levados nos botes. Sem dúvida, pois, perderam-se ambos os gêneros. Os depoimentos são que os barris de cerveja foram arrombados pelas ondas. Portanto, as libras esterlinas, 3.200, só representam a soda. É inútil insistir na exorbitância de tão absurdo pedido.

- Nisso estamos de pleno acordo. Mas o Ministro Christie acusa-nos de um fato gravíssimo: o assassinato dos naufragos...

- ...para um roubo tão insignificante, não lhe parece? E mesmo que fosse uma carga de alto valor, nunca se ouviu falar no Brasil de algum naufrago assassinado em milhares de naufrágios que ocorreram em mais de quatro séculos, de Norte ao Sul, na imensa extensão da nossa costa.

- Essa acusação foi feita inicialmente pelo cônsul inglês que esteve no local do naufrágio...

- Sim, por **Mister** Vereker. Mas seus argumentos foram demolidos pelo relatório do Capitão-Tenente José Pereira Pinto, comandante da flotilha do Rio Grande. Trata-se do terceiro documento que lhe entrego agora, um tanto longo, mas do qual destacarei alguns tópicos, se Vossa Majestade permitir.

- Prossiga, por obséquio.

Reconheço que o navio naufragou com a travessia de Este Sudeste, e que, quando o Sr. Cônsul Vereker ali chegou o navio parecia fundeado e a carga espalhada para o Norte. Sendo assim, devo inferir que a correnteza para o Norte era muito forte, espalhando os objetos a distância de mais ou menos uma légua.

Continuando, observo que se admira o Sr. Cônsul que os cadáveres fossem dar de duas a três léguas do lugar do sinistro (desconfiando que isso tenha sido feito por assassinos), dizendo que deviam vir ao lugar da carga, e pondera que a segunda lancha foi achada uma légua do ponto central da carga, sendo provável que o capitão navegava nela para o Norte, quando encalhou, em frente de cuja lancha se acharam alguns cadáveres. E exclama: Como é que devendo eles achar-se juntos à primeira lancha e bote foram uns aparecer defronte da segunda lancha e outros mais longe até o rio Baeta?.

Respondo que semelhante argumento é confuso: quem pode provar que os tripulantes embarcaram nesta ou naquela lancha? A primeira e o bote podiam ter sido arrebatados do navio pela arrebentação sem pessoa alguma, ou os tripulantes delas caíram e morreram enregelados, sendo os corpos disseminados pela praia longe uns dos outros, o que comprovei em outros naufrágios.

É verdade que a costa do Albardão tem má fama, porque ali se têm dado depredações. Não consta, porém, nenhum caso de assassinato para melhor roubarem o carregamento do navio que dê à costa.

- Além disso, meu caro Barão, consta que o referido Cônsul foi afastado do seu cargo por ser sujeito a alucinações.

- Perfeitamente, Majestade. Quando retornou à Inglaterra, há alguns meses, esse fato foi destacado no jornal **Daily News**, que também transcrevi neste **dossier** para vossa Majestade. Trata-se de uma crítica da exposição

de Lord Russel, o Ministro dos Estrangeiros, no Parlamento Britânico, sempre envenenado pelas informações recebidas do Brasil através do Ministro Plenipotenciário William Dougal Christie:

A exposição dos fatos que Lord Russel fez na Câmara dos Lords, terça-feira à noite, a respeito da barca inglesa Prince of Wales não difere materialmente da exposição previamente feita por autoridade brasileira. Podem ser resumidos assim: aquele navio naufragou nas costas do Rio Grande do Sul, cadáveres de seus marinheiros e caixas foram arrojados à praia; o cônsul inglês nutriu suspeita de que alguns desses homens tenham sido assassinados; ninguém mais, porém, foi dessa opinião, sendo que o testemunho do cônsul sobre qualquer assunto foi depreciado por sua condição mental, e o ministro inglês não insistiu nelas; as caixas, indubitavelmente, foram mais ou menos saqueadas, como provavelmente teria acontecido há trinta anos na costa do Cornwall, na Inglaterra, ou em alguma parte inóspita da costa da Irlanda ainda hoje.

- Excelente que as opiniões contra o Brasil não sejam unânimes na Grã-Bretanha, mas, enquanto Christie for seu representante aqui no Rio de Janeiro, não acredito em solução pacífica para o caso. Principalmente agora que esses três oficiais da **Royal Navy** foram presos por bêbados e arruaceiros no Alto da Tijuca.

- Sim, Majestade. Um caso que seria desprezível para os britânicos se tivesse acontecido num porto da França ou da Holanda, mas que, nas mãos do Ministro Christie, pode colocar fogo na pólvora.

XLIX

Rio de Janeiro, entardecer do dia 17 de março de 1897

- *Doutor Hilário, estou quase acreditando que, hoje, sua visita não é mesmo médica. A não ser que espremer a minha memória faça parte dos seus testes de diagnóstico...*

- *Meu caro Marquês, reconheço que cheguei esta tarde com o intuito de examiná-lo mais uma vez. E, felizmente, tratava-se da minha última visita antes de voltar para casa. Agora, depois de ouvi-lo contar sobre a Questão Christie, mostrando-me documentos que expôs na época ao próprio Imperador e citando outros tantos fatos de memória, acredito que a mim é que devo tratar com fosfatos...*

- *E, veja, seu mais jovem discípulo acaba de chegar em casa. É melhor dizer-lhe logo que estou de férias médicas, se não ele vai sacar do termômetro a qualquer momento...*

- *Boa tarde, vovô, boa tarde, Doutor Hilário. Espero que nada grave...*

- *Xiiii... Lá vem ele com sua nova cara de médico. Tudo está ótimo, Henrique. Nem injeção nas nádegas levei hoje.*

- *Tudo bem na Escola de Medicina? Algumas cadeiras teóricas cansam no primeiro ano, não é?*

- *Henrique, antes de levar uns dez minutos respondendo a essa pergunta, vá buscar uma garrafa de vinho do Porto e*

três cálices para nós. Estava começando a contar ao doutor como a prisão de três bêbados ingleses, em junho de 1862, quase nos levou a uma guerra com a poderosa Inglaterra.

- E o senhor quer contar isso bebendo?

- Exatamente, para ser mais realista. Mas sem embriagar-me, o que em quase noventa anos de vida nunca me aconteceu. E não precisa olhar pedindo licença para o amigo Doutor Hilário, que veio hoje apenas fazer-me uma visita...

Chegada a garrafa e os três cálices de cristal, o médico espera apenas o primeiro toast e logo coloca a pergunta que lhe queima a língua:

- Quem eram esses ingleses que se embriagaram, senhor Marquês?

- Um capelão, um tenente e um guarda-marinha da Royal Navy, todos tripulantes da Fragata Forte, pertencente à estação naval que a Marinha Britânica mantinha na Baía da Guanabara.

- Uma esquadra permanente estacionada aqui no Rio de Janeiro? Que estranho isso...

- Um absurdo justificado pela crença que tínhamos de se tratar de uma nação amiga, o que, infelizmente, não era verdade.

- ...

- ...

- Pois os três ingleses, à paisana, jantaram num restaurante do Alto da Tijuca, pertencente a um patrício

deles, dos milhares que viviam e ganhavam muito dinheiro por aqui. Neste jantar, segundo o inquérito feito a seguir, beberam aperitivos de cachaça, duas garrafas de vinho Bordeaux e meia garrafa de cognac.

- Álcool suficiente para uma boa bebedeira.

- Infelizmente, foi má, porque eles saíram a cometer agressões pelo caminho, começando por segurar a brida do cavalo de um cidadão que voltava para casa, fazendo com que a montaria o derrubasse. Depois, implicaram com a sentinela de um posto policial, dando-lhe bengaladas, ao que o soldado se defendeu com o cano do seu fuzil, evitando, no entanto, de atirar ou usar a baioneta.

- Mas que barbaridade, vovô.

- Chegaram reforços de dentro do posto policial e eles foram finalmente dominados e postos no xadrez... Como só gritavam em inglês e ninguém os entendia, o alferes chefe do posto mandou chamar um vizinho austríaco que tentou falar com eles, mas sem resultado. Berravam impropérios e não se identificavam. Assim, dormiram na cadeia e no outro dia foram levados presos para uma delegacia do centro da cidade.

- E o que aconteceu para que um caso insignificante desses quase provocasse uma guerra?

- Aconteceu que o delegado, depois de identificá-los, os soltou, até porque só se tratava de uma bebedeira. Mas eles voltaram para o navio e fizeram queixa a seu Capitão, que a passou ao Vice-Almirante Warren, que comandava a estação

naval britânica, e este acionou o seu cacique, o famoso Ministro Christie.

- Quer mais um golinho, doutor?

- Por favor, Henrique.

- Eu também quero.

- Pode servir a nós três. Dois cálices de uma bebida licorosa não são nada frente à soma de cachaça, vinho e conhaque que derrubou esses ingleses...

- E quase derrubou o Império do Brasil.

- Como disse, senhor Marquês?

- O todo-poderoso Christie, que tratava o nosso Império como colônia, uniu as duas reclamações numa só, a indenização absurda que queria nos extorquir pelo naufrágio do navio Príncipe de Gales e a ofensa de policiais brasileiros por terem tido a ousadia de prender três oficiais da Marinha Britânica. E exigiu por escrito o imediato pagamento das absurdas 3.200 libras, o que seria como reconhecer o assassinato dos naufragos, o que nunca aconteceu. Além disso, exigiu em termos descorteses a punição de todos os policiais envolvidos no affaire da prisão dos bêbados, inclusive a demissão do delegado que os soltou.

- Mas esse Christie era completamente louco...

- Por isso essa história maluca é recordada com o seu nome, Questão Christie.

- E então, o que aconteceu?

- Como o Marquês de Abrantes, nosso Ministro dos

Estrangeiros, instruído pelo Imperador, ao qual Caxias e eu também prestamos nosso conselho, negou-se terminantemente a cumprir essas exigências, o Ministro Christie instruiu o Vice-Almirante Warren a deslocar dois navios, o Stramboli e o Curlew a... a... Meu Deus...

- Vovô, o senhor está se sentindo bem? Nunca o vi gaguejando. Doutor Hilário...

- Vamos encerrar esta conversa por aqui. Já o cansei demais, senhor Marquês.

- Desculpe, doutor, mas é que essa história, passados 35 anos, ainda sacode meus brios de velho marinheiro, de simples cidadão do meu país... Como eu dizia, os dois navios de guerra ingleses saíram barra afora e capturaram cinco navios mercantes brasileiros, levando-os como reféns para uma praia da Ilha Grande. Um ato oficial de pirataria em pleno território nacional...

L

Rio de Janeiro, primeiros meses do ano de 1863

A reação popular ao ato de pirataria dos navios ingleses é imediata. Manifestações espontâneas de pessoas de todas as classes, principalmente as mais humildes, foram se formando e se unindo pelas ruas próximas ao Paço da Cidade. Toda a área da Praça do Comércio, onde dominam as lojas e depósitos de negociantes ingleses, estão cercadas pela polícia para evitar linchamentos e depredações. E isso porque o *slogan* gritado por todas as bocas é o mesmo:

– Morte aos ingleses!

Deslocando-se em carruagem da Quinta da Boa Vista para o Paço da Cidade, Dom Pedro II vê-se cercado por manifestantes, mas não se intimida. Subindo à boleia, ao lado do cocheiro, manda a guarda baixar suas armas e só fala quando obtém silêncio, tirando então o chapéu em amplo gesto:

– Deixarei de ser Imperador do Brasil no dia em que não puder sustentar dignamente a honra nacional e a independência de nossa Pátria!

A convicção com que diz essas palavras, unida à sua grande estatura, barba e cabelos louros ao vento, em destaque no alto da boleia da carruagem, eletrizam a

multidão.

- Morte aos ingleses! Viva o Imperador!

- Morte aos ingleses! Viva o Imperador!

Dom Pedro II retorna para o interior da carruagem e prossegue seu caminho. Desde a madrugada, quando recebeu a notícia do sequestro dos cinco navios mercantes, aprisionados com a desculpa absurda de **uma represália** para garantir o pagamento da dívida em libras esterlinas, sabe que em termos militares não existe possibilidade real de enfrentar a esquadra britânica. **Só se desembarcarem poderemos derrotá-los, Majestade** foram as palavras que ouviu do Marquês de Caxias. E do Barão de Tamandaré estas palavras que refletem a triste realidade: **Nosso poderio naval é ínfimo diante deles**. O que significava simplesmente: Se os atacarmos com nossos navios e com os canhões obsoletos da Fortaleza de Santa Cruz, o Almirante Warren a demolirá em poucas horas com seu enorme poderio de fogo. E poderá também destruir com seus canhões nossa frota e a cidade do Rio de Janeiro.

Resta apenas negociar, mas jamais enquanto os navios mercantes continuarem como presa da Marinha Britânica... Para sustentar dignamente a honra nacional é preciso que eles sejam libertados. E, como não podemos fazê-lo pela força, o único caminho é o diplomático. Mas não através da Legação Britânica, chefiada por esse Christie, mas diretamente com Londres, dando para isso instruções ao nosso Ministro Carvalho Moreira. Se necessário, posso

dirigir-me diretamente à Rainha Vitória, sugerindo a mediação do Rei Leopoldo, da Bélgica, embora tenha que ser esse o último recurso.

Diante do Largo do Paço, a multidão é composta principalmente por jovens, ali reunidos para se oferecer a lutar ao lado do Imperador. Todos à paisana, menos o seu líder, que veste o uniforme da Escola Militar. Um rapaz franzino, baixo, com pera e bigodes louros, que empunha na mão direita uma bandeira nacional. Dom Pedro II confia no seu olhar inteligente e pergunta-lhe:

- Como é o seu nome?

- Antonio Tibúrcio Ferreira de Souza.

- Pois, jovem Tibúrcio, continue preparado para liderar seus companheiros. Nós não cederemos jamais a nenhum ato de agressão ao Brasil.

O Imperador sobe as escadas que levam do saguão ao primeiro andar, enquanto Tibúrcio grita palavras de ordem, com sua voz já rouca:

- TODOS JUNTOS, COMO UM ÚNICO HOMEM, EM DEFESA DO BRASIL!

No salão de audiências, começa o desfile das delegações em apoio ao Imperador. O ardor patriótico dissemina-se em todas as camadas sociais. Um Corpo de Voluntários é formado em poucas horas, seus representantes colocando-se à disposição do Exército e da Marinha. Todos os oficiais em licença, mesmo alguns doentes, apresentam-se espontaneamente em suas unidades. Começam a se fazer

grandes coletas de fundos para a aquisição de armas de países não dependentes da Inglaterra. Até o clero traz o seu apoio através do Cônego Vigário-Geral Pereira da Silva.

Dom Pedro II precisa ganhar tempo e consolidar sua autoridade legal. Para tanto, decide reunir no Palácio da Quinta da Boa Vista o Conselho de Estado Pleno, o que só acontece em momentos excepcionais. E isso se faz no dia 5 de janeiro de 1863.

Um a um, leem seus pareceres os senhores Visconde de Abaeté, Visconde de Uruguai, Visconde de Jequitinhonha, Conselheiro Cândido Batista de Oliveira, Visconde de Sapucaí, Conselheiro Euzébio de Queiroz, Conselheiro General Santos Barreto, Conselheiro Pimenta Bueno, Visconde de Souza Franco e Visconde de Itaboraí.

Todos recomendam soluções diplomáticas que não tragam vilipêndio à nação, sendo parte do depoimento do Visconde de Sapucaí, o mais próximo ao Imperador, uma síntese da resolução que foi tomada:

O Governo Imperial não deve admitir o arbitramento, nem entrar em qualquer ajuste com a legação britânica, sem que sejam previamente relaxadas as presas feitas e dadas ordens para não se continuar a fazê-las. Postas assim as coisas no estado anterior às hostilidades ou represálias, o Governo Imperial poderá aceitar o arbitramento do Rei Leopoldo, da Bélgica, dando nesse sentido instruções ao ministro brasileiro em Londres para que o dito arbitramento não comprometa a soberania e independência do Brasil.

Enquanto o vapor de carreira leva a mala diplomática

para Londres, Christie tenta não perder a autoridade, trocando correspondências ácidas com o Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Passam-se os dias, nos quais o Imperador recebe as maiores demonstrações de patriotismo, desde as Câmaras de Vereadores do Rio Grande e São José do Norte, onde Tamandaré nasceu e passou sua infância, até do extremo Norte e da Amazônia. A frase do Marquês de Caxias corre de boca em boca: ***Tenho vontade de quebrar a minha espada quando não me pode servir para desafrontar o meu país de um insulto tão atroz. Mas se eles desembarcarem em qualquer rincão do território brasileiro nós os expulsaremos, como fizemos com os holandeses no século XVII.***

Sabendo da rapacidade dos ingleses pelo dinheiro, Dom Pedro II autorizou Carvalho Moreira, o ministro brasileiro junto ao governo de sua majestade ***A Graciosa Rainha Vitória***, a entregar-lhes a quantia de 3.200 libras, mas salientando em nota por escrito que não era para pagar indenização por nenhum assassinato de náufragos, mas sim para liberar os barcos brasileiros apresados e suas tripulações, uma vez que não era possível fazê-lo à força. Mas que buscava também compensação financeira sobre quaisquer danos acontecidos às naves aprisionadas e a seus tripulantes.

Liberados os cinco navios mercantes, diminuem as tensões, mas só aparentemente. O boicote aos produtos ingleses, feito espontaneamente pela população, faz

entrarem em bancarrota muitos comerciantes ingleses, enchendo os cofres de seus concorrentes franceses e alemães. Antes da Questão Christie, o montante anual dos negócios britânicos, somente no Rio de Janeiro, fora calculado em sete milhões de libras esterlinas...

E todos ficam à espera da decisão do Rei Leopoldo sobre a culpa dos policiais brasileiros na prisão dos bêbados ingleses. Finalmente, após o monarca belga ter arbitrado favoravelmente ao Brasil, e de forma insofismável, o ***affaire*** referente ao encarceramento dos oficiais da ***Royal Navy***, a Questão Christie parece ter chegado ao fim. No entanto, por tal decisão não ter sido aceita pelo governo britânico, o Brasil, no dia 25 de maio de 1863, rompe relações diplomáticas com o poderoso Império da Rainha Vitória.

O que obriga o Ministro Plenipotenciário William Dougal Christie a ***pedir passaportes*** e se retirar para sempre do Rio de Janeiro. O que também é obrigado a fazer o Vice-Almirante Warren com todos os seus navios, encerrando um capítulo doloroso, mas cheio de lições, da nossa História.

LI

Rio de Janeiro, noite de 17 de março de 1897

Passados tantos anos, eu penso que a Questão Christie foi fundamental para a união do povo brasileiro, que ajudou a formar a massa compacta de uma grande nacionalidade. Pela primeira vez desde o descobrimento, devido à brutal agressão da Inglaterra, o sentimento de amor à pátria manifestou-se espontaneamente em todo o território nacional. Guardei como exemplo este soneto de autoria de F. F. da Silva Lírio, dedicado ao Imperador, que Maria Eufrásia localizou em nosso álbum de recortes do Jornal do Commercio:

Quando o canhão inglês troar nos ares,
E o grito de guerra então ouvir,
Há o povo do Brasil firme se unir
P'ra defender com valor os pátrios lares.

Junque a terra cadáveres aos milhares,
Corra o sangue - os mares vá tingir!
Não há de a Grã-Bretanha conseguir,
No Brasil à vitória erguer altares.

Em defesa da Pátria o veterano
Com valor a espada há de empunhar,
E perigo afrontará altivo e ufano.

Havemos com denodo o sangue derramar,
E, cheios de ardor americano,
A Inglaterra horrorizar.

Sem dúvida, toda essa reação patriótica foi como um ensaio para a guerra verdadeira que iríamos travar contra Solano López, esta sim que derramou tanto sangue sul-americano.

Mas, antes disso, coube-me uma missão que não desejaria ao pior inimigo: interferir na República Oriental do Uruguai, país que vi nascer, em 1828, e ao qual dispenso um amor fraterno desde muito jovem, até por ser um homem de fronteira. Dos três idiomas estrangeiros que falo, o espanhol é o meu preferido, guardando até hoje a pronúncia que aprendi nos dois anos em que estive servindo em Montevideu, exatamente os que consolidaram a independência do país. Naquele alvorecer da nacionalidade uruguaia, até o dia 18 de julho de 1830, quando assisti às comemorações do nascimento público de sua primeira Constituição, a presença da nossa esquadra no porto de Montevideu deu a necessária segurança para que as Províncias Unidas do Rio da Prata cumprissem o acordo firmado no Rio de Janeiro.

Trinta e quatro anos depois desses fatos estava eu de volta ao Uruguai. E, desta vez, como Comandante em Chefe de nossas Forças Navais no Rio da Prata. Adiantara-se uns

dias a mim o Ministro Plenipotenciário José Antônio Saraiva, encarregado das negociações políticas com o governo de Atanasio Aguirre, buscando satisfação às reclamações de milhares de brasileiros residentes no Uruguai. Tratava-se, basicamente, das reivindicações feitas diretamente ao Imperador pelo General Antonio de Souza Netto, em sua visita recente ao Rio de Janeiro. Fazendeiro no outro lado da fronteira rio-grandense, desde o fim da Guerra dos Farrapos, em 1845, Netto voltara a ganhar prestígio junto ao Império por ter participado com mais de mil voluntários das campanhas que derrubaram os caudilhos Rosas e Oribe. Porém, na atual presidência de Aguirre, do Partido Blanco, a situação tornara-se insustentável. Tendo-se levantado em armas contra ele o General Venancio Flores, do partido Colorado, os esbirros de Aguirre invadiam as estâncias dos brasileiros, às vezes dos dois lados da fronteira, para roubar gado, cavalos e, o pior de tudo, obrigarem os peões brasileiros a vestirem a farda do exército uruguaio. Os que se recusavam eram surrados e até fuzilados, obrigando os fazendeiros mais aguerridos, como o General Netto, a transformarem suas estâncias em verdadeiras praças de guerra.

Aliás, com a sinceridade que o caracterizava, Netto concluiu seu arrazoado com uma frase que jamais me saiu da memória e que foi repetida mais de uma vez por Dom Pedro II no Conselho de Ministros: Temos direito à vossa proteção ou devemos contar somente conosco?.

Aguirre não deu importância às reclamações do nosso Império porque fizera uma aliança com Solano López, o qual garantira seu apoio militar caso o Uruguai sofresse uma agressão por parte do Brasil. Assim, Saraiva dirigiu-se a Buenos Aires juntamente comigo para sabermos do Presidente da Confederação Argentina, General Bartolomé Mitre, sua posição a respeito das reclamações do Brasil junto ao governo uruguaio. Mitre recebeu-nos da maneira mais cavalheiresca de que era capaz e garantiu-nos seu apoio, inclusive porque necessitava aliar-se ao Brasil em caso de uma muito provável invasão paraguaia. Ele também desconfiava de que seu antigo desafeto, o General Urquiza, que era Presidente da Província de Corrientes, fronteira ao Paraguai, se uniria aos inimigos para tomar-lhe o poder.

Certo de que a verdadeira guerra seria contra Solano López, que havia anos armava um exército que se dizia de mais de setenta mil homens, tomei a decisão de pedir apoio de tropas do nosso Exército, pedindo ao Império que nos garantisse no mínimo dez mil homens de cavalaria, infantaria e artilharia caso entrássemos em guerra com Aguirre. Também sondei meus superiores sobre a possibilidade de apoiar os revolucionários do General Flores, notoriamente contrário a Solano López.

Minhas solicitações foram atendidas e fui comunicado de que o Marechal Mena Barreto fora encarregado de formar essa força e comandá-la para invadir o Uruguai, caso necessário. E, como eu estava na hierarquia militar um

posto acima de Mena Barreto, e tendo o Ministro Saraiva retornado ao Rio de Janeiro, coube a mim o comando de todas as operações, inclusive as diplomáticas.

Assim, tendo recebido por sua própria iniciativa em meu navio capitânia a visita do General Venancio Flores, articulei com ele uma aliança para apoiá-lo na revolução contra Aguirre. Como prova de confiança, Flores deixou seus assessores em terra e subiu só em meu navio. Debaixo do enorme bigode, suas palavras me pareceram sinceras. Sabia, como eu, que o verdadeiro inimigo, detrás de Aguirre, era Solano López. E garantiu-me que, chegando ao poder, o Uruguai formaria uma Tríplice Aliança conosco e com a Argentina para enfrentar o poderoso Paraguai. Além disso, sabendo que o General Netto também estava decidido a apoiá-lo com sua tropa de brasileiros residentes no Uruguai, prometeu-me que garantiria os bens e a honra de nossos patrícios, jamais exigindo que servissem à força no exército uruguaio.

Feita essa aliança no dia 20 de outubro de 1864, decidimos que os primeiros movimentos de guerra seriam contra os partidários de Aguirre que defendiam os portos de Salto e Paissandu, no Rio Uruguai. Começamos por Salto, para onde desloquei minha frota formada basicamente pelas canhoneiras que eu mesmo mandara fabricar na Inglaterra e na França. E cujo poder de fogo e capacidade de manobra em águas rasas, por serem de baixo calado e movidas a vapor, foram decisivas para a nossa vitória.

Cercados por terra e por água, bastaram alguns tiros de canhão para intimidar os defensores de Salto, que logo ergueram a bandeira branca. As tropas do General Flores ocuparam a pequena cidade portuária, sem necessidade de que nenhum marinheiro nosso desembarcasse em seu apoio.

Animados por essa vitória sem mortos nem feridos, resolvemos atacar o porto de Paissandu, defendido pelo Coronel Leandro Gómez, que se entrincheirara numa cidadela com mais de mil soldados fiéis a Aguirre. Mas, ali, a rendição só foi obtida depois de muito sangue vertido de ambos os lados. Uma vitória máscula, mas que até hoje me entristece pelas calúnias políticas de que fui vítima.

LII

Paissandu, dia 2 de janeiro de 1865

- Almirante Tamandaré! Pelo amor de Deus! Venha ver o horror que eles fizeram com aquele menino...

Impressionado com as palavras do Primeiro-Tenente Mariz e Barros, Joaquim concorda imediatamente em segui-lo até um ponto mais elevado. Dali, naqueles primeiros minutos do amanhecer, se descortina um amplo panorama sobre a cidade sitiada. Mariz e Barros entrega-lhe o óculo de alcance e aponta para onde deve focá-lo:

- Bem ali, no alto daquele terraço, entre dois canhões de bronze. Veja, eles lhe cortaram a cabeça e...

A imagem é aterradora. A cabeça do jovem marinheiro fora enfiada na ponta de uma lança e colocada em local bem visível, certamente para apavorar os atacantes brasileiros. Joaquim a contempla por alguns segundos, sentindo as mãos tremerem de raiva.

- Quem é ele? É possível identificá-lo?

- É o **tambor** da Canhoneira **Ivaí**, que faz parte da nossa bateria. Ele perdeu-se a noite passada e foi feito prisioneiro.

- Muito bem, tenente. Depois de todas as barbaridades praticadas por esse Leandro Gómez, inclusive atirando em nossos enviados que lhe propunham uma rendição honrosa, a cabeça deste menino marinheiro, exposta como um troféu, é a prova de que não devemos ter a menor

piedade... A não ser com a população atrás da qual ele se escondeu durante esse tempo todo.

Poucos minutos depois, colocados em pontos estratégicos, o Vapor **Recife** e as canhoneiras **Belmonte, Parnaíba, Araguari e Ivaí** começam a metralhar os redutos que restam da resistência dos Blancos. Também a artilharia do Marechal Mena Barreto, embora já com pouca munição, do alto do cerro Boa Vista castiga especialmente a praça forte onde está o comando de Gómez. Depois de uma hora de canhoneio e do avanço de três mil soldados das tropas de infantaria, comandadas pelo Coronel Sampaio, e de cavalaria, pelos Generais Flores, Netto e Osório, surge a esperada bandeira branca no alto de uma torre metade em ruínas.

- Então o **invencível** deu-se por vencido... Vamos tirar do chão a bandeira do Brasil, que ele usa como tapete, e hasteá-la, suja como estiver, no ponto mais alto da sua cidadela... Meu filho, vá com o Tenente Mariz e Barros receber a mensagem dos derrotados.

O jovem voluntário Joaquim Marques Lisboa Júnior sente o sangue subir ao rosto, da mesma forma que ocorria com o Major Pitanga, seu heroico tio.

- Obrigado... senhor Almirante. É uma grande honra.

Mas o Coronel Leandro Gómez, depois de 23 dias de resistência, quer apenas temporizar. Pede ao Almirante Tamandaré um cessar-fogo de oito horas **para socorrer os feridos e enterrar os mortos**. A resposta é curta e definitiva:

Em menos de oito horas nossas tropas terão destruído qualquer tipo de resistência. Nós, então, cuidaremos dos nossos e dos vossos feridos e enterraremos todos os mortos. Sua última oportunidade de rendição é AGORA.

Às oito horas da manhã, o portador da resposta, Coronel Saldaña, até ali mantido prisioneiro por Gómez, é abraçado efusivamente pelo General Venancio Flores, que ignorava seu paradeiro. Ele traz a mensagem que todos esperam: a rendição incondicional dos inimigos do Partido Blanco, abrindo para os Colorados o caminho de Montevideú.

- Almirante Tamandaré, deme el honor de ser uno de los primeros a entrar a mi lado en Paysandu.

- El honor es mío, General Flores. Pero caberán a ustedes, uruguayos, todas las armas y banderas que fueran conquistadas.

Não é apenas uma troca de gentilezas. Flores convida Tamandaré a entrar a seu lado em Paissandu, porque se trata de uma cidade uruguaia. O Almirante lhe concede todas as armas e bandeiras, porque não as considera troféus de guerra, porque respeita a bandeira azul e branca do Uruguai.

Porém, esse clima cordial não irá durar muito. Desejando encontrar-se com o Coronel Leandro Gómez, Tamandaré toma conhecimento pelo Coronel André Belo de que fora fuzilado.

- Mas como? Quem autorizou essa barbaridade?

- O Coronel Goyo, a quem ele preferiu entregar-se

quando o prendi.

- Seu ódio ao Brasil custou-lhe a vida. Eu jamais autorizo fuzilamentos sumários. Vou exigir satisfações do General Flores sobre esse crime. Se o Coronel Goyo não for punido, nossa aliança será desfeita imediatamente.

Para deixar bem claro que não deixará impune o que chamou de crime monstruoso, Tamandaré marca o encontro com Flores e Goyo a bordo da Canhoneira **Jequitinhonha**, ou seja, em **território** brasileiro. Na hora aprazada, ambos comparecem.

Mas a fisionomia de pedra do Comandante em Chefe vai-se modificando à medida que o coronel uruguaio faz seu relato, com a voz embargada, os olhos cheios de lágrimas:

- Guerrilheiros das tropas do governo de Montevideú, chefiados pelo Coronel Leandro Gómez, chegaram a um local denominado **Polanco del Río Negro**, onde, em um rancho no mato, fugindo à perseguição que os partidários de Aguirre vinham movendo aos Colorados, se havia ocultado minha família.

- ...

- Apeararam-se, cercaram a casa e arrombaram a porta a coice de armas. Ali encontraram...**mi vieja**... minha velha mãe rodeada por nossas três filhas, todas ajoelhadas, rezando. Ao ver os assaltantes, **mi madre** levantou-se e os enfrentou com bravura.

- ...

- Por ordem de Leandro Gómez, os soldados **blancos**

agarraram brutalmente...*a la pobre señora...*e a amarraram a um esteio. Depois, *arrastraron a mis hijas para fuera y pusieron fuego en el rancho...*

- INCENDIARAM O RANCHO COM SUA MÃE LÁ DENTRO?

- *Sí, señor Almirante. Así la mataron. Pero, a mando de Gómez, antes de marcharse...* cometeram todos os abusos sobre as três meninas. E partiram, a galope, aos berros, liderados por esse covarde que eu mandei fuzilar... *fuzilar, no quemar a fuego lento como se lo merecía.*

Muito pálido, Joaquim ouve a pergunta que lhe faz Goyo, com os olhos injetados de sangue, os lábios tremendo:

- No meu caso, o que teria feito Vossa Excelência?

No que é secundado por Flores, também profundamente emocionado:

- *Sí, también esta es mi pregunta: ¿qué habría hecho usted, mi Almirante?*

LIII

Rio de Janeiro, início da madrugada de quinta-feira, 18 de março de 1897

- *Que milagre é esse, meu filho? Depois de quase um mês ausente, chegas assim, como o sereno da madrugada.*

- *Desde que o fiacre parou diante do portão, vi a luz acesa no seu quarto. Houve alguma coisa? Seu rosto está tão preocupado...*

- *Só alguns maus pensamentos. Estava recordando aquele dia em que tomamos Paissandu. E o Coronel Goyo mandou fuzilar Leandro Gómez.*

- *O que foi pouco para aquele sanguinário. Eu estava atento, no outro lado da porta da Praça d'Armas, preocupado com alguma reação dos dois oficiais uruguaios... contra o senhor.*

- *Então tu ouviste o relato do Coronel Goyo?*

- *Sim, mas não a sua resposta às perguntas dele e do General Flores.*

- *Não ouviste porque eu não respondi nada. Mas, sem palavras, dei por encerrado o inquérito naquele momento. Não iria arriscar nossa aliança contra Solano López levando avante a punição do Coronel Goyo. Quem estiver sem pecado que atire a primeira pedra.*

- *Em guerra todos são pecadores, não é, meu pai?*

- *Aos olhos de Cristo, sim, porque não sabemos perdoar... Mas vamos mudar de assunto. Foi a Maria Eufrásia quem te chamou para me ver? Ou são os negócios que te trazem ao Rio?*

- *Realmente, foi Francisca quem me mandou um telegrama. Ela quer me ver antes de voltar a Paris. Por isso peguei o trem noturno. Quanto aos negócios... acho que sou como o senhor: não nasci para ganhar dinheiro. Pena que não herdei também a sua vocação para a carreira das armas.*

- *Mais do que armas, Joaquim Júnior, o que sempre amei foram os navios. E isto, desde pequeno, porque nasci na beira d'água e só navegando sobre ela me sinto feliz.*

- *Eu também fui feliz navegando junto com o senhor.*

- *Por falar nisso, achei a cópia de um documento que desejo te dar. Juntei muita coisa durante os trinta anos em que fui ministro do Supremo Tribunal Militar. Acho que tu vais gostar dessa lembrança.*

- ...

- *Sabia que tu estavas vindo nos visitar e deixei o papel bem à mão. Aqui está. Lê em voz alta para nós.*

- *Deixe ver os meus óculos.*

- *Óculos? Um menino como tu?*

- *Um menino de sessenta anos.*

- *Está certo, ficas bem de óculos. Lê para nós.*

Nomeação *Ad Hoc*

Barão de Tamandaré, Vice-Almirante Comandante em Chefe da

Esquadra Brasileira em operações no Rio da Prata, por Sua Majestade o Imperador.

Nomeio o cidadão brasileiro Joaquim Marques Lisboa Júnior para servir, como voluntário da Marinha, na esquadra do meu comando, desempenhando os deveres de um guarda-marinha, sem perceber vencimento algum por este serviço.

Bordo da Fragata **Niterói**, no porto de Montevideú, 15 de agosto de 1864.

Barão de Tamandaré

- Que impressionante, meu pai, muito obrigado. Então o senhor assinava em nome do Imperador?

- Sim, mas principalmente depois que o Ministro Paranhos foi demitido e a partir da nossa vitória na Batalha do Riachuelo, a 11 de junho de 1865, Sua Majestade o Imperador deu-me autonomia para comandar todas as operações navais contra Solano López, não me submetendo ao comando geral da Tríplice Aliança quando ele foi entregue ao General Mitre.

- Que fim terá levado aquele Ministro Paranhos? Por causa dele o senhor até pediu demissão de suas funções, não foi verdade?

- A mais pura verdade. Lembra quando, depois da tomada de Paissandu, nos deslocamos com a esquadra para bloquear o Porto de Montevideú?

- Sim, lembro perfeitamente. E as tropas brasileiras e uruguaias seguiram por terra para derrubarem Aguirre do poder. Ele e o seu Ministro da Guerra que pisoteou a bandeira do Brasil.

- Além de ordenarem aquele massacre em Jaguarão, de onde trouxeram a nossa bandeira... Mesmo assim, demos a Aguirre a ao General Lamas a garantia de vida, na condição de que saudassem em público a bandeira do Brasil e entregassem imediatamente o poder ao General Flores, nosso aliado contra os paraguaios.

- Que, naquelas alturas, já haviam invadido a província do Mato Grosso.

- Exatamente. Solano López nos atacou antes da tomada de Paissandu, e faltou com sua palavra com Aguirre, a quem havia prometido um auxílio de trinta mil soldados.

- ...

- Em Montevideu, o mais difícil para mim foi negociar com as legações estrangeiras, principalmente da Itália, França e Inglaterra, sendo até obrigado a erguer o tom quando tentaram desobedecer minhas ordens de manterem seus navios fora do perímetro em que poderiam ser atingidos por nossa metralha, caso Aguirre resolvesse resistir.

- Enquanto o senhor fazia isso, o Ministro Paranhos negociava com os Blancos nas suas costas... E envolveu nisso o próprio General Flores.

- É verdade. Paranhos até acusou-me de ter mandado fuzilar o Leandro Gómez, mesmo sabendo que era mentira. O que ele desejava era colher os louros de uma vitória que pertencia aos militares, tanto brasileiros, como uruguaios. Alguns meses mais tarde, no cerco de Uruguaiana, Caxias

me disse que ouviu dele esta frase dita no Senado: As guerras, vencem-nas os generais da pena e não da espada. As minhas balas de papel foram mais eficazes que as de ferro e chumbo do Almirante Tamandaré.

- Quel toupet, como dizem os franceses, que petulância!

- Graças a suas balas de papel, nos termos da paz que assinou com os Blancos, nenhuma satisfação foi dada às barbaridades que fizeram em Jaguarão. Todos ficaram impunes daqueles crimes, e só depois de ocupar o poder o General Flores mandou dar 21 tiros de canhão em homenagem à bandeira do Brasil...

- E à do Uruguai, hasteadas lado a lado... Eu vi, eu estava lá. E lembro muito bem do senhor escrevendo sua carta de demissão ao Ministro da Marinha... Tem alguma cópia dela por aqui? A sua cama virou uma colcha de retalhos. Que papelada!

- Eu me entendo com ela, estão todos separados em relação às datas. Deixa ver, a carta de demissão é de 26 de fevereiro de 1865.

- Que memória o senhor tem...

- Pudera... Trinta e dois anos depois, parece que foi hoje que escrevi esta carta... Lê tu, que tens os olhos mais moços.

Exmo. Sr. Dias Vieira

DD Ministro dos Negócios de Estado da Marinha Imperial

Rio de Janeiro, Brasil.

Excelentíssimo Senhor Ministro:

Acha-se firmada a paz com o Governo de Montevideu desde o dia 20 do corrente. As condições do Convênio, celebrado pelo Sr. Conselheiro Paranhos, distam muito daquelas que eu me julgava com o direito de exigir.

Enfim, é um fato consumado esta paz, e Deus queira que seja duradouro o benefício para os dois países. Em minha opinião, ela devia assentar principalmente em uma reparação exemplar do último insulto feito à nossa Bandeira nas ruas de Montevideu, no dia 9. Esta reparação só poderia consistir na prisão e punição das pessoas que compunham o Governo e de outras altamente colocadas, que planejaram e puseram em execução esta infâmia.

O culto que prestamos àquele emblema sagrado da nossa nacionalidade, nos faz julgar pequena a satisfação hoje obtida por meio de uma salva dada, não pelos autores do insulto, mas sim pelo nosso aliado, cujos sentimentos amigáveis e respeitosos nos são conhecidos.

- O senhor continuava mesmo a acreditar no General Venancio Flores? Lembro como ele foi desaforado no cerco de Uruguaiana.

- Ele queria assumir o comando das nossas tropas em pleno território brasileiro. Mas isso aconteceu alguns meses depois desta carta. E ele acabou baixando a crista quando Dom Pedro II chegou ao teatro dos acontecimentos. Ele e o Mitre... Podes prosseguir lendo a carta, Joaquim Júnior?

Pode ser que eu esteja em erros, mas, para mim, não se consultou, como se devia, a dignidade do país, que se achava representado por uma força marítima e terrestre capaz de desafrontá-lo completamente. Por isso estou em absoluto desacordo com o Sr. Paranhos, na forma e substância deste Convênio, em que muito pouco se fala no Brasil, sendo ele, no entanto, a principal parte.

Como comuniquei a V. Exa., nas bases que apresentei aos

comandantes das estações navais da Itália e da França, quando me fizeram proposições de paz por parte do Governo de Montevideú, estabeleci positivamente que nenhuma conclusão havia, digna de nós, que não repousasse na entrega da praça, segundo as leis da guerra, devendo dela sair as pessoas do Governo, assim como os chefes militares e civis mais influentes.

Depois de tomar conhecimento do insulto do dia 9, disse-lhes mais, que não podia satisfazer-me senão com a prisão, demissão e punição dos chefes militares que nele tomaram parte, visto que não podíamos ser menos briosos do que a Inglaterra, que, por causa do cão de um oficial inglês, espancado nas ruas de Montevideú, exigiu e obteve a demissão do infeliz Major Parraga.

- Quem era esse, papai?

- O chefe de polícia de Montevideú. Demitido por causa de um cachorro... Imagine se tivessem pisoteado e arrastado pelas ruas a bandeira da Inglaterra. Mas nós tivemos de engolir tudo para que Paranhos crescesse como político, dando tiros de papel... Esta carta foi, através do Ministro da Marinha, realmente dirigida a quem me tratava como amigo, a quem me deu o título de Barão... Segue em frente, meu filho, por favor.

Todos os oficiais estrangeiros concordaram com nossa exigência, entendendo a grandeza da ofensa de arrastar a nossa bandeira pelas ruas. Na manhã de 17 de fevereiro, recebi uma carta do almirante francês pedindo-me permissão, de parte do Sr. Mailefer, Ministro da Legação de França, para entrada na praça de algumas famílias que se animavam a regressar, confiadas que as esperanças de paz se converteriam brevemente numa realidade.

Fui eu mesmo dar imediatamente a resposta ao almirante, e disse-lhe que não queria abrir um precedente, que poderia ser invocado pelos demais agentes estrangeiros para justificarem a livre

comunicação com a terra. Dito isso, o almirante francês deu-me razão: que eu não podia desistir da satisfação que exigia, antes da paz.

Quando saí dessa conferência, parti para a Vila da União e me encontrei com o Sr. Paranhos, ficando pasmado com as bases das negociações ajustadas. Um verdadeiro perdão de todos os crimes e ofensas.

Sou demais franco para reprimir o que sinto, e protestei no ato contra um acordo com o qual não podia concordar, tanto no fundo como na forma, porque ele devia sancionar as reparações que exigimos e ser firmado como uma capitulação militar com o Governo beligerante. Pelas instruções do Governo Imperial, eu me julgava com o direito de só terminar essa questão quando tivesse plena reparação por parte de Aguirre.

Infelizmente reconheci, bem tarde, a falsa posição em que me achava colocado e que os negócios tão adiantados por meio das armas, com o sacrifício de nossos bravos, teriam uma solução que muito deixa a desejar a quem só aspira a glória do seu país e sustentar a honra da Bandeira Nacional.

Tanto mais devia firmemente ter aquela persuasão porque não via, no Estado Oriental, Governo algum junto do qual pudesse haver acreditado um enviado extraordinário do Brasil; porque o reconhecido em Montevidéu nos era hostil, e o General Flores não era mais do que um chefe militar que se colocara à frente de uma revolução.

Enganei-me neste juízo, e bem sinto a situação falsa em que me achei colocado, que é por demais desairosa para a primeira autoridade militar que o Brasil colocou frente às forças incumbidas da gloriosa missão de vingar a honra nacional vilmente ultrajada, missão dignamente executada diante de Paissandu, onde ficou não só restaurado o nosso crédito militar, aqui posto em dúvida, por alguns reveses passados, como resolvida a questão oriental pelo respeito que provocou a luta que sustentamos para tomar aquela

praça.

- E aqui vem a parte mais difícil, não é, papai?

- Sim, por isso a dirigi diretamente ao Meu Imperador.

Nesta circunstância, não posso prescindir de solicitar a V. Exa. que apresente aos pés do trono de Sua Majestade Imperial o pedido de minha exoneração do comando que exerço, porque assim convém ao serviço público, visto que, para com os almirantes estrangeiros que me julgavam competentemente autorizado para tratar dessas questões, fiquei em uma posição bem inconveniente.

E se, para obter esta exoneração, for necessário demitir-me do posto honroso e de tudo quanto tenho adquirido em minha vida militar, não duvido fazer este sacrifício, contanto que salve a dignidade do meu país e a minha própria.

Barão de Tamandaré

- Ainda bem que eles não aceitaram a sua demissão.

- Eles, não, Sua Majestade o Imperador não aceitou a minha demissão e mandou dispensar Paranhos da missão diplomática de que fora encarregado no Rio da Prata. Deixando bem claro, na correspondência enviada pelo Ministro dos Negócios do Império, que o exonerava em razão de ter firmado em Montevideú um convênio ultrajante ao Brasil, sem consultar-me como Comandante em Chefe das forças navais e terrestres.

- Foi assim que terminaram os combates com balas de papel...

- Sim, meu filho, exatamente na hora em que Solano López, invadindo a Argentina e o Rio Grande do Sul, começava a derramar sobre nós todo o seu arsenal de ferro

e chumbo.

LIV

Batalha do Riachuelo, 11 de junho de 1865

- Cada uno de nuestros navíos tendrá doscientos hombres listos para matar a los marinos brasileños. ¡Orilla a orilla, una descarga de metralla sobre la cubierta y luego jugarse todos, de sable a la mano, dentro del barco enemigo!

- Solo autorizo que ustedes traigan dos prisioneros de cada buque capturado para que pasen los cables, uno de proa, otro de popa, en el momento de atracarlos en un puerto paraguayo. ¡Los demás prisioneros serán eliminados!

- ¡Acaben con los marinos brasileños, pero tráiganme sus navíos intactos para reforzar a nuestra escuadra!

Deitado em seu catre, com o peito e o ventre envoltos em faixas ensanguentadas, o Comandante Ignacio Mezza recorda as palavras do Marechal Solano López como sua própria sentença de morte. Em lugar de trazer para o Paraguai todos os navios de guerra prisioneiros, ele volta de Corrientes com apenas quatro dos que levou para a batalha... E todos eles destroçados, em fuga, derrotados pela esquadra brasileira. O que aconteceu?

O plano de combate era infalível, porque organizado cuidadosamente na Fortaleza de Humaitá pelo próprio *El*

Supremo, aconselhado pelo Capitão Johnston, Comandante da corveta inglesa **Dotharel**. Sabendo que a esquadra brasileira estava fundeada em águas argentinas, cinco milhas a jusante de Corrientes, num ponto estreito do Rio Paraná, imaginou atraí-la para uma armadilha junto da embocadura do Riachuelo, um pequeno arroio, muito raso, que deságua numa lagoa. Próximo dali, na margem esquerda do Paraná, junto da Ponta de Santa Catalina, mandou dispor 22 canhões, com artilheiros e infantes prontos para a abordagem, sob o comando do Coronel Bruguez. Esses soldados, como os outros duzentos levados em cada um dos dez navios, foram orientados na fala do Marechal Solano López, a cavalo como Napoleão Bonaparte e com a mesma farda de seu sobrinho Napoleão Terceiro, a não trazer prisioneiros daquele combate. A não ser dois de cada navio brasileiro capturado, para passarem os cabos de reboque, um na proa e outro na popa, no momento da atracação num porto paraguaio: ***Acabem com os brasileiros, porém tragam-me seus navios intatos para reforçar a nossa esquadra!***

Derrotada a Esquadra Imperial, estaria aberto o caminho para o transporte de tropas paraguaias até Buenos Aires. E era urgente conquistar a capital argentina, agora que o General Bartolomé Mitre, coagido pela invasão de Corrientes e Entre Ríos, lhe declarara guerra, unindo-se em Tríplice Aliança ao Brasil e ao Uruguai. Com sua esquadra reforçada pelos próprios navios brasileiros capturados, Solano López

afastaria o Almirante Tamandaré do seu caminho e, tomada Buenos Aires, libertaria Montevideú e ficaria senhor da navegação do Rio da Prata. Ou seja, poderia receber impunemente armamento e munição da França e da Inglaterra, inclusive navios encouraçados, consolidando o domínio sobre uma imensa área, do Mato Grosso ao sul do Brasil e da Argentina, que sonhava transformar em seu Império.

O Comandante Ignacio Mezza sofre a tortura da sede e do medo da morte próxima. Cada movimento mais brusco do *Taquari*, sua nau capitânia em fuga, abre-lhe as feridas do corpo e lhe maltrata a mente. A imaginação alucinada lhe traz às narinas o cheiro da própria podridão.

Depois de combater os brasileiros no Riachuelo, neste dia 11 de junho de 1865, do meio da manhã ao pôr do sol, mesmo contando com formidável apoio de terra, vira todos os seus nove navios e as seis chatas, por eles arrastadas, serem colocados a pique ou fora de combate. Cada uma dessas embarcações de fundo chato fora construída especialmente para participar daquela batalha em águas rasas. Eram altamente mortíferas por carregarem um canhão assentado sobre trilho circular, girado pelos artilheiros em todas as direções. Alvos difíceis para os navios inimigos, por navegarem quase submersas, eram consideradas *inafundáveis*... Fomos derrotados por apenas nove navios sem apoio de terra e colocados entre dois fogos. O que aconteceu?

Primeiro, foi a arrogância de **El Supremo** em não esperar a chegada dos encouraçados, que encomendara da Europa, antes de realizar o ataque. Segundo, foi termos perdido o elemento surpresa. Saímos de Humaitá, na noite de 10 para 11, às duas horas da manhã. Descemos o rio sem problemas até Cerrito, quando tive que deixar para trás o **Paraná**, com uma grave avaria nas caldeiras. Mais tarde, na altura das Três Bocas, o **Iberá** também sofreu uma avaria nas máquinas e decidi que a esquadra não iria prosseguir com apenas oito navios, além das seis chatas, que eram rebocadas. Foi um grave erro, que não será perdoado pelo **Mariscal**. Somente às oito horas da manhã, e não no escuro, que chegamos à vista da canhoneira em vigília da esquadra brasileira. Descemos pelo canal leste, como era nosso plano, para o remontarmos até onde estava montada a emboscada, com canhões e infantes escondidos nas barrancas.

À noite, passaríamos incólumes, mas àquela hora da manhã sofreremos a primeira perda, quando o **Jejuí** foi seriamente avariado pelo canhoneio inimigo, tendo que abrigar-se, levando com ele a chata que rebocava, na foz do Riachuelo. Respondemos ao fogo, mas continuamos a navegar até nos abrigarmos na margem protegida pela nossa artilharia. Ignorando a armadilha, os brasileiros vieram ao nosso encontro e serviram de alvo fácil aos canhões do Coronel Bruguez. Começaram a ser dizimados e, a tal ponto, que resolvi sair do abrigo da margem e acabar

com eles no leito do rio.

Aconteceu que *el Barroso, aquel diablo de barbas blancas*, no momento em que ia ser completamente derrotado, teve uma inspiração certamente ditada pelo demônio, embora seja hoje um domingo. Ouvi perfeitamente quando disse pelo porta-voz a seus subordinados: **SIGAM NAS MINHAS ÁGUAS!** E começou a jogar sua nau capitânia contra cada um de nossos navios, bem menores que o vapor *Amazonas*, ao velho estilo dos piratas do Mediterrâneo.

A primeira vítima fui eu próprio. Decidido a abordá-lo por bombordo, não acreditei quando vi o *Amazonas* crescendo sobre o *Taquari*, em máxima velocidade. Meu piloto conseguiu evitar o choque, que nos afundaria, mas ficamos expostos totalmente à metralha. Todos os duzentos homens do pelotão de abordagem foram mortos ou se jogaram n'água, enquanto tivemos uma caixa de roda arrancada, sendo obrigados a fugir do combate, e isso graças à perícia dos maquinistas ingleses que sobreviveram. Daí em diante, assisti estupefato, já muito ferido e em fuga a montante do rio, o nosso *Jejuí* ser abalroado por ordem daquele diabo de barbas brancas e afundar imediatamente. Nada mais vi, sendo levado para a minha cabina de comando, onde o cirurgião de bordo, também ele ferido no braço esquerdo, conseguiu enfaixar-me o peito e o ventre. Mas meu imediato veio contar-me que viu pelo óculo de alcance o *Marquês de Olinda*, o *Salto* e o *Paraguay*, além de duas chatas, também

serem abalroados e postos fora de combate.

Já com os olhos vidrados, o Comandante Mezza pede a Deus que o leve antes que o faça, para sua desonra, o Marechal Solano López. Pois, certamente, se chegar ainda vivo a Humaitá, será fuzilado.

Meu Deus, neste momento, já não temo a morte. Mas o que irá fazer ***aquel monstruo a caballo*** com meus filhos, com a minha família?

LV

Rio de Janeiro, amanhecer do dia 18 de março de 1897

- *Não estás com sono, meu filho? Olha que o dia já vem clareando. Se quiseres, ainda podes dormir um pouco.*

- *Sono? Ouvindo o senhor contar sobre a Batalha do Riachuelo? Só não entendo bem por que nós não estávamos lá.*

- *Alguns inimigos meus, da velha política, também disseram que eu deixei lá o Barroso e o Gomensoro como buchas de canhão, enquanto ficava ao abrigo do porto de Buenos Aires...*

- *Não é do seu perfil, meu pai.*

- *A verdade é que eu dei minhas razões bem antes ao Ministro da Marinha, que aprovou a decisão. Queres ver uma cópia desse documento? Está bem aqui à mão, na ordem cronológica, como te disse.*

- *Então já vou botando os óculos e chegando para perto da lâmpada.*

- *Obrigado, meu filho. Que bom que tu estás aqui comigo.*

- *Eu é que lhe agradeço, meu pai. Posso começar a ler?*

- *Sim, já acomodei melhor os travesseiros.*

Exmo. Sr. Ministro

Acabo de voltar da conferência com o General Flores, a qual...

- Não estou ouvindo nada, Joaquim Júnior.

- Ué? Mas o que aconteceu?

- Aconteceu que só funciona meu ouvido de boreste e tu te colocaste a bombordo.

- Papai, com esse bom humor o senhor vai durar mais de cem anos.

- Deus me livre e guarde. Aí estaria surdo dos dois ouvidos... Começa de novo, meu filho, por favor.

Acabo de voltar da conferência com o General Flores, a qual teve lugar na presença do Exmo. Sr. Conselheiro Otaviano, e foi ajustado nela o seguinte:

1.º Que tanto o Exército Imperial como o Oriental devem colocar-se em Concórdia, Província de Entre Ríos.

2.º Que dali não devem se mover, enquanto o General Mitre não se apresentar naquela localidade, que fica à margem direita do Rio Uruguai, em frente à Vila do Salto. Neste ponto nos reuniremos de novo e combinaremos as operações que se devem fazer.

3.º Enquanto os Exércitos Aliados não arrojam o inimigo para seu território, minha presença torna-se inútil no Rio Paraná, onde, como já disse a V. Exa. em meu ofício anterior, tenho dois chefes ativos, vigilantes e valentes, à frente da Esquadra; por isso, aqui sou mais necessário.

Sigo amanhã para Buenos Aires, e depois vou atuar e dirigir a passagem de nossas forças para o outro lado do Rio Uruguai, aproveitando a enchente desse rio para facilitar agora esta operação.

Deus guarde a Vossa Excelência.

Visconde de Tamandaré

- *Sim, papai, desde fevereiro o senhor já era Visconde.*

- *O que mais me deixou feliz foi tudo ter acontecido naquele momento tão difícil, quando Sua Majestade o Imperador, além de não aceitar a minha demissão, honrou-me com o título de Visconde.*

- *Voltando à Batalha do Riachuelo, recordo do seu entusiasmo quando recebemos a notícia da vitória. Que também rendeu ao Almirante Barroso o título de barão.*

- *Exatamente. Barão do Amazonas, em homenagem também à fragata a vapor usada como aríete para afundar os navios inimigos.*

- *Francamente, papai, o senhor acha que essa decisão do Almirante Barroso foi decisiva para a vitória? A maior até agora da Marinha Brasileira?*

- *Não acho, meu filho, tenho certeza. E não sei se eu teria a mesma inspiração que Barroso em retomar uma tática tão usada por gregos, romanos e fenícios. Mas outro fator decisivo foi a coragem dos nossos marinheiros, que não se acovardaram em nenhum momento. Perdemos 104 seres humanos preciosos naquela batalha, quase todos muito jovens, como o Guarda-Marinha Greenhalgh e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias, este meu conterrâneo do Rio Grande. E o Brasil não irá jamais esquecê-los.*

- *Graças a eles o tirano ficou bloqueado em terra e não mais conseguiu transportar seus exércitos pelos grandes*

rios...

- Exatamente. Hoje sabemos que a Batalha do Riachuelo foi decisiva para a vitória da Tríplice Aliança. Pois, além do domínio do Rio da Prata, bloqueando a chegada de armamentos e até de encouraçados encomendados na Europa (alguns deles, mais tarde, comprados dos fabricantes e integrados à nossa Esquadra), deu tempo para organizarmos o Exército para uma guerra que durou cinco longos anos.

- Lembro que o senhor recebeu um relatório do Almirante Barroso narrando a batalha. Ainda tem alguma cópia na sua colcha de retalhos?

- É dos retalhos mais preciosos desta colcha... Como também a minha resposta para ele. Espera um pouquinho... Ainda ontem estive com ele nas mãos... Aqui está. Queres ler para nós?

- Sim, embora tenha algumas pequenas manchas, acho que de café... Mas dá bem para ler.

PARTE OFICIAL DADA AO VICE-ALMIRANTE VISCONDE DE TAMANDARÉ SOBRE A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO PELO CHEFE DE DIVISÃO FRANCISCO MANOEL BARROSO, COMANDANTE DA 2ª DIVISÃO DA ESQUADRA DO BRASIL NO RIO DA PRATA.

Comando da 2ª Divisão da Esquadra do Brasil no Rio da Prata. Bordo do Vapor **Amazonas**, abaixo do Riachuelo, em Corrientes, 12 de junho de 1865.

Viva Sua Majestade o Imperador!

Viva o Império do Brasil!

Ilmo. e Exmo. Sr. Almirante

Não fizemos tudo quanto desejáramos, mas fizemos tudo quanto

podíamos. No dia 11 do corrente, domingo da Santíssima Trindade, foram tomados pela divisão sob meu comando quatro vapores de guerra paraguaios e seis chatas ou baterias flutuantes com rodízios de calibre 80.

Passo a expor a V. Exa. rapidamente o ocorrido, pois, fatigado como fiquei, não me é possível desde já dar uma parte circunstanciada.

Pelas 9 horas da manhã, fui avisado de que se avistavam vapores paraguaios. Dei logo ordem de safa geral em toda a divisão e fogos despertos. Desciam eles águas abaixo e, com a correnteza do rio, faziam provavelmente doze milhas.

Dentro de um quarto de hora, passavam em frente a nós oito vapores paraguaios com seis chatas ou baterias flutuantes a reboque. Logo lhes fizemos as continências que mereciam e eles nos responderam por igual modo. Choviam de parte a parte balas e metralhas. Era uma chuva de respeito.

- Que bem escrito para um relatório, não é, papai?

- Era a mão vitoriosa de um valente que segurava a pena... Segue em frente. Como te disse, esse é um dos melhores papéis da minha coleção.

Seguiram abaixo e se colocaram próximo ao Riachuelo, pouco abaixo de Corrientes, protegidos pelos barrancos ocupados também pelo inimigo.

Como chefe destas divisões, que me foram confiadas pelo Exmo. Sr. Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, preparei-me para dar um dia de glória à nação brasileira, fazendo respeitável o nosso pavilhão. Tive de atender a mil circunstâncias e de vencer as dificuldades do nosso confuso regimento de sinais. Ou devia ficar estacionado ou descer com a esquadra sobre os vapores paraguaios; mas essa descida poderia malograr-se porque eles poderiam subir dando volta

a duas ou três milhas, entre as quais há um canal de água escassa.

Resolvi, todavia, ir-lhes ao encontro águas abaixo, indo na frente galhardamente a **Belmonte** com seu comandante interino Joaquim Francisco de Abreu, não seguindo logo os outros nossos vasos porque não podiam acompanhar a boa marcha do **Amazonas**, onde eu me achava.

O inimigo nos esperava e não fugia; mas porque estava debaixo dos barrancos, tendo colocado as baterias flutuantes convenientemente e havendo na parte de cima nos ditos barrancos baterias com 20 a 22 bocas de fogo que as protegiam. Além disso, essas bocas de fogo eram apoiadas pela mosquetaria de mais de mil espingardas que faziam incessante e mortífero fogo sobre os nossos navios, ao qual correspondíamos com a melhor vontade e energia.

Nesta descida contra o inimigo, encalhou infelizmente o **Jequitinhonha**, onde o chefe Segundino tinha a sua insígnia.

A pouca largura do canal naquele ponto não me permitia fazer as evoluções com a presteza desejável, porém, tendo eu a bordo o práctico Bernardino Gustavino, que há dez anos está a serviço nosso e que se pode chamar o chefe dos prácticos, subi com a resolução firme de acabar de uma vez com a esquadra paraguaia, o que eu teria conseguido se quatro de seus vapores que estavam mais acima não tivessem fugido.

Assim, pus a proa sobre o primeiro que mais próximo me ficava e com tal ímpeto, que o inutilizei completamente, ficando de água aberta e indo pouco depois ao fundo.

Segui a mesma manobra contra o segundo, que era o **Marquês de Olinda**, e contra o terceiro, que era o **Salto**, e a todos eles inutilizei. O quarto vapor contra o qual me arremessei, o **Paraguay**, recebeu tal rombo no costado e caldeiras que foi encalhar em uma ilha em frente, para a qual fugiu a sua gente, abandonando-o. Em seguimento, aprovei uma das baterias flutuantes que foi logo a pique com o choque e um tiro.

Todas estas manobras foram feitas pelo **Amazonas** debaixo do mais

vivo fogo, quer dos navios e das chatas, quer das baterias e mosquetarias de terra. A minha intenção era destruir por esta forma toda a esquadra paraguaia antes que encalhássemos em movimentos de subida e descida. Mas os quatro restantes, vendo a minha manobra e resolução de aproá-los a todos, trataram de fugir rio acima.

Concluída esta faina pelas quatro horas da tarde, tratei de tomar as chatas, as quais eram logo abandonadas assim que eu delas me aproximava, saltando suas guarnições ao rio e fugindo a nado para terra que estava próxima.

A **Belmonte** recebeu tais rombos abaixo do lume d'água que teve de encalhar para não ir a pique! Já estou tratando dos primeiros concertos necessários.

Infelizmente estava o **Jequitinhonha** em lugar onde da bateria de terra se lhe fazia vivo fogo, que foi correspondido. Só ao pôr do sol diminuiu o fogo, talvez por terem acabado as munições do inimigo.

Ordenei que a **Iguatemy** fosse coadjuvá-lo a desencalhar, que o **Ypiranga** permanecesse junto de um vapor paraguaio, que o **Amazonas** ficasse ao lado da **Belmonte**, que a **Mearim** fosse rebocar a **Parnahyba**, que teve o leme partido, para vir para a linha onde está a esquadra.

Quando este vapor descia, quatro dos vapores paraguaios procuraram a um só tempo abordá-lo. Seu comandante, o Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, como vinha de águas abaixo, aproou sobre o **Paraguay** e disparou-lhe um dos rodízios, com o que o inutilizou. Dos outros três, um não o pôde abordar pela grande resistência que encontrou; mas dois pela popa puderam operar, de modo que uma grande porção de paraguaios ocuparam a tolda da **Parnahyba**, mataram a nossa gente que ali se achava e que lhes opunha resistência, entre a qual o Capitão do 9o batalhão, Pedro Afonso Ferreira, e o Guarda-Marinha Greenhalgh, que com grande bravura e coragem defendiam a bandeira nacional e morreram no seu posto de honra. Avançaram, então, os reforços que tinham

repelido a abordagem de proa e puniram os paraguaios da ousadia de terem pisado um navio brasileiro, pois todos os que ali se acharam foram batidos e mortos. Antes desse conflito uma bala tinha vindo partir o leme.

Na **Parnahyba** tivemos 33 mortos, 28 feridos e 20 extraviados que se supõe terem caído no rio. Tivemos em toda a esquadra, entre mortos e feridos, de 180 a 190. Os mortos oficiais, marinheiros e soldados hão de regular 80 a 90.

O que direi a V. Exa. dos comandantes? Que quase todos se portaram bem e me ajudaram, mais ou menos, como eu esperava. Não faço distinções, pois que entretido com o desejo de aniquilar a esquadra paraguaia não pude fiscalizar atentamente cada navio de per si, e às vezes até os perdi de vista nas voltas do rio. Com mais vagar transmitirei a V. Exa. as informações que eu for colhendo.

Sei com evidência, porque sempre se achou comigo, a meu lado, no posto de honra, sobre o passadiço do Vapor **Amazonas**, que o seu comandante, o Capitão de Fragata Teotônio Raimundo de Brito, portou-se com bravura e sangue-frio, dando sempre as disposições que no caso eram precisas. Os seus oficiais portaram-se como deviam e, entre eles, o 1o Tenente José Antonio Lopes, encarregado da bateria de proa.

O Coronel João Guilherme Bruce, comandante da Brigada, já conhecido por sua bravura, me coadjuvou fazendo dirigir a tropa aos lugares que mais convinha para ofender o inimigo.

Logo que receba, remeterei as participações dos diversos comandantes.

Deus guarde a V. Exa., Ilmo. e Exmo. Sr. Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, Comandante em Chefe da Força Naval do Brasil no Rio da Prata.

Francisco Manoel Barroso.

- Sua resposta está apenas ao ofício. Quer que a leia

também, meu pai?

- Sim, Joaquim Júnior, por favor.

A bordo da Fragata **Niterói**, 23 de junho de 1865.

Exmo. Sr. Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso

Cheio de júbilo, recebi a parte que me transmitiu V. Exa. do grande combate dado pela Força Naval do seu comando contra a esquadra paraguaia, apoiada às baterias do Riachuelo, no dia 11 do corrente.

A esplêndida vitória alcançada por V.Exa. constitui o mais brilhante triunfo das armas imperiais. O heroico procedimento de V. Exa. naquela memorável jornada e o de seus comandados foi um exemplo dignificante e magnífico para futuros esforços dos nossos irmãos de armas.

O Governo Imperial e a Nação inteira devem a V. Exa. perene reconhecimento, e eu, por minha parte, sinto-me possuído de orgulho por ter a honra de comandar chefes, oficiais, marinheiros e soldados tão bravos e dedicados à causa nacional.

Se algum ato de tão distintos militares naquela ação memorável mereceu minha censura, foi a excessiva coragem com que se expuseram no lugar mais descoberto dos navios as pessoas dos chefes e comandantes, cujas vidas são tão preciosas naquelas ocasiões.

Todo o sentimento que nutro de manifestar o que já expedi ao Governo Imperial queira V. Exa. aceitar e transmitir a todos os bravos que sobreviveram ao glorioso combate do dia 11 do corrente.

Visconde de Tamandaré.

- Lembro como o senhor ficou triste quando ele morreu.

Acho que foi em 1880 ou...

- O Barroso morreu em Montevideu no dia 8 de março de 1882, e seu corpo não foi repatriado porque sua esposa era uruguaia. Como ele era três anos mais velho do que eu,

tinha um pouco mais de 77 anos.

- Ele era português, não é verdade?

- Sim, de nascimento, como o teu avô Francisco. Mas lutou desde os primeiros dias pela Independência do Brasil... Tive muitos bons camaradas na Marinha, mas nenhum a quem fui tão apegado como o Barroso.

- O senhor até salvou a vida dele lá no Pará...

- É verdade, pelas minhas mãos, foi o Senhor que salvou a vida do Barroso... Mas ele costumava dizer, em círculos íntimos, uma frase que muito me honra: Devo minha vida aos meus pais, que me botaram no mundo, e ao Lisboinha, que me salvou de morte certa.

- Lisboinha... Nunca ouvi ninguém tratando o senhor com esse diminutivo.

- Os dois éramos tenentes, em 1835, quando a Providência Divina me usou para salvá-lo de morrer afogado. Um apelido de juventude, dada a minha pequena estatura, principalmente em relação ao Barroso, que era um verdadeiro jerivá.

- Um que?

- Um jerivá, um coqueiro, em tupi-guarani, língua mais falada na Província do Pará, naquele tempo.

- O senhor sempre nos ensinou a valorizar o conhecimento de idiomas. Por dominar bem o francês, ainda ganho dinheiro com traduções, e o Mano Francisco foi até professor de inglês na Escola Naval.

- Graças ao seu domínio do inglês e do francês, o

Francisco de Borja, na Guerra da Tríplice Aliança, como segundo-tenente honorário, foi secretário do Almirante Torres Alvim. E portou-se com bravura, meu saudoso filho, na passagem do Passo da Pátria.

- Também tenho saudade do meu irmão.

- Morreu com 45 anos... E eu, com quase o dobro dessa idade, ainda estou aqui encalhado como a sucata de um navio que nunca mais vai navegar. A não ser para... Tu sabes para onde.

LVI

São Borja, início de junho de 1865

A canoa já está no meio do rio quando estoura a fuzilaria. Uns poucos soldados brasileiros acorrem para a margem e abrigam-se contra a velha balsa que faz o trânsito entre São Borja e Santo Tomé. Do lado argentino é que vem a barca fugitiva com duas pessoas remando furiosamente, um homem e uma mulher.

- Veja, sargento, são paraguaios que estão atirando.
- Fogo neles!

Mas a distância é grande para as armas de que dispõem aqueles infantes da Guarda Nacional. Os paraguaios sabem disso e alguns arrancam de suas espadas, outros gesticulam erguendo os mosquetes e todos gritam palavras que ecoam na margem e se perdem pelas águas barrentas do Rio Uruguai. Os que estão atirando na canoa berram mais alto quando a mulher larga o remo e cai ferida de morte. Seu corpo cheio de saias ensanguentadas desce rio abaixo, enquanto o homem para de remar.

- Venha!
- Não fique parado!
- Agora já falta bem pouco!

Estimulado pelos gritos dos soldados brasileiros, o canoeiro volta a manejar seu único remo, de um lado e do outro da popa onde está sentado, curvando o corpo de

medo das balas. Quando o recolhem no atracadouro do Passo de São Borja, um dos soldados o reconhece:

- ***Don Felipe Jara...*** Por que será que atiraram nele? É um pescador correntino amigo do meu avô.

O velho chora e aponta para o rio:

- ***Mercedes... mi mujer... ¿Dios mío, por qué la mataron?***

De repente, o rosto sulcado de rugas muda completamente de expressão, os pômulos altos como que moldados em ferro:

- ***Ellos serán miles y miles, los paraguayos, en algunos días. Vienen despacio porque traen muchas carretas con canoas grandes para hacer pasar los soldados, los caballos y los cañones para esta orilla del río.***

Milhares de soldados paraguaios se aproximam realmente de Santo Tomé, sob o comando do Tenente-Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia, trazendo em muitas carretas as vinte canoas especialmente construídas para transportar vinte soldados em cada uma, num total de quatrocentos em cada travessia para a margem brasileira, além de cavalos e canhões. O próprio Marechal Solano López escolhera o lugar de invasão do Rio Grande do Sul, onde estivera, dezoito anos antes, como filho do Presidente do Paraguai, em ***visita de cortesia***. Consta que ficara alguns dias hospedado na fazenda do Coronel Santos Loureiro, que fora um dos grandes algozes dos farroupilhas, sendo conhecido como o mandante do assassinato do General João Manuel de Lima e Silva. ***El Supremo*** contava com adesões

desses antigos republicanos rio-grandenses, sabendo mesmo que o velho Brigadeiro David Canabarro, que assinara de má vontade a paz com o Império, em 1845, era agora, em 1865, o comandante das tropas encarregadas de defender a fronteira. Mas que estava, naquele momento, muito longe dali, na cidade de Santana, vizinha à República Oriental do Uruguai.

O Coronel Fernandes, encarregado da vanguarda de Canabarro, ignorando se a invasão, caso não passasse de um boato, seria feita por São Borja ou por Itaqui, estacionara suas tropas no Passo das Pedras, mais ou menos a meio caminho entre as duas cidades. Assim, quando na noite de 9 de junho os paraguaios atravessam os primeiros quatrocentos invasores em suas vinte canoas, não passam desse número todos os soldados brasileiros que estão na vila missioneira. O primeiro contingente, com auxílio de uma imensa lua cheia, é desembarcado mais ao norte, a montante do rio, para impedir a fuga dos moradores, a quem pretendem saquear como presa de guerra.

Ao clarear do dia, os defensores do Passo de São Borja assistem de olhos arregalados e dedos trêmulos nos gatilhos à movimentação das tropas paraguaias embarcando nas canoas, espécie de jangadas, que os vão transportar de pé, de armas nas mãos, sob a proteção de canhões dispostos em terra. Os brasileiros, apenas trinta homens sem nenhum canhão, mandam dois cavalarianos a toda brida prevenirem

o Major Rodrigues, seu comandante, e pedirem reforços para a resistência.

É quando se instala o caos na população de São Borja. Velhos, mulheres e crianças arrancadas do sono abandonam suas casas em desespero, muitos de pés descalços e desgrenhados, só pensando em fugir dos **paraguaios degoladores**. Por instinto tomam as ruas em direção ao sul, por onde esperam a chegada de reforços militares. Os poucos capazes de empunhar uma arma, uma vez que o **voluntariado** por bem ou à força já levara os homens mais válidos para longe dali, correm em direção ao Passo para ajudar os infantess da Guarda Nacional.

Desembarcadas as tropas paraguaias, é impossível contê-las com o pequeno batalhão de infantaria do Major Rodrigues, disperso por companhias em vários pontos. É quando chegam reforços do Corpo de Lanceiros, cavalarianos sob o comando do Tenente-Coronel Tristão e do Major Docca. No entanto, a cada paraguaio que cai morto na entrada da vila, avançam dois ou três recém-desembarcados.

Muito perto está o inimigo de entrar em São Borja, quando surge em sua frente o 1o Batalhão de Voluntários da Pátria, com bandeira alçada, que, ao toque do clarim, dando vivas a Sua Majestade o Imperador, faz uma carga terrível contra os paraguaios. O entrechoque deixa isolado o oficial que carrega a nossa bandeira, que é passado pela espada por um paraguaio. Sua mão em garra avança para a flâmula

verde-amarela, enquanto grita para seus comandados:

- ÉS MIA!

Não chega, porém, a tocá-la, porque o Furriel Luiz Antônio de Vargas avança e arrebatada a bandeira ensanguentada com a mão esquerda, enquanto trespassa o paraguaio com um só golpe de baioneta. Entrega a bandeira para o oficial brasileiro mais próximo e não tarda a ser cercado e morto por uma horda de inimigos.

É quando o próprio Coronel João Manuel Mena Barreto, comandante dos Voluntários da Pátria, ante o exemplo de valentia do seu subordinado, arranca da espada e lidera seus homens numa nova carga. Os paraguaios recuam para a margem do rio, onde ficam sob a proteção de alguns canhões já desembarcados. João Manuel e os demais comandantes decidem, então, manter-se como um cinturão protetor dos habitantes da Vila, que fogem a pé, a cavalo e de carreta. Com eles segue o vigário, Cônego Jean-Pierre Gay, dando-lhes conforto religioso e moral.

A noite se aproxima e os comandantes paraguaios, ignorando o tamanho da força que defende São Borja, decidem só atacar depois que todo o contingente de oito mil homens, com todos os cavalos e armamentos, estiver desembarcado. Essa decisão, da qual não tomou parte o Tenente-Coronel Estigarribia, ainda abrigado em Santo Tomé, dá tempo aos fugitivos de ganharem algumas léguas de distância em direção a Alegrete.

Estigarribia, antes de atravessar o Rio Uruguai, também

toma uma decisão desastrosa, esta, no entanto, dentro das ordens expressas de Solano López. Deixa parte de seu exército em território correntino, cerca de três mil homens sob o comando do Major Duarte, que deverão seguir pela margem direita em direção a Entre Ríos. Enquanto isso, depois de saquear São Borja, ele marchará com o grosso da tropa pela margem esquerda, tomando Itaqui e Uruguaiana, em seu caminho para enfrentar os Generais Venancio Flores e Manuel Luiz Osório. Acreditando, que, nesse momento, o Rio Paraná estará sob o domínio da esquadra paraguaia do Comodoro Mezza, seu alvo será Montevideú, onde pretende recolocar no poder seus aliados do partido **Blanco**.

LVII

Rio de Janeiro, manhã do dia 18 de março de 1897

- *Papai, como era mesmo o General Osório?*
- *Como assim, meu filho?*
- *O senhor gostava dele? Confiava nele como confiava no Duque de Caxias?*
- *Então me dá mais um mate.*
- *Não posso. O Doutor Hilário só deixa o senhor tomar três ou quatro mates a cada manhã, para não subir a sua pressão. E o senhor já...*
- *Quem te disse isso, o Henrique? Vocês falaram cinco minutos antes dele ir para a Escola de Medicina e esse menino já te encheu a cabeça com bobagens... Tu falavas no Osório? Pois, se não fosse o mate e suas qualidades medicinais, aqueles cavalarianos dele, quase todos peões de estância, não teriam aguentado só viver comendo carne de manhã à noite... Estourariam de escorbuto e inchariam as pernas de gota, doença que ataca quem exagera na proteína. O Osório até ganhou o título de Barão do Herval, por seus feitos militares, é claro, mas também em razão de um trabalho que enviou para o Império reclamando do abandono dos ervais missioneiros. Uma preocupação que encantou a Sua Majestade o Imperador.*

- Tá bem, papai, só mais um.

- E enche essa cuia até o topete. Meio mate é para criança.

- Está certo, mas me responda a pergunta. Como era mesmo o General Osório?

- Está bom este mate.

- Papai...

- Vamos começar pelas raízes. Osório nasceu em 1808, alguns meses depois de mim, em Conceição do Arroio, no litoral do Rio Grande do Sul, uma povoação com muita influência açoriana, como o porto onde eu nasci. A diferença é que eu me criei em cima dos barcos e ele montado a cavalo, principalmente depois que seu pai se mudou para Caçapava. Nesse ponto era muito parecido com o meu primo, o Visconde de Porto Alegre, e por isso quando se enfrentavam saía faísca.

- Dois bicudos não se beijam.

- Isso mesmo. Quando o Estigarribia ficou cercado com mais ou menos sete mil soldados em Uruguaiana, depois que o General Flores liquidou com as tropas do Major Duarte que desciam pela margem argentina do Rio Uruguai, armou-se um palco perfeito para a discórdia.

- Como assim?

- O Ministro da Guerra, o Angelo Ferraz, um civil, não gostava nem do Caxias nem do Osório. Por isso tirou o Manuel Marques de Souza da política e o fardou outra vez de Brigadeiro para assumir o comando das tropas

brasileiras em Uruguaiana. Nosso primo pelo lado materno, o então Barão de Porto Alegre era um herói da luta contra os farroupilhas. Aliás, seu título foi inspirado no seu maior feito: fugir do navio-prisão com alguns companheiros, sublevar e tomar a capital rio-grandense. Que nunca mais foi conquistada pelos revolucionários.

- Sei de alguém que fez o mesmo com um navio lotado de prisioneiros lá na Patagônia.

- É verdade, eu e o Inhaúma também sublevamos noventa prisioneiros do Brigue Anna, o tomamos dos argentinos e fomos sãos e salvos até Montevideú. Mas acho que um navio é mais fácil de tomar do que uma cidade...

- Muito bem, como o senhor diz, mas e o General Osório nisso tudo?

- Osório era um valente e tentou, depois da invasão de São Borja, obter autorização para que eu embarcasse suas tropas na minha flotilha do Rio Uruguai e o levasse para combater os paraguaios. O Ministro da Guerra não permitiu que ele se deslocasse de Concórdia, em território argentino, com a desculpa de que o General Mitre poderia ser surpreendido por um ataque paraguaio, ainda não estando seu exército preparado para a guerra. Parte verdade e parte manobra política, porque nossa esquadra já estava soberana do Rio Paraná, e chegar naqueles pântanos por terra era quase impossível. Se Osório derrotasse Estigarribia, o que era quase certo, seu prestígio ofuscaria a estrela cadente do Ferraz...

- ...

- Quando o General Flores, no início do cerco de Uruguaiana, tentou assumir o comando das tropas que ali estavam, brasileiras e uruguaias, e atacar os paraguaios antes da chegada do Imperador, deixei o Marques de Souza como um escudo diante dele e fui no 11 de Junho conferenciar com o Presidente Mitre e com o Osório em Concórdia, do outro lado do rio, diante de Salto, aquele pequeno porto que tomamos antes de Paissandu.

- Lembro bem, deveria ter sido meu batismo de fogo, mas eles se assustaram com as nossas canhoneiras...

- Em solo argentino, numa conferência privada com Mitre e Osório, eu lhes disse com toda a franqueza: o General Flores está ameaçando retirar seu exército do território brasileiro ou atacar os paraguaios só com sua gente. Não sei o que será pior, mas temo que, em vez de atacar Estigarrabia, Flores e Porto Alegre se peguem ali mesmo e deixem os paraguaios assistindo de camarote.

- ...

- Osório riu da boutade, e disse, com seu sotaque de fronteiro, mais ou menos assim: parece uma cachorrada faminta em volta dos restos de um churrasco. O inimigo ali na frente e eles brigando para ver quem fica com as migalhas... Coitado do Canabarro, esmagado no meio dos dois.

- ...

- A seguir, com o rosto bem sério, o cigarro de palha

fumaceando na mão esquerda, a cuia do mate firme na mão direita, dirigiu-se ao Mitre e lhe disse para embarcar comigo e partir imediatamente para Uruguaiana levando tropas bem armadas em nossos navios. Isso porque o plano do presidente argentino era só desembarcar por lá no dia seguinte à chegada do Imperador, deixando Dom Pedro II à vontade sobre a questão do comando das operações. Mas deu razão a Osório que, ansiando também para meter-se na briga, foi generoso em mostrar o melhor caminho. Flores fora um antigo subordinado de Mitre e o considerava seu amigo. Eu, como primo e amigo do Brigadeiro Marques de Souza, também poderia controlá-lo... Não, o Osório não era só bom na hora dos combates. Muito inteligente, enxergava mais longe do que todos os generais daquela época, inclusive o Mitre, ombreando-se a Caxias.

- Eu estava no Vapor 11 de Junho quando o Presidente Mitre embarcou. Achei-o até muito jovem, para o cargo que ocupava.

- Ele regulava mais de idade com Dom Pedro II do que comigo e Osório. E ainda está vivo, segundo fiquei sabendo, um dos poucos que sobraram do cerco de Uruguaiana. O Estigarribia passou o resto dos seus dias aqui no Rio de Janeiro, com regalias diplomáticas. Nunca tentou fugir de volta para o Paraguai, onde, em menos de seis anos, morreram trezentas mil pessoas dos três países, entre militares e civis...

- E o General Osório?

- Osório morreu em 1879, dez anos antes do golpe contra o Imperador. Se estivesse vivo...

- Papai, vamos voltar para o cerco de Uruguaiana... Mesmo com a enchente, a navegação rio acima, com os barcos carregados de tropas e armamentos, não foi nada fácil.

- Felizmente tínhamos bons práticos, porque o leito do Rio Uruguai é o mais irregular que conheço. No trajeto de mais ou menos trinta milhas náuticas, entre a Ilha Brasileira, na foz do Rio Quaraí, e Uruguaiana, a profundidade varia de três a trezentos pés. Isso sem falar na ausência de pontos de repaire, de qualquer acidente geográfico diferente na monotonia daquela planície. Até o gado que vimos bebendo água era igual, arisco e de longos chifres, nas duas margens do rio.

- Por isso o senhor comprou em Buenos Aires aqueles lanchões de fundo chato e os armou com canhões.

- Sim, e o próprio Vapor 11 de Junho, a nau capitânia que batizei com esse nome, naturalmente, em homenagem à vitória do Barroso, calava apenas cinco pés... Mas, como tinha um relativo conforto, até Dom Pedro II embarcou nele para a inspeção, por água, ao local onde os paraguaios estavam cercados. E, depois da rendição de Estigarribia, em 18 de setembro de 1865, foi no 11 de Junho que levei Sua Majestade o Imperador nas visitas que fizemos, rio acima, aos sobreviventes das invasões de Itaqui e São Borja.

- Antes de o senhor tomar conta da navegação do Rio

Uruguai, parece que o Brigadeiro Canabarro mandou armar alguns barcos para evitar que os paraguaios passassem de um lado para outro.

- Sim. Vários meses antes da invasão, o Canabarro escreveu ao Presidente da Província do Rio Grande do Sul lembrando a conveniência de colocar lanchões armados no Rio Uruguai para policiar a navegação. Por solicitação do presidente, eu providenciei a ida imediata do Uruguai e de dois lanchões artilhados, Garibaldi e São João. E na falta de oficiais de Marinha, em Uruguaiana, sabe quem comandou essa esquadilha?

- ...

- Por invenção deles, foi o Tenente Floriano Peixoto, com quem antipatizei à primeira vista, como na última em que estive com ele, então Marechal e Presidente da República, em 1892.

- Foi quando o senhor se apresentou para ser preso.

- Sim, como ele mandou prender treze oficiais generais que assinaram um manifesto contra a sua ditadura, e os degredou para os confins da Amazônia, eu me apresentei espontaneamente para que me mandasse prender... e degredar também.

- É o gesto da sua vida que eu mais admiro.

- Mas essa é outra história... Tu não estás com fome? Toda a conversa sobre os paraguaios cercados em Uruguaiana me lembrou que até ratos eles estavam comendo.

- Estou louco por um café; nem esses seus ratos vão me tirar o apetite... E finalmente alguém de saias se acordou nesta casa. Estou sentindo um cheiro bom dos lados da cozinha.

- Café com leite, bem escuro, com o pão quente que só a Maria Eufrásia sabe fazer, e bastante manteiga derretida por cima.

- E com o queijo que eu trouxe de Minas para o senhor...

- São essas coisas que ainda mantêm meu navio ancorado por aqui.

LVIII

Uruguaiana, 18 de setembro de 1865

O sol está quase a pino no céu despido de nuvens. A temperatura é amena e sopra uma leve brisa de oeste. Em campo aberto, num semicírculo formado apenas por oficiais gerais, Dom Pedro II dirige-se ao General Marques de Souza:

- Senhor Visconde de Porto Alegre, peço-lhe que leia em voz alta para todos nós esta última proposta de rendição. Se houver alguma dúvida, traduziremos verbalmente seus termos principais, em espanhol para Suas Excelências os Senhores Presidentes Bartolomé Mitre e Venancio Flores, e em francês para meus genros, Conde d'Eu e Duque de Saxe.

Com voz um pouco cavernosa, o Visconde de Porto Alegre lê a mensagem, segurando o papel duro com a mão esquerda, enquanto a direita firma o velho sabre:

A prolongação do rigoroso sítio em que se acham as forças sob o mando de Vossa Senhoria deverá por certo tê-lo convencido de que sentimentos meramente humanos retêm os exércitos aliados em operações nesta Província ante o ponto do território que Vossa Senhoria ocupa.

Estes sentimentos que nos animam e que sempre nos dominaram, qualquer que seja o resultado da guerra a que fomos levados pelo vosso governo, me obrigam a ponderar que semelhante posição e estado de coisas devem ter um paradeiro e, em nome de nosso Imperador e dos Chefes Aliados, anuncio a Vossa Senhoria que,

dentro do prazo de duas horas, nossas operações vão começar.

Toda a proposição que Vossa Senhoria fizer, que não seja para rendição de suas tropas de forma incondicional, não será aceita, em razão de Vossa Senhoria ter anteriormente rejeitado as mais honrosas que lhe foram oferecidas.

Qualquer que seja, pois, sua resolução, deve Vossa Senhoria esperar de nossa generosidade o tratamento consentâneo pelas regras admitidas pelas nações civilizadas.

Deus Guarde a Vossa Senhoria.

Acampamento junto aos muros de Uruguaiana, 18 de setembro de 1865. Ao Sr. Tenente-Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia, comandante em chefe da Divisão Paraguaia em operações sobre o Rio Uruguai e sitiada em Uruguaiana.

Dom Pedro II corre os olhos pelo grupo que o cerca e os detém em um dos homens em quem mais confia:

- Visconde de Tamandaré, Vossa Excelência pode fazer o obséquio de traduzir o essencial dos dizeres desta mensagem para nossos Generais Aliados? Confio mais no seu espanhol do que no meu.

Ao lado do Duque de Saxe, ao qual está albergando no navio capitânia **11 de Junho**, e cuja segurança pessoal está a seus cuidados, Joaquim inclina-se levemente, avança um passo e segura a folha de papel que Marques de Souza lhe estende. Conserta a garganta e lê pausadamente:

En nombre de Su Majestad el Imperador y de los Generales Aliados, comunico que, dentro de dos horas, nuestras operaciones comenzarán. Aviso a Vuestra Señoría que una propuesta cualquiera, que no sea para la rendición de sus tropas de manera incondicional,

no se aceptará, en razón de que anteriormente Vuestra Señoría ha recusado las más honorables que le fueron ofrecidas.

- De acordo, Presidente Mitre? De acordo, Presidente Flores?

Os dois generais inclinam as cabeças em concordância. Mas Venancio Flores move os lábios debaixo do enorme bigode e resmunga:

- Vamos a ver si ahora, con sus miles de hombres muriendo de hambre, este Estigarribia de La Cruz va a contestarnos otra vez como si fuera un nuevo Leónidas, y sus Termópilas paraguayas...

Marques de Souza chega a ensaiar uma resposta, mas olha para o Imperador e não diz o que todos estão pensando. Se não fosse para evitar um imenso derramamento de sangue, como queria desde início o caudilho uruguaio, os brasileiros e argentinos não teriam esperado um mês e treze dias para dar este **ultimatum**... Depois que Flores mandara fuzilar todos os seus compatriotas **blancos**, aprisionados com os sobreviventes paraguaios do Major Duarte, impedi-lo de esmagar Estigarribia fora sua principal tarefa e a de Tamandaré até a providencial chegada do Presidente Mitre... e do Imperador.

- Agora, **data venia**, irei verter para o francês os termos principais da mensagem, em honra a meus dois genros, recentemente chegados ao Brasil:

Au nom de Sa Majesté l'Empereur et des Généraux Alliés, j'annonce que, dans deux heures, nos opérations vont commencer. Je préviens à Votre Seigneurie que n'importe quelle proposition, à part celle de la capitulation de vos troupes de façon inconditionnelle, ne sera pas acceptée, puisqu'auparavant Votre Seigneurie a refusé les plus honorables qui lui ont été offertes.

Os dois genros do Imperador também concordam com gestos de cabeça. Imediatamente, Dom Pedro II encerra a reunião:

- Como estamos de acordo, Meus Senhores, proponho agora, enquanto o Ministro Angelo Ferraz e o Visconde de Porto Alegre encaminham a mensagem, que façamos uma revista às tropas.

A exposição do Imperador nas proximidades do inimigo, que ainda dispõe de alguns canhões, é o que os brasileiros mais temem e querem evitar. Vendo isso nas fisionomias a sua volta, Dom Pedro II diz simplesmente:

- Acredito que nossa presença em área de risco, senhores, é a mais digna de nós.

Todos concordam com entusiasmo e os palafreiros aproximam-se com os cavalos. Enquanto espera pelo Duque de Saxe, a quem deve acompanhar, Joaquim vê aproximar-se, sorrindo, o Tenente André Rebouças e retribui sua continência. O jovem oficial da Comissão de Engenheiros, único negro entre todos os graduados da Tríplice Aliança, conquistou a simpatia do Conde d'Eu, até pelo excelente francês que fala, e acompanhará o marido da Princesa

Isabel, por cuja segurança é responsável o Marquês de Caxias.

- Desculpe, Senhor Visconde, sei que dispomos de poucos minutos, mas a notícia que tenho é tão boa que ardo em transmiti-la.

- Boas notícias são sempre prioritárias, Tenente Rebouças. Pode falar, sou todo ouvidos.

- De acordo com meus cálculos, a sugestão dada por Vossa Excelência e pelo Senhor General Osório é plenamente exequível.

- Neste caso...

- Neste caso, com o aval do comandante da Comissão de Engenheiros, posso afirmar a Vossa Excelência que será possível montar, com a rapidez necessária, a ponte provisória sobre a área alagada. Assim, o deslocamento das tropas poderá ser feito por terra até o Rio Paraná, de maneira muito mais rápida do que descendo o Rio Uruguai.

- É mesmo uma ótima notícia, tenente. Com a derrota de sua esquadra em Riachuelo, López não poderá mais embarcar tropas, a não ser até a Fortaleza de Humaitá. Baluarte que ele considera intransponível, mas que não resistirá a um ataque em massa por terra e por água. Acredito que hoje os paraguaios irão entregar-se, terminando com a ilusão do **Mariscal** de conquistar Buenos Aires. Precisamos planejar os próximos passos... Obrigado, Tenente Rebouças, e meus parabéns.

A chegada dos genros do Imperador faz com que o

tenente preste continência e fique em posição de sentido. Logo todos montam a cavalo e galopam até o alto da coxilha. Dali a visão dos exércitos aliados, como sussurra ao Imperador o General Cabral, um dos seus ajudantes de ordens, é **grandiosamente bela**. Cerca de dezessete mil homens formados num imenso semicírculo de uma légua de comprimento e meia légua de largura, com seus uniformes de diferentes cores, suas bandeiras desfraldadas e algumas dezenas de canhões estrategicamente colocados, mexem até com o coração dos mais pacíficos, como o do Imperador do Brasil. Diante deles está a pequena Vila de Uruguaiana, a antes encantadora Sant'Ana do Rio Uruguai, tomada e saqueada pelos paraguaios, que acredita-se ainda sejam mais de cinco mil. Do outro lado, contra a linha do horizonte, ancorados nas águas barrentas do Rio Uruguai, estão à vista os barcos da esquadilha do Visconde de Tamandaré, todos engalanados e com canhões apontados para o inimigo.

O que estará acontecendo no interior daquelas trincheiras improvisadas? Seguramente, dentro da igreja que lhe serve de quartel-general, tendo ao lado o temível Padre Duarte, que costuma fazer os prisioneiros ajoelharem-se e rezarem antes de ser degolados, Estigarribia está redigindo a resposta ao **ultimatum**. Correspondência que não tarda a ser entregue ao Visconde de Porto Alegre, que a leva devagar, ao **tranquilo** do seu cavalo tordilho, seguido por alguns oficiais dos três países, ao alto da colina onde

está o Imperador. Como foi redigida em espanhol, é o Presidente Mitre que a lê, depois de oferecer a honra ao General Flores, que agradece e se mantém carrancudo, como sempre. Logo após, Tamandaré faz sua leitura, traduzindo-a para o português:

O comandante em chefe da Divisão Paraguaia oferece render a guarnição da praça de Uruguaiana, sob as seguintes condições:

1.ª O comandante da força paraguaia entregará a divisão a seu comando, desde sargento, inclusive, guardando os exércitos aliados para com eles todas as regalias que as leis da guerra prescrevem para os prisioneiros.

2.ª Os chefes, oficiais e empregados de distinção sairão da praça com suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto onde queiram dirigir-se; devendo o exército mantê-los e vesti-los enquanto durar a presente guerra, se escolherem algum lugar que não seja o Paraguai, e devendo ser por sua conta se preferirem o mesmo lugar.

3.ª Os chefes e oficiais orientais, que estão nesta guarnição ao serviço do Paraguai, ficarão prisioneiros de guerra do Império, guardando-se-lhes todas as condições a que tenham direito.

Feito em Uruguaiana em 18 de setembro de 1865.

Antonio Estigarribia

Considerando os genros de Dom Pedro II desnecessária a leitura em francês, o Imperador solicita ao Ministro da Guerra e ao Visconde de Tamandaré que encaminhem a discussão dos termos, sendo aceitas pela Tríplice Aliança as condições primeira e terceira sem restrições. Quanto à segunda, nenhum oficial da Divisão Paraguaia poderá sair com armas, concedendo-lhes, por generosidade, o privilégio

de escolherem o lugar onde irão viver, desde que não seja o Paraguai.

Uma hora depois, é difícil reconhecer na balbúrdia que reina em todos os lugares a esplêndida parada militar que o Imperador vira do alto da coxilha. Logo que os paraguaios começam a surgir, cabisbaixos e desarmados, centenas de cavalarianos rio-grandenses galopam a seu encontro e trazem uns trezentos na garupa, levando-os a matar a fome em seus bivaques. Uma euforia justificada empolga a todos, pois a maior glória foi ter sido possível poupar tantas vidas. No demais, tudo é triste e degradante.

Naquela noite, o Conde d'Eu registra em suas anotações de viagem algumas palavras sobre o espetáculo da retirada dos paraguaios da cidadezinha que deixaram em ruínas. Trecho que, depois, a seu pedido, o Tenente Rebouças traduz para o português:

Uma característica geral dos homens que vimos desfilar foi a ternura infantil com que cada um parecia levar os objetos, muitas vezes incômodos e sem valor algum, que tinham roubado em Uruguaiana. Alguns, é verdade, iam carregados em sacos ou caixas cujos conteúdos não podíamos ver; mas outros se contentavam com uma cafeteira de folha ou com uma enorme panela; um tinha posto como chiripá um xale de senhora; outro apertava nos braços um guarda-chuva; um terceiro levava uma sombrinha de seda branca, aberta; quase todos levavam ferros de ponta aguda, certamente arrancados das grades das janelas e destinados a assar churrascos. E assim iam passando, um a um, curvados, com passo curto e apressado.

Mais pragmático, Joaquim pensa apenas no futuro, na necessidade de acabar logo com aquela guerra, e escreve, também na mesma noite, uma carta ao General Osório, a quem caberá, em futuro breve, a execução das principais decisões da Tríplice Aliança:

Possuído de verdadeiro júbilo, tenho a satisfação de comunicar a Vossa Excelência que as Forças Aliadas que sitiavam esta vila, tendo em frente Sua Majestade o Imperador, conseguiram hoje, sem derramamento de uma só gota de sangue, a rendição da coluna paraguaia que invadira nosso território, com as seguintes condições: o chefe e os oficiais até o posto de alferes poderão estabelecer livre domicílio, durante a guerra, em qualquer país, à exceção do Paraguai. O número de prisioneiros ascende a quase seis mil.

Os orientais que se achavam a serviço do Paraguai serão prisioneiros de guerra do Império. Todas as praças de posto inferior ao de alferes são prisioneiras de guerra à discrição das Forças Aliadas.

O inimigo arruinou de tal maneira esta vila, durante o tempo que a ocupou, que não existe uma só casa em bom estado.

Está, portanto, lavada a mancha que as armas inimigas pretenderam lançar no solo do nosso País. Felicito a Vossa Excelência por tão faustoso acontecimento, e aproveito a oportunidade para reiterar-lhe as seguranças da minha mais elevada consideração.

Deus guarde a Vossa Excelência.

Visconde de Tamandaré.

LIX

Rio de Janeiro, fim da manhã do dia 18 de março de 1897

- Papai, você sabe que a Princesa Isabel e o Conde d'Eu estão vivendo agora mais tempo em Paris do que no castelo deles? Um lindo palacete no Bois de Boulogne, com o jardim da frente cheio de rosas de Petrópolis.

- E como eles estão, Francisca?

- Ele convive mal com a república, mas não foi atingido em seus bens. Ela continua muito emotiva quando fala no Brasil. Se pudesse, voltaria imediatamente.

- E eu, se pudesse, iria até lá beijar-lhe a mão.

- A mão que ela não quis dar para o Duque de Saxe... O que muito contrariou minha xará e sua amiga, a Princesa de Joinville.

Maria Eufrásia, que finalmente consegue sentar-se em seu lugar à mesa do café da manhã, suspira com algum exagero:

- Para que voltar a esse assunto, Francisca? Todos sabemos que a Princesa Isabel, então muito jovem, apaixonou-se por Gaston d'Orléans à primeira vista, un coup de foudre que ela não conseguiu resistir.

- E como era a herdeira do Trono, convenceu seu pai a fazer a troca, aliás, com plena concordância da irmã...

- Isso mesmo, Maria Isabel. Pelo que a mamãe nos contou, primeiro as duas princesas fizeram a troca entre elas.

- E o Conde d'Eu foi quem saiu ganhando. Deixou um duque para trás e transformou-se, como por encanto, no marido da futura Imperatriz do Brasil.

- Uma pena que ela não foi Imperatriz... Só o Brasil saiu perdendo.

Vendo que o avô vai aprofundar-se no assunto mais perigoso para seu coração, Henrique, que, finalmente, sacrificara as aulas da manhã para participar deste momento, nem termina de mastigar seu pão com manteiga e diz:

- Vovô, voltando ao cerco dos paraguaios em Uruguaiana, nunca entendi por que o Imperador resolveu aceitar o reatamento das relações com a Inglaterra exatamente ali, no lugar menos diplomático que se pode imaginar.

Joaquim Júnior antecipa-se ao pai e responde a pergunta, em tom debochado:

- Já que o purgante tinha de ser tomado, melhor obrigar o tal Sir Thornton a ralar o traseiro numa longa viagem e até arriscar-se a levar algum balaço pelo caminho.

- Em linguagem vulgar, Henrique, foi exatamente como teu tio acaba de dizer. A Questão Christie ainda estava atravessada na garganta do Imperador e não cicatrizara em todos nós, principalmente no Caxias e em mim, que

compartilhamos com Sua Majestade os piores momentos. No entanto, sem encher as burras da Inglaterra de dinheiro, nós não venceríamos aquela guerra.

- ...

- Por isso, logo depois de o Imperador aceitar as desculpas da Rainha Vitória, que finalmente reconheceu por escrito a intermediação do Rei Leopoldo, da Bélgica, favorável ao Brasil, minha primeira atitude, como o Ministro Thornton hospedou-se no 11 de Junho, foi iniciar tratativas para a compra de navios couraçados, sem os quais não poderíamos enfrentar os canhões de Humaitá.

- Vocês, homens, só falam em canhões e não sabem contar direito as coisas...

- Como, assim, Francisca?

- Certamente o reatamento de relações diplomáticas com a Inglaterra, um acontecimento dessa envergadura, deve ter tido um mínimo de solenidade...

- E teve, minha filha. A pedido de Sua Majestade, mandei erguer na praia, próxima de onde o navio capitânia estava ancorado, uma verdadeira tenda das mil e uma noites.

- Agora sim, papai. Essa é uma linguagem que nós mulheres entendemos... E como foi feita essa tenda?

- Com velas de reserva de nossos navios, atapetada cuidadosamente e guarnecida com bandeiras e galhardetes. Como a cidade fora completamente saqueada, até a mesa e as cadeiras para a reunião solene foram levadas do 11 de Junho. Mas a guarda de honra coube ao Caxias escolher e

colocar em posição de sentido.

- Imagino que sem muito entusiasmo.

- Isso mesmo, Henrique. Durante a cerimônia, ele e eu conseguimos ficar até mais emburrados que o saudoso General Venancio Flores, que juntamente com Mitre foi especialmente convidado para a cerimônia.

- Até banda de música o senhor colocou diante da tenda; lembro muito bem.

- Isso mesmo, Joaquim Júnior. Como a Niterói não veio para Uruguaiana, por seu grande calado, eu, ainda em Buenos Aires, mandei transferir sua banda de música para o 11 de Junho, prevendo as comemorações da rendição paraguaia.

- O senhor pensa em todos os detalhes, até hoje, não é, papai?

- E não só em canhões, Francisca, em bandas de música também e em outras coisas que um comandante em chefe não pode ignorar. Sempre me preocupei com os feridos de guerra e, antes de qualquer batalha, tratei de mandar montar hospitais de sangue no lugar seguro mais próximo possível.

- A mamãe também se preocupou muito com os mutilados que chegavam da Guerra do Paraguai.

- Uma bela lembrança, Maria Isabel. Depois da Batalha do Riachuelo, o número de ex-combatentes inválidos foi num crescendo que obrigou a criação de um asilo aqui no Rio de Janeiro.

- *Como os Invalides, de Paris.*

- *Exatamente, Francisca. Enquanto eu comandava as atividades navais da Tríplice Aliança, o que acumulou quase três longos anos de saudade, ela dedicou-se a causas sociais, principalmente levantando recursos para dar amparo e agasalho aos mutilados dos campos de batalha. E fez isso sem envergonhar-se de mostrar em público que também ela era uma mutilada.*

- *Isso até me dá vontade de chorar. Até porque ela morreu no dia 10 de agosto de 1869, pouco mais de dois anos depois da sua volta da guerra.*

Sentindo novamente o perigo, Henrique interfere:

- *Vovô, conte como foi que, lá em Uruguaiana, o senhor fez a troca de medalhas com o Imperador.*

- *Já contei tantas vezes... Mas, está bem, tu és o mais moço em torno desta mesa e poderás levar mais longe esta história que muito me orgulha.*

- ...

- *Antes de iniciar-se a cerimônia...*

- *...dentro da tenda das mil e uma noites...*

- *Sim, Francisca, dentro da tenda que eu mostrava ao Imperador, antes da entrada dos demais convidados, notei que a Comenda da Imperial Ordem do Cruzeiro, que ele levava no peito da túnica, estava com um pequeno defeito.*

- *Qual era?*

- *Uma das cinco pontas da estrela branca, em destaque do lado do coração, estava torta.*

- E o senhor disse para ele.

- Não só disse como lhe propus trocá-la pela minha, que estava intacta.

- E ele aceitou.

- Francisca, como tu estás enjoada, hoje. Deixa o papai falar.

- Ele aceitou, sorrindo, porque certamente pensou, naquele exato momento, que jamais seria desfeita a troca... Por isso, desde o dia 23 de setembro de 1865, há mais de trinta anos, eu tenho a honra de possuir a medalha que já honrou o peito de Dom Pedro II.

- Que, aliás, está em destaque naquela fotografia que o senhor tirou comigo nos braços.

- Sim, Henrique, sempre colocada a bombordo, exatamente sobre o coração.

O futuro médico sacode a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas. Um coração que corre grande perigo, na idade dele, mas que, segundo o Doutor Hilário, deve ser deixado tranquilo, ao sabor das águas da sua própria sabedoria.

LX

Rio Paraná, junto ao forte paraguaio de Itapiru, 27 de março de 1866

Os olhos azuis do médico estão estranhamente arregalados. Mas a voz lhe sai segura por entre os lábios pálidos:

– Vamos ter que amputar-lhe a perna, Senhor Visconde.

Joaquim olha para a perna esquerda do Tenente Mariz e Barros, esfacelada do joelho para baixo, uma horrível imagem de carne humana esmagada, entre estilhaços de ossos e fiapos de nervos e tendões. O jovem que trouxera em seus braços para o hospital de sangue, no escaler do *Apa*, depois da tragédia ocorrida no Encouraçado *Tamandaré*, parece sereno ao escutar o veredito.

– Faça... como achar certo, doutor.

– E o certo, tenente, será operá-lo sem clorofórmio. Dados os ferimentos anteriores, em Paissandu, seus pulmões não terão condições de...

Muito pálido pela perda de sangue, Mariz e Barros arqueja também um pouco, mas logo diz, quase sorrindo:

– Ponha-me um charuto entre os dentes que eu suportarei a dor.

Joaquim pega-lhe da mão direita e a mantém firme,

enquanto pensa na fatalidade que atingiu um dos navios mais inexpugnáveis da esquadra brasileira. Sim, foi justamente no encouraçado que recebeu seu nome, comandado pelo mais valente dos seus discípulos, que o disparo da chata paraguaia entrou pela portinhola da bateria da casamata. Seria o mesmo que se um caçador armado de uma escopeta atingisse o olho de uma onça... O petardo de calibre 68 ainda causou mais estragos por ter batido contra uma cortina de grossas correntes de ferro. Os estilhaços feriram dezenas de marinheiros e oficiais, dando morte instantânea ao Imediato do **Tamandaré**, Primeiro-Tenente Francisco Vassimon, ao Tenente-Escrivão Augusto Alpoim, ao Segundo-Tenente Carlos Acioli de Vasconcelos e a dez marinheiros. Com seu comandante e imediato fora de combate, coube ao Segundo-Tenente Barreto Malhões, também muito ferido, a missão de assumir o comando do navio e levá-lo até o ancoradouro. Dali transmitiu mensagem por sinais ao Almirante, que se dirigiu para o encouraçado, levando com ele quatro médicos.

Ao entrar na casamata, salpicada de sangue e de restos humanos, com um odor nauseante de carne queimada, Joaquim enfrentou um dos momentos mais difíceis da sua vida. Fora ele quem encomendara ao Império os encouraçados, que, sob as ordens diretas de Dom Pedro II, foram construídos, dois no Brasil e dois na Inglaterra, sendo batizados com os nomes de **Brasil**, **Bahia**, **Tamandaré** e **Barroso**. Com eles a proteger os navios de

madeira, começaram realmente a ser enfrentados com sucesso os canhões do Forte de Itapiru, que podiam afundar barcos comuns, mas não faziam danos nos blindados.

Era tanta a confiança na esquadra, agora com a proteção dos encouraçados, que, dois dias antes, aproveitando ser 25 de março a data do Juramento da Constituição Brasileira, o **Apa** recebeu o alto comando da Tríplice Aliança. E foi em torno da mesa da Praça d'Armas, depois de saborearem um almoço brasileiro com vinhos argentinos, que o General Mitre, comandante em chefe das tropas aliadas, concertou com o General Osório, com o General Flores e com o Almirante Tamandaré o plano final do desembarque de quarenta mil homens em solo paraguaio. Foi finalmente estabelecido o local, na margem esquerda do Rio Paraguai, e a data: 16 de maio de 1866.

A mão que Joaquim aperta começa a ficar mais fria. O cirurgião-chefe, Doutor Carlos Azevedo, ergue a cabeça curvada sobre o campo operatório e respira fundo antes de empunhar a serra. A mente do almirante concentra-se numa oração. Mas é difícil ser cristão, perdoar numa hora como esta. Haja o que houver, vai comandar pessoalmente a caça às últimas chatas artilhadas da armada paraguaia. Uma invenção infernal, dado o fundo raso e o terrível canhão giratório, mas que não têm autonomia, precisam ser arrastadas aos locais onde ficam escondidas, geralmente na embocadura de pequenos arroios.

Na tarde de 25 de março, quando os generais visitantes

desceriam aos escaleres para deixar o **Apa**, uma chata atirou contra o navio, causando-lhe algumas avarias. Imediatamente, o **Tamandaré** aproximou-se para protegê-lo e Mariz e Barros ordenou o ataque. Sob o pesado fogo, a pequena guarnição jogou-se n'água para salvar-se. Mas não foi possível aprisioná-la, pelo tiroteio que a protegia da margem.

Tendo discutido com Mitre sobre o melhor local para o desembarque, tendo apoio de Osório e Flores, Tamandaré deu-lhe mais uma prova de que tinha razão. Deviam manter as aparências de que o desembarque seria feito próximo do Forte de Itapiru, mas iriam fazê-lo, de verdade, na margem esquerda do Rio Paraguai, o mais perto possível do local onde desemboca no Paraná. Ou seja, a duas léguas do Passo da Pátria, onde está acampado Solano López com o grosso de seu exército.

A mão gelada crispava-se em garra dentro da sua quando a serra do cirurgião atinge o osso. Joaquim só pode imaginar o tamanho da dor que Mariz e Barros está sentindo, parte da qual passa, como uma corrente elétrica, para seu braço enrijecido. Mas o tenente não grita, só arqueja e parece desfalecer. O cirurgião e um dos assistentes começam a desinfetar os tecidos antes da sutura, enquanto o outro médico enrola os restos da perna decepada num lençol ensanguentado e hesita em o que fazer com ela.

- Na água. Jogue-a no rio. As águas sabem receber os despojos dos marinheiros.

Passa da meia-noite. Joaquim sente a mão amolecer na sua. E lhe vem à mente uma cena acontecida no cerco de Paissandu, quando o Tenente Mariz e Barros combateu em terra a seu lado. Tão valente era que seus subordinados, entre eles, só o chamavam de **Leão**. Mas sensível, como os verdadeiros valentes, chorara ao ver espetada numa lança a cabeça decepada do menino que tocava tambor.

Joaquim inclina a cabeça e fala ao ouvido do moribundo, mesmo acreditando que ele não o pode mais escutar. Sei que tu vais morrer com apenas 31 anos, meu tenente, e sinto isso pela expressão desesperada dos médicos, e pela força vital que desapareceu da tua mão direita. E só posso te fazer uma promessa, a ti que eu quero como um filho, e a teu pai, o meu colega Almirante Joaquim Inácio de Barros. Uma promessa de minha parte e outra em nome do General Osório. Como disse ao Presidente Mitre e te prometo, Primeiro-Tenente Antônio Carlos de Mariz e Barros, Comandante Perpétuo do Encouraçado **Tamandaré**, vou liderar o embarque em nossos navios dos mais de quarenta mil homens dos três exércitos, sendo perto de trinta mil deles do Brasil. E nossa Marinha Imperial vai desembarcá-los **todos** em solo paraguaio sem que nenhum deles perca a vida nessa travessia. E vou te repetir a promessa do General Osório, quando Mitre queria que unidades argentinas fossem as primeiras a desembarcar: ***O General em Chefe pode mandar quem quiser, mas serei eu quem passará o rio primeiro.***

De repente, após escutar esse desabafo do seu Almirante, o Tenente Mariz e Barros ergue parte do tronco e a voz lhe sai da garganta como o último urro de um leão:

- SENHOR, MANDE DIZER A MEU PAI QUE EU SEMPRE SOUBE HONRAR O SEU NOME!

LXI

Rio de Janeiro, final da manhã do dia 18 de março de 1897

- Papai, papai! O senhor está chorando?

- Nada, minha filha, eu nunca choro. Deve ter sido um cisco que entrou no meu olho.

- Mas o senhor também nunca mente. E agora está me mentindo. Não tem cisco nenhum no seu quarto, isso eu posso lhe jurar.

- Está bem, minha querida. Eu estava pensando em um momento muito triste, quando o Tenente Mariz e Barros morreu.

- E quando foi isso?

- Na madrugada de 27 para 28 de março de 1866. Menos de dois meses antes da Batalha de Tuiuti, travada em 24 de maio, a nossa maior vitória naquela guerra maldita.

- Foi lá que o General Osório pronunciou aquela frase que o senhor gosta tanto de repetir? Soldados! É fácil a missão de comandar homens livres. Basta mostrar-lhes o caminho do dever.

- A mais linda frase militar que eu conheço, Maria Eufrásia, mas não foi antes de Tuiuti que ele a disse, foi ao clarear do dia 16 de maio, quando íamos começar o embarque de milhares de soldados, cavalos e material de

guerra para o outro lado do rio. Eu prometera ao Tenente Mariz e Barros que nenhum dos combatentes dos três países iria morrer naquela travessia. E nossa Marinha os colocou, todos sãos e salvos, na outra margem do rio.

- É verdade que o General Osório foi o primeiro a desembarcar em solo inimigo?

- Sim, minha filha, exatamente como prometera, ele foi o primeiro a saltar na margem esquerda do Rio Paraguai, com apenas doze homens, cumprindo a outra promessa que segredei no ouvido do tenente moribundo.

- Muito bem, agora vamos pensar no seu almoço. Quer comer na sala de jantar ou aqui mesmo no quarto?

- Não estou com um pingão de fome.

- Isso até sentir o cheiro da carne assada e do soufflé de milho verde que eu mandei preparar para o senhor. O resto da família vai almoçar na cidade.

- Tu és maravilhosa, Maria Eufrásia, mas eu quero cortar o cabelo e aparar a barba. O Joaquim Júnior foi buscar o barbeiro e já deve estar chegando.

- Não acredito! E ele não me disse nada... Se soubesse, teria atrasado o almoço. A carne vai ficar esturricada e...

- Se tu quiseres, eu almoço agora.

- Não, não, papai, é bobagem minha. O senhor pode esperar o barbeiro em paz. Aliás, fui eu que lhe pedi para não aparar mais a barba sozinho, desde que se cortou.

Maria Eufrásia sai do quarto e Joaquim fica pensativo. Que vergonha ela ter me surpreendido chorando... Mas

assistir à morte daquele bravo, três dias antes de completar 31 anos... E depois veio a Batalha de Tuiuti, nossa maior vitória em terra, como Riachuelo o foi naquelas águas cheias de armadilhas. Somando todos os combatentes, inclusive os paraguaios, sessenta mil homens se carnearam naquele dia, como disse o General Flores. E morreram mais da metade deles, um horror para povos que se dizem cristãos. Uma vitória da espada e uma derrota da cruz...

- Papai, o seu Raimundo deixou cinco clientes esperando no salão e fez questão de vir atender o senhor.

- Muito obrigado, seu Raimundo, mas não devia ter feito isso.

- Tenho aprendizes muito capazes, Excelência. Sem dúvida o senhor os teve também na Marinha.

- Sim, meu amigo, sem dúvida que os tive. Pena que vi alguns deles morrerem na minha frente...

- Papai, venha sentar-se aqui perto da janela.

- Tudo bem, Joaquim Júnior, podes ficar descansado. Não vou encher os ouvidos do seu Raimundo com minhas velhas histórias...

- Eu vou levar a Francisca e a Maria Isabel para almoçar na cidade, como combinado. O Henrique vai nos encontrar na Rua do Ouvidor.

- Ótimo, pena a Maria Eufrásia não ir junto com vocês.

- Nem adianta convidar, o senhor sabe...

- Tudo bem, divirtam-se, meu filho... E o senhor, seu

Raimundo, como vai a vida?

- Não posso me queixar, senhor Marquês. Ontem mesmo estive no Palácio do Catete para cortar o cabelo do presidente Prudente de Moraes.

- Palácio do Catete?

- O senhor não sabia? Durante esses meses em que ocupou a presidência, o Doutor Manuel Vitorino acertou a compra do palácio com a família do Barão de Friburgo e transferiu para o Palácio das Águias todas as atividades que eram feitas no Itamarati.

- Palácio das Águias, é verdade que o povo o chama assim... Houve um tempo em que vivi ali por perto e participei de algumas festas memoráveis.

- Pois mesmo a troca tendo sido feita à sua revelia, o presidente está satisfeito com a nova casa... Agora diga-me, Excelência, como quer o corte do cabelo? A barba não precisa me dizer, é para deixar somente o colar, aparando mais reto abaixo do queixo.

- Isso mesmo. Quanto ao cabelo, o que me resta, principalmente nas têmporas, continua crescendo muito... E de juba eu não gosto.

- Correto, senhor Marquês, farei assim. E aliás, falando em barba, a do presidente Prudente é dura como nunca vi. E como ele emagreceu muito com a doença, levei uma meia hora para dar-lhe um aspecto mais jovial.

- Sei, pelo jornal, que ele assumiu por causa do problema de Canudos, mas parece que devia ter ficado mais tempo

em convalescença.

- Acredito que sim. Essa operação tirou o viço dele, um homem ainda relativamente moço.

- Acho que ele é uns quarenta anos mais moço do que eu.

- Mas o senhor, com todo o respeito, é d'outra têmpera. Essa morte do Coronel Moreira César lá no sertão da Bahia parece que assustou mesmo o presidente. Um bando de fanáticos meio mortos de fome derrotando tropas do Exército e matando um dos seus melhores oficiais...

- Moreira César não era dos melhores oficiais do Exército Brasileiro. Eu posso dizer isso porque lutei ao lado de Caxias e Osório, sem falar em Marques de Souza, Sampaio, Mallet... Valentes, sim, mas não sanguinários. Durante a Revolta da Armada, esse Moreira César foi o Cérbero do Floriano Peixoto. E lá na capital de Santa Catarina deixou um rastro de sangue que tingiu todo o mar em torno da Fortaleza de Anhatomirim. Mesmo assim, mudaram o nome da cidade para Florianópolis, a cidade do Floriano Peixoto... Assim é a política.

- Pois imagine um homem como o Coronel Moreira César ser derrotado e morto por essa gente desorganizada do Antônio Conselheiro...

- Pelo que li no jornal, ele menosprezou o inimigo. Foi o que Mitre fez quando acreditou que López queria terminar a guerra, quando o que conseguiu, mentindo sobre um armistício, foi ganhar tempo para aumentar suas

fortificações. Acreditar que basta ser mais numeroso e bem armado é o erro mais grave que pode cometer um chefe militar.

- Por falar nisso, acho que os dias do General Argolo estão contados no Ministério da Guerra...

- General Francisco de Paula Argolo... Não confundir com o General Alexandre Argolo Ferrão Filho, um herói da Guerra do Paraguai.

- Pois este aqui não está sendo tratado como herói e vai ser substituído.

- Isso o Jornal do Commercio não menciona, mas tem lógica. Sem a concordância dele o Coronel Moreira César não teria recebido carta branca para aniquilar Canudos. Quem será que...

- O General Bittencourt será o novo Ministro da Guerra. É o que se sussurra em todos os cantos do Palácio do Catete.

- Marechal Carlos Machado de Bittencourt. Esse é vinho de outra pipa... Um cavalariano que serviu com Osório e Andrade Neves, que foi ferido na Batalha de Tuiuti. Bittencourt não vai mandar atacar degolando como fazia o Moreira César. E se divertindo com isso. Uma vez...

- Perdoe, Excelência, mas agora vou passar a navalha debaixo do seu queixo e preciso que o senhor...

- ...cale a boca, não é?

- ...apoie a nuca no espaldar da cadeira, só isso, Excelência. Deus me livre faltar-lhe com o respeito... O que, nos seus longos anos de vida, ninguém o fez.

- Mas que tentaram, tentaram. Principalmente o presidente Mitre na Guerra do Paraguai, e com apoio de políticos brasileiros, até conseguir me afastar do seu caminho. Mitre nunca se conformou em comandar todas as tropas em combate contra Solano López, menos a Esquadra que eu consegui salvar de muitos desastres. Alguns historiadores de gabinete dizem que o General Osório o apoiava contra mim. Mas as cartas que me enviou, naquela época, provam exatamente o contrário.

- Desculpe, Senhor Marquês, por pouco não corto o lóbulo da sua orelha.

- Se fizer isso, a minha filha vai enfrentá-lo pior que um Moreira César ressuscitado.

LXII

Front da Tríplice Aliança em território paraguaio, 18 de agosto de 1866

Preparando-se emocionalmente para a reunião dos generais em chefe da Tríplice Aliança, Joaquim relê, saltando as iniciais de fórmulas de cortesia, a carta que recebera do General Osório, datada de 18 de julho de 1866, há exatamente um mês:

Vossa Excelência sabe o que se passou durante o tempo que estive encarregado do comando do 1o Corpo do Exército.

Na manhã de 15 do corrente, entreguei esse comando a um ilustre militar de nossa cara Pátria, quando minha saúde não me permitia mais servi-la ativamente, e nem eu podia inspirar mais confiança aos meus camaradas de serviço.

Ao contrário, pensa Joaquim: sei pelo próprio General Polidoro, que o substituiu, como essa tarefa está sendo espinhosa. ***Tirar o santo do altar durante a missa e ocupar seu vazio***, foi a frase que ele usou. De fato, o Barão do Herval é idolatrado pelos seus subordinados, que o chamam de ***Legendário***. E com toda a razão. Como lhe foi dito, na resposta desta carta, ele conseguiu um verdadeiro milagre: transformar uma legião ardente e patriótica num exército regular, disciplinado e confiante para cumprir todas as suas

ordens.

Nesse momento solene, estava dominado por tantas emoções amargas que me foi impossível cumprir o dever de informar oficialmente a Vossa Excelência de minha partida. Porém, hoje venho cumprir este dever, exprimindo o quanto lhe sou reconhecido pelo concurso tão importante que Vossa Excelência me prestou neste comando, com seus conselhos patrióticos e esclarecidos, e com o apoio que foi dado ao Exército em diversas ocasiões pelos bravos da Esquadra...

Joaquim parece ouvir essas palavras pronunciadas com sotaque típico do rio-grandense do pampa, como nas muitas vezes em que conversou com Osório, entre um gole e outro de mate amargo.

...pelos bravos da Esquadra que Vossa Excelência tão dignamente comanda, e aos quais eu desejaria fazer chegar estas palavras em testemunho da minha gratidão pelos serviços desses valentes marinheiros.

Já o fiz, meu caro amigo, em ordem do dia que foi lida às tripulações pelos comandantes, em cada um dos dezessete navios que realizaram o transbordo das tropas aliadas e participaram decisivamente da Batalha de Tuiuti. E sei o quanto suas palavras de gratidão calaram fundo naqueles marinheiros que, a exemplo de seus irmãos soldados, combatem como homens livres, bastando mostrar-lhes **o caminho do dever...** E Joaquim respira fundo antes de concluir a leitura.

Permita-me, finalmente, Senhor Visconde, que eu recorde aqui os serviços pessoais e favores que eu devo a Vossa Excelência, cuja recordação me impedirá de esquecer jamais sua extrema bondade.

Deus guarde a Vossa Excelência.

Barão do Herval

Favores pessoais? Fiz-lhe apenas um, antes de sua partida para o Rio Grande do Sul. E lamento não poder tornar públicas as palavras que me disse ao nos despedirmos e que calaram tão fundo dentro de mim: ***Eis o que é a vida militar. Um general retira-se do comando em chefe de um Exército, em estado de não poder talvez ir morrer em casa, e em minhas canastras o que levo é menos que um mês de soldo.***

Soldo, a palavra que deu origem ao nome ***soldado***, mas que não remunera os que o são de verdade... Impressionado com essas palavras, e como ainda dispunha de duas horas antes da sua partida, chamei o Barroso à minha cabine. Era ele, o agora Barão do Amazonas, que fazia os meus pagamentos, ou seja, cuidava do meu soldo, e, dada a nossa amizade, saberia guardar segredo. Contei-lhe que o herói de 16 de abril e 24 de maio de 1866 voltava para casa, atingido por uma doença talvez mortal, levando ***menos que um mês de soldo em suas canastras***. Pedi-lhe, então, que me conseguisse cem libras para eu emprestar a Osório, descontando-as dos meus

vencimentos posteriores. O meu velho camarada, o meu *brother*, como nos tratávamos nas cartas não oficiais, riu-se e me disse mais ou menos assim: *Como sei que tu ajudas muita gente com teu soldo, venho pondo uma parte de lado, prevendo um momento como este. Assim, fica descansado: é do teu próprio dinheiro que vais emprestar as cem libras ao Barão do Herval.* Saiu da minha cabine e não demorou a voltar com o dinheiro que, sob o meu protesto, contou na minha frente.

Muito emocionado, chamei o meu secretário e lhe disse:

– O senhor acompanhará o General Osório até Corrientes. Estão aqui cem libras que lhe entregará de minha parte, dizendo-lhe que eu ponho esta quantia à sua disposição para as despesas de viagem e que, em qualquer tempo que ele queira pagar-me, lhe peço entregá-las no Rio de Janeiro, à Viscondessa de Tamandaré. Acredito que seja desnecessário dizer-lhe que confio totalmente na sua discrição, como homem de honra e, principalmente, como marinheiro.

Foi bom reler esta carta do Osório e pensar no quanto se enganam os que pensam que eventuais discordâncias táticas possam ter abalado nossa amizade. Felizmente, as últimas notícias que recebi dele são as melhores. E preciso estribar-me nessas boas recordações, principalmente hoje, quando precisarei convencer Mitre, e também Flores, Porto Alegre e Polidoro, todos conhecidos como homens de *queixo duro*, como diria Osório, da necessidade urgente de atacar e

ocupar os fortes de Curuzu e Curupaiti.

Que horas são? Ainda está escuro e já são quase seis horas da manhã. A reunião está marcada para as nove, na barraca do General Mitre. Teríamos mais conforto no **Apa**, mas acho que ele ainda não esqueceu da última vez que almoçou aqui comigo e sofremos um duro ataque daquela chata artilhada dos paraguaios... Nada disso, Mitre é um valente e o provou muitas vezes. Mas fazer a reunião em um navio da nossa Esquadra, a única força militar da Tríplice Aliança que não está sob o seu comando, sabendo que dificilmente estaremos de acordo em nossas opiniões, não seria **politicamente correto**.

O sol começa a nascer, lentamente, do outro lado do rio. Joaquim desvia os olhos da vigia, levanta-se, guarda a carta de Osório numa gaveta e abre uma carta náutica sobre a sua mesa de trabalho. Muda a lâmpada de posição, de forma a conseguir iluminá-la o melhor possível. Corre o dedo indicador da mão direita sobre o curso do Rio Paraguai, desvia-o na foz do Rio Curuzu e fica pensativo.

Preciso convencer Mitre de que, se eu atacar as fortalezas de Curuzu e Curupaiti, com apenas algumas centenas de homens capazes de desembarcar para tentar tomá-las, mesmo que o faça, elas logo serão retomadas e reforçadas por Solano López. O certo será embarcar comigo os oito mil soldados do Porto Alegre, mesmo que os cavalarianos, quase metade deles, tenham que combater a pé. Nesta época do ano, o canal entre a Ilha do Palmar e o

Chaco, exatamente neste ponto do Rio Curuzu, está com profundidade suficiente para empregarmos uns quinze navios de maior calado. Uma pena que apenas seis deles encouraçados... E deslocou os recortes em cartolina do ***Lima Barros, Brasil, Bahia, Barroso, Tamandaré e Rio de Janeiro*** para as proximidades do círculo vermelho que traçara em volta do ponto que indica o Forte de Curuzu. Mas que acredito suficientes para protegerem a Esquadra, resistindo aos mais próximos impactos.

O Mitre teimou comigo em deixar o 2o Corpo do Exército, comandado pelo Visconde de Porto Alegre, longe do Passo da Pátria. Depois que consegui convencê-lo e trazer todo esse reforço para cá, ele quer incorporá-lo às tropas sob seu comando, embora o certo seja embarcá-las comigo e empregá-las para tomar e ocupar definitivamente as fortalezas inimigas.

Meu Deus, dai-me paciência para manter a calma nessa reunião. E, se possível, ajude-me também a calçar as botas. A cada dia que passo por aqui, fica mais difícil dar um passo. A maldita gota está acabando comigo. Como meus pés estão inchados a esta hora da manhã... Mas que seriedade eu teria, discutindo com Mitre de pés descalços?

LXIII

Rio de Janeiro, início da tarde do dia 18 de março de 1897

- Papai, o senhor está lindo!

- Que exagero, Maria Eufrásia. Ainda bem que o seu Raimundo já foi embora. Se não, cobraria ainda mais caro.

- Foi muito caro, mesmo?

- Nada disso. Quando me viu caminhando de pés descalços, acho que ficou com pena e me fez o mesmo preço da barbearia. E não levou o dinheiro. Disse que cobrará junto na próxima vez. Um risco para ele...

- Se o senhor vai falar em morte de novo, eu desisto de cuidá-lo e entro para um convento.

- Onde tu já estás, minha filha... Teus irmãos se divertindo na cidade e tu aqui perdendo tempo em botar carvão num vapor que não navega mais.

- É a segunda vez que o senhor me falta com a verdade, hoje. Pelo jeito que respirou este soufflé de milho e a carne assada, garanto que vai limpar o prato. Como limpou, esquecendo a gota, naquele dia bendito em que voltou da guerra, no dia 15 de fevereiro de 1867.

- Foi esta mesma a primeira iguaria que comi ao voltar para casa? É impressionante como tu te lembras dessas coisas, minha filha...

- Daquela vez o senhor ficou longe de nós exatamente dois anos, nove meses e 25 dias.

- Meu Deus... que maldade eu fiz com a minha família.

- Maldade não, porque o senhor é pura bondade. Mas a mamãe sofreu muito, e eu com ela. Não só pelo tempo que ficamos longe do senhor, mas pelo medo de chegar um oficial graduado com uma carta... dizendo que o senhor, ou um dos nossos dois irmãos tinha sido... como muitas outras mães, esposas e filhas receberam naqueles anos de guerra...

- Não chore, minha querida, por favor...

- Maria Isabel defendia-se daquela angústia viajando para Petrópolis, para Três Rios, até para Barbacena, onde ficava muitos dias na casa de algum primo nosso. Francisca já era casada e ainda se entendia bem com o marido. Sobrávamos mamãe e eu para...

- Agora sim, de verdade, perdi completamente o apetite.

- Por favor, papai, não faça isso. Coma um pouquinho para provar. Sou uma boba, mesmo. Vamos mudar de assunto.

- Está bem, acho que te menti outra vez. Em verdade, nunca almoço às duas horas da tarde e estou mesmo com fome.

- Quer que eu lhe corte a carne em pedacinhos?

- Não carece, minha filha... Humm... Este soufflé de milho está divino. Igualzinho ao da tua mãe.

- Vamos pensar só em coisas boas... Como a sua carta

nos contando que pedira licença do comando da Armada e estava voltando para casa. Nunca vi mamãe tão feliz. Embora alguns jornais só falassem na derrota de Curupaiti...

- Esquecendo todas as vitórias anteriores, como as de Riachuelo, Tuiuti e Curuzu, que fizeram Solano López passar de agressor a agredido... E inventar uma patranha de negociar a paz com a Tríplice Aliança, só para ganhar tempo e aumentar as fortificações de Curupaiti.

- Coma, papai, por favor.

- Estou comendo e gostando muito, Maria Eufrásia. Mas quero que tu entendas a verdade dos fatos. Explicados por mim, e não por algum biógrafo mal-intencionado...

- Mas, papai...

- Vou comendo devagar, apreciando muito esta carne macia e suculenta, mas preciso te contar, agora, quando tudo está claro na minha mente.

- Está bem, papai.

- Os jornais daqui até que foram honestos comigo. Mas os de Buenos Aires, esqueceram que o Mitre ficou trocando gentilezas com López, num encontro em que Flores, Polidoro e eu nos recusamos a comparecer, enquanto o General Díaz ganhava um tempo precioso para transformar o Forte de Curupaiti numa tremenda ratoeira humana. Os argentinos transferiram para a Armada Imperial o ônus da derrota, embora toda a documentação prove que eu nunca acreditei nas boas intenções de Solano López e recomendei um ataque imediato, logo após a tomada de Curuzu.

- Ainda bem que a mamãe nunca leu esses jornais argentinos.

- Mas eu contei tudo para ela numa linguagem simples, como estou te contando. Depois de dois anos e meio de vitórias, começando pelo Uruguai, onde tive que enfrentar nossa própria diplomacia, mas consegui ajudar o General Venancio Flores, inimigo de López, a tomar o poder e tornar-se nosso aliado; passando pelo cerco de Uruguaiana, onde poupamos a vida de seis mil inimigos, entre eles até um padre que incentivava os degoladores... Pouco antes disso, o inesquecível 11 de junho de 1865, dia da nossa vitória em Riachuelo, obra maestra do Barroso, onde foram empregadas com sucesso aquelas canhoneiras a vapor que recomendei a compra e acompanhei a construção na Inglaterra e na França...

- Quando foi, apesar da doença da mamãe, o tempo mais lindo da minha vida.

- Também lembro com saudade daqueles tempos em Paris, embora às vezes, viajando por minha conta, não me sobrasse dinheiro para comprar um croissant... Mas, enfim, devido à modernização da nossa Armada, cujo primeiro navio a vapor, o saudoso Dom Afonso, foi trazido da Inglaterra por mim; graças aos encouraçados que recomendei a construção aqui no Rio, ou a compra onde fosse possível, com a maior urgência, mas, principalmente, em razão da coragem e disciplina dos nossos marinheiros, conseguimos sozinhos, sem nenhum auxílio naval da

Argentina e do Uruguai, tomar conta da navegação do Rio da Prata e seus afluentes, cortando o fluxo de armamentos que o Paraguai comprava, principalmente da França e dos Estados Unidos, destruindo sua Marinha de Guerra, inclusive as chatas com canhões giratórios, que tantas vítimas nos causaram; atravessar um exército de 42 mil homens, com todos seus petrechos de guerra, cavalos e canhões, munições de guerra e de boca, para a margem esquerda do Rio Paraguai, sem nenhum incidente fatal; e, para calar-me logo e terminar este almoço, ter dado, não eu, mas a nossa Armada, os primeiros e mais gigantescos passos para aniquilar Solano López. Sim, aquele assassino empenachado, que, na sua megalomania, chegou até, antes da guerra, a pedir a mão da Princesa Isabel.

- É verdade, papai?

- Sim, minha filha. Fantasiado de Napoleão III, um péssimo modelo, aliás, o jovem López tentou primeiro esse caminho para transformar-se no Imperador que sonhava.

- Li no Jornal do Commercio que ele ainda é idolatrado lá no Paraguai.

- É possível, porque os políticos sabem manipular o povo. Mas duvido que tenham consultado as duzentas mil mães e viúvas que perderam seus filhos e maridos numa guerra feita por um homem só. Um criminoso que fantasiou de general seu próprio filho, o menino Panchito, com cerca de doze anos, fazendo-o morrer em combate contra brasileiros assassinos de crianças, como nos acusaram. Mas quem não

aceitou render-se, ou imigrar para outro país, foi ele mesmo, preferindo convocar um exército de crianças para morrerem com ele em Cerro Corá.

- ...

- Quando Caxias tomou Assunção, em 1868, com o apoio de nossa Esquadra, então sob o comando do Inhaúma, somente um fanático como López, esmigalhado como sua fortaleza dita inexpugnável de Humaitá, para não aceitar a derrota e levar seu povo até as últimas consequências do martírio. Caxias estava doente, é verdade, como eu também estava doente quando passei o comando em chefe da Armada e voltei para cá, mas só entregou seu posto para o Conde d'Eu, porque considerou sua missão cumprida. Eu também já cumprira minha missão quando voltei para casa. Só eu sei o que era acordar com dores horríveis nas articulações, espremer tumores com um pus branco e...

- Papai, estamos almoçando.

- Eu até já comi a minha goiabada com queijo. Agora só falta o cafezinho.

- Está bem. Mas o senhor nunca me falou desses tumores.

- Para que? Mas os tive muitos naqueles últimos meses, na fase crônica da gota, entre a vitória de Tuiuti e a derrota, bem menor, de Curupaiti. Cheguei até a usar umas botas do Barroso, que calçava quatro números acima do meu...

- Que bom que hoje o senhor pode andar descalço quase o tempo todo.

- É, mas só há uns poucos dias, depois que me aposentei do Tribunal. Precisei criar a lei do nonagenário para meus pés se livrarem da escravatura.

- Por falar nisso, papai, o senhor tem notícias do Engenheiro Rebouças?

- Interessante tu me perguntares por ele... O André Rebouças ficou na guerra praticamente o mesmo tempo que eu. Portou-se com bravura, mas foi também derrotado pelo tifo, eu creio, e não morreu porque Deus não quis.

- Ele portou-se muito bem com o Imperador, não foi?

- Sim, o Rebouças fez o que eu tentei fazer e Dom Pedro II não me deixou: partir com ele para o exílio.

- E onde ele está, agora?

- Depois da morte do nosso Imperador, sei que tentou trabalhar nos Estados Unidos, mas sofreu tanto com o racismo, até para conseguir hospedar-se num bom hotel, em Nova Iorque, que desistiu e foi viver na Ilha da Madeira.

- Coitado, um homem genial como ele.

- Depois do 15 de novembro, como vingança aos escravagistas que derrubaram Dom Pedro II e a Princesa Isabel, o Rebouças jurou nunca mais voltar ao Brasil.

- O que a Princesa Isabel está tentando, por vias diplomáticas, segundo me contou a Francisca.

- Eu ficaria feliz em vê-la novamente. Mas isso só acontecerá se este regime frouxo cair ou se transformar numa república verdadeira.

LXIV

Rio de Janeiro, dia 15 de fevereiro de 1867

- Meu Deus, como esta cidade é linda!
- Era o que eu dizia, em todas as manhãs de sol, ao ver o Pão de Açúcar da nossa janela. E meu irmão José, que acordava emburrado, se recusava a olhar.
- O que eu mais gosto é esta sensação de paz, que nunca mais senti nos últimos anos. Até a Fortaleza de Santa Cruz me parece adormecida, ali à boreste. Principalmente com aquelas casinhas de Niterói fumegando ao lado dela.
- Niterói... Por causa desse nome, tenho a sensação de que estou voltando para casa depois de 44 anos de ausência.
- Quarenta e quatro anos...
- Ora, *my brother*, foi na Ilha das Cobras que me apresentei, no dia 4 de março de 1823, para lutar pela Independência do Brasil. Eu tinha quinze anos de idade e estava sob as ordens do Comandante Taylor. E sabes em que navio? Na *Niterói*.
- Impressionante, e na *Niterói* estás voltando, agora com quase sessenta anos de idade.
- Claro que esta corveta não é o mesmo navio que me levou para a Bahia, que, aliás era uma fragata... Mas tem o

mesmo nome, como eu também tenho o mesmo nome e sou outra pessoa.

- Para mim, que conheço você desde as aulas de inglês do Padre Trilby, dois anos antes da Independência, não me parece que a mudança tenha sido tão radical. A não ser na quantidade de cabelos, naturalmente...

Joaquim sorri, tira o chapéu e passa os dedos pela calva suada.

- É verdade que nenhum ser humano me conhece tão bem como tu, Barroso. E entendo quando dizes que a mudança só foi radical fisicamente. É claro que meus valores de honra, dignidade e patriotismo são os mesmos de quando fomos colegas na Academia de Marinha, em 1824, e quando recebemos juntos nosso batismo de fogo na Batalha de Corales, em 1826, no Rio da Prata.

- A pior que enfrentei na minha vida antes de Riachuelo.

- Foi bom tu teres falado nisso. Enquanto tu lutavas bravamente contra a esquadra paraguaia, sofrendo também o canhoneio da margem do rio, eu, segundo meus detratores, me divertia com mulheres em Buenos Aires.

- Te **divertias** fechando contratos de compra de carvão e fazendo chegar montanhas dele para mim, lá no Rio Paraná, além da compra de gado para alimentar nossa gente e a preocupação de montar hospitais de sangue que salvaram centenas de vidas.

- Pois, segundo meus detratores, eu só queria **bailar con las morochas porteñas**, sem a obrigação de negociar dia a

dia com Mitre, que manteve a Argentina neutra, até que o López teve a insensatez de invadir Entre Ríos e Corrientes.

- E como você poderia ir me ajudar pessoalmente em Corrientes tendo que assumir a obrigação de cuidar do Rio Uruguai, depois que os paraguaios tomaram São Borja? Sem aqueles barcos de baixo calado que você comprou e artilhou em Buenos Aires, subindo com eles até Uruguaiana, Estigarribia teria rompido o cerco e passado para a margem direita do rio, levando com ele, no mínimo, seis mil homens. E, nesse caso, a visita do Imperador ao teatro de guerra, tão importante para consolidar a Tríplice Aliança, e levar até a Inglaterra a pedir a volta das relações diplomáticas, nunca teria acontecido.

Joaquim desvia os olhos do Outeiro da Glória e volta a contemplar a Praia do Flamengo, imaginando o interior da casa onde a **Pequena Maria** e suas filhas o esperam. Respira bem fundo e retoma o diálogo:

- Por isso, como esta fragata, meu caro Barroso, 44 anos depois de engajar-me como voluntário na Armada, só me resta o nome, ou talvez nem ele, porque, de Marques Lisboa, foi trocado para Tamandaré.

- Visconde de Tamandaré, com grandeza, meu amigo.

- Sim, Senhor Barão do Amazonas, e com maior grandeza o seu, por ter conquistado o título na Batalha do Riachuelo, a bordo do navio que massacrou a esquadra paraguaia e inspirou esse nome ao Imperador. Mas títulos de nobreza não nos impedem de ser caluniados, principalmente eu, que

fui comandante em chefe da nossa Esquadra nas operações de guerra no Rio da Prata e no Paraguai.

- Você ainda é o comandante em chefe, só está licenciado por iniciativa própria, para tratamento de saúde. O Marquês de Caxias deixou isso bem claro quando você passou o comando para Joaquim Inácio, lá em Curuzu. Uma responsabilidade menor do que a sua, uma vez que Caxias também assumiu o comando das operações navais.

- Curuzu... Tu sabes o que significa essa palavra em guarani?

- Deve significar derrota ou coisa parecida, depois da surra que os paraguaios levaram lá.

- Significa **bolo fecal**, ou **bull shit**, na expressão tão comum em inglês. E a vitória que lá obtivemos de nada serviu porque deveríamos ter atacado imediatamente a outra fortaleza, a de Curupaiti.

- Que significa, meu amigo poliglota...

- **Lugar de muitos angicos**, principalmente aqueles de madeira vermelha, dura como pau-ferro.

- Nome absolutamente certo. Ali morreram quatro mil homens do exército aliado, a metade brasileiros.

- A primeira derrota da vida do meu primo Marques de Souza, que poderia ter tomado a fortaleza, se o ataque tivesse sido na data marcada.

- É verdade, o Visconde de Porto Alegre encontrou ali seu Waterloo.

- Para mim, a derrota foi do Mitre, que teimou em

encontrar-se com Solano López, embora sabendo que a sexta cláusula do Tratado da Tríplice Aliança impede qualquer tratativa de paz, a não ser com o afastamento dele do poder... Na reunião de 8 de setembro, decidimos de comum acordo atacar Curupaiti no dia 11, e ele, por pura vaidade, postergou o ataque para encontrar-se no dia 12 com o *Mariscal*, numa pantomina que eu, o Flores e o Polidoro nos recusamos em participar.

- Imagino os dois trocando rapapés na chegada em Itati-Corá e, depois, desaforos na saída. Pois o General Mitre não seria louco de romper com o Brasil e o Uruguai, aceitando a paz com López sem que ele deixasse o poder...

- E o López nunca pensou nisso, pois só queria ganhar tempo para mandar cavar fossos nunca vistos em volta de Curupaiti, fazendo-se de vítima naquela mensagem dirigida à Inglaterra e aos Estados Unidos, como se fosse um pacifista incompreendido.

- Uma coisa eu digo a quem quiser me ouvir, meu amigo, até ao Imperador, porque é a mais absoluta verdade: eu estava em Curupaiti e vi você fazer a maior demonstração de coragem a que assisti na minha vida.

- E qual foi?!

- Entrar num escaler, no meio do fogo cruzado de nem sei quantos canhões, e ir de navio em navio, com teu pavilhão arvorado a bordo, incentivar os marinheiros à luta.

- Isso eu não contarei ao Imperador, se ele me chamar para relatar-lhe os fatos, mas a razão de termos perdido

duas semanas preciosas, usadas pelo inimigo para reforçar suas defesas, já imensas, isso eu contarei.

- Pois, então, você pode se preparar para isso. Está vendo a grande movimentação no ancoradouro da Ilha das Cobras? Erga seu famoso óculo de alcance, *my brother*, e tenho certeza de que verá com ele o próprio Imperador.

- ...

- Olhe, Lisboinha, estou dizendo a você. Vai ser fácil distingui-lo no meio de tanta gente, pois sempre é o mais alto de todos.

- Meu Deus... O Imperador veio nos receber na Ilha das Cobras.

- Depois que você recebeu, em Santos, a notícia de sua promoção a Almirante, o mais alto posto da Marinha Imperial, assinada por Dom Pedro II no dia 21 de janeiro, a presença de Sua Majestade naquele cais me parece absolutamente justificada.

Tomado de grande emoção, com a luneta focada no rosto sorridente de Dom Pedro II, Joaquim nem se dá conta de como a barba dourada daquele homem de 41 anos está entremeada de fios brancos. De como novas rugas gravaram-se na sua ampla testa desde a última vez que o viu, há pouco mais de um ano, lá no extremo sul do Brasil, partindo a cavalo de Uruguaiana.

LXV

Rio de Janeiro, meia tarde do dia 18 de março de 1897

É bom fingir que estou fazendo a sesta. Não durmo, mas posso pensar em paz. Em verdade, tive razão em dizer ao Barroso que estava voltando para casa, curiosamente numa corveta chamada Niterói, depois de 44 anos de ausência. Período em que galguei todos os postos, de Voluntário da Armada, recebendo somente a ração, como salientava meu pai, até Almirante. Dali em diante, nos trinta anos seguintes, ainda me mantive ocupado grande parte do tempo, principalmente como Ajudante de Campo de Sua Majestade o Imperador e membro vitalício do Conselho Militar e de Justiça. No entanto, depois daquele dia 15 fevereiro de 1867, nunca mais vivi dentro de um navio, nunca mais arrisquei a vida pelo meu país.

Viver demasiado é ser obrigado a testemunhar a morte de nossas pessoas mais queridas. Faz parte da vida sofrer com a perda dos pais, mas enterrar todos os irmãos e irmãs, a própria esposa, dois filhos e dois netos, além de tantos amigos e companheiros de armas, me faz pensar que já chega de tanto luto... Levar para o São Francisco Xavier os restos mortais de meu irmão Manuel, lá pelos idos de 1860, foi a única visita a um cemitério que me deu uma

estranha alegria, como se o estivesse trazendo de volta para casa. As mortes de Barroso, Caxias, Osório e, especialmente, de Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II e de sua bondosa esposa, a Imperatriz Teresa Cristina, principalmente porque aconteceram no exílio, ainda doem, quase diariamente, dentro de mim. Recordo também com horror o assassinato do General Venancio Flores, em 1868, um ano depois que nos despedimos em Curuzu. Preocupado em sofrer algum golpe político dos Blancos, ele voltou a Montevideú, onde seus inimigos o derrubaram, mas para sempre, numa poça de sangue, na Calle Rincón, a poucos passos de sua casa. Mas tudo isso se transformou em fumaça diante da morte da minha mulher naquele dia fatídico de 1o de agosto de 1869.

Chega de recordar tanto sofrimento... Há dias em que meu coração corcoveia quando fico tomado de emoção. Espalmo a mão direita sobre o peito e sinto uma dor difusa, como agora. As recordações me sacodem com a força de um vendaval. Melhor baixar as velas e deixar os mastros nus, em árvore seca, como era nossa faina na primeira metade do século, antes dos navios a vapor. Assim, buscando os melhores ventos, vou deixar-me levar bem mais à frente, depois que a perda da Pequena Maria começou a cicatrizar dentro de mim.

Foi no início do ano de 1876, quando nosso Imperador decidiu partir para a mais longa das muitas viagens que realizou. Sua Majestade aceitara o convite oficial para

participar das comemorações do Centenário da Independência dos Estados Unidos e, como seu Ajudante de campo, eu ansiava em acompanhá-lo.

É preciso recordar que o Império do Brasil, depois do fim da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, vivia um momento de franco progresso e grande prestígio internacional. Até porque aquela vitória dependeu muito da postura de Sua Majestade, que, embora francamente pacifista, assumiu a responsabilidade de manter a integridade territorial e moral do Brasil. Nesse particular, recordo como nossos marinheiros gostavam de repetir a frase que pronunciou quando seu Gabinete, a Assembleia Geral e o Conselho de Estado emitiram pareceres contrários à sua ida para o Rio Grande do Sul, em julho de 1865, logo depois da invasão do nosso território por milhares de soldados paraguaios: Se os políticos podem me impedir que siga como Imperador, vou abdicar e seguir como Voluntário da Pátria.

Cinco anos depois, em 1870, quando a Assembleia Geral aprovou uma verba exorbitante para erguer-lhe uma estátua equestre comemorativa da vitória, Dom Pedro II recusou a honraria e recomendou que aquele dinheiro fosse empregado na construção de escolas de ensino primário... Por atitudes como essa, tornou-se amigo e correspondente epistolar das figuras mais importantes das artes, letras e ciências do nosso século. Quando Victor Hugo lhe disse, em Paris, Senhor, és um grande cidadão, és o neto de Marco Aurélio, foi não só em razão de sua inteligência e cultura,

mas por Sua Majestade o Imperador ter tido a coragem de afirmar que a lei da evolução de Charles Darwin engrandece o Criador. O que lhe trouxe problemas com a Igreja Católica, mas que ele soube controlar com pulso firme. Recentemente, em 1875, fora eleito em Paris membro da Académie des Sciences, honra dada anteriormente a dois únicos chefes de Estado: Pedro, o Grande, da Rússia, e Napoleão Bonaparte.

Naquele início do ano de 1876, eu ansiava em ser convidado por Sua Majestade para acompanhá-lo na viagem aos Estados Unidos e à Europa, prevista para durar mais de um ano. Imaginem a minha felicidade, além de usufruir da sua companhia, voltar a sentir o cheiro, o ruído, o sabor de um navio em pleno mar. Voltar a ouvir o jargão dos marinheiros, onde não se usa palavras inúteis. Decifrar as estrelas nas noites sem lua e rever à luz do dia as aves marinhas, o albatroz de Castro Alves, os peixes voadores, a dança dos golfinhos e das baleias. Em verdade, nunca se está sozinho na companhia do mar.

Rumei para a Quinta da Boa Vista com o coração adolescente. Mas, lá chegando, ao ser recebido em seu gabinete de trabalho, bastou-me um primeiro olhar a Sua Majestade para adivinhar que não o acompanharia. Ele estava envergando a farda de Almirante, ou seja, igual a minha, embora muito mais imponente, com suas dragonas douradas alargando ainda mais os ombros. Vestira-se assim certamente para homenagear-me e também para me dizer

que precisava de mim, na sua ausência, ao lado da Princesa Isabel.

Disse-me mais ou menos as mesmas palavras de cinco anos antes, quando partiu com a Imperatriz para a Europa, depois da morte da Princesa Leopoldina, com apenas vinte e três anos, de tuberculose, na distante Viena. A Princesa Isabel, na condição de Regente do Império, na opinião de Sua Majestade, necessitava de alguém como eu para aconselhá-la nas emergências, pois sabia que o Conde d'Eu, seu marido, despertava xenofobia em muitos brasileiros. Ele acreditava e disse-me que temia, em sua ausência prolongada, manobras políticas de republicanos fanáticos ou mesmo uma sublevação regional. Nesse caso, eu assumiria ad hoc o comando da Esquadra, se fosse necessário enfrentar os inimigos pela força. Com o Exército ele não se preocupava, pois Caxias e Osório ainda estavam entre nós.

Ele partiu para os Estados Unidos no dia 26 de março e eu fiquei no cais olhando a fumaça do Vapor Hevelius, que custava a dissipar-se na brisa morna. A viagem foi um grande sucesso, como todos sabem, tendo Dom Pedro II participado da inauguração da famosa Feira Internacional da Filadélfia, no dia 4 de junho de 1876 (um mês antes do Centenário) ao lado do presidente dos Estados Unidos. E de lá nos trouxe um contrato feito com Graham Bell para instalação do telefone no Rio de Janeiro, incentivando extraordinariamente a aceitação do invento que, neste fim

de século, domina o mundo civilizado.

Em sua ausência, graças à estabilidade do regime e às qualidades administrativas da Princesa Isabel, educada desde menina para ser Imperatriz, tudo se passou sem nenhuma procela para o Império. Recordo, no entanto, de um momento de angústia que me obrigou a pedir uma audiência particular a Sua Alteza.

Um oficial, do qual não quero nem recordar o nome, fora obrigado a pedir demissão da Armada, por ter desviado dinheiro para proveito próprio, abusando da confiança que lhe fora depositada. Algum tempo depois, aproveitando-se de um amigo que assumira alto cargo no Ministério da Marinha, requereu sua volta ao serviço ativo. A petição, incrivelmente, teve despacho favorável, tendo o documento subido ao palácio para que o decreto fosse assinado pela Princesa Regente. Informado dessa indignidade, solicitei uma audiência e fui imediatamente recebido pela Princesa Isabel.

Nunca tive vocação para delator, mas jamais hesitei em apontar à justiça os desonestos e relapsos. Assim, encontrava-me bastante agitado naquele momento, mas acredito que meu gesto extremo foi o mais adequado. Desprendi minha espada do cinturão e a entreguei a Sua Alteza, dizendo-lhe:

- Deposito em vossas mãos minha espada e peço demissão do posto de Almirante, porque não posso pertencer a uma corporação de que faça parte um oficial

desonesto.

No rosto já maduro da mulher de trinta anos brotou o mesmo sorriso da menina de tranças que me conquistara na longínqua viagem ao Norte do Brasil. Devolveu-me a espada, depois de segurá-la alguns momentos em seus braços, ouviu atentamente minhas explicações e disse-me:

- Não assinarei o decreto. Foi para evitar que cometesse erros como este que meu pai desistiu de levar o seu Bayard, sans peur et sans reproche, na sua viagem que, agora, quase dois anos depois, se aproxima do fim.

Decidido isso, convidou-me a sentar a seu lado e retomou a palavra:

- Quero dizer a Sua Majestade o Imperador, logo que voltar de tantos países onde não existem escravos, o quanto anseio que assine a Lei da Abolição da Escravatura. Sei que, a exemplo do meu pai e de todos nós da Família Imperial, Vossa Excelência nunca possuiu um escravo em sua vida.

- Isso é exato, e estou completamente ao vosso serviço. Mas Vossa Alteza terá a seu lado alguns expoentes muito mais qualificados do que eu na luta contra a escravatura, como o Engenheiro André Rebouças e o Advogado Joaquim Nabuco, o primeiro no Brasil a defender um escravo surrado que, para defender-se, agrediu seu dono.

- Sim, meu amigo, somos muitos a lutar por essa causa e alguns resultados positivos foram conseguidos. Tanto é que, desde a Independência, já foram alforriados alguns milhões

desses infelizes, fazendo cair de 30% para 15% a percentagem de escravos sobre o conjunto da população.

- Muitas leis incentivadas por vosso pai foram importantes para isso, Alteza.

- Sem dúvida. A mais difícil a aprovar e colocar em ação foi a primeira, a Lei Euzébio de Queirós, promulgada a 4 de setembro de 1850, provendo autoridade ao governo para combater o tráfico ilegal de escravos. Mesmo assim, levamos muito tempo para erradicar esse horror perante os céus, como o chamou Castro Alves. Tanto é que o poema O Navio Negreiro, para mim o mais lindo da língua portuguesa, foi escrito quase vinte anos depois dessa lei.

- No mesmo ano em que morreu o Poeta dos Escravos, em 1871, nasceu a Lei do Ventre Livre, Alteza. Depois de 28 de setembro daquele ano, ninguém mais nasce escravo no Brasil.

- Ninguém mais deve viver como escravo no Brasil! Mas os escravocratas, os mais ricos e poderosos do país, nos ameaçam com a deposição se assinarmos a lei definitiva.

- Nesse caso, Alteza, coloco novamente em suas mãos a minha espada e a minha vida para a luta final.

LXVI

Rio de Janeiro, 13 de maio de 1888

- Tem notícias da saúde de Sua Majestade o Imperador, Alteza?

- As melhores, senhor Conde de Tamandaré. Aliás, como já está sendo preparado o decreto, posso chamá-lo de senhor Marquês de Tamandaré.

Confuso, Joaquim inclina-se diante da Princesa Isabel:

- Mas, Alteza, faz apenas cinco meses que recebi o título de Conde...

- Sim, Excelência, no dia 13 de dezembro do ano passado, para comemorar seu aniversário de oitenta anos, meu pai recomendou-me por carta atribuir-lhe essa honraria. Agora, a iniciativa é minha, como parte das comemorações da Abolição da Escravatura.

- Meus cumprimentos pela grande vitória na Câmara Geral, Alteza, onde brilhou nos debates o nosso Deputado Joaquim Nabuco.

A Princesa Isabel ergue os olhos para o alto, enquanto junta as mãos como se fosse rezar. Depois os fixa numa folha de papel aberta sobre o *bureau* à sua frente e sorri.

- Foram 85 votos favoráveis e apenas nove contrários. E, neste exato momento, o senhor Ministro da Agricultura está no Senado para acompanhar os trâmites finais da segunda e última votação.

- E Vossa Alteza acredita que os senadores...

- Irão votar pela abolição da escravatura. Com exceção, naturalmente, do Barão de Cotegipe, aquele escravocrata empedernido. Veja as palavras finais do documento que recebi do Senado, depois da Fala do Trono, o que me tranquiliza em relação ao resultado da votação desta manhã... Ou melhor, eu mesma o lerei para o senhor, Marquês de Tamandaré.

- Alteza, ainda estou confuso com mais essa honraria imerecida.

- Em absoluto. A partir de hoje, surgirão milhares de abolicionistas de última hora. Sua postura em defesa da libertação dos escravos é notória em seus oitenta anos de vida e reflete a posição da maioria dos nossos bravos marinheiros. Por isso não precisei consultar meu pai, ainda convalescente em Milão, sobre o título de Marquês que vou lhe conferir... Agora ouça, por favor, a mensagem do Senado:

Acompanhando os patrióticos sentimentos de Vossa Alteza Imperial, o Senado apressar-se-á em resolver sobre a extinção do elemento servil, como o bem público exige; acreditando que, mediante providências que acautelem a ordem na transformação do Trabalho, apressem pela imigração o povoamento do país, facilitem as comunicações, utilizem as terras devolutas, desenvolvam o crédito agrícola e avivem a indústria nacional, a produção, sempre crescente, tomará forte impulso. Senhora - Se é muito elevada a missão que as circunstâncias atuais assinalam à

Assembleia Geral, o Senado não poupará sacrifícios para corresponder ao que o Brasil dele espera e auxiliar o empenho de Vossa Alteza Imperial aos seus auspiciosos destinos.

- Vossa Alteza acredita que teremos o resultado da votação final ainda hoje?

Isabel volta a sorrir.

- Sem a menor dúvida. Por isso os senadores estão trabalhando num domingo. E nós também, porque essa é uma obra que honra o dia do Criador. Aliás, o Arcebispo Dom José, nosso capelão-mor, abolicionista desde a juventude, como Vossa Excelência, já está preparando a mensagem a ser entregue pessoalmente ao Papa Leão XIII. Sabemos que Sua Santidade espera ansiosamente por esse presente, como nos disse muitas vezes o arcebispo, que foi seu camareiro, em Roma.

- Sem dúvida, nada mais distante de Cristo do que a escravatura.

- Sim, e por acreditar nisso, venho apoiando há anos o Quilombo do Leblon, apesar de todas as ameaças recebidas. E quando assinar o Decreto da Abolição, se Deus quiser, ainda hoje à tarde, quero ter por perto algumas camélias brancas plantadas por aqueles escravos que tiveram a coragem de se libertar sem nenhuma lei.

- O que vem acontecendo todos os dias nos últimos quatro anos, e com muito apoio popular, que acabaram com a escravidão no Ceará e no Amazonas.

- Sim, Excelência. Tenho entre os meus papéis mais preciosos um relato sobre o jangadeiro Francisco José do Nascimento, dito o **Dragão do Mar**, que comandou em Fortaleza, em 1881, uma greve contra o transporte de escravos para os navios destinados ao Sudeste e Sul.

- Também as Câmaras Municipais de dezenas de cidades, como Porto Alegre e Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, para meu orgulho, votaram e aprovaram a abolição.

- Por isso quero que Vossa Excelência esteja comigo esta tarde quando assinarei a Lei, aqui neste mesmo salão do Paço Imperial.

- Ainda hoje à tarde, Alteza?

- Exatamente, Senhor Marquês. As três cópias da Lei Imperial, em pergaminho, já estão prontas. Os artesãos passaram a noite trabalhando. Quanto às três penas de ouro, já estão prontas há meses.

- ...

- Sim, vou assinar cada cópia com uma pena de ouro, multiplicando por três as relíquias deste momento histórico.

Sempre sorrindo, a Princesa Regente abre um estojo e mostra as joias que ali estão guardadas. São reproduções de três penas de cerca de um palmo de comprimento, feitas em ouro de dezoito quilates, com incrustações de diminutas pedras preciosas.

- Belíssimas, Alteza. Como se o próprio **orfèvre** as houvesse retirado de uma ave dourada.

- ***Vous êtes un homme d'esprit, Monsieur le***

Marquis. Repetirei suas palavras ao joalheiro na primeira oportunidade... E agora, meu caro amigo, o mais importante, vou ler-lhe os termos da Lei que extingue para sempre a escravidão no Brasil.

Isabel ergue com delicadeza uma das três folhas de pergaminho que estão colocadas sobre o tampo envernizado do velho *bureau d'acajou* e lê com voz embargada:

Lei Imperial no 3.353

DECLARA EXTINTA A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor Dom Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1o: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2o: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67o da Independência e do Império.

Por alguns momentos, o silêncio é completo. Depois, pela

janela aberta para o largo em frente ao Paço Imperial, Joaquim ouve distintamente o apito de saudação de um barco a vapor que entra no porto. E, a exemplo da Princesa Isabel, deixa que as lágrimas desçam livremente por seu rosto.

LXVII

Rio de Janeiro, entardecer do dia 18 de março de 1897

- *Vovô, o senhor está chorando? O que aconteceu?*
- *Nada, Henrique, somente boas memórias.*
- *E as boas memórias o fazem chorar?*
- *Acho que somente esta, meu neto, acontecida no dia 13 de maio de 1888.*
- *No dia em que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea? Eu lembro muito bem, porque foi a primeira vez que provei do seu vinho do Porto.*
- ...
- *O senhor voltou tão feliz para casa naquele entardecer que brindou com toda a família. Até comigo e meus irmãos mais moços.*
- *Recordo muito bem como estava radiante, embora, logo depois da cerimônia de assinatura da Lei, tenha feito um esforço enorme para não castigar um infame escravagista.*
- *Isso o senhor não nos contou naquela ocasião.*
- *Nem poderia, mas agora posso. Foi quando entramos em fila para cumprimentar Sua Alteza, a Princesa Regente, enquanto, diante do Paço Imperial, agrupava-se a maior quantidade de povo que vi na minha vida.*

- O senhor já me mostrou a fotografia desse povo em festa. Impressionante.

- O mesmo povo que, no dia 15 de novembro do ano seguinte, não se viu nas ruas comemorando a queda do Imperador...

- Sim, vovô, mas me conte o que não nos contou quando eu era ainda um menino.

- Não contei o quê?

- Ora, do esforço que fez para não castigar um escravagista.

- Sim, sim, o tal Barão de Cotegipe, o único senador que votou contra a Lei Áurea. E ainda teve o desprazer de ir ao Paço e cumprimentar a Princesa Isabel. Ela o recebeu sorrindo, como uma cristã que sabe, ou tenta, perdoar, e ele lhe disse mais ou menos assim: A senhora acabou de redimir uma raça e perder o trono.

- Então já estava tudo planejado? O fim da escravidão seria o fim da monarquia?

- Dei um passo à frente, decidido a castigar ali mesmo aquele capitão do mato fantasiado de barão, mas a Princesa fixou seus olhos nos meus e me desarmou. Em verdade, nem ela nem Sua Majestade o Imperador, quando voltou ao Brasil e foi recebido em triunfo, acreditaram na força dos escravagistas. Mas Maquiavel teve, outra vez, razão.

- Nada sei de Maquiavel, vovô.

- Os homens esquecem mais rapidamente a perda dos pais do que do patrimônio. *Uma das frases famosas do*

livro O Príncipe, escrito por Nicolau Maquiavel, na Itália, uns poucos anos depois do descobrimento do Brasil.

- Nesse caso, os pais eram o Imperador e a Imperatriz, e o patrimônio os escravos?

- Sem dúvida. Eles queriam que o Brasil lhes pagasse o preço de setecentos mil escravos que a Lei Áurea libertou, uma fortuna imensa. Esquecendo que eles e seus ancestrais, durante mais de trezentos anos, arrancaram milhões de africanos de seus lares, os exploraram, surraram, mataram, abusaram de suas mulheres, enquanto os escravos tudo construía, até as igrejas onde os patrões ousavam rezar.

- Adoro quando o senhor fala dessa maneira, vovô.

- Esses escravagistas uniram-se aos republicanos de São Paulo e aos positivistas do Exército, pensando que a república os indenizaria. Mas Rui Barbosa, que rezava pela cartilha de Joaquim Nabuco e Castro Alves, dos quais foi colega na Escola de Direito, quando Ministro da Fazenda mandou queimar os arquivos onde estavam registrados os escravos libertos e seus respectivos preços. Assim, o tiro saiu pela culatra.

- Até que enfim o senhor está elogiando um ato republicano.

- Nada tenho contra a república como instituição, assim como Sua Majestade o Imperador sempre o afirmou, principalmente quando adota o parlamentarismo. Tanto é verdade que o Presidente da França, Sadi Carnot, autorizou

exéquias de Chefe de Estado para Dom Pedro II, em 1891. Uma cerimônia digna de um Rei, segundo contou-me por carta, na ocasião, a Princesa de Joinville. E juntou a ela um exemplar do Le Petit Journal com a primeira página mostrando uma imagem impressionante da guarda de honra e da carruagem prateada transportando o caixão coberto com a Bandeira do Império do Brasil.

- Vovô, o senhor acha que Dom Pedro II, tão inteligente como era, não se deu conta de que seria derrubado?

- Acredito que não. Lembro perfeitamente da conversa que tivemos, em Petrópolis, a poucas semanas do 15 de novembro. Aliás, uma viagem de trem que levou o dobro do tempo previsto.

- O que aconteceu?

- Quando chegamos na Vila Inhomirim, na raiz da Serra da Estrela, o comboio que saiu do Rio foi dividido em três partes para o trecho da subida. A partir dali a via férrea tem mais um trilho, entre os dois normais, chamado cremalheira, um trilho dentado que evita que máquina e vagões despenquem para trás na subida e para frente na descida, e também auxilia o sistema de freios de ar comprimido.

- Já fui duas vezes a Petrópolis e nunca fiquei sabendo desses detalhes. Só me lembro da máquina sendo colocada atrás, para empurrar os vagões na subida da serra.

- Pois eu transferi para os trens a curiosidade que tive pelos navios a vapor, pois, afinal, movem-se com a mesma

força motriz. E colocar a máquina atrás dos carros, dois apenas em cada subida, foi uma solução genial dos engenheiros. E do chefe deles, meu conterrâneo Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá.

- E então, o que aconteceu?

- Aconteceu o quê?

- Ué? O que aconteceu de ruim nessa viagem? O trem descarrilou?

- Não, nada disso. Tinha chovido muito naqueles dias e caiu uma barreira, um monte de terra e pedras sobre a linha férrea, por sorte depois da passagem do grande viaduto. Eu viajava à paisana, com roupa leve, contrariando a Maria Eufrásia, e, durante a espera do socorro, a temperatura caiu para uns dez graus Celsius. Até que o pessoal da ferrovia mandasse gente e ferramentas, passaram-se duas horas e mais duas para a retirada da barreira. Assim, meu plano de voltar para casa no mesmo dia não deu certo e tive que dormir uma noite no Palácio Imperial.

- E como é lá dentro? Só o conheço por fora.

- Nunca fiz uma visita completa, mas a impressão que sempre me deu foi de um lar em grandes proporções. Exemplo disso era a sala de costura da Imperatriz, onde ela trabalhava como uma dona de casa normal, junto com suas ajudantes. A ausência de energia elétrica exigia o uso de lustres e candelabros com velas e todos jantavam muito cedo para aproveitar ao máximo a luz natural. Até correria os netos do Imperador faziam pelos corredores lustrados

com cera de abelha. Aliás, o cheiro de mel sempre me lembra daquele palácio.

- ...

- No entanto, a melhor photographie que tenho de Dom Pedro II com sua família, uma cópia que ele me deu naquela ocasião, foi feita diante da residência do Conde d'Eu e da Princesa Isabel, também em Petrópolis.

- E o que foi que Dom Pedro II disse para o senhor?

- Como todo avô, identificou-me, com orgulho, cada um dos netos e...

- Nada disso. Minha curiosidade é sobre o que ele lhe disse sobre a situação política.

- Como é que eu vou lembrar? Conversamos muitas vezes tête à tête, e convivemos tanto, que até de dentro d'água eu o tirei.

- Essa história das barbas molhadas o senhor já me contou... A minha curiosidade é sobre o que lhe disse o Imperador nessa sua última visita a Petrópolis, pouco antes do dia 15 de novembro.

- Como é que tu sabes que foi nessa data?

- Porque o senhor me disse há uns poucos minutos.

- Pois se disse, disse certo. E o que tu queres saber?

- Se o Imperador desconfiava do golpe que estava sendo armado contra ele...

- Não, acredito que não.

- Por que ele o chamou ao palácio?

- Para me comunicar que decidira homenagear a Marinha

do Chile, país que ele admirava muito e que divide conosco o mesmo herói naval da Independência, o Almirante Cochrane, aliás, o nome do Encouraçado cuja entrada na barra estava prevista para dali a poucos dias. Em honra da oficialidade chilena deveria ser realizado um baile de gala na Ilha Fiscal.

- Ah! O famoso Último Baile do Império... Enquanto os senhores bailavam, os inimigos preparavam o golpe final.

- Não fale desse jeito, Henrique. Eu nem fui a esse baile. E a consulta que o Imperador queria me fazer era até trivial.

- Pois então me conte tudo em detalhes, como o senhor gosta e me ensinou a gostar.

- Muito bem... Cheguei ao palácio já com as primeiras estrelas no céu, como agora, e subi ao gabinete do Imperador pela escada em caracol, reservada para as visitas mais íntimas. Uma escada de degraus estreitos e muito empinada, que sacrificou meus joanetes.

- Assim com tantos detalhes não é preciso, vovô. Hoje não almocei e está vindo um cheiro bom lá da cozinha.

- Tu queres almoçar a esta hora?

- Jantar, vovô... Vamos voltar para aquela escada em caracol.

- Subi com cuidado aqueles degraus em curva e cheguei à antessala do Imperador com meus joanetes doendo como nunca. Fui introduzido de imediato em seu gabinete de trabalho e impressionei-me com... com a velhice de Sua Majestade.

- Mas o senhor não era vinte anos mais velho do que ele?

- Dezoito anos, menos onze dias. Mas, sinceramente, ele parecia mais velho do que eu. A doença o estava minando e...

- Que doença, vovô?

- Açúcar no sangue.

- Há... Diabete mellitus, foi o tema da primeira conferência geral de que participei na Escola de Medicina... Disfunção do pâncreas, com queda na produção de insulina.

- Agora fui eu que não entendi patavina, ou quase. Meus parabéns, meu neto.

- Ele deve ter emagrecido muito e perdido o ânimo normal.

- O que me impressionou foram a barba e os cabelos mais brancos que os meus... Mas mantinha o essencial da curiosidade científica, da sua cultura sempre em renovação. A prova eram os livros abertos sobre a escrivania e a luneta pronta para examinar o céu.

- De que falaram?

- De início sobre a dúvida de Dom Pedro II se deveria ou não usar o uniforme de Primeiro-Almirante no baile da Ilha Fiscal.

- Isso era importante?

- Sim. Sendo o Chile uma república, somente os profissionais da Armada usam os uniformes. Mas Dom Pedro II, como Imperador, tinha esse direito e aconselhei-o a envergar a farda de gala como homenagem aos marujos

chilenos e à nossa própria Armada, uma vez que o baile seria numa ilha.

- Uma pequena ilha que se avista do Paço Imperial.

- Sim, mas cujo acesso exige uma embarcação.

- Vovô, desculpe, mas com essa língua afiada o senhor não foi político só porque não quis.

- Negativo, meu jovem Esculápio, sempre fugi dos políticos e eles de mim, como o diabo da cruz.

- Bem, depois do uniforme de gala, do que mais falaram? Impossível que o Imperador, mesmo doente, não desconfiasse do golpe que já estava planejado.

- Falamos sobre os escravocratas e ele mostrou-se tranquilo, uma vez que a colheita do café, após a abolição, tinha transcorrido sem problemas, graças ao trabalho dos escravos libertos e dos imigrantes italianos. Depois, falamos da morte de Victor Hugo que, embora ocorrida havia quatro anos, ainda o atormentava.

- Ele não o convidou para o baile da Ilha Fiscal?

- Sem dúvida, mas recusei e Sua Majestade entendeu. Desde que perdi a sua avó, nunca mais dancei na minha vida.

LXVIII

Ilha Fiscal, Baía da Guanabara, 9 de novembro de 1889

– Posso ter a honra da primeira valsa, minha filha?

– Acredito que sim, Sua Majestade, mas vou consultar *mon p'tit cahier*.

Isabel finge examinar o pequeno caderno com capa nacarada, onde estão impressos os nomes das danças: *Primeira Valsa, Segunda Valsa, Primeira Polonaise, Segunda Polonaise*, e assim por diante todo o repertório previsto pela *Orchestre de Chambre*. Ao lado da identificação das danças, um espaço para anotar o nome do cavalheiro solicitante. Com o pequeno lápis, também nacarado, a princesa escreve *Sua Majestade o Imperador* ao lado da Primeira Valsa e, para não ser surpreendida, escreve *Conde d'Eu – Príncipe Consorte* ao lado da Segunda Valsa.

Dom Pedro II, imponente na farda de gala de Almirante, baixa os olhos para a filha e lhe diz quase sussurrando:

– Melhor colocar o nome do seu marido na Primeira Polonaise. O Almirante chileno vai dançar a Primeira Valsa com a Imperatriz e a segunda com você.

– Estou impressionada... Normalmente o senhor não se imiscui nessas coisas.

- Acabei de entreter-me com o Visconde de Ouro Preto e com nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros, lá no Torreão. Para desviar-me de assuntos desagradáveis, pedi-lhes que se ativessem ao baile e aceitei todas as suas recomendações protocolares.

Isabel, num gesto muito seu, abraça o pai e coloca a mão direita sobre seu peito coberto de condecorações.

- Muito bem. Agora é só esperar que irrompam os violinos.

O belíssimo castelo em estilo gótico-provençal, que ocupa praticamente toda a pequena ilha, fora inaugurado há apenas seis meses. Obra do engenheiro Adolpho Del Vecchio, corresponde exatamente à encomenda feita por Dom Pedro II: ***A ilha é um delicado estojo, digno de uma brilhante joia.*** E mais brilhante ainda nesta noite, em que faíscam diamantes, rubis e esmeraldas pelos salões e terraços engalanados de luzes.

Irrompem os violinos, e o som maravilhoso parece deslizar pelas águas calmas da baía. Embora abafada, a música chega distintamente aos ouvidos de um grupo de homens que espreitam a ilha de uma ampla janela. O mais inquieto deles, com o charuto fumegando na mão direita, diz aos demais, de forma irônica:

- Essa joia do Imperador era antes chamada de Ilha dos Ratos... Se dependesse da minha opinião, neste momento, já estaria cercada por tropas nossas e transformada numa verdadeira ratoeira.

- Cercada como, Benjamin? Para tanto, teríamos que provocar uma rebelião da Armada. E, com segurança, só contamos com o Capitão-Tenente Alexandrino, Imediato do Encouraçado *Riachuelo*... Ele está disposto a sublevá-lo, aproveitando que o Comandante Saldanha da Gama, aquele monarquista fanático, está cumprindo missão nos Estados Unidos. Mas não temos mais nenhum outro republicano convicto no comando de navios de guerra, aqui no Rio, neste momento.

- Mas contamos com o Marechal Deodoro, pelo menos para derrubar o Gabinete do Visconde de Ouro Preto.

- Como assim, Floriano?

- O velho Deodoro detesta o Ouro Preto e, se lhe dermos um empurrão, acredito que assumirá o comando da revolta.

- Contra o Imperador? Não acredito.

- Não contra o Imperador, que ele prometeu acompanhar até a morte. É preciso fazê-lo acreditar que só queremos derrubar o Presidente do Conselho de Ministros, que ele detesta. Para tanto vamos fazer correr o boato de que o Visconde de Ouro Preto mandou prender o Benjamin Constant e o Marechal Deodoro...

- Tudo isso me parece muito fantasioso.

- Seria, Rui, se não soubéssemos que o povo do Rio de Janeiro detesta o Ouro Preto desde que ele, como Senador, aprovou aquele projeto infeliz que aumentou a passagem dos bondes em vinte réis. E teremos com certeza o apoio material dos escravagistas, que nos garantem, pelo menos,

não erguer um dedo em defesa da monarquia.

- Essa é a minha maior dúvida, pois eu também detesto essa gente. E a Princesa Isabel e o Imperador distribuíram títulos de nobreza a mancheias para esses coronéis das lavouras, depois da abolição.

- Títulos que não pagam dívidas, nem indenizam quase um milhão de escravos que perderam...

- Sim, mas muitos desses nobres estão ali, como pavões, mostrando suas mulheres tapadas de joias.

Na Ilha Fiscal, o Imperador e a Princesa Isabel, a Imperatriz e o Almirante chileno terminam a Primeira Valsa, sob os aplausos de centenas de convidados. Domina o aroma dos perfumes franceses, espalhado por leques em constante movimento. Mas o cheiro das iguarias da ceia das dez horas da noite também é aspirado com prazer. E o **Vin de Champagne** já está sendo servido, desde cedo, por dezenas de garçons estrategicamente distribuídos.

Novos pares se formam, conforme o rígido protocolo, para as duas primeiras valsas e polonaises. A seguir, ocupam a pista o Presidente do Conselho, seus Ministros e respectivas esposas. Depois, pouco a pouco, os casais mais velhos voltam a ocupar as mesas dispostas entre os coqueiros. Todas elas cobertas por toalhas rendadas, onde pratos de porcelana de **Limoges**, copos de cristal de **Baccarat** e talheres de prata brasileira circundam delicados arranjos de velas e flores. E os casais mais jovens, já ansiando pelas mazurcas, começam a tomar conta de todos

os espaços do terraço reservados ao baile.

No continente, os republicanos continuam a olhar a ilha iluminada, como fascinados pelo seu brilho.

- Esse *petit château*, esse brinquedinho do Imperador, já nos custou ao menos uns mil contos de réis. E para que? Um prédio público comum bastaria para sediar a Alfândega.

- Ora, Quintino, quando eu voltar a ser Ministro da Fazenda, poderei transferir meu gabinete para lá. Assim, ficarei mais distante de vocês quando vierem me pedir dinheiro...

Todos riem da *boutade* daquele baiano, conhecido como sovina, que já traçou seu plano básico de investimento das verbas republicanas. Aliás, a República com a qual sonham é o único traço de união entre eles. No grupo mais fechado dos conspiradores, exatamente doze neste momento, metade é composta de oficiais positivistas, todos do Exército, e a outra de bacharéis com vinculações nos partidos que se alternam no poder, Conservador e Liberal, sendo apenas um deles abertamente atuante no Partido Republicano Paulista. Mas o sucesso da Proclamação da República depende totalmente dos militares. No Parlamento que assumirá no dia 20 de novembro, apenas dois republicanos foram eleitos.

Cala-se a música na Ilha Fiscal e o anfitrião do grupo retira seu relógio da algibeira.

- Exatamente 22 horas. Meu plano era invadir a ilha na hora do banquete. Colocar num navio o Imperador e sua

família e despachá-los diretamente para a Europa. E, ali mesmo, separar o joio do trigo, dando oportunidade a muitos desses monarquistas de se tornarem republicanos num passe de mágica.

- Exatamente, Benjamin. Só por mágica teríamos feito isso sem total apoio da Armada. Mas confio no outro plano que aprovamos. Se tudo correr bem, e correrá, o Deodoro vai arrancar da espada para derrubar um Gabinete e fará cair com ele o Imperador.

- E tudo isso em terra, Floriano, onde temos tropas sob o nosso comando... Mas não podemos perder tempo.

- Hoje é sábado. No máximo em uma semana, no outro domingo, vamos mandar rezar um **Te Deum** na Candelária pela República dos Estados Unidos do Brasil.

- Uma missa mandada rezar por positivistas? Augusto Comte vai dar voltas em sua tumba.

Na Ilha Fiscal, os relógios das torres marcam exatamente dez horas e quinze minutos. O Imperador pede silêncio, recorda em poucas palavras o importante papel do Almirante Cochrane na independência dos dois países irmãos e ergue um brinde pela paz e felicidade da República do Chile.

LXIX

Rio de Janeiro, início da madrugada de sexta-feira, 19 de março de 1897

Não, não posso ter caído da cama. Acho que me deitei aqui de propósito, como fiz muitas vezes para não dormir sobre colchões macios. Mas é melhor me levantar o quanto antes. Se a Maria Eufrásia me pega dormindo no chão...

Vamos ver se consigo calcular as horas pelas estrelas. Se localizo o Cruzeiro do Sul, será fácil. Que pena! Desceu o nevoeiro da serra, mais uma vez. Bueno, como se diz no Sul: cerração baixa, sol que racha. Espero que tenhamos um dia lindo amanhã. Minha nora deve chegar de Minas com meus outros netos. Tenho tido tanta saudade deles... Ainda bem que o Henrique tem se ocupado muito de mim.

Ele anda curioso sobre a queda do Imperador, um assunto difícil de explicar. Espalharam boatos de que ele cansara de governar, de que desejava férias definitivas e não estava seguro de que a Princesa Isabel, principalmente sendo casada com um estrangeiro, teria condições de sucedê-lo como Imperatriz. E mais ainda, de que ele, desde que visitara os Estados Unidos, em 1876, se convencera de que a República seria o melhor regime para o Brasil. Mas eu sei que ele partiu sem luta para o exílio por uma razão completamente diferente.

Só pelas quatro horas da tarde do dia 15 de novembro foi que tive notícias dos acontecimentos daquela manhã e de que o Imperador estava no Paço da cidade. Fui imediatamente colocar-me a seu serviço, como seu Ajudante de Campo, e pedi-lhe para que me deixasse resistir. Meu plano era simples. Vestir minha farda de almirante e ir para bordo do Encouraçado Riachuelo, onde daria vivas à Monarquia... Até hoje acredito que a Esquadra me acompanharia na luta em defesa do Imperador. No mínimo, se necessário, poderíamos levar Sua Majestade e a Família Imperial para um lugar seguro, até conseguirmos dominar a sublevação.

De novo esta dor ardida no peito... Mas hoje não quero me desviar destes pensamentos, meu coração que resista. Preciso recordar tudo e contar depois ao Henrique, para que ele leve a versão certa dos fatos para o próximo século, que logo vai nascer.

Fiquei quase uma hora argumentando com Sua Majestade, sem conseguir que me autorizasse a começar a resistência. E repetiu-me duas ou três vezes que a única razão era porque não desejava que se derramasse uma só gota de sangue por sua causa. Disse-lhe, então, que o acompanharia no exílio, o que ele me proibiu terminantemente.

Restava-me ficar ao seu lado até o último momento que me foi possível. Subi a bordo da Corveta Parnaíba lado a lado com André Rebouças, que Sua Majestade, aconselhado

pela Princesa Isabel, permitiu que os acompanhasse até Portugal. Não desviei os olhos daquele homem alto, já um pouco curvado, com barbas brancas como a camisa que usava sob o casaco negro. Mantinha-se sempre atencioso e digno, mesmo com seus inimigos, o que dificultou ainda mais controlar-me para não contrariar suas ordens e sublevar os marinheiros daquele navio.

Chegada a hora de embarcar na lancha que me levou ao Arsenal de Marinha, despedi-me para sempre da Família Imperial, com a justa emoção de quem, por longos anos, lhe tributara o maior respeito e dedicação e recebera constantemente provas de confiança e amizade. Dessa despedida, confundo a imagem de todos eles, adultos e crianças, com a da photographie que Dom Pedro II me deu em Petrópolis. Mas guardo muito bem, porque escrevi no mesmo dia e decorei palavra por palavra, o que nos disse em despedida: É necessário que todos se esforcem para que o País se constitua, o quanto antes, pacificamente. Evitem a efusão de sangue. Uma gota pode produzir lagos, e depois o esfacelamento de uma bela Pátria.

Mesmo me sentindo completamente órfão, ao chegar ao Arsenal era meu dever apresentar-me ao Ajudante-General da Armada para participar-lhe que findara minha comissão de Ajudante de Campo do Imperador. E isso não só pela obrigação que me cabia, como também para que Sua Excelência pudesse fazer cessar a despesa que a Armada fazia por tal serviço. Mas sendo impróprio que me

apresentasse sem estar devidamente uniformizado, como me achava, pedi a um dos oficiais que me acompanhavam que por mim fizesse tal participação.

No dia seguinte, fui pessoalmente cumprir esse dever e, aproveitando a oportunidade, fiz ver a Sua Excelência que, por agravação dos incômodos crônicos que sofro, havia dois meses que tinha deixado de fazer o serviço de Camarista, e pedido minha reforma a Sua Majestade o Imperador e ao Ministro da Marinha. O que, na ocasião, não quiseram anuir, para que eu a pudesse ter com maior vantagem quando vigorasse a lei de reforma compulsória.

Em verdade, desde a mudança para a Gávea, onde o clima era mais adequado para minha saúde e, principalmente, o falecimento de meu filho Francisco de Borja, cinco anos antes, quando assumi a responsabilidade de abrigar minha querida nora e meus netos ainda pequenos, eu necessitava desses recursos mensais para manter a família. Naquele momento, estava com 82 anos de idade e mais de 66 de serviço efetivo, prestados desde a Guerra da Independência. Pelos desígnios da Providência Divina, sou a única praça da Armada que até hoje existe, entre os que se apresentaram naquela época. Foi por isso que aceitei, depois de muita insistência, continuar exercendo o cargo de Conselheiro de Guerra.

Pois imaginem a minha surpresa, depois de acompanhar o Imperador e pedir minha reforma da Armada, ter no jornal O País de 17 de novembro publicada uma nota inverídica,

segundo a qual, ao saltar no cais, de volta da Parnaíba, eu teria dito a todos que me rodeavam O que está feito está feito agora vamos tratar de consolidar a República. *Uma infâmia que também teve eco no jornal Cidade do Rio, que publicou em destaque:* Reconheceu a República em suas primeiras horas ele, o velho Almirante do Império.

Essas palavras ainda me doem no peito mais do que esta dor ardida que sinto, há vários dias, e me faz corcovear o coração. Essas notícias foram calúnias. Fui vítima de uma maldade que até hoje me angustia, pois eu seria incapaz de semelhante coisa. Não trairia Sua Majestade o Imperador nem a Monarquia, aos quais servi durante tantos anos com toda a convicção.

Felizmente, não tendo bens a legar, tive a inspiração de redigir em testamento as instruções para o meu enterro, deixando clara minha lealdade ao Imperador.

LXX

**Rio de Janeiro, dia 13 de dezembro de
1892**

Diante do espelho, o Almirante Saldanha da Gama confere sua própria imagem. Num gesto cuidadoso, passa a escova de crina pelas grossas sobrancelhas e contempla os olhos negros que sabe tornar suaves ou autoritários quando quer. Escova a seguir os cabelos castanhos, bem cortados, apenas levemente grisalhos nas têmporas. Seu rosto, aos 46 anos, ainda faz as mulheres confundi-lo com alguém bem mais moço. Perfeitamente escanhado, apenas o bigode grande, de pontas caídas, merece também um toque da escova.

Pronto. Agora é só vestir o uniforme que está colocado sobre sua cama, com exceção da túnica de gala, com suas condecorações, que costuma deixar permanentemente sobre uma espécie de manequim sem cabeça. Antes de começar a vestir-se, examina o torso nu com satisfação. A pele bronzeada de sol, os ombros largos, os bíceps poderosos, o ventre ainda sem nenhuma proeminência. ***Un bel homme***, como dizem as francesas da casa discreta que frequenta, no máximo, uma vez por mês.

Casado por amor aos vinte anos, em 1866, quando servia em Itaqui, no Rio Uruguai, depois de ter participado da

tomada de Paissandu e do cerco de Uruguaiana, fora obrigado a abandonar a noiva sem lua de mel e partir para o Paraguai. Ali participou de todas as peripécias da esquadra brasileira, inclusive a passagem de Humaitá, ficando na guerra até o seu final. Quatro anos sem ver a jovem esposa o fizeram reconhecer que o casamento fora um ato intempestivo e que deveria separar-se dela para sempre. Uma decisão que ainda atormenta sua consciência, embora nunca mais tenha buscado um relacionamento estável com outra mulher. Assim, nos anos seguintes à paz, galgando um a um, por seus méritos, os postos de Capitão-Tenente a Contra-Almirante, nunca tivera uma casa sua, vivendo sempre nos navios e prédios da Armada, como agora, na Escola Naval, na Ilha das Enxadas, onde é Diretor.

Saldanha afasta-se do espelho e veste a camisa impecavelmente branca. Se dependesse do seu desejo, estaria colocando um uniforme de serviço e, juntamente com os aspirantes que selecionara, iria visitar o Almirante Tamandaré, na primeira parte do trajeto até a Gávea, embarcado no veleiro que era usado para instrução dos alunos. Teriam saído da Baía da Guanabara em direção ao sul, logo ao nascer do sol, deixando a boreste o Pão de Açúcar, os arraiais de Copacabana e Ipanema, e lançando âncora no extremo da praia do Leblon. Dali teriam ido a terra em escaler, percorrendo a pé, no máximo em uma hora, a distância até a casa de seu comandante e amigo.

Mas não. Para tanto, teria sido obrigado a pedir

autorização do Ministério da Marinha, arriscando a receber uma negativa, uma vez que o Almirante Tamandaré tomara posição ostensiva contra o Presidente Floriano Peixoto desde a queda do Marechal Deodoro da Fonseca, cerca de um ano atrás. Pela Constituição da República, se o presidente exonerar-se ou morrer antes de dois anos do seu mandato, devem ser realizadas novas eleições. Contrariando a lei maior, o vice-presidente assumira a presidência, tornando-se um ditador.

Tamandaré pedira, inclusive, para ser preso juntamente com treze oficiais generais do Exército e da Armada, que protestaram contra o que consideraram um golpe de Estado, entre eles o Vice-Almirante Eduardo Wandenkolk, ex-Ministro da Marinha, e os Contra-Almirantes José Marques Guimarães, Comandante da 1ª Divisão de Cruzadores, Dionísio Malhões Barreto, membro do Conselho Naval, e Manuel Ricardo da Cunha Couto, Inspetor do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Não podendo enviar o Almirante Tamandaré, por seu prestígio e idade, para o Forte de Cucuí, nos confins da Amazônia, como fizera com alguns dos assinantes do manifesto pela legalidade, inclusive Wandenkolk, Floriano o colocara em prisão domiciliar. Ato já revogado havia alguns meses, depois da morte do Marechal Deodoro, em agosto, mas não esquecido pelos florianistas.

Assim, Saldanha resolveu que fariam uma visita de cunho particular, alugando três landaus no Paço da Cidade para levá-los ao número 75 da Rua Marquês de São Vicente, lá

para as bandas do Jardim Botânico, uma longa troteada.

Neste exato momento, Joaquim não está em casa. Saíra bem cedo com toda a sua família para assistir missa na Igreja Nossa Senhora da Conceição, em sua própria rua. Na primeira fila de bancos, reza ajoelhado, agradecendo a Deus Todo-Poderoso e a Nossa Senhora por seus 85 anos de vida. Depois da comunhão, dedicada mentalmente às almas de seus pais, da **Pequena Maria**, de seus irmãos, filhos e amigos mortos, com um pensamento fervoroso para o descanso de Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II, escuta atentamente a homilia do vigário da paróquia, que, a pedido seu, não exagera nos elogios.

Às onze horas da manhã, voltando a pé para casa, ao lado dos filhos, nora e netos, nota estranha aglomeração diante do portão de entrada. E sorri, feliz, ao reconhecer o Almirante Saldanha da Gama à frente de um grupo de alunos da Escola Naval. Adianta-se para receber a continência do seu leal amigo, e ouve emocionado suas palavras:

- O Guarda-Marinha de Paissandu saúda o glorioso chefe da Armada Nacional!

Adianta-se, aperta com vigor sua mão direita e caminha com ele entre as duas alas de Aspirantes e Guardas-Marinha que lhe prestam continência, todos cuidadosamente uniformizados e em posição de sentido.

Na sala de visitas do casarão, enquanto são providenciados refrescos, salgadinhos e doces para os

convidados, Joaquim, cercado pela família, escuta as palavras de saudação do Guarda-Marinha Antônio Dias de Pina Júnior, orador da Escola. Com os olhos fixos no homem que mais admira, rigidamente sentado numa poltrona, Saldanha aperta as luvas brancas com a mão direita como se fosse esmagá-las.

Finda a alocução, o orador entrega ao Velho Marinheiro, em nome de todos os alunos da Escola Naval, uma linda âncora ornada de perpétuas, ***a flor da gratidão perene, cujas pétalas jamais fenecem.***

Imediatamente, Joaquim levanta-se e diz, com voz embargada, os olhos ardendo em lágrimas:

- Meu irmão mais moço, Almirante Luís Felipe de Saldanha da Gama e seus queridos filhos da Escola Naval: jamais em minha vida recebi um presente mais significativo do que esta pequena âncora, símbolo do nosso contato do mar com a terra, onde buscamos a força que Anteu recebia de sua mãe Gaia. E servindo de receptáculo às flores da nossa alma, que vai se perpetuar além da vida terrena. Prometo que vosso presente me acompanhará na sepultura, como recordação indelével deste momento tão caro para mim e para todos os que ainda me amam.

Rio de Janeiro, 1o de agosto de 1895

Diante de seus olhos estende-se um horizonte semelhante ao que enxergava do alto da Torre da Atalaia, em São José do Norte, quando era menino. Mas não são navios que vê se aproximando, e sim cavaleiros com lanças nas mãos. Joaquim sabe que são inimigos e que avançam a galope, mas não escuta o ruído dos cascos dos cavalos, nem os gritos de guerra que costumam proferir.

Quem serão e como cavalgam sobre as águas? O que meu pai vai fazer quando chegarem ao porto? Se não os enfrentarmos, vão invadir as ruas, incendiar nossas casas, matar os homens, violar as mulheres. Como os espanhóis fizeram no século passado, vão entrar a cavalo em nossa Catedral de São Pedro, profanar as imagens dos santos, transformar a igreja num estábulo para os animais. É preciso avisar meu padrinho, o General Marques de Souza! Olhem que horror... Cada um desses bandoleiros traz a cabeça de um menino espetada na ponta da lança.

Joaquim enxerga, agora, as crinas e as orelhas atentas do seu próprio cavalo, o mesmo que montara no cerco de Uruguaiana. Mas a seu lado não estão homens e sim esqueletos vestidos com a farda vermelha dos soldados de Solano López. Todos empunhando os mais estranhos objetos em suas mãos descarnadas: panelas, guarda-chuvas,

grades de janelas, e nenhuma arma, como os paraguaios depois da rendição. Os mortos-vivos montam em cavalos que relincham, como a avisar a aproximação do inimigo que agora está em terra firme, numa pradaria seca, levantado nuvens de poeira.

Joaquim rola na cama, transpira, geme, mas não consegue despertar. Desde que recebera a notícia da morte do Almirante Saldanha da Gama, lá na fronteira do Brasil com o Uruguai, no dia 24 de junho de 1895, esse sonho se repete. E nele revive, com detalhes imaginários, o momento em que seu amigo foi atacado pelos cavalarianos do famigerado Coronel João Francisco, conhecido como a Hiena do Cati. Combatendo a cavalo, em campo aberto, ele que só conhecia as refregas navais foi lanceado no peito, derrubado e degolado por um uruguaio, um tal de Tambero, a serviço de Julio de Castilhos, o presidente do Estado do Rio Grande do Sul.

No sonho, é em seu próprio peito que a lança penetra e o derruba do cavalo. Não adianta o ancião tatear a cintura, porque está sem nenhuma arma. Sente o cheiro da boca fétida que se aproxima do seu rosto e nada faz, completamente paralisado. A mão dura do agressor ergue-lhe o pescoço e a faca penetra, rompendo carótida e jugular. Sabe que está morrendo, o sangue a empapar-lhe o peito, mas não sente nenhuma dor. Nem quando a faca lhe arranca alguns dentes de ouro, que viu mais de uma vez, de relance, quando Saldanha sorria.

- Papai, acorde, por favor, acorde!

- Não, minha filha! Volte para casa! Aqui todos vamos morrer...

Maria Eufrásia ajoelha-se ao lado da cama e gagueja, entre lágrimas:

- Papai, saia desse sonho, por favor... Pelo amor de Deus.

Lentamente, a respiração de Joaquim volta ao normal. Ele abre os olhos e estende a mão direita para afagar os cabelos da filha.

- Sossega, meu anjo da guarda, agora está tudo bem.

- Vou lhe dizer uma coisa e o senhor vai me obedecer. Hoje é o dia de anos da morte da mamãe. O senhor vai se levantar, tomar o seu banho, botar uma roupa limpa e me acompanhar até a igreja. Vamos rezar para Nossa Senhora da Conceição, pedindo pela alma da sua Pequena Maria e pelo fim desse pesadelo que ainda o vai matar, mas de verdade.

Joaquim obedece às sábias instruções da filha e sente-se aliviado, duas horas depois, quando voltam para casa. Mesmo assim, olha-a com severidade ao ver estacionada diante do portão a carruagem do Doutor Hilário.

- Se tu acreditas na fé, minha filha, por que apelaste para a ciência também?

- Eu lhe juro que não o chamei.

- Neste caso, ele veio pelo poder da tua reza.

A verdade é que a presença do médico, que logo se apressa em dizer que a visita é de cortesia, agrada-lhe

muito. Precisa desabafar sobre a morte de Saldanha da Gama e, depois de saborear o cafezinho, é sobre esse assunto que tratam.

- Diga-me, meu caro Marquês, como um Almirante abandona o convés de seu navio para morrer, guerreando a cavalo, tão longe do mar...

- O senhor conheceu Saldanha da Gama?

- Sim, tive essa honra no dia do seu aniversário de 85 anos. Cheguei quando ele e seus alunos se despediam, mas ainda tive o prazer de apertar-lhe a mão. Um homem de meia-idade, ainda jovem e forte, com os olhos limpos, sem a esclerótica amarelada dos que abusam do vinho e de outros, digamos... prazeres terrenos.

- Saldanha, caso o Império tivesse sobrevivido, estava talhado para ser um condestável naval, como sonhou seu pai. Neto do sexto Conde da Ponte, que era o Vice-Rei da Bahia quando lá aportou a Família Real Portuguesa, em fuga de Lisboa, tinha também uma linha de sangue autenticamente brasileira. Desde Guarda-Marinha, no final do ano de 1864, quando serviu sob minhas ordens, mostrou grande coragem e conhecimento naval. A queda de Dom Pedro II o encontrou nos Estados Unidos, em missão da Marinha, o que o fez dizer anos depois a Floriano Peixoto, que o convidava a ocupar elevado cargo em seu governo: Se eu estivesse no Brasil a 15 de novembro, as coisas não correriam como correram.

- Mas na Revolta da Armada ele estava presente.

- Sim, mas resistiu ao máximo para não envolver nela os alunos da Escola Naval, na maioria ansiosos para aliar-se aos rebeldes que ergueram bandeiras brancas nos navios, em 6 de setembro de 1893.

- Sim, entendo, queria preservar os aspirantes para garantir o futuro da Marinha.

- Exatamente isso. Mas sua posição de neutralidade foi tolerada por Floriano enquanto lhe foi conveniente. Quando sentiu que dominava a situação, mandou cortar a água, os víveres e os dinheiros da Ilha das Enxadas, obrigando Saldanha da Gama a definir-se. E ele o fez, mesmo sabendo que a derrota era certa, aderindo aos revoltosos da Armada e assumindo seu comando, a pedido do próprio Almirante Custódio de Melo.

- Foi então que os Estados Unidos se meteram em nossa História, não foi?

- Sim, navios de guerra norte-americanos, surtos na Guanabara, apoiaram Floriano Peixoto, temerosos de que seus florescentes negócios com a república sumissem com o retorno da monarquia.

- E era isso que desejava o Almirante Saldanha da Gama?

- Nunca falei com ele outra vez depois daquele meu aniversário. Mas foi o que deixou claro na declaração que fez, por escrito, ao aderir aos revoltosos. Espere um pouco que lhe mostrarei.

Uma rápida inspeção em seus documentos mais

preciosos e Joaquim volta para a sala com uma folha de papel na mão. Um recorte do Jornal do Commercio, do qual só lê a parte final, grifada em destaque pelo autor da matéria:

A lógica, assim como a justiça dos fatos, autorizaria que se procurasse, à força das armas, repor o Governo do Brasil onde estava a 15 de novembro de 1889, quando, em um momento de surpresa e estupefação nacional, ele foi conquistado por uma sedição militar, de que o atual Governo não é senão a continuação.

- Foi como uma bofetada no presidente Floriano Peixoto.

- Tanto isso é verdade que o ódio contra Saldanha superou o que sentia por Custódio. Ele e os outros oficiais rebeldes tinham sido legalmente considerados desertores. Mas o Almirante Saldanha da Gama, no mesmo dia 1o de dezembro em que assumiu o comando da esquadra revoltosa, foi objeto de um decreto em que foi considerado traidor da Pátria.

- E foi por isso que teve que ir para o Sul?

- Sim, mas antes mandou o Encouraçado Aquidabã, o único navio de guerra de que dispunham, partir para o Sul em busca de tropas da Revolução Federalista. Enquanto isso, reforçou o armamento do Cruzador Tamandaré, que (como eu estou hoje), já sem propulsão, só podia combater ancorado... Foi a seguir que realizou o famoso ataque à Ponta da Armação, dizendo que se não podia tomar a

capital, iria invadir Niterói: Há de passar muitos anos antes que o ato que iremos praticar caia no olvido. A Nação vai conhecer seus marinheiros.

- ...

- *A ilha, onde estavam depósitos de armamento e munição, foi conquistada, mas depois, com o poder de fogo dos canhões de terra, Saldanha e os marinheiros revoltosos tiveram que abandoná-la... E foi esse o último suspiro da Revolta da Armada. Não recebendo nenhum reforço, ferido, com um braço na tipoia, concertou com seus oficiais os termos de uma rendição honrosa e, caso fosse negada, pedir asilo nas Corvetas portuguesas Mindelo e Afonso de Albuquerque.*

- *Sim, foi por isso que o Brasil rompeu relações com Portugal...*

- *Exatamente. Como Floriano negou-se a aceitar propostas de militares rebeldes, as corvetas foram invadidas por 250 homens cada uma. Diante do fato consumado, sem aguardar instruções diplomáticas, os comandantes resolveram levar sua pesada carga até Buenos Aires e de lá fretar navios mercantes que os levassem para o asilo em Portugal. Alguns, porém, como Saldanha, desembarcaram por conta própria.*

- *Foi assim que o Almirante Saldanha ficou sem navios.*

- *Mas não sem coragem... Imediatamente contactou o Conselheiro Gaspar Martins, um grande brasileiro, e Livros desde a Proclamação da República, o chefe civil da*

Revolução Federativa, que o convidou para assumir o comando militar. Saldanha aceitou, porque sua grande esperança residia na ação da coluna comandada pelo General Aparício Saraiva, com a qual tentava reunir-se quando invadiu o Rio Grande do Sul por Santana do Livramento. E morreu em combate, num lugar chamado, infelizmente, Campo do Osório, numa carga de cavalaria, no dia 24 de junho passado.

- E sua morte o tem assombrado em forma de pesadelos.

- Sim, depois que fui informado de suas circunstâncias, esse mau sonho tem me atormentado muitas vezes. Mas, a partir de hoje, espero não sonhar mais com ele. Rezei muito pela alma de meu amigo Saldanha da Gama, que merece a paz, depois de tanto sofrimento na terra.

- É verdade que seu corpo foi mutilado?

- Sim. No dia seguinte ao combate, seu corpo foi encontrado dentro de um pequeno arroio, uma sanga, como se diz na minha terra. Estava completamente nu, com o peito aberto por lança, a garganta cortada de orelha a orelha, e horrendas mutilações, principalmente na cabeça.

Hilário lembra-se do oficial de porte altaneiro, da simpatia do seu olhar, do forte aperto de mão que lhe deu, e consegue dizer, apenas:

- Bem, meu amigo, o único remédio agora é esquecer tudo isso. Ainda bem que Vossa Excelência sempre foi um homem de fé.

LXXII

Rio de Janeiro, nascer do sol do dia 19 de março de 1897

Quando a luz do dia for suficiente, vou reler o testamento que escrevi no dia 23 de setembro de 1893, 17 dias após o início da Revolta da Armada, quando o Almirante Custódio de Melo ousou enfrentar a ditadura de Floriano Peixoto. Como disse meu amigo Osório, não se comanda homens livres pela força, basta mostrar-lhes o caminho do dever. Pura ilusão terrena do Floriano, a quem chamaram Marechal de Ferro (esquecendo que o ferro também enferruja), e que veio a morrer, menos de dois anos depois da revolta, já fora do poder que desejava perpétuo. Paz a sua alma.

Vou reunir toda família, ainda hoje e ler o meu testamento. Caberá a eles, principalmente à filha que tem sido meu anjo da guarda, a tarefa de fazê-lo cumprir à risca... Onde será que botei a chave desta gaveta? É a única da minha escrivaninha que mantenho chaveada, exatamente para proteger esse documento. Não tenho a mínima ideia onde a botei.

Joaquim pensa no drama que vive há alguns anos. Recorda-se de tudo quanto é antigo e é incapaz de saber o que fez há uma hora, às vezes, há poucos minutos. Mas aprendeu a usar processos mnemônicos para ajudá-lo

nesses momentos. Recordando disso, sorri, coloca os óculos, caminha até a mesa de cabeceira, do lado da cama que a esposa ocupara, e abre a pequena gaveta. Ali depositou alguns bilhetes para si mesmo, inclusive um deles com os nomes de seus netos. O primeiro que encontra é com o nome do Doutor Hilário de Gouveia, que, aliás, não sabe se lhe fez alguma visita médica nos últimos dias. Lê outro com datas de aniversários, principalmente dos netos, porque dos filhos, mais antigas, não se esquece. Bueno, graças a Deus aqui está o bilhete da chave que eu quero. Nada mais fácil e lógico. Guardei debaixo da âncora que recebi do Saldanha e seus queridos alunos da Escola Naval.

Está aqui mesmo, a fujona. Melhor deixá-la na fechadura de agora em diante. Se não, a minha gente, quando eu me for, vai ter que achar o bilhete, ou arrombar a gaveta.

Poucos momentos depois, com a casa ainda em completo silêncio, mas ouvindo o canto dos pássaros no jardim, Joaquim senta-se em sua poltrona preferida e começa a leitura:

Não havendo a nação brasileira prestado honras fúnebres de espécie alguma por ocasião do falecimento do Imperador, senhor Dom Pedro II, o mais distinto filho desta terra, tanto por sua moralidade, alta posição, virtudes, ilustração, como pela dedicação no constante empenho do serviço da pátria durante quase 50 anos que presidiu a direção do estado, creio que a nenhum homem do seu tempo se poderá prestar honras de tal natureza sem que se repete ser isso um sarcasmo cuspidado sobre os restos mortais de tal

indivíduo, pelo pouco valor dele em relação ao elevadíssimo merecimento do Grande imperador. Não quero, pois, que por minha morte se me prestem honras militares, tanto em casa como em acompanhamento para a sepultura.

Exijo que meu corpo seja vestido somente com camisa, ceroula e coberto com um lençol, metido em um caixão forrado de baeta, tendo uma cruz na mesma fazenda, branca, e sobre ela colocada a âncora verde que me ofereceu a escola naval em 13 de dezembro de 1892, devendo-se colocar no lugar que faz cruz a haste e o cepo um coração imitando o de Jesus, para que assim ornado signifique a âncora-cruz, o emblema da fé, esperança e caridade, que procurei conservar sempre como timbre de meus sentimentos. Sobre o caixão não desejo que se coloque coroas, flores nem enfeites de qualquer espécie, e só a comenda do Cruzeiro que ornava o peito do senhor Dom Pedro II em Uruguaiana, quando compareceu como primeiro dos voluntários da pátria para libertar aquela possessão brasileira do jugo dos paraguaios que a aviltavam com a sua pressão; e como tributo de gratidão e benevolência com que sempre me honrou e da lealdade que constantemente a Sua Majestade Imperial tributei, desejo que essa comenda relíquia esteja sobre meu corpo até que baixe à sepultura, devendo ficar depois pertencente a minha filha Dona Maria Eufrásia Marques Lisboa como memória d'ele e lembrança minha.

Exijo que se não faça anúncio nem convites para o enterro dos meus restos mortais, que desejo sejam conduzidos de casa ao carro e deste à cova por meus irmãos em Jesus Cristo que hajam obtido o foro de cidadãos pela lei de 13 de maio. Isto prescrevo como prova de consideração a essa classe de cidadãos em reparação à falta de atenção que com eles se teve pelo que sofreram durante o estado de escravidão; e reverente homenagem à grande Isabel Redentora, benemérita da pátria e da humanidade, que se imortalizou libertando-os.

Exijo mais, que meu corpo seja conduzido em carrocinha de última

classe, enterrado em sepultura rasa até poder ser exumado, e meus ossos colocados com os dos meus pais, irmãos e parentes, no jazigo da família Marques Lisboa.

Como homenagem à Marinha, minha diletta carreira, que tive a fortuna de servir à minha pátria e prestar alguns serviços à humanidade, peço que sobre a pedra que cobrir minha sepultura se escreva:

Aqui jaz o Velho Marinheiro.

M. de T.

O ancião repousa as duas folhas de papel e leva a mão direita ao peito. Fica assim durante alguns momentos, com os olhos fixos na distância, posição onde o encontra Maria Eufrásia trazendo a bandeja com o café da manhã. Deseja-lhe um bom dia e ele responde apenas:

- Uma coisa a mais, minha filha. Quero ir coberto com a bandeira que defendi em toda minha vida.

Epílogo

Rio de Janeiro, quatro horas da tarde de sábado, dia 20 de março de 1897

Joaquim contempla o rosto igual ao quadro de Debret. Sim, é ela, só pode ser a parteira que me trouxe ao mundo. Mas que luz tão brilhante é essa a seu lado?

- São os dois orixás que o acompanharam durante toda a sua longa vida, Joaquim: Ogum, São Jorge Guerreiro, que o orientou e protegeu nas batalhas, e Xangô, São Miguel Arcanjo, que lhe ensinou o senso da justiça. Foi ele que lhe inspirou a frase que todos os marinheiros do Brasil deveriam saber de cor: Respeite seus superiores e não maltrate os subalternos. Se for injusto, seja por ter perdoado, e nunca por ter castigado.

- E a senhora é a Sia Eleodora, a minha parteira, não é?

- Sim, fui eu que te trouxe ao mundo... Vem comigo, abandona o teu corpo sobre essa cama.

- Mas eu ainda ouço os soluços dos meus...

- Que encontrarás, um dia, certamente, como hoje te esperam tua mãe, teu pai, a Pequena Maria, teu irmão Manuel e os que te amaram na vida terrena...

- Para onde vamos?

- Para o dia de amanhã e para alguns anos depois... Vem dar os primeiros passos. Quem te mostrará algumas cenas

do futuro será um marinheiro, aquele a quem deste tua mão forte na agonia dos últimos momentos.

- Tenente Mariz e Barros?

- Sim, meu Almirante, coube a mim a honra de levá-lo a despedir-se desta vida.

- Impressionante como está jovem e intacto...

- Venha comigo, senhor. Há dois dias que espero pela honra de acompanhá-lo. Mas seu coração valente se recusava a parar.

- Aonde vamos?

- Primeiro ao Cemitério São Francisco Xavier, onde amanhã sepultarão os seus despojos. Mas não verá nada, porque ainda não está preparado. Ouvirá apenas as palavras do Almirante Ignacio Joaquim da Fonseca, um lindo discurso de despedida para quem se considerava esquecido.

- Continuo só ouvindo o pranto dos meus...

- Todos vão ficar em silêncio. Agora ele está começando a falar.

- Sim, eu o ouço perfeitamente.

Aqui, perante a majestade da morte, enlutados corpo e alma, venho depor o derradeiro preito de homenagem, veneração sincera, disciplina indeclinável, costumada obediência, ao preclaro brasileiro, dominador dos mares, modelo do perfeito militar, herói de muitas batalhas, ânimo generoso no momento da vitória, coração compassivo ante o infortúnio de nacionais e estrangeiros, desprendido das riquezas transitórias; excelso marinheiro, que

jamais empalideceu, quer nas procelosas tempestades quer no horror da batalha; ao sem par da Marinha Brasileira, ao que foi o bravo e distinto Voluntário Joaquim Marques Lisboa, por si e por seus altos feitos marciais e navais de amor à Pátria, elevado ao posto de Primeiro-Almirante, à dignidade de Conselheiro de Guerra e à de Marquês de Tamandaré.

O luto da Marinha, do Exército e de todas as classes nacionais é o eloquente e sincero testemunho da veneração que merecia o quase centenário Almirante Marquês de Tamandaré.

A paz do Senhor seja com sua cristianíssima alma.

- Que palavras lindas... Que consolo para os meus.

- Somente as primeiras que serão ditas a seu respeito, meu senhor, e totalmente verdadeiras. Agora venha ouvir outras nem tão sinceras assim.

- Aonde vamos?

- Bem perto daqui, na Praia de Botafogo.

- Sim, já vejo o Pão de Açúcar com meus olhos da infância...

- Estamos no ano de 1908, quando foi inaugurado este singelo busto em sua homenagem. Foi o primeiro dos muitos que celebram a sua memória, modesto diante do monumento que o substituiu, no dia 4 de janeiro de 1938, com uma estátua em bronze, de corpo inteiro... Hoje a cerimônia é mais modesta.

- Mas tem banda de música, muitos marinheiros... E reconheço minha filha Maria Eufrásia, bem mais velha, vestida de negro.

- É o momento da inauguração. Até o Presidente da República, o Conselheiro Afonso Pena, se faz presente. Escute as palavras do orador oficial:

É certo que Sua Excelência o Almirante Joaquim Marques Lisboa acompanhou o Imperador Dom Pedro II até o momento em que partiu para o exílio e continuou, até a morte, fiel a sua memória. Mas a República dos Estados Unidos do Brasil tem o direito de homenageá-lo, uma vez que, apresentando-se ao Ministro da Marinha, após o exílio da Família Real, pronunciou as seguintes palavras: O que está feito, está feito. Agora vamos tratar de consolidar a República.

Ao ouvir essas palavras, Maria Eufrásia, justamente a seu lado, interrompe o orador em voz bem alta:

- Não é exato! Meu pai nunca aderiu à República!

Estupefato, o orador balbucia:

- Pelo menos assim dizem, minha senhora.

- Pois dizem mentiras... Meu pai deixou por escrito, em documento assinado, que jamais disse essas palavras!

Finda a cerimônia, Maria Eufrásia, em nome da família, agradece ao presidente Afonso Pena a homenagem pública que seu pai recebe, a primeira depois de onze anos de sua morte, mas diz-lhe sem meias palavras:

- Senhor Conselheiro, meu pai nunca aderiu à República.

E retira-se da cerimônia, enquanto o Tenente Mariz e Barros aperta com firmeza a mão direita de Joaquim, que tenta avançar em direção à filha:

- Não demora vai encontrar-se com ela, senhor, com todos os seus entes queridos... Agora venha, vamos assistir ao momento mais importante da sua vida, depois da morte. Preste atenção, hoje é o dia 4 de setembro de 1925.

- O local eu reconheço, é o gabinete do Ministro da Marinha, mas não o Almirante que está lendo o documento.

- Não o reconhece porque não o vê há muitos anos. É o Almirante Alexandrino Faria de Alencar, seu conterrâneo do Rio Grande do Sul e atual Ministro da Marinha.

- Sim, sim... E o que devo fazer, se não posso falar com ele?

- Leia o documento que o Almirante Alexandrino vai assinar. É a sua nova certidão de nascimento.

Aviso no 3.322

1o - Fica instituído, em 13 de dezembro, data de nascimento do Almirante Tamandaré, o DIA DO MARINHEIRO.

2o - O Almirante Marquês de Tamandaré representa, na História Naval Brasileira, a figura de maior destaque dentre os ilustres oficiais da Marinha que honraram e elevaram sua classe.

- Não é certo. Muitos outros estão acima de mim. Começando por...

- Prossiga a leitura, eu lhe peço, meu Almirante. Poucas vezes um documento foi tão fiel à verdadeira História do Brasil.

Voluntário aos dezesseis anos de idade, para formar e combater nas hostes dos verdadeiros patriotas que, ao brado do Ipiranga, acarretam à obra ingente da Independência, a sua vida foi um exemplo, um padrão de glória, e constitui um dos maiores patrimônios da Armada Nacional. De simples praticante de piloto no mais belo cruzeiro da Marinha libertadora, o da **Niterói**, através de imensos riscos e homéricos episódios, até Comandante em Chefe das forças navais brasileiras em operações contra a ditadura paraguaia; de humilde candidato à Academia de Marinha, já amparado pelas elogiosas referências de chefes como João Taylor, até Almirante, cujos bordados a sua espada conquistou em pelejas porfiadas; de obscuro Tenente da Armada Imperial, partindo valoroso para a Cisplatina, até nobre Marquês e alto dignitário da Corte, de maneiras tão extraordinariamente simples que o apontaram como o mais democrático titular da fidalguia indígena em todos os postos e comissões, em todos os atos e atitudes, provou, de forma ineludível, o acerto da profecia de Lorde Cochrane, quando vaticinava no aspirante o futuro Nelson da Marinha brasileira.

- Lorde Cochrane terá dito mesmo essas palavras ao Imperador Dom Pedro I?

- O que importa é que sua carreira nada deixou a desejar para a comprovação desse vaticínio. E, se rivalizou com o Almirante Nelson como condutor de homens à vitória, ultrapassou-o na rígida condução da sua vida.

- Por isso mesmo é que mal acredito no que vejo, como se fosse uma encenação de teatro. No esquecimento em que vivi meus últimos anos, jamais pensei que a República...

- Leia atentamente, por favor, este é o trecho

fundamental do Aviso que o Senhor Ministro vai assinar.

3o - O Dia do Marinheiro será, assim, também o Dia de Tamandaré para as demonstrações de civismo de nossos marujos, firmes na defesa da Pátria, de amor à Bandeira, de culto pelas nossas honrosas tradições, e de confiança nas energias serenas da raça, capazes de manter sempre grandioso o progresso crescente da nacionalidade. Neste dia, deverá a Marinha render ao insigne Tamandaré as homenagens reclamadas pelos seus inestimáveis serviços à liberdade e união dos brasileiros, demonstrando que o seu nome e o seu exemplo continuam bem vívidos no coração de quantos sabem honrar a impoluta e gloriosa farda da Marinha Nacional.

4o - Os oficiais, suboficiais, sargentos e praças deverão envidar todos os esforços para o maior brilhantismo das festividades desse dia, procurando imprimir-lhes a feição propriamente náutica, tendo em vista que o insigne Almirante nunca deixou, em qualquer circunstância, de ser marinheiro, na expressão lata do vocábulo, amando o mar e tudo quanto a ele se refere.

5o - Nos navios, corpos e estabelecimentos navais, o dia 13 de dezembro será inteiramente dedicado a essa comemoração, na qual deverá ter parte saliente o marinheiro em geral.

- E agora, Tenente Mariz e Barros? Que mais o futuro me reserva?

- Agora, Senhor Almirante? Agora vamos voltar para a Fragata Niterói. Foi dentro dela que seus restos mortais e de sua esposa foram levados de volta à sua cidade natal.

- Voltar, ao lado da mulher amada, para ser sepultado na minha querência. E levado outra vez por uma fragata batizada Niterói... Nunca poderia desejar nada mais digno para o descanso do meu corpo.

- Já chegamos, meu senhor, com bons ventos estamos entrando na barra.

- Sim, sim, mas não reconheço esses imensos braços de pedra. Que obra fantástica para substituir a praticagem do meu pai... Ali estão a Praia do Mar Grosso e a Atalaia, mas como cresceu a Vila de São José do Norte... Jamais ousaria sonhar com tanto progresso. O Porto do Rio Grande fervilha de gente, de navios enormes.

- Olhe a bombordo, onde hoje é o nosso Distrito Naval, ali, a cinco minutos a pé da casa onde o senhor nasceu. Reconhece aquelas árvores centenárias?

- Lembro muito bem dessas figueiras-bravas. Brinquei debaixo delas quando menino.

- Pois é junto delas que Vossa Excelência repousa há muitos anos, senhor Almirante.

Joaquim coloca-se ao lado da estátua de bronze, bem mais alta do que ele, em que está de cabeça descoberta, as principais medalhas no peito, tendo em destaque a Comenda do Cruzeiro, que um dia ornou o peito de Sua Majestade o Imperador, no cerco de Uruguaiana, e sente-se em paz. Até porque tudo é igual ao que pediu em seu testamento: está enterrado no chão, tendo escritas sobre a lápide as palavras: AQUI JAZ O VELHO MARINHEIRO.

- E agora, Tenente Mariz e Barros?

- Agora vamos nos despedir desta terra na sua pia batismal.

- Poderei rever então a Catedral de São Pedro?

- Já estamos dentro dela. Veja e escute o momento em que despertou para a vida.

O Padre José pede que a madrinha segure o pequenino nos braços e começa a rezar em latim: *Christus imperat, Christus vincit, Christus regnat.*

- Será que um dia poderei contemplar o rosto de Nosso Senhor Jesus Cristo?

- Espere e verá.

Logo a seguir, o sacerdote olha para o General Marques de Souza, entrega-lhe uma vela acesa e lhe diz:

- A paz do Senhor esteja convosco. Como é o nome da criança?

- Joaquim.

- Joaquim, que vens pedir à Igreja de Deus?

- A fé, a esperança e a caridade - responde o Almirante Tamandaré.

- Sim, meu senhor - diz o Tenente Mariz e Barros -, e zelastes por elas durante toda a vossa longa vida. Por isso, aproxima-se o momento em que podereis contemplar a luz.

Padre José prepara-se para derramar sobre a cabeça de Joaquim a água do longínquo Rio Jordão, lá perto onde repousa seu irmão Francisco, no Porto de Jaffa. Enquanto isso, junto da pia batismal, Manuel, o Pitanga, ainda menino, reza agradecendo porque seu pequeno irmão conseguiu chorar. Ao lado dele, como símbolo de respeito a todos os seres do Criador, um cão de rua está deitado a seus pés.

Ao sentir a água caindo sobre sua cabeça, Joaquim revê, uma a uma, todas as suas pessoas queridas. Perde completamente a noção do tempo, até que, finalmente, inundado por uma luz imensa, consegue balbuciar apenas:

- Meu Senhor e meu Deus...

Texto de acordo com a nova ortografia.

Capa: Marco Cena

Preparação: Marianne Scholze

Revisão: Mariana Donner da Costa

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C451v

Cheuiche, Alcy, 1940-

O Velho Marinheiro: A História da Vida do Almirante Tamandaré / Alcy Cheuiche. - 1. ed. - Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018.

ISBN 978.85.254.3837-9

1. Tamandaré, Joaquim Marques Lisboa, Marquês de, 1807-1897. 2. Almirantes - Brasil - Biografia. I. Título.

18-52891

CDD: 923.5

CDU: 929:356.21

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

© Alcy Cheuiche, 2018

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 - Floresta - 90.220-180

Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[I. Rio de Janeiro, madrugada de domingo, dia 14 de março de 1897](#)

[II. Porto do Rio Grande de São Pedro, dia 13 de dezembro de 1807](#)

[III. Rio de Janeiro, nascer do sol do dia 14 de março de 1897](#)

[IV. Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1818](#)

[V. Rio de Janeiro, uma linda manhã do dia 14 de março de 1897](#)

[VI. Porto do Rio Grande de São Pedro, dia 6 de agosto de 1820](#)

[VII. Rio de Janeiro, dez horas da manhã do dia 14 de março de 1897](#)

[VIII. Rio de Janeiro, dia 6 de março de 1823](#)

[IX. Rio de Janeiro, primeiras horas da tarde de 14 de março de 1897](#)

[X. De Salvador a Lisboa e de Lisboa a Salvador: julho a novembro de 1823](#)

[XI. Rio de Janeiro, entardecer do dia 14 de março de 1897](#)

[XII. Costa sul de Pernambuco, 2 de setembro de 1824](#)

[XIII. Rio de Janeiro, madrugada de segunda-feira, dia 15 de março de 1897](#)

[XIV. Estuário do Rio da Prata, 9 de maio de 1828](#)

[XV. Rio de Janeiro, nascer do sol do dia 15 de março de 1897](#)

[XVI. Rio de Janeiro, 18 de maio de 1833](#)

[XVII. Rio de Janeiro, manhã do dia 15 de março de 1897](#)

[XVIII. Salvador, Bahia, novembro de 1837](#)

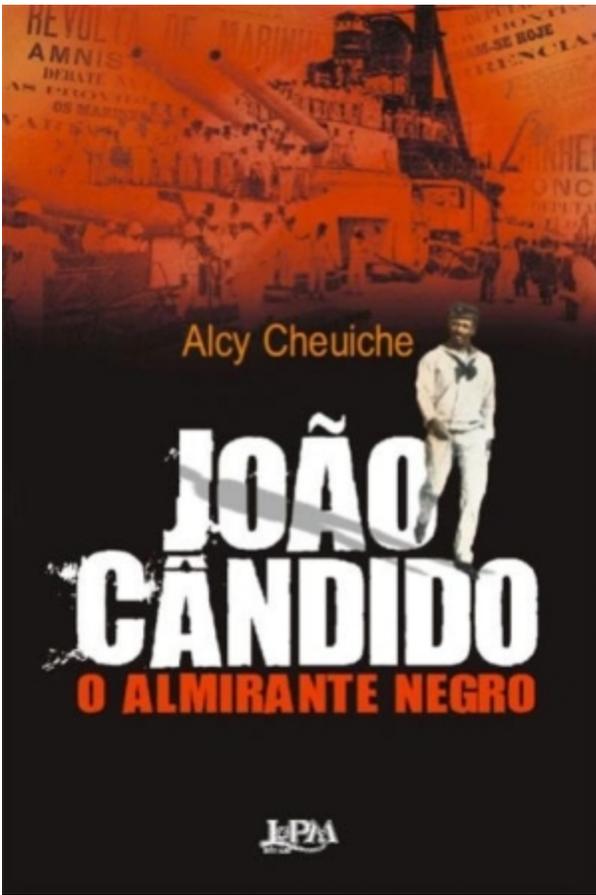
[XIX. Rio de Janeiro, final da manhã do dia 15 de março de 1897](#)

[XX. Igreja Nossa Senhora da Glória, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1839](#)

[XXI. Rio de Janeiro, hora do almoço do dia 15 de março de 1897](#)

[XXII. São Luís do Maranhão, 4 de fevereiro de 1840](#)
[XXIII. Rio de Janeiro, início da tarde do dia 15 de março de 1897](#)
[XXIV. Porto Alegre, 9 de novembro de 1842](#)
[XXV. Rio de Janeiro, anoitecer do dia 15 de março de 1897](#)
[XXVI. A bordo da fragata a vapor Dom Afonso, 24 de agosto de 1848](#)
[XXVII. Rio de Janeiro, início da madrugada de terça-feira, dia 16 de março de 1897](#)
[XXVIII. A bordo da Fragata Dom Afonso, surta no Rio de Janeiro, dia 20 de fevereiro de 1849](#)
[XXIX. Rio de Janeiro, clarear do dia 16 de março de 1897](#)
[XXX. Rio de Janeiro, dia 12 de maio de 1849](#)
[XXXI. Rio de Janeiro, manhã do dia 16 de março de 1897](#)
[XXXII. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1850](#)
[XXXIII. Rio de Janeiro, final da manhã do dia 16 de março de 1897](#)
[XXXIV. Paris, outono de 1857](#)
[XXXV. Rio de Janeiro, início da tarde do dia 16 de março de 1897](#)
[XXXVI. Inglaterra, mês de maio de 1858](#)
[XXXVII. Rio de Janeiro, entardecer do dia 16 de março de 1897](#)
[XXXVIII. Rio São Francisco, mês de outubro de 1859](#)
[XXXIX. Rio de Janeiro, noite de 16 de março de 1897](#)
[XL. Recife e Olinda, dezembro de 1859](#)
[XLI. Rio de Janeiro, madrugada de quarta-feira, 17 de março de 1897](#)
[XLII. Engenho Machado, Rio Formoso, noite de 12 de dezembro de 1859](#)
[XLIII. Rio de Janeiro, amanhecer do dia 17 de março de 1897](#)
[XLIV. Forte de Tamandaré, dia 13 de dezembro de 1859](#)
[XLV. Rio de Janeiro, meio-dia de 17 de março de 1897](#)
[XLVI. Paris, dia 7 de setembro de 1860](#)
[XLVII. Rio de Janeiro, meia tarde do dia 17 de março de 1897](#)
[XLVIII. Petrópolis, 6 de dezembro de 1862](#)

XLIX. Rio de Janeiro, entardecer do dia 17 de março de 1897
L. Rio de Janeiro, primeiros meses do ano de 1863
LI. Rio de Janeiro, noite de 17 de março de 1897
LII. Paissandu, dia 2 de janeiro de 1865
LIII. Rio de Janeiro, início da madrugada de quinta-feira, 18 de março de 1897
LIV. Batalha do Riachuelo, 11 de junho de 1865
LV. Rio de Janeiro, amanhecer do dia 18 de março de 1897
LVI. São Borja, início de junho de 1865
LVII. Rio de Janeiro, manhã do dia 18 de março de 1897
LVIII. Uruguaiana, 18 de setembro de 1865
LIX. Rio de Janeiro, fim da manhã do dia 18 de março de 1897
LXI. Rio Paraná, junto ao forte paraguaio de Itapiru, 27 de março de 1866
LXII. Rio de Janeiro, final da manhã do dia 18 de março de 1897
LXIII. Front da Tríplice Aliança em território paraguaio, 18 de agosto de 1866
LXIV. Rio de Janeiro, início da tarde do dia 18 de março de 1897
LXV. Rio de Janeiro, dia 15 de fevereiro de 1867
LXVI. Rio de Janeiro, meia tarde do dia 18 de março de 1897
LXVII. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1888
LXVIII. Rio de Janeiro, entardecer do dia 18 de março de 1897
LXIX. 9 de novembro de 1889
LXX. Rio de Janeiro, início da madrugada de sexta-feira, 19 de março de 1897
LXXI. Rio de Janeiro, dia 13 de dezembro de 1892
LXXII. Rio de Janeiro, 1o de agosto de 1895
LXXIII. Rio de Janeiro, nascer do sol do dia 19 de março de 1897
LXXIV. Rio de Janeiro, quatro horas da tarde de sábado, dia 20 de março de 1897



João Cândido, o Almirante Negro

Cheuiche, Alcy

9788525422729

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 22 de novembro de 1910, tiros de canhões sacudiram a cidade do Rio de Janeiro. Estilhaços de vidraças espatifaram-se no chão. Habitúes da Avenida Central correram apavorados em direções diferentes. Um automóvel desgovernado subiu na calçada. Ouviu-se ruído de ferro contra ferro. Era o início da "Revolta da Chibata", extraordinário acontecimento político e social que agora, cem anos depois, Alcy Cheuiche narra em João Cândido, o almirante negro. O personagem que dá nome ao livro foi o líder deste movimento, um marinheiro negro que nasceu filho de escravos, em 1880, e morreu como pária, em 1969, no auge da repressão da ditadura militar. Aqui, Alcy Cheuiche dedica sua obra a todos que ajudaram a tirar o Almirante Negro da sua última masmorra, o esquecimento. "À presença de fatos como este, só o que sinto no mais íntimo da minha alma é a miséria da linguagem humana, esgotada, gasta, já sem serventia para servir de látigo sobre a cabeça de criminosos desta categoria e desta

monstruosidade." Escreveu Rui Barbosa sobre o assassinato de marinheiros, prostitutas, marginais e trabalhadores após a "Revolta da Chibata".

[Compre agora e leia](#)

FLÁVIO TAVARES

AS TRÊS MORTES DE CHE GUEVARA

- 1. O disparo em Cuba**
- 2. A agonia no Congo**
- 3. A execução na Bolívia**



LEPA

As três mortes de Che Guevara

Tavares, Flavio

9788525437129

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

O título deste livro não resume só uma imagem ou metáfora: quando um sargento boliviano, trêmulo e sob o estímulo da aguardente, metralhou o prisioneiro ferido, Che Guevara já estava morto havia muito. Começou a morrer em Cuba e agonizou no Congo. Meio século após a execução de 1967, o mito ressurgiu numa nova história concreta, narrada a partir de novos depoimentos. Este livro penetra num terreno oculto que as biografias de Che Guevara não abordam: por que ele deixa Cuba e vai ao Congo, depois à Bolívia, em improvisações que o levam ao fracasso? As respostas aqui estão, no ritmo profundo e leve que deu a Flávio Tavares o Prêmio Jabuti em 2000 e 2005.

[Compre agora e leia](#)

BEST-SELLER INTERNACIONAL

Uma breve história da humanidade

Sapiens

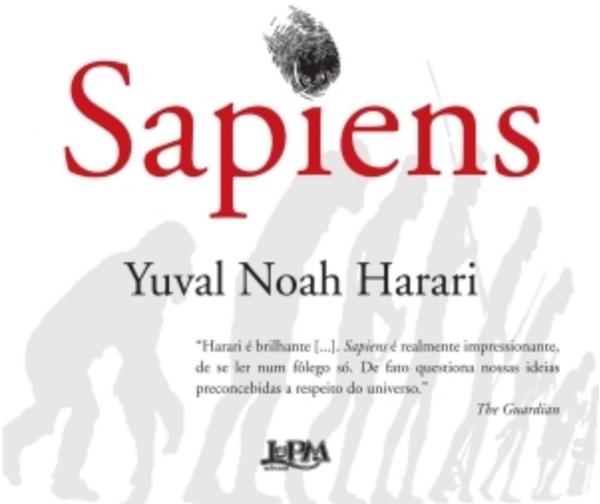


Yuval Noah Harari

"Harari é brilhante [...]. *Sapiens* é realmente impressionante, de se ler num fôlego só. De fato questiona nossas ideias preconcebidas a respeito do universo."

The Guardian

EPA



Sapiens

Harari, Yuval Noah

9788525432407

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que possibilitou ao Homo sapiens subjugar as demais espécies? O que nos torna capazes das mais belas obras de arte, dos avanços científicos mais impensáveis e das mais horripilantes guerras? Yuval Noah Harari aborda de forma brilhante estas e muitas outras questões da nossa evolução. Ele repassa a história da humanidade, relacionando com questões do presente. E consegue isso de maneira surpreendente. Em "Sapiens", Harari nos oferece não apenas conhecimento evolutivo, mas também sociológico, antropológico e até mesmo econômico. Ele se baseia nas mais recentes descobertas de diferentes campos como paleontologia, biologia e antropologia. Esta edição traz dezenas de imagens, mapas e tabelas que deixam este best-seller mundial ainda mais dinâmico.

[Compre agora e leia](#)

**LEON ,
TOLSTÓI**

**A MORTE
DE IVAN
ILITCH**

LPM POCKET

A Morte de Ivan Ilitch

Tolstói, Leon

9788525406934

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Muitos críticos consideram 'A morte de Ivan Ilitch' como a novela mais perfeita da literatura mundial; a agonia de um burocrata insignificante serve de pretexto ao autor para nos contar uma história que diz respeito ao destino de cada um de nós e que é impossível ler sem um frêmito de angústia e de purificação" Paulo Rónai

[Compre agora e leia](#)

As veias abertas da América Latina

Galeano, Eduardo

9788525407559

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Uma bomba literária que muito provavelmente Obama não leu, mas que – sejamos francos – na verdade deveria ler..." Jorge Volpi, El País Um livro (infelizmente) atual. A L relança As veias abertas da América Latina, de Eduardo Galeano, com nova capa, índice analítico e nova tradução de Sergio Faraco, um dos mais importantes contistas do Brasil. Sobre essa versão, escreveu Galeano: "Excelente trabalho de Sergio Faraco, melhora a não menos excelente tradução anterior, de Galeno de Freitas. E graças ao talento e à boa vontade destes dois amigos, meu texto original, escrito há quarenta anos, soa melhor em português do que em espanhol". No prefácio, escrito em agosto de 2010, especialmente para esta edição de As veias abertas da América Latina, Eduardo Galeano lamenta "que o livro não tenha perdido a atualidade". Remontando a 1970, sua primeira edição, atualizada em 1977, quando a maioria dos países do continente padecia facinorosas ditaduras, este livro tornou-se um autêntico "clássico libertário", um

inventário da dependência e da vassalagem de que a América Latina tem sido vítima, desde que aqui aportaram os europeus no final do século XV. No começo, espanhóis e portugueses. Depois vieram ingleses, holandeses, franceses, modernamente os norte-americanos, e o ancestral cenário permanece: a mesma submissão, a mesma miséria, a mesma espoliação. As veias abertas da América Latina vendeu milhões de exemplares em todo o mundo. Com seu texto lírico e amargo a um só tempo, Galeano sabe ser suave e duro, e invariavelmente transmite, com sua consagrada maestria, uma mensagem que transborda humanismo, solidariedade e amor pela liberdade e pelos desvalidos.

[Compre agora e leia](#)